REDE

SALIM MIGUEL

editora ufsc

OBRA COMPLETA
SALIM MIGUEL 100 ANOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor
Irineu Manoel de Souza

Vice-Reitora
Joana Célia dos Passos

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo
Nildo Domingos Ouriques

Conselho Editorial
Nildo Domingos Ouriques (Presidente)
Alexandre Bergamo Idargo
Antônio Carlos Picalho
Antonio Fernando Boing
Camila Feix Vidal
Francisco Emílio de Medeiros
Gabriel Sanches Teixeira
Guilherme Wagner
Jucinei José Comin
Laise Orsi Becker
Maria Conceição de Oliveira
Mario Rodolfo Roldán Daquilema
Paula Campos Pimenta Velloso
Raphael Grazziano
Ricardo Gaiotto de Moraes
Saulo Henrique Vasconcelos Novaes

Editora da UFSC
Campus Universitário – Trindade
88040-900 – Florianópolis-SC
Fone: (48) 3721-9408
editora@contato.ufsc.br
www.editora.ufsc.br

Salim Miguel

Rede

editora ufsc
2025

OBRA COMPLETA
SALIM MIGUEL 100 ANOS

© 2025 Editora da UFSC
A Obra Completa do autor foi cedida pelos herdeiros de Salim Miguel por meio de acordo específico com a finalidade de disposição ampla e gratuita do seu conteúdo ao público.

© Herdeiros de Salim Miguel
salimmiguel100anos.com.br

O lançamento da Obra Completa de Salim Miguel foi viabilizado por meio de recursos da Emenda Parlamentar 22100008/2024.

Coordenação editorial
Beatriz Stephanie Ribeiro

Estabelecimento do texto
Fábio Brüggemann

Capa, projeto gráfico, revisão e editoração
Estúdio Semprelo

Catalogação na fonte pela Biblioteca
Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

M636r Miguel, Salim
Rede [recurso eletrônico] / Salim Miguel – Florianópolis
Editora da UFSC, 2025.
460 p.

E-book (PDF)
Disponível em: https://doi.org/10.5007/9786558051060

ISBN 978-65-5805-106-0

1. Ficção catarinense. 2. Literatura catarinense. I. Rede.

CDU: 869.0(816.4)-31

Ficha catalográfica elaborada por
Dirce Maris Nunes da Silva – CRB 14/333

Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Para
A. Boss Jr., Aníbal Nunes Pires,
Guido Wilmar Sassi, Ody Fraga.

Para
Eglê
sem a qual este livro — e o que
de bom possa existir nele —
não teria sido possível.

Ai! se com uma gota só de poesia ou de amor pudéssemos aplacar a ira do mundo, mas isso só o podem a luta e o coração decidido.

Pablo Neruda

Nós somos vida das gentes e morte das nossas vidas.

Gil Vicente

Sumário

Prefácio de Luciana Rassier 8

Vila de Ganchos 13
1 — Terça-feira 18
2 — Quarta-feira 55
3 — Quinta-feira 109
4 — Sexta-Feira 151
5 — Sábado 212
6 — Domingo 287
7 — Segunda-feira 368
8 — Terça-feira 436

Prefácio

Salim Miguel, sempre contemporâneo

Luciana Rassier

Abordar a obra de Salim Miguel (1924-2016) é como lançar-se ao mar e navegar em um arquipélago imenso e variado, onde a realidade é-e-não-é ficção, onde as fronteiras líquidas e fluidas se inscrevem na (im)permanência das marés. Transitar nesse universo talvez nos deixe emocionados, surpresos, contrariados. Talvez indignados, mais cultos ou menos ansiosos. Seja como for, uma coisa é certa: dele, não saímos incólumes.

Contista consagrado, romancista celebrado, é com apurada técnica e sensibilidade que esse artesão da palavra e perspicaz observador do ser humano — e do mundo que o rodeia — constrói suas narrativas, privilegiando temáticas como tempo, velhice, morte e memória.

O menino nascido no Líbano, que chegou ao Brasil com 3 anos de idade, recebeu de seu pai e de sua mãe o imaginário das lendas orientais e de *As mil e uma noites*, com seu tempo não linear, suas personagens que aparecem, desaparecem e por vezes reaparecem, metamorfoseadas, suas estórias imbricadas, cujas versões nem sempre são concordantes.

Fascinado pela materialidade das letras desde a mais tenra idade, recorta e cola fragmentos de textos, montando supostas narrativas, que conta às outras crianças ao fim do dia. Já conhecendo os idiomas árabe e alemão, o

garoto é alfabetizado em português e passa a devorar os textos que encontra, sejam almanaques ou bulas de remédio. Em Biguaçu, no interior de Santa Catarina, passa horas lendo, em voz alta, obras da literatura brasileira e universal ao livreiro cego João Mendes.

Na juventude, é um dos fundadores e dos participantes mais ativos do Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina, o Grupo Sul, um coletivo de jovens que sacode o marasmo cultural de Florianópolis, inovando na literatura, no cinema, na música, no teatro e nas artes plásticas. Publicam, de 1948 a 1957, trinta números da *Revista Sul*, estabelecendo uma rede de colaboradores oriundos do Brasil, da América Hispânica, de Portugal e das colônias portuguesas na África.

O grupo articula também a organização de uma exposição de pintura moderna proposta pelo intelectual Marques Rebelo, o que resultaria no então Museu de Arte Moderna de Santa Catarina (atual MASC), em 1949, criado pouco tempo depois dos museus do Rio de Janeiro (1948) e de São Paulo (1947).

Do Clube de Cinema do Grupo Sul, surge *O preço da ilusão* (1948), primeiro longa-metragem de ficção catarinense. Salim exerceu diferentes tarefas na produção, participando de todas as fases que envolvem a criação e a realização de um filme, além de estar nos créditos como autor dos diálogos e, junto a Eglê Malheiros, do argumento, em roteiro de E. M. Santos. Eglê foi presença feminina atuante ao longo da existência do grupo e se tornou a companheira de vida e de escrita do intelectual líbano-biguaçuense, como ele próprio gostava de ser chamado.

Nos anos 1950, Salim atua nos periódicos *Diário da Manhã*, *Opinião Pública* e *Bossa Nova*. Na década de 1960, trabalha como assessor de imprensa do governo do estado e dirige o escritório catarinense da Agência Nacional, a agência de notícias do governo brasileiro.

Presos em 1964 por serem considerados subversivos pelo regime militar, Eglê Malheiros e Salim Miguel mudam-se para o Rio de Janeiro, onde permanecem por 15 anos. Durante esse período, Salim ocupa diferentes funções junto ao grupo Bloch editores, em publicações como *Tendência*, *Manchete* e *Fatos & Fotos*, tendo viajado a diversas regiões do país para efetuar fotorreportagens, gênero no qual foi precursor.

Leitor inveterado, jornalista calejado, consagra-se como crítico literário ao publicar artigos sobre literatura brasileira, hispano-americana e universal no Caderno de Ideias do *Jornal do Brasil*. Com Eglê Malheiros, Fausto Cunha e Laura e Cícero Sandroni, editou a revista de contos *Ficção*, que, entre 1976 e 1979, teve ampla circulação nacional e atingiu tiragem mensal de 15 mil exemplares.

Ao retornar a Florianópolis, Salim Miguel trabalha na Agência Nacional e na assessoria de comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dirige, de 1983 a 1991, a Editora dessa instituição (EdUFSC), tendo atuado na criação de políticas nacionais de edição, como o Programa Interuniversitário para Distribuição de Livros (PIDL) e a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). Depois, assume a Superintendência da Fundação Cultural Franklin Cascaes (1993-1996), impulsionando a política cultural municipal e promovendo a publicação de literatura catarinense.

Esse breve apanhado permite-nos compreender por que a trajetória e a obra de Salim Miguel se destacam no cenário cultural catarinense e brasileiro — o que lhe valeu prestigiosas distinções. Dentre outras, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra (2010); o Prêmio Juca Pato — Intelectual do Ano, da União Brasileira de Escritores (2002); e, no mesmo ano, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em sete décadas de atividade, lançou mais de 30 títulos, entre romances, contos e crítica literária, além de ter textos publicados em diversos periódicos do Brasil. Dentre as marcas recorrentes de sua escrita ficcional, cabe destacar a herança das narrativas orientais, com uma refinada estrutura temporal e personagens e episódios reincidentes, que provocam o leitor, seja por um exercício de memória, seja por multiplicarem os pontos de vista, propondo diferentes versões de um mesmo fato.

Também é preciso sublinhar a figura de um personagem-narrador-autor impotente diante de personagens que teimam em tomar as rédeas do próprio destino; a intertextualidade com obras e autores apreciados pelo escritor; o arrojo formal; a habilidade na fragmentação e em sua articulação. Afinal, o Mestre repetia que, além da fruição, buscava com seus textos intrigar, provocar, sacudir seus leitores, transformando-os em coautores.

No âmbito do centenário de nascimento de Salim Miguel, a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança sua obra completa, em formato digital e com livre acesso ao público. Esse projeto, audaz e colossal, dis-

ponibiliza títulos há muito esgotados e revitaliza o conjunto da produção do escritor líbano-biguaçuense.

Portanto, caros leitores, o caminho está aberto, e a navegação será com o vento em popa. Por onde começar? Talvez pelo *site* organizado pelos filhos de Salim e Eglê (salimmiguel100anos.com.br), talvez por onde nossa intuição nos levar.

A única certeza é que adentramos um território onde a realidade é-e-não-é ficção, e onde nos confrontaremos com nossos sonhos, alegrias, temores e dúvidas. Nesse universo, em cada letra pulsam os enigmas da aventura de ser humano neste planeta. Salve, seu Salim, eterno porque sempre contemporâneo.

Florianópolis, janeiro de 2025

Vila de Ganchos

GANCHOS, distrito de Biguaçu, está localizado a 27°, 18', 55" de latitude sul e 48°, 34', 09" de latitude W. Gr. Dista 36 quilômetros da sede do município e 53 de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Sua população é de mais ou menos 3.000 habitantes. É limitado ao norte pelo Oceano Atlântico; a oeste pelo morro da ponta do Simão; a leste pelo morro da ponta do Veloso; e ao sul por uma paralela a seiscentos metros da praia. Cobre, em extensão, uma área de 52 quilômetros quadrados. Terreno pedregoso e acidentado, quase sem vegetação, com algumas árvores raquíticas, mal nascidas em terra sáfara.

A principal corrente de povoamento de todo o município de Biguaçu foi a açorita. Os primeiros grupos chegaram em 1747, tendo fundado São Miguel, ponto originário de toda a evolução municipal. Ali só estabeleceram e desenvolveram, tendo conseguido atrair à vida comunal alguns indígenas. Mais tarde chegaram à vila escravos negros. Por último vieram os colonos alemães, que se localizaram, de preferência, na zona de Rachadel, para o interior, onde fizeram uma vida quase só deles, isolada, à parte, cuidando de lavoura e de algum gado. Na zona da praia, como São Miguel e adjacências, se espraiou o açorita, continuando, gerações afora, uma vida que já levava no seu rincão nativo.

A criação do distrito de Ganchos é bastante recente. Data de 1914 (lei municipal nº 98, de 30 de março, que desmembrou Ganchos de São Miguel). Contudo, o "arraial de Ganchos", conforme era conhecido, também desmembrado de São Miguel, e de data bastante anterior (lei provincial nº 4668, de 18 de abril de 1859). Finalmente, em 31 de março de 1938, pelo decreto lei nº 86, foi o distrito elevado à categoria de vila.

A população de Ganchos é composta, quase exclusivamente — poder-se-ia mesmo dizer exclusivamente, já que os poucos não pescadores vivem também do peixe — de pescadores, sendo o peixe a principal e praticamente única ocupação dos homens.

O clima da vida é temperado, embora sem estabilidade. A enseada de Ganchos, uma das melhores do estado, possui ótimo ancoradouro natural, e a paisagem não deixa de ser agradável, embora um tanto árida, monótona. Um ar ameno e límpido, um mar esverdeado e transparente, um céu claro e azul.

Os habitantes da vila vivem, na sua maioria, por assim dizer, em estado primitivo. Tudo ali é o mais rudimentar possível. Simples e primário, sem muitas complicações. Nada do que a civilização oferece, quer de conforto, quer de confusão, chegou até eles. Até mesmo muitas das coisas elementares lhes são desconhecidas.

A não ser a pesca, pouco mais fazem. Dada a conformação rochosa do terreno, o trabalho da população se resume em pequenas e improdutivas plantações. Quintais de verdura, uma que outra roça de mandioca, de milho ou de cana-de-açúcar. E na criação, em escola reduzida, de animais e aves domésticas.

A localidade de Ganchos, em conjunto, possui uma curiosa conformação, semelhando três pequenas meias luas unidas pelas pontas. Ganchos de Fora, o ponto mais avançado, parece querer arremeter mar a dentro: Ganchos do Meio, espremido entre os dois outros; e Cantos de Ganchos, que forma como que a base de tudo e ligação com o exterior, para quem viaja por terra — uma base e ligação quase ilusória, afinal de contas, dado que a única maneira de se viajar é a cavalo ou ainda, muito precariamente, de carroça. A ligação mesmo, mais usada e comum, feita por intermédio de São Miguel, Tijucas ou Florianópolis por via marítima é um acontecimento ímpar na vida da pessoa, para ser comentado tempo em fora, relembrada ao menor fato.

Não se sabe bem o porquê da denominação "Ganchos". Talvez devido a uma pequena semelhança que as meias luas apresentam com um gancho; ou quem sabe não será por que estejam enganchadas, ligadas umas as outras?

Eis aí, portanto, o cenário. Importará muito isto para o que vamos relatar? Sim, certamente que importa! Foi o motivo pelo qual fizemos questão de caracterizá-lo.

Situemos nossa história. Façamo-la decorrer em Ganchos do Meio, embora pudesse ser localizada em qualquer parte dali, tão semelhantes são entre si os vilarejos.

Mas devemos nos ater à realidade dos fatos. Entre os três Ganchos, mui particularmente, existem inúmeras, pode-se dizer totais afinidades; mas também existem algumas dessas rivalidades e incompreensões tão comuns entre lugares pequenos e próximos. Onde todos se conhecem.

Onde todos mexericam. Onde sabem uns da vida dos outros. Mas onde todos, quando um perigo qualquer, maior ou de fora, os ameaça, se unem e se auxiliam. Esquecidas as desinteligências locais, reservadas para mais tarde.

Situada a história, localizada ela, caracterizado o meio, dado o cenário, definamos nossa posição.

Não vamos fazer história pura, ou pura reportagem verídica, nos atendo apenas e tão somente ao estritamente acontecido, ou quem sabe se acontecido.

Não! Tomamos, às vezes, certas liberdades permitidas aos ficcionistas.

Especialmente quando vemos que tais liberdades, sem deturpar ou falsear o todo, ajudam a esclarecer, a compreender ou tornar mais nítido determinado trecho da narrativa — sem que, contudo (voltamos a frisar), essas liberdades possam deturpar ou modificar a fisionomia, a raiz do fato em si.

Será então, o que tentamos, um *roman à clef*?

Sim e não.

Sim, pelo que reflete de experiência vivida naquele meio, pelo ambiente que retrata, pelas características que procura gravar, por algumas das vidas que o compõem, pelo problema exposto.

Não, porque não é puramente um documentário da realidade, uma cópia fiel, uma reportagem ao vivo, onde se seguiu e gravou todos os acontecimentos, mas uma recriação. Uma recriação na qual o autor, além de situar o problema e apresentá-lo, deu a sua visão das coisas, arquitetou fragmentos de situações, completou o que a vida deixara interrompido e interrompeu o que a vida completara.

Então poderemos, em síntese, sem procurar iludir, mas falando com sinceridade, dizer que em Ganchos decorrem os acontecimentos aqui narrados, em Ganchos aconteceram, em Ganchos se desenrolaram. Um Ganchos um tanto nosso — vá lá! — mas nem por isto nos parecendo menos verídico ou autêntico.

Procuramos dar-lhe essa autenticidade sem a qual toda obra literária não passará nunca de um mero divertimento. Se não o conseguimos, se mais não foi possível, e porque para tal "arte e engenho" nos faltaram.

1
Terça-feira

I

CINCO HORAS.

Amanhecia. Blocos de nuvens cortavam o céu. Uma brisa suave empurrando-os para longe, conduzindo-os de um lado para outro, não os deixava quietos. E prenunciava mudança de tempo.

Na vila, silêncio quase total. Aos poucos, com o progressivo clarear, notavam-se uns começos de movimento.

Cinco horas. Ou cinco e meia.

Na cozinha, a mulher, após chamar o marido, prepara o café.

Ti Zé se espreguiça, levanta, calça os chinelos e põe o velho casacão por cima do pijama de zefir. Depois abre a porta e olha demoradamente para fora, para as casas lá embaixo, para as parcas árvores, para as nuvens erradias. Espreguiça-se de novo. Entra, resmunga qualquer coisa, varre a vendola, arruma latas e garrafas. Toma uma pinga para esquentar, pois faz frio, um friozinho cortante. Sai. Lá longe, na luz ainda difusa do amanhecer, agora entrevê lanchas minúsculas que se perdem, movendo-se lentamente, brancas velas confundidas à bruma leitosa que encobre o mar.

São os pescadores na sua faina. Voltavam talvez. Ti Zé boceja, medita, encostado à porta, coçando a barba por fazer. Reolha para a vila estendida, esparramada a

seus pés, agora surgindo-lhe mais nitidamente, desvendando-se-lhe, enquanto a noite vai carregando consigo a bruma.

Poucas casas, velhas palhoças, ranchos, ruazinhas desiguais e poeirentas se perdendo num torvelinho de curvas, partidas de uma única rua, a principal — se é que assim pode ser chamada — que domina a vila e margeia o mar. Mais para trás o mato, as árvores raquíticas, pastos onde magros bois ruminam. No mais alto, bem no topo, isolada, dominando a vila, acima da cabeça de Ti Zé, a igreja. E a vila, em síntese, forma um quase meio círculo, fundos de casas dando para outras vielas, para a frente de outras casas, tudo entrelaçado, desirmanado, confuso.

A vila começa a viver. Portas de casebres se abrem, pessoas estremunhadas descem para a rua, rumo à praia, à espera dos pescadores.

Ti Zé, em passadas vagarosas, também vem descendo.

As lanchas baleeiras cresciam, chegavam-se. Braços enormes, mãos calosas e rudes, calejadas na faina, erguiam-se e baixavam-se, naquela cadência sempre igual e monótona, movendo os remos. As caras morenas, muito queimadas pelo sol e batidas pelo vento, cobertas algumas por velhos chapéus de palha, vinham abatidas.

Mais um dia perdido.

Borborinho na praia, todos nervosos. Grupos cochichando, discutindo.

Afastado dos demais, metido consigo mesmo, encolhido num canto, um homem já velho, raros cabelos brancos deixando a mostra um crânio enrugado, fisionomia abatida, mostrava sinais evidentes de desassossego. Ansioso, não querendo crer, temendo adivinhar, se põe repentinamente a percorrer a praia, em passadas irregulares.

Crianças descalças, quase nuas, comidas pelos vermes, com panças enormes, corriam, gritavam, deitavam-se na areia, chapinhavam na água, indiferentes ao frio e ao que se passava em redor.

Mulheres prematuramente envelhecidas, com filhos pequenos ao colo, ralhando e quando dos mais velhinhos, vigiando-os, ficavam-se paradas, olhos fixos.

As lanchas baleeiras chegavam cada vez mais, velas tremulando.

E o sol, um sol cor de fogo, surdia do mar lá longe, expulsando os últimos resquícios da noite, dissolvendo a bruma. Esquentava gradativamente.

O mar sempre calmo, sereno e indiferente, sem o mais leve movimento a encrespá-lo e onde reflexos do sol deitado vinham se refletir.

Paz. Silêncio. Expectativa. E um bocado de angústia nas faces tensas, nos olhos secos, nas mãos que se crispam.

Quase não se trocava palavra. O borborinho parara. Até as crianças pareciam adivinhar qualquer coisa. Um silêncio temeroso contrastando com os risos e correrias da meninada que, inda há pouco, mostrava-se tão aparentemente feliz. Lábios cerrados dos adultos. Todos pendendo, parecendo atirar-se para diante, num desejo insopitável de ver logo confirmado o que adivinhavam certo, mas temiam.

Agora as lanchas chegavam, bicavam a areia fofa que se abria para recebê-las. A espuma, uma espuma clara, macia ao toque, vinha morrer na areia. E logo os pés enormes, deformados, dos pescadores, curtidos pela água salgada, pisavam o chão, formando profundos sulcos que a água rápido encobria.

Um movimento brusco, geral, rumo às lanchas, domina todos. Chegam-se, curiosos, inquietos, descrentes pelo que percebiam nas fisionomias dos pescadores, temendo ver o que já viam no fundo da lanchas, o que já haviam antecipadamente adivinhado. Nada. Vazio. Confirmação plena. As redes limpas de peixe, virgens, deitadas no fundo das lanchas, mortas, cobertas por um limo esverdeado que rebrilhava ao sol ascendente. Um pouco de água suja brincava no fundo, por entre o madeirame semiapodrecido, balouçando ao sabor das lanchas. Só.

Silêncio.

— Mas Jango!... — exclamou o velho.

A voz veio num misto de pesar e surpresa. Recriminação, como se os homens, todos caracterizados por aquele nome "Jango", fossem culpados. E o silêncio que assim se quebrara foi mais pressago. Ameaçador, boiando ali, pairando entre eles.

Inimigo. Todos se olharam.

Ainda silêncio. Podia-se ouvir o leve ruído do vento passando pelo velame, uma respiração mais forte, o latir de um cão ao longe.

— Jango!... — repetiu a voz, agora uma nota de desespero se destacando.

E a voz se espraiou para longe, para o mar e para a terra, boliu com homens, mulheres e crianças, disse o que todos quereriam dizer.

A manhã muito limpa, muito pura, onde o sol ia subindo; as lanchas vazias; o mar calmo; a beleza do dia: toda aquela calma e paz lhes aparecia inimiga.

— Nem um rabo, pai, nem um rabo pra remédio... — veio a resposta, depois de algum tempo, arrastada,

passando a custo na garganta. “É o diabo!” — e o mais moço deixou cair as mãos, num gesto de desalento, prenhe de significados. Tinha as mesmas feições do velho, mas sem aquela expressão indefinível, misto de energia e alucinação. Esses barcos grandes — prosseguiu — passando por ali — e apontou com o braço para longe, para o mar lá fora, estranhamente verde e impassível pescam todo o peixe e o levam... e ainda por cima espantam o resto. Quando se chega nada mais há...

Só estas palavras bastavam. Já se sabia o que era. Todos as conheciam. Tinham um significado trágico à custa de serem repetidas. Em especial nos últimos tempos, quando estavam se tornando mais constantes, frequentes.

II

O peixe ali era a vida do distrito, da população, representando tudo. Faltando ele, por pouco tempo que fosse, a fome caminhava logo a passos rápidos, pois não havia possibilidade de reserva. Todos ou quase todos trabalhavam hoje para comer hoje mesmo, ou quando muito, amanhã. A miséria atingia, logicamente, em primeiro lugar, os pescadores que trabalhavam como assalariados. E que formavam a grande maioria. Além disso, não sabiam e, mesmo que soubessem, não podiam fazer outra coisa, pois nada mais havia para fazer. O que ganhavam nas épocas de fartura nunca que lhes permitiria guardar para os períodos maus. Quanto mais agora, com o peixe faltando em plena safra! Que seria deles dentro de algum tempo?

Viviam se recriminando por não terem economizado, numa procura angustiante de desculpa. Bem sabiam

que não havia o que economizar. Contudo... Desde aquela vez quando Lola voltou de Florianópolis com a notícia da vinda dos barcos de fora...

Mas economizar como? — se interrompiam uns aos outros.

A divisão do pescado era em três partes: uma para o dono da lancha, outra para a lancha e rede, quer dizer, ainda para o dono, a terceira então para ser dividida entre os companheiros.

Esta terceira parte, mesmo nas melhores épocas, mesmo nos anos de exagerada fartura, mal dava para aqueles homens viverem, eles sós, uma vida regularmente decente. E sabendo-se que em geral possuíam numerosa família, nem é preciso dizer mais. Vegetavam. Viviam numa semivida. As mulheres trabalhavam de lavadeiras, mas isto também era pouco ou nada, porque somente raríssimas famílias se davam ao luxo de ter lavadeiras. Então, toda a família, todos, se viravam em outros pequenos serviços. Todos não. Quase só as mulheres e crianças (não os homens que tinham o seu orgulho e ficavam a espera do mar). As crianças auxiliadas pelas mulheres plantavam e cuidavam de suas hortazinhas, as meninas aprendiam com as mães a fazer renda, que os homens levavam para vender na cidade ou vendiam aos patrões. Os meninos, enquanto miúdos, realizavam ainda outros afazeres, ajudando em casa, catando e carregando pedaços de madeira, pescando mariscos, ou consertando as tarrafas, se os pais as tinham, minúsculas redes para a pesca à beira-mar... Crescidos achavam indigno deles dedicarem-se a tarefas outras que não fosse a pesca. Possuíam o seu orgulho de filhos de pescadores. E, ou emigravam, ou

vinham aumentar o número de desempregados, à espera de uma vaga que só aconteça por morte ou despedida de um dos pescadores mais velhos. Ali poucos envelheciam — a não ser que se queira considerar como velhice o estarem liquidados, acabados com quarenta ou pouco mais anos.

Desde cedo os pequenos aprendiam a amar o mar, dele tudo esperando, tudo que de bom e mau lhes pudesse acontecer. Começavam brincando de pescadores, dormiam embalados ao som de canções marítimas entoadas pelas mulheres, tinham constantemente nos ouvidos a cadência da água batendo na areia, ou do vento zumbindo e varrendo a praia. Se conseguiam uma bateira ou batelão, logo começavam a treinar. Partiam dois ou três, se revesando nos remos e na tarrafa. Lá fora paravam, punham uma ponta da tarrafa na boca, seguravam todo o monte com uma das mãos, com a outra no chumbo, balançavam, num ritmo lento e uniforme, igual, e depois atiravam com força. A tarrafa assim manobrada abria e espalhava-se no mar que nem uma exótica flor. Recolhida, trazia alguns peixes. E os peixes miúdos assim apanhados ajudavam a matar a fome.

Mas tudo isto não passava de mero paliativo e a ninguém iludia. Ademais, quantos deles possuíam tarrafa? E canoa?

Com a continuação da falta de peixe, provocada por um ou outro fator inesperado, todos sofriam mais. Começavam a se lamentar da sorte, fazer planos de mudança, abandonar aquela vida de miséria e onde não vislumbravam qualquer saída. Rememoravam períodos anteriores, “mas nunca iguais, este foi o pior de todos, coisa assim

nunca se viu". Até os donos das lanchas principiavam, às vezes, a reclamar, a tocar nas reservas avaramente guardadas. Aí então é porque a coisa estava mesmo ficando feia.

Um dia, de repente, um lance feliz animava-os, vinha por todos de bom humor, com bem pouco se satisfaziam — e festejavam logo o acontecimento.

Sabiam que o mar era inconstante, levava hoje, trazes amanhã.

Nunca porém lhes acontecera nada igual ao acontecido atualmente. Não era o mar, não era a estação, não dependia deles nem de fatores por eles conhecidos. Era alguma coisa diferente, temível, vinda de fora, sumamente perigosa, maléfica, com que não contavam e que não sabiam como combater. Não adiantava esperar ou usar os métodos de séculos, passados de pais para filhos, de geração em geração. Interrogavam-se e não encontravam resposta. Mesmo os mais idosos e experientes, para quem se apelava nas horas de aflição, mesmo estes agora calavam.

Antigamente...

No passado... com a falta de peixe.

Voltavam sempre ao passado, num desejo de esquecer o presente, com medo de enfrentar o perigo. Mas este insistia em se tornar mais presente, na fome dos filhos, na magreza ainda maior das mulheres, nas rixas mais acentuadas dos homens.

No passado... com a falta de peixe... — rememoravam.

A vida na vila ficava triste, o desespero atingia as casas que a fome assolava. Procuravam se auxiliar, se proteger, repartir as migalhas. Tudo era mais fácil. Ainda assim, se

lembravam, cenas indescritíveis eram presenciadas, num conformismo exasperador. Pessoas cadavéricas, crianças famintas, só olhos e barriga, vivendo de barro e outras porcarias, percorrendo as praias em busca de marisco, se atracando por nada. Outras roubando restos. Velhas senhoras procurando o que vender, se desfazendo do estritamente essencial, do que "não poderiam vender". Homens atirados pelos botecos, bebendo enquanto conseguiam fiado, esquecendo, na cana, a família, os problemas, a miséria, tudo. Ainda assim era mais fácil. Os rapazes, em geral, emigravam para Rio Grande, Torres, Santos, Rio, em busca de melhores condições de vida. Alguns eram logo tragados pelas grandes cidades, sumiam-se, nunca mais davam notícias, deixando noivas, irmãs, mães, mulheres e filhos. De começo ainda chegavam raras cartas, contando do espanto diante do visto, dos sonhos acalentados, das esperanças e desilusões. Logo as cartas passavam a escassear, o tom mudava, um fundo desalento delas se desprendendo. Depois sumiam de vez, para sempre.

Outros retornavam ano ou anos mais tarde, magros e acabados quase todos, esgotados, desiludidos, vendo que em toda a parte era a mesma luta insaciável e inglória na qual sempre o mais pobre é que acaba pagando. Raros traziam às vezes algum saldo avaramente economizado, — e neste se fiavam as novas levas que partiam, cada qual com renascida esperança e confiante no sucesso rápido, julgando que os que os haviam antecedido não tinham sabido aproveitar as chances — saldo acumulado à custa de quantos sacrifícios só eles sabiam. Saldo que era logo gasto, pois não podiam guardar ou não sabiam lidar com dinheiro, era qual água escorrendo-lhes entre os dedos.

Compravam bugigangas, davam festas, presenteavam amigos e conhecidos e quando iam ver nada havia sobrado. Também não adiantava aconselhar os mais moços. Ninguém quer conselho, todos precisam aprender por si mesmos. Tudo antes era mais fácil. Era.

Voltavam a se dedicar à pesca, único meio de vida ali possível. Esperavam a primeira oportunidade e se empregavam com um dos donos de lanchas.

E fora, o que haviam feito? Em mais de noventa por cento trabalhado na pesca, embora em condições um tanto diferentes e às vezes mesmo até mais mesquinhas.

Voltavam à pesca na terra natal, como que impelidos por uma espécie de fatalismo. Voltavam ao mar. Iam trabalhar de alugados, como de alugados já haviam trabalhado seus pais, seus avós e bisavós. Como de alugados, acreditavam, para sempre e por todo o sempre, trabalhariam seus filhos. Casavam-se, tinham logo muitos filhos e então o que ganhavam não dava para viver. Não sabiam como se mantinham, que ginásticas faziam para... para o quê? Íamos dizer para equilibrar o orçamento, mas isto nos parece tão sem significado que preferimos deixar a frase sem final.

Tudo se repetindo, passando de pai para filho, para neto, para bisneto, de geração em geração, num eterno continuar, monótono, repetido, constante. Num círculo vicioso.

E sempre a velha frase a vir à tona:

"Antes era melhor!... Antes era mais fácil!".

Esse antes terminava por se transformar num paraíso, perdia as características iniciais, ninguém mais se recordava com exatidão do que fora, alguns nem o tinham

vivido, a esse "antes" tão repetido, tantas vezes lembrado.

Diziam mais:

"— Pobre não tem diversão nem nada. De noite não tem que fazer nem onde ir. Então deita cedo e faz filho que é pra mode matar o tempo e não pensar na vida. Enquanto o tempo não mata a gente".

Ou ainda:

"— Já que isto (o que se ganha) não dá pra morrer, vai-se vivendo".

E mais:

"— Cada um estira a perna de acordo com a calça".

Assim viviam.

Isto no passado.

Mas agora...

Agora tinham razão: "Tudo antes era mais fácil".

Agora tudo adquiria novas e mais sombrias tonalidades.

Não dependia deles, não dependia do mar, não dependia de nada que eles conhecessem. Estavam de mãos amarradas, tolhidos na ação, impossibilitados de agir, desnorteados, desnorteados.

III

Ficaram todos por ali, indecisos. Não sabiam o que dizer.

Os comentários, as discussões, nada resolviam. Não encontravam uma solução, não estavam dispostos a explicações que nada acrescentavam ao já sabido.

Que fazer contra os grandes barcos a motor que vinham de fora, de Santos, que ficavam no mar dias e dias,

que tinham geladeiras, grandes espinhéis, todos os apetrechos modernos de pesca, todas as novidades, os últimos aperfeiçoamentos? Como combater se estavam em tal pé de inferioridade? Se dependiam, para começar, do tempo? Que resolveriam as lanchas deles, mesmo as melhores, como a de "seu" Jango? Ou que adiantava conhecer a fundo os segredos do mar, ali haverem nascido, se criado, vivido, lutado?

Tudo isto desaparecia e se tornava de importância secundária diante daquele fato novo e inesperado. Nunca se haviam preocupado muito, os donos das lanchas, quer em renová-las, quer em procurar saber se havia algo de melhor e de mais prático para a pesca. Desde sempre, desde que se conheciam haviam pescado assim, o mesmo tinham feito seus antepassados e não viam motivo para mudanças.

Foi uma surpresa bem desagradável a chegada do primeiro barco. Alguns ainda quiseram levar a coisa na troça, falando em "granfinos", em esporte, mas logo, diante da evidência, foram obrigados a calar. Muitos não haviam acreditado nas palavras do Lola. E só se aperceberam verdadeiramente do perigo, da ameaça que representava para a vida deles, da catástrofe que era a chegada dos barcos, quando uma, duas e mais vezes foram pescar e voltaram de mãos abanando.

Estavam em plena safra, na melhor época do ano, o frio vinha chegando e com ele se aguardava a passagem dos cardumes, tudo naquele ano prometia lances dos melhores, eles conheciam a fundo a profissão, podiam predizer, pelo tempo que estava fazendo, pelo vento, pelas nuvens, pela tonalidade do mar, onde e quando deveria ser dado o melhor lance. Que importava, que interessava

porém, agora, tudo isso?

Quando se deram conta, quando quiseram compreender, viram já ser tarde. A primeira fase já havia passado, já haviam perdido um tempo precioso, era preciso pensar em alguma coisa. Mas o quê? Qual seria? Que fazer?

Os barcos haviam pescado e se ido. Levaram todo o peixe, pescaram em dias o que eles levariam semanas, podiam acompanhar o cardume, afugentaram o restante.

Estiveram uns tempos fora, todos pensavam que não mais voltariam, já se havia arriscado com algum sucesso uma, duas sortidas, e eis que de novo ali surgiram, agora mais numerosos. E as mesmas cenas se estavam repetindo.

Que fazer?

IV

— Ande, "seu" Leopoldo, desça logo, trabalhe, vamos embora de uma vez, que está aí pensando!

Leopoldo parou de pensar, ergueu a cabeça e sem responder procurou atender ao que lhe pediam.

Leopoldo era um destes que tentara a sorte lá fora. Estivera em Santos, onde, de início, fora mais ou menos; depois tudo desandou, ele viajou mais para diante, chegara ao Rio numa situação péssima, tudo pior, nada conseguiu, a muito custo e com viagem arranjada de graça, na terceira do vapor Hoepcke, voltara a Florianópolis, onde também não se manteve. Mais tarde passou uns tempos em Biguaçu, na casa de uns parentes. Sem se fixar. Acabara em Ganchos. Trazia, contudo, inteligente que era e curioso, de suas viagens, um bom cabedal de experiências, ideias novas, leituras que o esclareceram a respeito

de alguns problemas.

Conversas a que assistira e das quais mais tarde participara em Santos, tinham vindo completar alguns claros.

Logo que chegou a Ganchos discutia muito, procurara unir seus companheiros. Queria ver se lhes incutia alguns princípios, se lhes mostrava a força que representavam. Mas encontrara resistência, uma resistência passiva, mole; uma indiferença geral. De toda parte e de toda a espécie. Desânimo. Ou não? Talvez não! Assim um "deixa como está para ver como fica", um não-me-importa, um abandono geral que o enervava. As coisas assim eram, e não adiantava procurar modificá-las. Foi o que lhe deram a entender. Aquela falta de iniciativa, aquela nenhuma vontade de procurar uma solução, aquela pachorra, donde provinham? A que atribuir tais fatores? Leopoldo não o sabia. Nem o conseguia explicar. Sabia, isto sim, que muitas vezes também, a mesma sensação tomava conta dele e que lhe era necessário fazer um esforço titânico para se opor a essa tendência que sentia apoderar-se pouco a pouco de todo o seu ser. Procurava sempre reagir.

Tentou, por diversas vezes, organizar uma espécie de cooperativa, um centro onde todos fossem discutir os seus casos. Riram dele. Cooperativa de quê? Para quê? Se nada havia! Discutir o quê? Pra quê, hein? — insistiam. Já não tinham os botequins pra os bate papos?

Desanimou, se fechou em si mesmo, andou uns tempos desnorteado. Mas sentia necessidade de realizar alguma coisa, precisava não se deixar cair no mesmo estado dos outros. E periodicamente voltava a insistir. Compreendeu que sua vida era ali, que ali atuaria, certo ou

errado. Procurou então se fixar. E deixar o tempo correr.

Acabou casando com uma prima e agora trabalhava de empregado com "seu" Jango, um dos três donos de lanchas.

Leopoldo descera, ajudou a puxar as lanchas para o seco, auxiliado por Lourenço, um mulato claro, alto e forte, de cara sempre alegre. Enquanto isto Manuel e Lucas iam tirando a água das lanchas, tinham já estendido as velas e feito uma rápida limpeza, chamavam agora dois outros companheiros e iam conduzindo as lanchas para longe do sol que começava a esquentar de verdade. Arrastavam-nas lentamente, fazendo-as rolar por sobre troncos roliços.

Mas eram interrompidos a cada instante. Pai de "seu" Jango corria de uma lancha para outra, indagando de todos, puxando pelos homens curvados a trabalhar, querendo saber mais e mais, inconformado. E as explicações que vinham eram idênticas, dadas com infinita paciência. Porém o velho não se contentava, não queria aceitar os fatos como eles eram. Por fim, suando muito, olhos arregalados, boca sem dentes a mastigar no nada, ele se pôs a esbravejar, gesticulando, batendo com as mãos nas costas dos homens. Uma espuma pegajosa e amarelenta lhe escorrendo pelos cantos da boca, caindo sabre o paletó. Afastavam-no a custo mas ele voltava, insistia, mais exasperado. Foi preciso carregá-lo dali à força, queria a todo transe pôr de novo as lanchas n'água, sair-se ao mar. Provaria àqueles "burros" que eles nada sabiam a respeito de pesca, nenhum deles, nenhum!

"Meu Deus, quem haverá de dizer, meu Deus — gemia ele — onde estão os velhos tempos, os velhos compa-

nheiros! Que sabe esta gente de hoje, Jango, onde estão os ensinos que te dei, eu não disse pra vocês como deviam fazer, cercar partindo lá pela banda da Ilhota?".

Grupos de mulheres e crianças rodeavam os homens que agora conduziam o velho para casa. Outros homens terminavam de guardar as lanchas. As velas e redes ficaram estendidas, recebendo a leve brisa. Aos poucos todos foram deixando a praia, se encaminhando para seus lares. As mulheres preparavam a parca boia, lavavam roupa, varriam, limpavam; os homens, sem nada para fazer, procuravam os botecos, batendo papo, bebendo pinga, fumando seus palheiros ou cachimbos. Raros permaneciam em casa ajudando, ou saíam para fazer um que outro pequeno serviço. As crianças iam à escola ou então se divertiam à beira-mar, correndo sobre as pedras, à procura de mariscos, botando isca enquanto armavam as redes de arco, chamadas comumente de puçás, para apanhar siri.

E dia, ou dias afora, os homens iam ficando nessa vida, sentados sobre caixões de querosene, ou recostados ao balcão, só indo em casa para comer e dormir; ficavam trocando ideias, conversando, relembrando outras estações parecidas. Sem coragem ou iniciativa para procurar, forçar uma solução para o problema que os afligia. E que vinha de remotas eras, cada vez se agravando mais. Punham-se de novo a remoer no mesmo, a recordar velhas épocas de fartura, ou, que pelo menos agora lhes pareciam de fartura, quando o peixe "boiava" e todos melhoravam, viviam à larga. Ah, bom tempinho aquele! Havia, sim, "seu" moço, havia relativa fartura. Você não acredita, bem vemos, mas consulte seus parentes, fale com os mais

velhos, veja só o que dizem eles. Rememoravam o antigo tempo, que sempre é melhor, quem sabe mesmo embelezado pela distância, mais do que pela verdade. Fumavam e bebiam. Às vezes, por somenos, por um nada, discussões surgiam entre eles, degeneravam em brigas, facas repontavam, o sangue jorrava. Saltavam logo, tinham os nervos à flor da pele, e uma sensibilidade muito grande, eram desconfiados, não admitiam brincadeiras, levavam tudo muito a serio. Da discussão para a briga partiam num ápice. Ficavam agachados, negaceando, negaceando, até que se encontravam. Os demais formavam uma roda, um círculo, deixando um claro para os contendores; em geral ninguém interferia. Era briga de homens, de machos, deixassem que eles sabiam o que queriam, haviam de se entender.

A cachaça, as cabeças esquentadas, aquele orgulho besta e aquela desconfiança, o desemprego, o sangue fervendo, a incitação dos demais, tudo isto ajudava a acirrar os ânimos. Até mortes aconteciam — se bem que raras.

E a vila, por dias infindos, vivia aquele tumulto provocado principalmente pelo desemprego, todos unânimes em culpar a falta do que fazer, a desocupação que não poderia conduzir, nunca, a coisas boas.

As famílias dos "brigões" passavam a se olhar de viés, também os amigos de um bando e outro, pois logo duas facções se formavam. Cedo porém, esquecido o fato, ou porque outro mais recente surgira, ou por uma natural tendência para esquecer, uma preguiça para pensar, aprofundar e prolongar as querelas, tudo voltava ao ramerrão de sempre, ao mesmo. E a não ser excepcionalmente ou em caso de morte, os inimigos de ontem poderiam com toda a

facilidade se transformar nos maiores amigos de hoje.

Era isto que Leopoldo procurava mudar: liquidar as rixas, solidificar as amizades, unir os homens em torno de um interesse comum. Mas até o momento os resultados não haviam sido animadores. Como transformar em pouco tempo costumes de séculos, arraigados profundamente em muitos deles, fazendo parte da personalidade deles, tendo nascido com eles, herança de antepassados? Era preciso um trabalho lento, constante, consciencioso, persistente.

Leopoldo não se julgava capacitado para tal tarefa. E isto o enervava.

V

Justino acordou tarde. Saiu quando já as lanchas estavam mais do que cansadas de repousar, limpas e relimpas. Foi, com toda a calma, andando pachorrentamente, pitando e olhando para as coisas que o rodeavam, abriu a barbearia, a espera dos possíveis fregueses. Enquanto esperava, pegou num jornal velho e começou a ler.

O movimento da barbearia era mínimo. Aquilo lhe servia de passatempo, era um ótimo lugar onde as pessoas sabiam sempre que se poderiam encontrar, os velhos amigos vinham ali bater papo, comentar os últimos acontecimentos da vila, maliciar. E era a maneira de Justino manter o sobrinho com ele. Porque Justino vivia mesmo era da renda como aposentado da marinha mercante.

Justino era bem velho, uma espécie de patriarca, o "ex-homem sabido" da localidade, agora em franca decadência, substituído por outros. Antigamente vinham

consultá-lo sempre. Era acatado, respeitado. E para todos era só o "Justo". Ele mesmo talvez nem respondesse se o chamassem de Justino.

"Vai lá no Justo saber isto, aquilo, aquiloutro"; "— Vai lá no Justo pedir tal e qual coisa"; "— Vai lá no Justo saber o que é bom pra curar reumatismo"; "— Justo, me diz uma coisa, que vem a ser esta desgraçada de coisa que estão inventando agora?"; "— Justo...".

Ele a todos atendia, feliz, com o mesmo jeitão brusco que a ninguém iludia, escondendo um grande coração, uma grande simpatia para com todos, uma imensa dose de compreensão para com a humanidade. Muito havia vivido, muito viajara, muito tinha visto e tudo desculpava e perdoava.

Usava uma barbicha — seu maior orgulho, única vaidade que carregava — estando sempre a apará-la com uma velha tesoura, acarinhando-a com os dedos grossos e que os anos de aposentadoria não haviam conseguido amaciar.

Pusera o rapaz a trabalhar com ele. Sobrinho órfão, a quem vivia, sempre, bonachosamente, pregando lições de moral, contando "causos", para tudo encontrando um exemplo no seu passado, relatando suas viagens, quem sabe aumentando-as e as aformoseando.

O rapaz não parava na barbearia, não gostava do serviço, abominava perder os dias ali. Para cada freguês que chegasse era preciso andar a chamá-lo, gritando: "— Godofredo! Go-do-fre-do, onde estás seu peste?", e a vizinhança inteira se interessava, participava da caçada, se punha a procurar, a gritar também, imitando o velho Justo, num coro que se prolongava vila em fora, reboando

de casa em casa, até encontrar o procurado. Pouco depois, suando, vermelho da corrida, lá chegava o rapaz, recebendo, ainda de longe, uma descompostura em regra, num calão intraduzível. Justo, aos berros, barbicha tremelicante, jurava vingança, liquidar com toda a canalha, a raça do peste, esta geração imprestável de hoje. Na descompostura incluía todos os parentes e não parentes, uns grandessíssimos sacanas. Resmungava por horas, a quem quer que chegasse contava, com grandes gestos estudados, teatrais, apontando para o sobrinho, o imprestável que este era; explicava aos amigos porque, na opinião dele, hoje nada mais presta, as novas gerações estão acabando com aquele nosso bom mundo antigo, de gente séria e capaz. Hoje... "hoje" — repetia, repetiam atrás dele os outros, e todos faziam um ar de pouco caso, de desespero, de desprezo.

— Ah, na minha época...

Perdia-se em reminiscencias, tentando provar porque antes tudo era tão melhor, "mas não preciso dizer, vocês todos se lembram". Os amigos, em geral idosos como ele, faziam coro, concordavam abanando a cabeça. Compungidos. Pesarosos.

E enquanto Godofredo atendia o freguês, afanando-se na barba ou cabelo, lá ficava o velho rodeando-o, rodeando-o, opinando, a criticar e encontrar defeitos.

— Que moleza, mas que moleza, só pra farra és ligeiro, safa que nem sei o que fazer contigo, a quem terás saído, ninguém da nossa família, ao que eu saiba...

— Então... — Começava Godofredo.

Mas Justo não o deixava terminar:

— Me agradece que prometi à falecida; não fosse eu

gostar da mana Zefa!

E tudo isto era feito em benefício do rapaz. Na melhor das boas-fés. Justo crente que só assim poderia educar o sobrinho a quem tanto queria.

Godofredo queria deixar tudo, esta vida monótona e desagradável, os resmungos do tio, o horizonte limitado que se descortinava diante dele. Ir-se ao mar, sair dali, fazer a vida numa cidade maior, onde encontrasse maiores possibilidades. Mas Justo teimava que não. E tinha uma ascendência muito grande sobre o sobrinho. Súplicas, ameaças, de tudo usava, tudo servindo de argumento. Os pedidos de Godofredo esbarravam diante de uma muralha intransponível. Justo conversara os amigos, ninguém tinha licença de transportar o moço para fora dali.

Justo prometera-o à irmã caçula, mãe de Godofredo, quando esta morrera de uma febre maligna e ele se encarregara do pequeno. Isso pouco depois da chegada dele, Justo, aposentado antes da época por causa daqueles batuques no coração. Não que fosse tão idoso, não senhor. Teimara com os médicos, aquelas cavalgaduras. Lá poderiam saber alguma coisa a respeito do coração dele! Mais do que ele! Mas que fazer? Manda quem pode. Ainda pensava algumas vezes em... mas não, cala-te pensamento, não venhas agora com ilusões. Agora até que sim, até que estava velho. Quanto anos já se passaram desde então? Perdera a conta. E que dissera mesmo a irmã antes de morrer? Disso se lembrava bem, nunca se pudera esquecer:

"Todos se foram ao mar e todos o mar tragou. Meu Pedro tão novo, meu pai, os outros irmãos e parentes. Só tu escapaste, mesmo assim porque não ficaste aqui. Paga-

mos todos bem caro o que o mar nos dá como alimento. Cuida de Godofredo, pela salvação de tua alma me promete não deixar ele ir nesta vida ingrata".

Prometeu, que fazer senão prometer, como negá-lo à irmã moribunda, mas, agora quanto lhe custava cumprir a promessa! Sabia o que devia estar sentindo o sobrinho, preso ali naquela barbearia. Ele também na devida época o sentira, e não pudera resistir ao chamado. A família trazia o mar no sangue. Antes de virem para ali, antes de aportarem em São Miguel, vindos dos Açores, já se dedicavam ao mar. Há quanto tempo? Quem o poderia dizer! Era um fascínio incompreensível, invencível, que a todos dominava, tiranizando-os. Ainda nesta idade, com o coração em pandarecos, não o sentia ele! Tinha desejos, às vezes, desejos que chegavam a lhe doer no corpo como um ferimento profundo a sangrar, de se largar, de voltar, nem que fosse por uma vez, a sentir aquele cheiro de maresia tão característico, diferente deste daqui, mais acentuado, que só as narinas super sensíveis dele percebiam. E o vento surrando-o, açoitando-o. E o balanço do navio. E as vozes de comando reboando na escuridão. E o céu e mar cobrindo tudo. E a amplidão infinita se estendendo diante dele, para onde quer que se virasse.

Como não sentir o que se passava com Godofredo? E lhe vinha um desejo de se ver reproduzido no sobrinho, um outro "eu" sentindo as mesmas emoções que já sentira. Ficava a ponto de esquecer a promessa feita à irmã. Precisava mesmo se controlar, ser brusco, fingir uma severidade que não sabia como manter.

A barbearia ficava numa esquina, bem no centro da vila, num velho casarão carunchoso. Justo sentava-se à

porta, resguardando o rosto, do sol, com um velho chapelão de palha trançada, caído para a cara, pitando e pitando o seu forte fumo de corda, chamando os amigos para uma prosa. Dava a vida por um papo.

Nesta manhã resmungava duplamente. Acordara com uma forte dor no peito, falta de respiração, o que o fazia andar pendido para um bordo. Remoía palavras ininteligíveis e gesticulava mais do que no normal. Há bem um mês que andava sem nada, lépido, remoçado, até se esquecera da doença. E agora, isto. Era ou não era de uma pessoa perder a paciência?

De repente, depois de ter perambulado ao léu com o seu passo tardo, sentou-se e fechou a carranca, não disse mais nada para Godofredo, em quem havia principiado a passar uma das suas costumeiras reprimendas.

Este também não retrucara, não perguntou a que vinha a reprimenda nem o porquê da brusca interrupção. Acabou de limpar os apetrechos, varreu o salão e ficou rodando, doido para dar uma escapada.

Ti Zé passava de volta para seu boteco. Parou para um dedo de prosa. Falou, desanimado, no fracasso total da noite, mais uma noite, no que isto representava para ele, para eles pediu a opinião do amigo. Justo, nem um pio. Macambúzio. Calado estava e calado ficou. Ti Zé não se deu por achado. Sentou-se e se pôs a pitar. Enquanto isto, à socapa, Godofredo foi se esgueirando.

VI

"Seu" Jango, acompanhado de um dos camaradas, o Lucas, que lhe levava uma caixa com compras, subiu para

casa. Pensativo. Há dias que o fato continuava se repetindo. Tempo bom, no auge da estação e o peixe invisível. A safra do corso estava para findar e eles nem um rabo pra remédio. As mantas deviam ser enormes, como naquela noite de frio, depois do vento noroeste, quando normalmente os lances são bons, podem ser até de milhares. As mantas passam logo, é preciso saber cercá-las, não as deixar escapar. "Aproveitar". "Aproveitar". Viu-se marchando ao som desta palavra, fez um gesto brusco para afastá-la do pensamento. Não bastava os barcos os prejudicarem pescando por ali, levando uma vantagem enorme sobre eles. Ainda faltava mais esta: espantarem o restante do peixe, o que não pescavam. "Aproveitar, aproveitar!", repetiu de novo. Mal, mal! Já todos resmungavam. Que seria deles dali por diante? Era preciso tomar uma decisão. Mas qual? Aquele Lola!... Tinha cada uma! Mas afinal, inventasse ele Jango então outra? Uma ideia absurda, muito bem, vá lá, contudo cadê outra? E enquanto isto aquela continuava a lhe martelar o cérebro. As frases do Lola, curtas, incisivas, cortantes, nervosas, se avolumavam, impediam que "seu" Jango pensasse no que quer que fosse. "Aproveitar. Me arranje um plano melhor. Então? Só dizer que não presta não resolve. Precisamos aproveitar o finzinho. Aproveitar. Entendeu?"

Era verdade. Pura verdade.

"— Aproveitar o finzinho..." — viu-se dizendo em voz alta.

— O quê? — perguntou Lucas.

— Nada, nada.

A ideia.

Ele Jango ainda não a transmitira aos demais, a nin-

guém falara. Só a insinuara. Mas como coisa dele, da cachola dele. Lola, como sempre, não queria aparecer. Na sombra. "Seu" Jango falara assim por alto, em tom de brincadeira, entre uma conversa e outra, deu a entender que não era coisa muito viável e que depois talvez resolveriam. Mais tarde desconversou. E ficara tudo tão no ar, tão vago! Contudo os homens iriam comentar e talvez se aquietassem por uns tempos.

Resolveria? Pensava agora Jango. Mesmo que Lola... Mas se Lola quisesse... E um temor vago, indefinido, começa por dominá-lo. Não, absolutamente! Tinha a mais plena certeza que não! Por si só, não, nunca, nunca, mesmo que... Agora se Lola... Então era outra coisa, tudo mudava de figura. Pois não é? Mesmo que ele Jango continuasse lá por dentro pensando que era rematada loucura, achando um absurdo, uma empresa arriscadíssima! Lola não temia o perigo, amava arriscar-se. Tipo complicado, esse Lola. "Seu" Jango abana a cabeça. Precisa falar com Lola, o quanto antes. E daí? Pensemos de novo, analisemos a ideia, aquele plano absurdamente maluco. Contudo, sejamos francos, não tinha o seu quê de fascinante? Tinha! A satisfação que dali lhes adviria, a todos eles, indistintamente, a lição dada aos homens dos grandes barcos, a possibilidade de acalmar por uns tempos os empregados de novo se ensaiando para não se sabia o quê, inquietos, intranquilos, tudo isto não seria alguma coisa, não representava um ponto positivo, não merecia um sacrifício, não valia a pena arriscar-se? Depois, durante alguns dias, quem sabe um mês ou mais, poderia se transformar num paliativo, poderiam pensar, pescar, até que arrumassem

outra solução mais acertada. Teriam algum tempo diante deles. Valia a pena, sim. Como sempre, Lola tinha razão. "Como sempre" — concluiu "seu" Jango com uma ponta de despeito.

"Seu" Jango chegou em casa sem notar que o camarada largara a caixa e se despedira. Tão engolfado vinha em seus pensamentos. A mulher veio, perguntou-lhe qualquer coisa, mas ele longe, não escutou, não soube ou não pôde responder. Diante da insistência voltou a si, respondeu com irritação indisfarçada. Mas logo se perdeu outra vez. Divagando, velho costume que tinha desde que pequeno e que lhe custara não poucos cascudos em casa e na escola. Ficou-se a matutar, um fino sorriso na boca.

A filha mais velha saiu, sem que ele a visse, só quando já ia longe lembrou-se de a chamar.

— Ora pai...

— Passa por casa do teu primo Salgado e manda ele falar comigo.

— Sim.

Os dois filhos menores deviam estar na escola. "Seu" Jango trocou rápidas palavras com a mulher e se encaminhou para a casa do Lola, depois de avisar que se o homem aparecesse por ali não esquecesse de mandá-lo "lá no Lola".

— Que homem?

— O Salgado, oras!

— Mas por que não esperas aqui e vão juntos? Que tens? Se a Lurdes vai dar o teu recado, ele não demora, espera aqui e vocês vão juntos, é melhor.

— Manda ele lá. Não posso e não quero esperar. Vou conversar com o Lola. Ver o que podemos fazer.

Saiu.

Fazia agora um sol forte, cáustico, que jorrava por sobre a pequena vila, amodorrando tudo, deixando uma vontade de nada fazer, de não pensar, os membros lassos, a mente vazia. O sol subia gradativamente, fazia-se a pino, invadia os menores recantos, secava os banhados, dando um banho de luz quente, vivificadora e higienizante, nas ruas lamacentas e intransitáveis, nas furnas escuras das pobres moradias. Matando os vermes que pululavam, que invadiam, dominando. O sol jorrava em catadupas. As pessoas transpiravam, largavam os velhos casacões pelos cantos, pois o friozinho da manhã há muito se fora. Nas casas abertas, roupas dependuradas pelas janelas ou balouçando nos varais. Cães e gatos se espreguiçavam, se atracavam por restos de comida. Galinhas ciscavam pelos terreiros, entravam nas casas à procura de alimento. Eram bichos magros, famintos, acompanhando a época.

O marulhar da água na praia formava uma estranha e constante melodia, ininterrompida, enervante para as pessoas de passagem por ali, mas inteiramente despercebida aos habitantes locais. Sentiriam falta se a deixassem de ouvir, seria como se uma parte deles tivesse sido decepada. Um cheiro forte de maresia, enjoativo, adocicado, impregnava tudo e todos, gentes e bichos, pedras e árvores, o próprio ar. Participava das pessoas, penetrava-as, dando-lhes uma característica própria e que, em qualquer parte, as tornava inconfundíveis, as identificava.

Ali viviam eles isolados, seres quase primitivos. A vila era quase uma ilha, cercada de mar por três lados e praticamente intransponível pelo quarto. Este era um caminhozinho de rato, cheio de pedras e curvas, íngreme,

subindo, descendo, escorregadio com qualquer pequena chuva, dando voltas e mais voltas que vinham acabar a bem dizer no mesmo lugar donde se havia partido. Depois de andar e andar terminava-se chegando na localidade chamada "Canto de Ganchos", outra meia dúzia de casas. Não se pensasse contudo que as dificuldades haviam começado. Dali até atingir-se Biguaçu, donde se poderia partir para Florianópolis, ao sul, ou para o norte, um bom trecho ainda existia a vencer. Estrada infame, subindo, subindo e depois se despenhando parecendo nunca terminar. O mais fácil mesmo e o mais usado era fazer-se a travessia por mar, de lancha quer se demandasse "Cantos de Ganchos", coisa de alguns minutos com bom vento ou mesmo a remo — quer se demandasse Florianópolis, Biguaçu, Tijucas, Itajaí, etc...

Com má vontade aquilo poderia muito bem ser considerado uma prisão. Uma prisão onde se havia nascido e a que as pessoas se acostumavam a amar. Num amor passivo. Mas eis que até a prisão estava sendo invadida. Gente de fora a cobiçava, ameaçando os que nela viviam.

— "Seu" Jango... "seu" Jango...

Alguém a chamá-lo. Parou, virou-se, esperou.

— Como vai ser, que vamos fazer com esta falta de peixe, ninguém providencia nada, estamos a mercê da sorte, abandonados a...

— E eu sei — quase gritou. Vai me dizer que sou culpado? Eu quero que falte peixe, não é? É!

VII

Dona Júlia, proprietária da única pensão da vila, mandou servir a refeição da manhã. Quase nunca tinha

hóspedes. Só um que outro mascate por ali aparecido com suas incríveis bugigangas, ou então quadros de fora que vinham passar dois ou três dias para as partidas de futebol com o "Esporte Clube Recreativo Ganchos". E a pensão se animava, criava vida. Dona Júlia exultante, era a maior animadora do futebol na redondeza, estava sempre querendo saber quando se realizariam novas partidas, ajudava com boa quantia para a caixa. A verdade é que mal e mal ia ela se mantendo, se arrastando, recebendo uma pequena pensão, ganhando alguma coisa pela boia fornecida para duas ou três famílias. Ela, que tanto gostava de movimento, logo se acostumava ao barulho com a presença dos esportistas e sentia uma falta imensa quando os jogadores se iam e tudo voltava ao mesmo.

Agora moravam na pensão: a professora, vinda de Biguaçu, jovem esbelta, alta, nervosa, sardenta, mãos longas e finas, não de todo feia de rosto, com aqueles olhos vivos e brilhantes, faces miúdas e delicadas, emolduradas por uma cabeleira tendendo para o louro; dois moços que iam apresentar um espetáculo de magia e ilusionismo, musicado, chegados ontem à noitinha; e o inspetor de quarteirão, que morava em Tijucas, por mais estranho que pareça, e vinha quinzenalmente dar uma vista d'olhos na vila. Mas esta manhã cedo iria embora. O Senhor inspetor nomeara um segundo, que respondia por ele e a quem ele pagava uma parte do ordenado. E se fora, para fugir aquela chatice de vida.

Dona Júlia, viúva de um antigo morador da vila, "seu" Olavo, pescador desaparecido numa noite de temporal, era gorda, retaca, falando muito, comendo parte das palavras. Não tinha filhos. Não era dali, viera de fora,

"seu" Olavo a trouxera quando voltara para a vila, ninguém sabia ao certo de onde a desencavara.

Ainda agora, passados anos, chorava pelo marido, "uma joia, marido assim não aparecia outro no mundo, até café na cama me trazia", esquecida dos tremendos pegas que tinham tido. Sempre discutindo com os vizinhos e os hóspedes, mas ao mesmo tempo toda melosa, prestativa, derretida, rebolava-se e revirava os olhos quando falava. Tinha duas empregadas, uma velha como ela, que a acompanhava desde sempre, desde o tempo do falecido, mesmo antes, espécie de relíquia de família. Esta já quase nada podia fazer, mas Dona Júlia a mantinha por sentimentalismo, dizia, e porque não mais recebia ordenado, apenas o que comia e velhas roupas que adaptava ao corpo derreado pelo trabalho, diziam os faladores. A outra, mulata alta e forte como um touro, moça, de amplos seios e mais amplas ancas, periodicamente tomava porres fenomenais, saindo a cantarolar canções obscenas e a dançar pelas ruas, aos gritos, seguida pela gurizada que a provocava, se oferecendo aos passantes, velhos, moços e crianças. Dona Júlia a mantinha porque, no dizer geral, era "uma mula para o trabalho". Fazia tudo, levantava-se de madrugada e ia deitar alta noite, sem reclamar. Ganhava uma miséria.

A pensão, prédio velho, uma casa de material mas já bastante danificada pelo tempo, e mais ainda pela falta de conservação, abandonada, sem nunca ter tido um conserto, beirava a praia, para os lados do trapiche antigo, agora em ruínas, perto da loja de "seu" Elias turco.

A refeição decorreu em silêncio.

Enquanto a empregada moça retirava a mesa, a patroa, depois de dar recomendação a outra para que, antes

de lavada a louça, não esquecesse de matar o frango, foi até a casa de "seu" Jango, ver se este havia separado peixe para ela. Encontrou-o no caminho.

— Mas "seu" Jango, que fazer, que vai ser de nós?

— Que fazer, que vai ser de nós! Esta é boa, muito boa, sim senhora, Dona Júlia. Está brincando comigo, que quer dizer com isto? Já não sabe, não está cansada de saber? Como vou fazer eu, pergunto, como vamos fazer todos, que fazer? É impossível continuar assim, Dona Júlia, precisamos dar um jeito, a senhora compreende, não é, dar uma lição, pensar em qualquer coisa.

— Mas eu...

— Quantos dias já, em plena safra, o peixe pescado mal dá pra os empregados e eu matar a fome, quando dá. Enquanto isto redes, barcos, impostos, tempo perdido, tudo isto se amontoando pra cima aqui do Cristo. Precisamos providenciar, Dona Júlia. Dar um jeito. Mas apelar pra quem? Já falei com o fiscal de zona, prometeu tomar providências e nada. São tudo uns sacanas!

— Que providências nem meio providências! Uma desorganização total... que vai ser de nós, meu Deus? Também agora, me desculpe mas gosto de ser franca, dizer as coisas que sinto bem na cara das pessoas, agora é nesta moleza que se vê, uns bananas. No tempo do meu finado não havia disto não, era outra gente, pergunte pra seu pai. Nem lhe conto uma vez que...

— Eu... — deixou cair "seu" Jango.

— Os homens reagiam, não se deixavam dominar como agora, uns desfibrados e maricas, deviam vestir vestidos. Não digo por mal "seu" Jango, bem sei o que o senhor tem feito, mas é que são os outros. Se lembra? Foi aquela uma vez que...

— Dá licença... dá licença...

Leopoldo e o mulato passavam. Vinham conduzindo pedaços de madeira e como a estrada era estreita tiveram que pedir para que lhes abrissem caminho. "Seu" Jango chamou-os, respirou: salvo. Precisava chegar no Lola e se ficasse ali amarrado ouvindo Dona Júlia, nunca mais se livraria. Como foi que se deixara enredar? De cada vez se prometia ter controle, manter-se calado. Mas a mulherzinha bulia-lhe com os nervos, fazia-o logo perder as estribeiras.

Pararam-se todos a conversar um minutinho. E a palestra descambou logo para o rumo que as coisas iam tomando, cada vez piores, sem uma saída visível, nunca se haviam encontrado em situação idêntica. Dona Júlia não perdeu a oportunidade. Precisava descarregar em alguém o seu despeito, a sua desilusão. Encaixou na conversa o falecido. Falou que na época da mocidade dela era tudo tão melhor e tão mais simples. Leopoldo contestou. Achou que podia ser melhor, porque a crise agora estava mais aguda. Mas não melhor tanto assim. Em troca, como compensação, estava-se agora mais perto de uma solução. Qual era não sabia com certeza, embora divisasse ao longe a verdade. Mas que se estava, isso estava, não havia dúvida. Apenas, repetiu, cortando uma frase de "seu" Jango, as condições existentes já naquela época da qual tanto falava Dona Júlia, haviam se agravado. "Seu" Jango de nada mais quis saber, não concluiu o que principiara a dizer, isso não lhe importava o mais mínimo, somente via o presente, a situação como se manifestava.

— Assim não podemos continuar, vamos de mal a pior, é o diabo!

— Mas o falecido... — começou Dona Júlia.

Não a deixaram concluir.

— Quem paga o pato, no final, somos sempre nós, os pobres. Os mais pobres. Sempre... — frisou na sua voz pausada, áspera, falando pela primeira vez, o mulato. A voz saía-lhe baixa, forçada, um tanto rouca, meio tímida porém convincente, de entre os lábios muito vermelhos e grossos, mal escondendo a fileira correta dos dentes.

Ninguém respondeu embora todos matutassem na frase. E se separaram, aproveitando o silêncio que se fizera.

VIII

Na praia a criançada voltara a brincar.

Uns, os menores, nuzinhos, chapinhavam bem à beira-mar, lambuzando-se na areia, esperando a espuma que se vinha espalhar sobre eles. Outros, maiores, quem sabe gazeando as aulas, nadavam até lá fora, depois se deixavam voltar cavalgando as ondas. Mais outros, por sobre as pedras, corriam, saltavam, encabritavam-se.

Moças, descalças, passavam, enquanto recostados nos ranchos das lanchas, os moços ficavam-se a olhá-las e soltar piadas. Dali surgiam namoros, casamentos.

De quando em quando se ouvia um grito e lá se iam alguns dos rapazes para casa, a chamado da mãe ou de alguém mais velho.

Nos botecos os homens bebiam, fumavam, discutiam.

Nas casas as chaminés fumegavam enquanto a boia se ia cozinhando.

As mulheres, ao mesmo tempo que cuidavam dos filhos e da cozinha, procuravam se desdobrar para dar conta dos outros serviços. Se não estavam na fonte, então pegavam nos bilros e de suas mãos tão feias, gastas e rudes, de suas cabeças aparentemente tão sem imaginação, iam saindo as rendas. Eram delicados trabalhos, verdadeiras obras de arte, feitas com todo o carinho e paciência, desenvolvendo-se por metros, com caprichados desenhos. Mais tarde, vendidas por quase nada, iriam enfeitar as casas dos granfinos e enriquecer outras pessoas.

Uma funda melancolia as dominava, muito embora cantarolassem continuamente.

Cantarolavam velhas canções trazidas de longínquas terras. Não as saberiam explicar. Se lhes pedissem diriam talvez que muitas palavras e até frases não significavam nada, não as entendiam. Apenas haviam-nas recebido dos antepassados e as transmitiam aos filhos. Mantinham assim, viva, atuante, quase intacta, uma tradição oral de séculos.

"Cada veiz qui olho i vejo
Canoa no mar a vela
Ai, ai, ai!
Mi arrasa os olhos d'água
Mi alembro da minha bela.

Quando eu vim da minha terra
Lá deixei a minha amada
Ai, ai, ai!
Catando pedra miúda
Sereno da madrugada...".

Ou:

"O amor de marinheiro
Não dura mais que uma hora
O vento já está na vela
Iça o pano e vai-se embora".
E ainda chamarritas assim:

"Atirei com o mangue n'água
As folhinhas deu à costa
Inda estou pra receber
Da tua boca a resposta

O lírio fora d'água
Pode estar quarenta dia
Eu longe de meu amor
Não posso estar nem um dia".

X

Meio-dia.

A vida continuava. Indiferente ao drama a se desenrolar diante dela. Meio-dia.

Os poucos alunos, na escola, saíam rumo a suas casas. As donas de casa punham a mesa. Lavadeiras batiam as últimas peças de roupa, e estendiam-nas na grama verde-amarelada. Os homens, nos botecos, bebiam um último trago, sem coragem para sair e enfrentar a mulher e os filhos. Em grupos, aos magotes, marchavam, aos poucos se reduzindo, ficando cada qual nos seus lares, até que o último também sumia num portão carcomido ou numa palhoça.

Meio-dia.

Almoço, fome, reclamações, recriminações que nada resolvem, choro de crianças.

Meio-dia.

Depois igual, monótona, a tarde cai lentamente, se repetindo. A noite se aproxima. Calor. Um vento leve principia a soprar, aumenta, vem do mar um chamado aos homens. O tempo muda. Gradativamente. Escurece. Todos se recolhem. Nuvens erradias, pardacentas, escuras, as mesmas do amanhecer, voltam, cobrem o céu, correm, se aglomeram num e noutro canto da vila, prenunciando mau tempo. Agora anoiteceu. Nada se vê. Um fundo desalento domina os homens. Em algumas casas, raras luzes brilham para o repasto noturno, luxo de bem poucos lares. Na maioria um café ralo tapeia a barriga e ilude a fome. Cedo, oito horas o mais tardar, todos se recolhem, vão para a cama, esperando para amanhã alguma modificação, sonhando, fazendo planos irrealizáveis, bem sabem eles. Que poderão esperar nas condições atuais?

Não há luz elétrica, não há água encanada, não há esgoto. Não existem estradas, a escola é precária, mais ainda o ensino ministrado, não há médico, a farmácia nada tem, tratam-se com chás e mezinhas. As pessoas vivem isoladas, distanciadas das coisas, até elas os jornais chegam com um atraso de dias, semanas, mesmo assim pouco representando, pois o número dos que sabem ler é insignificante. O primeiro rádio a bateria foi um espanto considerado por muitos arte do tinhoso. Os mais velhos temiam aproximar-se, outros procuravam descobrir o truque. Sentem-se longe do mundo, esquecidos, solitários, abandonados, vivendo uma vida meio selvagem.

Reagem na maior parte das vezes instintivamente, não raciocinam, seus sentimentos são virgens e limitados, as necessidades poucas. Com o mínimo concebível se satisfazem. Mas até este mínimo, sem o qual é impossível viver-se humanamente, se bem que não lá de maneira muito decente, agora lhes falta. E ficam desnorteados. Só um pensamento os domina: "— Ali viviam sem prejudicar ninguém, sem pedir nada a ninguém, por que os vieram importunar?".

Toda a ligação com o mundo exterior, tão fascinante mas tão perigoso, os intimida e confunde. Gostariam de deixar-se ficar ali, entregues a si mesmos, às suas histórias, ao seu meio de vida, não ter que entrar em contato com o restante da humanidade. Mas embora nada lhes dê, o mundo bastante exige deles. E não os deixa em paz. Vive interferindo, direta ou indiretamente, por intermédio dos filhos da terra que se foram por algum tempo e que agora de novo arraigados ali não conseguem esquecer a vida que levaram, ou por intermédio dos estranhos que os visitam e deles exigem participação. Parcela do mundo, estão começando a ver isto, precisam participar, influir. Ninguém é demais ou de menos, todos têm a sua razão de ser, a sua importância.

Dormem agora, toda a vida dorme, enquanto a chuva desaba com violência e varre a face da terra e o mar. Grossos pingos tombam, tamborilam na água e na areia. E o vento fustiga tudo, furioso.

2
Quarta-feira

I

Durante a noite, com a mudança de tempo que se anunciara, cedo a chuva desabou. Chuva de grossos pingos, que vinha em rajadas violentas, tangida por um vento forte varrendo o mar e a terra. Enormes vagalhões se erguem e arremetem contra a praia, parecendo querer invadir tudo, reaver o antigo domínio. Logo as vielas ficam intransitáveis, as pessoas presas em casa.

Escuro amanhece, e embora o dia se alongue, escuro continua.

O sol, em vão, mesmo nas raras estiadas, tenta furar as compactas camadas de nuvens pejadas de chuva.

Leopoldo sai.

O vento zumbe, sacudindo as casas, penetrando pelas frestas de portas e janelas, visitando os menores recantos, onde pessoas encolhidas tiritam. O mar tumultua, tudo escuro, sem um barco à vista. Nos botecos, os homens escapos a custo de suas casas, bebericam para esquecer, jogando dominó, fumando e discutindo. Não chegam nunca a um acordo.

São todos assalariados, gente simples e rude, modesta, afeita à vida do mar, calada normalmente, acostumada a ouvir, por força do contato perene com os elementos, a voz que lhe vem do íntimo. Pouco sabem dos problemas

que vão pelo mundo; poucos sonhos possuem e sempre os mesmos. Satisfazem-se com um quase nada. Querem resolver os problemas essenciais que os afligem (casa, comida, um pouco de instrução, diversão), mas sentem-se atabalhoados, tontos, não chegando a compreender que tudo forma parte de uma mesma engrenagem, de uma grande corrente, com milhares de pontas entrelaçadas todas elas, impossíveis de serem dissociadas, solucionadas por si sós. E então, desanimados, bebem mais, para esquecer a miséria de suas vidas. São caladões, introspectivos. Não se abrem, não sabem se expandir, contar suas mágoas. Uma estranha timidez e vergonha de se mostrarem os tolhe, os inibe. E lamento contrariar os que os acham tagarelas, extrovertidos. Pura invencionice que não ilude a um observador mais atento. Para esconder aquele todo tímido, que lhes é natural, é que gritam, se exaltam. Numa tentativa de se transformarem, de se enganarem a si mesmos. Quase só falam aos berros, para se darem coragem — o que é próprio dos tímidos — um não prestando atenção ao que o outro diz. E é aí que tem aquelas frases muito compridas e embrulhadas, que se estendem indefinidamente, sem que sigam um só pensamento lógico e único, mas se interpenetrando, partindo e bipartindo. Uma ideia chama outra e no fim é muito difícil saber-se o que queriam dizer no começo. Quando param, quem sabe incapazes de deslindarem o fio da meada, bebem mais uma cachaça e baixam a cabeça, cansados do esforço, envergonhados do desabafo.

O dono da venda não quer fiar mais, não pode fiar mais, também ele é pobre, se bem que não tanto quanto eles, mas em síntese é pobre, nada tem, nada possui de

sólido, vive deles, da fartura relativa e miséria constante deles, precisa receber o que lhe devem para amanhã refazer o combalido estoque, comprar o que já está faltando. A farinha de mandioca, o açúcar grosso, o feijão e o charque, a querosene, o sabão, a linha, a banha e a cachaça, principalmente a cachaça que é companheira constante, remédio contra a tristeza, contra as doenças, contra o calor e o frio, contra tudo que se possa imaginar. Sim, o dono da venda precisa receber o atrasado para comprar tudo isto e principalmente para pagar as letras atrasadas, em vias de protesto.

Deixa que os homens falem. Escuta, não opina.

É verdadeiramente um círculo vicioso.

— Temos que dar um jeito — resolvem mais uma vez.

E baixam a cabeça, meditam. Isto todos já sabem, estão cansados de saber.

Mas como?

Nenhum sabe; nenhum tem a mais leve ideia. Das pobres cabeças desacostumadas a pensar nada sai. E se calam, olhando uns para os outros.

Tem, é verdade, se lembram de repente, o Leopoldo, o Leopoldo mais as ideias dele, o Leopoldo mais as insistências dele. Mas, ora, o Leopoldo! Quem quer saber de ideias, não enchem barriga, não cobrem do frio, não... Ora essa! Porém, não é atrás de mais uma ideia que se andava? Já se tentou tudo o mais, não custa tentar uma outra vez. — "Perder nada temos a perder. Arriscamos só a ganhar" — uns insinuam. Ficam aguardando a palavra dos restantes. Os indecisos ficam a puxar para trás, têm medo, tudo quanto é novo e diferente lhes causa receio.

Mas também não é um puxar muito convincente, porque argumentos mesmo não possuem. Nem podem apresentar outra ideia em contrapartida.

Leopoldo chega. Vem ensopado e tiritante. É trintão, de estatura meia, forte, cabelos grisalhos, gestos francos. "Sabido", pois esteve fora, nas cidades grandes, viu e aprendeu coisas novas no contato com outras gentes.

Senta, pede uma pinga para esquentar, volta a propor, de chofre, quer que todos o atendam, o escutem com calma, pacientemente explica de novo, o mais claro e simples que pode.

— Vamos tentar, se não der certo paciência, pior do que estamos ninguém fica, é só tentando que se sabe — diz.

— Será mesmo! — duvida Firmino, um sujeito não muito velho, com mais de dez filhos, afora os mortos. E se amanhã "seu" Jango bota nós pra praia?

— É, é — exclamam algumas vozes.

— Bota não. Sem nós como pode ele trabalhar? Me digam. Agora é preciso que todos concordem. Uma coisa. Não se esqueçam da responsabilidade que há nisto. Se aceitam agora é porque está aceitado. Nada de dar pra trás. Vamos pensar com calma, cada um de seu palpite; arranjar o plano com todo o vagar. Se depois mesmo só uma meia dúzia recua, desiste, cede, todos os outros pagam. Precisamos ver com cuidado o que se pode fazer e como deve ser feito. Esperar a hora exata. E cada um de nós se encarregar de falar com alguns dos que estão desempregados, que é pra eles não pegarem logo o pião na unha.

Um borborinho se ergue, todos falam a um só tempo. Discute-se. A excitação da próxima "aventura" põe uma cócega diferente neles. Pedem mais pinga, bebem. Fumam e

gesticulam. Mas logo murcham como um balão pronto a subir, ao qual, de repente, faltara fumaça e vem se esborrachar no chão. Ali estava, diante deles, despedaçada, morta, a ideia. Tornam a beber. E a se animar. Querem ressuscitar o morto. Discutem de novo. Não se decidem, não se entendem. São poucos, uns vinte ou trinta, não sei bem, certamente nem todos os implicados ali, mesmo assim espremidos na vendola, por todos os cantos, por dentro e por fora do balcão, sentados, em pé, encostados. Querem e não querem se convencer. Temem acima de tudo a responsabilidade. Acostumados a obedecer, a só fazer o que se lhes pede, como de repente mudar, tomar uma atitude, uma decisão? E depois um respeito exagerado pelo patrão, por aquele homem que lhes parecia dono deles, senhor e protetor, que lhes dava alimento e trabalho, que, achavam, precisavam respeitar, acatar. Donde terá vindo isso não se sabe. Pois que antes, com certeza, não era assim. Todos eram iguais, vindos de um mesmo destino, à procura de uma nova vida. Quando surgira a diferença? Não sabiam. Sabiam que esse respeito exagerado e absurdo ainda os retém, os impede de agir, lhes tolhe os movimentos. Afinal — arranjam como último argumento — "seu" Jango querendo botar todos eles pra rua. É ou não é verdade?

"E até que não é mau homem?"— outros acrescentam.

"Serve a gente quando precisamos!" — aduzem.

Apontavam o dedo para Leopoldo, acusando-o, exigindo uma resposta.

"— É ou não é verdade?"

Leopoldo busca palavras, quer provar que não. Particularmente nada tinha contra "seu" Jango. Quer deixar

isto bem claro. Não é contra "seu" Jango, é contra um sistema. E se "seu" Jango é que é este sistema, tanto pior. Mas não, não é bem isto. Deixemos por ora esta questão de lado. Vamos a outro ponto. "Eles é que alimentam "seu" Jango e os demais iguais a ele, a custa deles empregados vivem os "seus" Jangos do mundo. São sanguessugas, donos do mundo, de um mundo cheio de desigualdades e injustiças, donos do mundo, refastelados em suas posições de mando, se alimentando do suor dos operários, dos empregados". Leopoldo se exalta, gesticula, para, escolhe as palavras, tem alguma dificuldade em se exprimir, em especial quando alguma coisa o enerva, como agora.

— Mas "seu" Jango — procura Leopoldo frisar, esclarecer para ser justo — é uma gota de água no oceano, se bem que no caso deles a gota de água que fará transbordar o oceano e afogá-los. Uma gota d'água "seu" Jango, da mesma forma que eles outra gota d'água entre o número infindo dos assalariados espalhado pelo mundo todo, sofrendo privações e vexames, vivendo em condições idênticas ou piores. Há os grandes mandões de fora, e os grandes aglomerados de operários, vivendo miseravelmente para que a meia dúzia de mandões se banqueteie e tripudie por sobre a miséria. Mas embora necessário dar uma visão geral, um rápido panorama, é preciso não se perder, não divagar muito e tratar logo do caso local, deles, com objetividade. Um caso local e que tem características próprias. Necessitando de análise apropriada. Leopoldo pensa. Como exemplificar no caso deles, de maneira simples e que todos compreendam? Sim, por sobre eles que ali estão existem os "seus Jangos". Mas por sobre os "seus Jangos" existem os donos

dos grandes barcos. E por sobre estes ainda existem os grandes monopólios estrangeiros. Como sair da entalada? Os grandes barcos podem ficar dias e dias no mar, pescando. Possuem enormes geladeiras onde o peixe é conservado; possuem redes e espinhéis aperfeiçoados, possuem aquelas modernas traineiras, não precisam vir à praia recolher o peixe; possuem outros apetrechos. Vêm pescar para as grandes firmas de fora, levam grande parte do peixe, pescando em dias o que eles levariam semanas, espantando o resto e os deixam a eles, antigos moradores da vila, na maior miséria. Leopoldo se emaranha nos próprios pensamentos. Tem mais ou menos visão do problema, mas ao tentar explicá-lo se enreda. Recomeça. Com toda a cautela. Aborda outro aspecto que o levara ao ponto desejado.

Por gerações que eles vivem ali. Desde sempre se recordam de terem vivido da pesca, do peixe, não pescando a não ser na época, usando redes apropriadas por onde o peixe miúdo possa escapar, para não prejudicar as safras seguintes, trabalhando com carinho o mar, cuidando-o como a um amigo ou parente muito querido, vivendo e morrendo do mar. Ah, como amam ver as mantas de peixe correndo... Depois cercá-las, rodeá-las, conduzi-las à terra. As mantas passam longe, é preciso ir buscá-las, não deixá-las escapar. O peixe, contudo, por baixo e por cima da rede vai saltando, e a última rede é a que pega a maior quantidade; às vezes a força das mantas é tamanha que arrebenta a rede e o peixe se vai. É uma luta igual, equilibrada. Noutras vezes, quando os homens põem os pés na chumbada e as mãos na cortiça, se ainda é um bocado fora, lá longe, há perigo de serem carregados pela

manta enfurecida e desnorteada. Há lances de 10 mil e mais peixes, que se espremem nas redes enormes de 11 e mais braças. Depois as festas comemorativas, espécie de agradecimento pela dádiva que representa o peixe para a população ribeirinha. E agora?

Agora...

Mas não, para onde, o ia conduzindo a imaginação e o devaneio!

"Voltemos — pensa — voltemos à realidade".

No meio deles o inimigo, de sempre, com o qual já se acostumaram, o patrão, dono das lanchas. E de fora, este outro inimigo tão ou mais temeroso, cujo poder eles mal podem calcular: os donos dos grandes barcos. Contra estes últimos era preciso também lutar. Ou mais especialmente. E aproveitar-se deles, da chance que lhes ofereciam, para mudar a face das coisas, iniciar a transformação que se fazia necessária... Porque senão até a precaríssima vida que levavam sossobraria. Com os patrões se iriam eles. Não adiantava, bem tinham visto, apelar para a autoridade. A autoridade dá ganho de causa, sempre e sempre, aos poderosos. Vivem mancomunados para explorar os pequenos. Estes precisam se unir, defenderem-se. Qualquer dia, não duvidassem, ainda acabariam por lhes proibir a pesca, dando tudo, toda a liberdade, todos os privilégios, aos outros. E tacando-os na cadeia se fosse reclamar.

Havia mais: o peixe assim pescado ia na sua totalidade para fora, para os outros estados, deixando não só a vila, mas muitos outros, todos os municípios circunvizinhos, em falta.

Onde iriam eles arranjar o pouco dinheiro para comprar alimentos, roupas, remédios, se agora em plena

safra nada faziam? Do que iriam viver? Só roubando. Mas roubando o quê? De quem?

Era possível? Era possível continuar assim?

Entreolharam-se. Mudos.

A pergunta fica no ar.

Leopoldo ergue os braços. Centro de todos, coça a cabeça, procura as palavras mais simples, os vocábulos mais claros e exatos, os termos mais precisos, quer ser o mais objetivo e prático possível. Também ele sente dificuldades em se expressar, mexe e remexe na cabeça, sem nada sair, o cérebro não o auxilia. Procura relembrar antigas conversas com amigos em Santos. Ou leituras que fizera. Mas vê que na prática é diferente, não chega a dizer que o que aprendera não o ajuda, ajuda, sim, mas pouco, para cada caso diferente deve haver, há, maneiras diferentes e próprias de agir. É preciso adaptar. Alguma coisa ele resolve intuitivamente, por instinto. Mas o resto? Onde buscar ajuda?

Se tivesse ali alguns dos companheiros? Quer se colocar no lugar deles, que fariam em situação idêntica? Mas talvez não, não saberiam, pois o ambiente deles é diverso, e teoria não basta, é preciso conhecimento da coisa.

Para um pouco, olha para fora, parecendo buscar inspiração. A chuva tomba com violência, o vento sopra, as grandes ondas se esparramam por sobre a praia, e as pedras vem lamber casas e ranchos. A espuma tem uma cor levemente leitosa, de clara batida, agradável a vista. E mais ainda o deverá ser ao tato. Que bom não seria esquecer tudo e ficar olhando a natureza! Num escapismo tentador. Leopoldo se volta para os companheiros, fixa-

-os um a um, como a espera de auxílio. Todos estão pendentes dos lábios dele, contam com ele. Do que ele disser dependerão os acontecimentos que se seguirão. Lembra-se da opinião de um amigo, conselho dado quando, se encontrara pela primeira vez em dificuldade:

"— Quando tiveres alguma dificuldade, começa tudo de novo e vai pedindo a opinião dos outros. Duas cabeças pensam melhor do que uma e três melhor do que duas. O resto é besteira. Ninguém faz nada por si mesmo. As descobertas individuais nunca são individuais, mas sim experiência de muitos e que um conclui".

— Atenção, vamos ver tudo de novo, vamos estudar com toda a calma... — começa.

II

Ti Zé olha espantado para aquele movimento insólito. Não sabe o que dizer nem fazer. Escuta com ar de profundo espanto as palavras de Leopoldo. Sem saber porque fica com medo. Medo de "seu" Jango, do Lola, dos outros. Mas faz um esforço para nada demonstrar. Não está aqui quem escutou e pensou. Ademais, é desta pobre gente que ele se mantém. São os seus fregueses. Se mais dinheiro tiverem, se as condições melhorarem, mais ele venderá. Os ricaços não lhe vão à venda, compram tudo fora ou preferem o Elias turco. Nem se lembram da existência de Ti Zé. Ainda assim, se Lola quisesse podia botá-lo pra fora dali, liquidar com ele. Não deixava ninguém comprar na venda dele. Impedia os homens de... Daí... Mas corta o pensamento, não pode prosseguir. Volta a escutar a parolagem de Leopoldo. Parolagem! E se

interessa. Mesmo sem querer. Fica muito atento, muito espantado. Ora, quem diria — e coça a careca bem pronunciada, num gesto característico — quem haveria de dizer? Este menino saído ontem dos cueiros, que eu vi se rebolando pelas praias a brincar e colher ostras, jogando futebol no pastinho, aqui mandando e a dar ordens pra homens que podiam até ser pais dele. Que pais que nada! Mais que pais. Avós, bisavós. O mundo está mesmo virado, dá cada volta...

— Quem haverá de dizer! — exclama quase em voz alta...

Ali está o Lopes, caladão, trabalhador como ele só, com a mulher resmungona, um batalhão de filhos formando escada, mais a sogra; sentado um tantito além o Pedro da Tia Nastácia, que vive junto com a filha do Fernando pisca-pisca; do lado de dentro do balcão, entre outros, ali bem perto dele, refastelado como se fosse o dono de tudo, o sacana do Liberato, que melhor faria se pagasse aquele restinho de conta já criando uma barbinha respeitável; mais além o Bernardo, aquele um com cara de sonso, sonso uma ova, carregou a mulher do Pedro lamparina; num canto, sentado num caixote de querosene, a picar fumo para o palheiro, o Lucas, que cede parte do fumo para o Manuel encher o cachimbo. E outros e outros, todos conhecidos, pois numa vila assim todos se conhecem, sabem as mútuas histórias, acabam meio aparentados. Todos inteirados da vida, dos interesses, das dificuldades, das alegrias e tristezas de todos. E todos empregados de "seu" Jango.

Por outros botecos andarão certamente empregados do Pedro Salgado, do "seu" Tomás. Que discutirão? Terá

o amigo de Leopoldo, aquele um mulato, conseguido convencê-los, saberia ele explicar, discutir...? Se o próprio Leopoldo estava tendo tantas dificuldades.

III

Lá para dentro, corre-correndo, a mulher de Ti Zé trabalha. Varre, limpa, cozinha, resmunga com os filhos. Com a vassoura encostada ao queixo, agora parou por um momento e olha pela janela para a chuva que despenca alagando tudo. Pensa nos filhos, no filho mais velho, onde andará por estas horas, em que terra, sem dar notícias, que fará? Choverá onde ele se encontra, a esta hora? Lembra-se do horror do filho quando chovia, trancava-se no quarto e não queria ver ninguém, o tempo embaciado atuando-lhe sobre os nervos, tornando-o insuportável, ele que era geralmente tão calmo. Pensa na filha casada, morando no "Canto de Ganchos", dependendo, como ela, dos pescadores. Sua imaginação, veloz, salta logo para os filhos menores, ali a encrencarem, não puderam ir à escola devido à chuva. Ah, como ela odeia a chuva, mas por um motivo tão diferente do filho. Se mais não fosse, os incômodos, a sujeira em tudo, tudo úmido, pegajoso e desagradável, o tempo se arrastando pachorrentamente, em especial por isto que ali está, por impedir as crianças de irem à aula, de saírem de casa. Criança em casa em dia de chuva é o maior martírio na vida de um cristão. Fazem só o que não devem, andam e desandam, sujam o que se acabou de limpar, mexem uns com os outros, até que acabam por se atracar. E então haja um filho de Deus a aguentar a berraçada. Uns pestes, uns verdadeiros demônios...

— Mãe, olha o... a inticar comigo! — exclama um.

— Inticar eu, inticar eu, ôcha que tens corage! — diz o outro.

— Anh, anh, anh, anh! — choraminga a mais mocinha.

— Cavalinho, upa cavalinho bom — passa o primeiro, montado numa acha de lenha.

Ela ouve e não ouve os filhos, perdida em devaneios, longe.

Uma palavra mais alta de Liberato, verdadeiro berro — que mania tem este fulano de só falar aos gritos! — fá-la voltar à realidade circundante. Acha absurdo o que aqueles homens pretendem fazer. Loucura. Não entendeu muito bem. Felizmente. O que não é sabido... Parece que ainda não chegaram a um acordo. Tanto tempo estão ali! Já se vê, não é coisa boa. Deviam tratar de coisas sérias, não destas bobagens de... Contudo... que a coisa vai mal, isto... cala-te boca, não escutei nada, não fui chamada e não vou me meter. Imagine que não diria a comadre Minervina! Sempre me fala que estas coisas de descontentamentos só servem pra atrapalhar a vida da gente. E como já anda ela atrapalhada! Mas quem sou eu pra ir falar, pra ir contar, pra ir meter a minha colher torta! Deus me livre e guarde! Depois, entendo alguma coisa de tudo aquilo? Deixa, lá eles são brancos, se entendem.

Um sorriso triste lhe cruza a boca murcha, sem dentes. Mastiga no nada, os olhos piscos e móveis têm um brilho fugaz, deixa a vassoura num canto, vai espertar o fogo, volta, senta, começa a remendar velhos trapos enquanto ralha com os filhos que não param de a incomodar. Naquele monótono erguer e baixar da agulha vai re-

lembrando fatos do passado: se vê menina, moça; e agora se revê, como num espelho, em situação idêntica à da mãe. Apenas não casara com pescador. Mas com um homem que dependia dos pescadores. O que acabava dando no mesmo. Qual a diferença? Só o perigo, menor no seu caso. Volta a se rever moça, entre os irmãos, em casa do pai, um velho e estimado pescador, dos raros donos de canoa, com sua tarrafazinha, tudo bem apetrechado, dando-lhes assim um viver mais folgado. Além do mais trabalhava, também, nas horas vagas, de carpinteiro, fazendo rústicos móveis e consertos para a vizinhança. Ela estava estudando, aprendia com facilidade. Um dia o pai partiu para o mar e não voltou. Uma tempestade, destas que surgem sem se esperar, alcançou-o. Embora tentassem foi impossível qualquer socorro. Poderia ter voltado, mas se descuidara, não julgara que a tempestade fosse tão forte ou demorasse tanto. Viu-a, certamente, pois todos a viram aproximar-se, mas deixou-se estar para mais umas tarrafadas. Deu na Ponta de Ganchos, dias depois, comido pelos peixes. E a canoa, até hoje esperam por ela. A mãe ficou só, com filhos pequenos por criar, ela a maiorzinha, pouco ajudando. A mãe não arranjou outro companheiro. Mesmo porque, apesar de não ser tão velha, estava gasta, acabada, carregada de filhos. E veio a miséria, a fome. Foram vendendo o que tinham. Sempre pior. A ajuda dada pelos vizinhos era mínima, pois todos tinham que pensar em si próprios, em se manterem. História banal, sem graça nem novidade para a zona, batida, desagradável mas que não impressionava, igual a centenas de outras acontecidas por ali. A mãe criou-os sabe lá Deus como. Melhor: criaram-se. Crescidos, os rapazes

sumiram-se, ficou ela com a mãe. Um dia viu Ti Zé... não, naquela época era só Zé, o Ti veio anos depois. Chegara há pouco de fora. Gostaram-se. Namoro, casamento, a pequena vendola adquirida com o saldo do ganho nas pescarias de Rio Grande, os filhos surgindo, certos, pontuais, anualmente, os primeiros cabelos brancos e as primeiras rugas, no companheiro a careca e a barriga (sem a competente prosperidade)... quantos anos já? Olha para os filhos com um olhar vago, distante. Lembra-se dos ausentes. Um fugira, o mais velho, o preferido, não dava notícias, estaria vivo ou morto? A outra casara quase menina. Bem, esta pelo menos já tem vida assentada, embora precária. Mas estes menores, que será deles quando crescerem, com tudo piorando dia a dia, com ameaças se acumulando por todos os cantos, sem uma abertura, sem um claro mostrando uma esperança — pensa, olhando para a cria menor agora montada no cabo da vassoura, rindo despreocupadamente. E numa repetição de si mesma imagina a vida da filha casada. Avó, mãe, filha, neta, tudo igual, tudo pior. Sem vislumbrar qualquer possibilidade de melhoria. Que fazer? Continua a costura, enquanto o pai lhe surge do fundo da memória, das brumas do passado, com aquele seu ar calmo e bom, e a mãe, morta pouco depois do casamento dela, passa também, com aquele seu passo tardo, arrastado, seu jeito conformado.

— Então, bem, está combinado... vamos pensar... tem que ser... — vem uma voz lá de dentro, da venda. Ela se assusta, larga a costura, repara que é tarde, da cozinha vem um cheiro de comida queimada, vai preparar a mesa, olha o fogo que rebrilha. Os filhos rodeiam-na. A vida comum, o dia a dia, domina-a.

Os homens principiam a sair. Correm para escapar da chuva, menos violenta mas insistindo. Alguns usam velhos casacões de marinheiro, heranças, de melhores eras; outros, antiquíssimos guarda-chuvas que balouçam doidamente a luz difusa; poucos, chapéus desabados para o rosto; enquanto a maioria vai mesmo sob a chuva que voltou a ser torrencial.

IV

Leopoldo chegou em casa encharcado. Tirou o casaco, pendurou-o numa cadeira. A mulher, com o filho pequeno ao colo, esperava-o.

Sair com uma chuvarada destas! E então? — perguntou, ajudando-o a tirar o paletó.

— Não sei ainda. Ficou outra vez para ser combinado. Vão pensar. Há uns vacilantes, como sempre. É o diabo. É preciso fazer alguma coisa, convencer esta gente. Logo. Pra maioria está, posso dizer, combinado. Compreenderam. Podem não aceitar tudo, mas isto virá com o tempo. Mas no caso não basta a maioria, precisa ser todo mundo. Todo mundo ou ninguém. Fazer...

— Fazer o que, homem! Não achas que estás te arriscando demais, em vão? E só. Os outros puxando para trás. Não quero dizer nada, me meter. Mas pensa um pouco, pensa um pouco nas crianças, em... em... em mim, em nós. Eu...

— É isto precisamente que estou fazendo. Me arriscando? Como? Não podemos ficar assim, bem vês. E sempre, em qualquer época, para conseguir alguma coisa, todos se arriscam. Todos nos arriscamos, uns mais, outros menos. De outro jeito nada se consegue. As coisas

não vem pra mão da gente por milagre; pelo contrário, até lutando se custa. Se só com palavras se pudesse conseguir tudo, seria bem melhor. Infelizmente, por enquanto, só com muita luta e decisão teremos algumas vitórias.

Sentou-se no tamborete baixo, abriu os braços num gesto amplo, indicando tudo, como querendo mostrar à mulher a impossibilidade de se continuar naquela vida, sem tentar algo. Para pior era impossível, parecia querer dizer. Tinha-se que realizar alguma coisa, abrir um caminho por onde os outros continuariam. E animando, convencendo a mulher, procurava se animar, se convencer, liquidar com o resto de pessimismo que o assaltava.

— Sim, temos que fazer alguma coisa — repetiu, quem sabe mais para si mesmo.

Às vezes duvidava de suas forças, desanimava, um fundo desalento dominando-o. Tinha vontade de largar tudo, mudar-se. Mas para onde? Aonde seria diferente? Chamava-se de covarde, abandonar a luta. Mesmo que lhe fosse possível conseguir uma posição mais estável não devia fazer isto. Estaria traindo os companheiros, traindo os ideais em que acreditava, se traindo.

— Vamos pra diante que nosso dia não tarda a chegar. Isto mudará!

"Isto" era a vida de todos eles, as casas onde moravam, o que comiam e vestiam, o que aprendiam.

A casa compunha-se de um quarto, saleta, cozinha. No quarto, dormiam os dois, mais os três filhos. Na cozinha atravancada, uma pequena mesa, o fogão de tripé, um guarda-louça feito de caixotes de sabão, alguma louça lascada. Do fogão desprendia-se uma fumaça densa, por causa da lenha molhada, que deixava os olhos cons-

tantemente avermelhados e escorrendo. Na saleta, uma mesinha, meia dúzia de cadeiras de palha, um vaso com flores, uma toalha bordada. Em tudo, um certo ar de limpeza, de arrumação e asseio.

Sentados, quietos, os dois filhos maiores, caras tristonhas, observam. O terceiro, largado no chão, chora. Num choro manso, sentido.

Leopoldo, agora de pé, olhando para fora, se lembra de Santos, onde chegara sob um temporal. A cidade lhe aparecera embaciada, os grandes prédios cobertos por uma camada de nuvens baixas, as pessoas correndo sob a chuva, um sem-número de negros guarda-chuvas balouçando e avançando que nem bando de urubus a dominar a cidade desprevenida. Sempre que se lembra de Santos é esta a imagem que primeiro lhe surge. Recorda-se dos primeiros tempos, dos grandes sonhos, das esperanças nos seus músculos de homem novo e forte, confiante em si mesmo, otimista na sua mocidade e ingenuidade, afeito ao mais pesado trabalho, sem estranhar. Depois os primeiros companheiros de infortúnio, o passar dos dias, dos meses. A impressão, dominando-o gradativamente, de que tudo e inútil, pois por mais força que se faça, mais vontade que se tenha, há sempre, do outro lado, milhares de forças adversas, contrárias, e sinais fortes, que acabam por nos dominar. Um fundo desalento vem. Um desespero, por não se poder dominar as forças retrógradas. Aí abandonou tudo, vivia largado pelo cais, trabalhando um dia, quando muito, por semana, vivendo de expedientes, de golpes mais ou menos legais. Certo dia encontrou um antigo companheiro de trabalho. Foram a um bar, beberam e conversaram. Conversa vai conversa vem, viu-se

metido em discussões que não esperava. Ideias estranhas, opiniões arrojadas, tinha o outro. Mas que faziam pensar. Separaram-se não sem antes combinarem onde se poderiam ver de novo. Leopoldo ficou aguardando o novo encontro com ansiedade, não podia esquecer-se da conversa. Os encontros se amiudaram. Saía deles com esperanças renovadas, confiante, uma fé no futuro, um desejo de contribuir, de auxiliar com seu quinhão na modificação do estado de coisas. E com renovada vontade de tentar se reabilitar, esquecer o recente passado do qual passara a se envergonhar. Recomeçou a trabalhar, tendo agora uma finalidade na vida. Trabalho modesto, conseguido pelo amigo. A primeira coisa que encontrou. Mas não se preocupava, perdera aquele orgulho besta, via que não era o gênero de trabalho que realizamos o que mais importa, mas a qualidade do mesmo, como o realizamos e a consciência que disto temos. Qualquer trabalho tem a mesma importância e utilidade pensava agora. Sentia-se em paz consigo mesmo, com o mundo. Via os problemas com outros olhos, parecia outro. Foi aprendendo, percebendo certos aspectos ignorados, tirando conclusões novas e exatas. Interessando-se pelo que o rodeava, ampliando sua visão do mundo, não o vendo mais limitado, restrito, como antes. Levava a sério sua tarefa. Não que pensasse ficar naquilo. Muito pelo contrário. Suas ambições aumentaram, mas tomaram um outro rumo. Entrou em contato com outros elementos apresentados pelo primeiro amigo, foi a reuniões onde múltiplas questões eram debatidas, tomou parte, opinou, não era um elemento passivo, número morto, zero à esquerda. Mas alguém, cônscio de suas responsabilidades de homem.

Frequentou cursos, leu, estudou. Era de inteligência viva, captava com extrema felicidade as coisas, tinha boa memória para gravar e apreender logo as questões mais complexas. Porém, nem tudo eram flores, embora se jurasse que não era assim, embora se esforçasse por se enganar. Continuava com aquele fundo de pessimismo que visitava periodicamente, abatendo-o. Seria aquilo parte integrante dele, quem sabe herança, quem sabe...? Não, absurdo! Não, absurdo! Tinha esperança de, com o tempo, conseguir vencer... Mas não, outra vez sua má estrela entrou em ação. Só a isto poderia atribuir o fato.

Foi o caso que um dia, quando preparavam uma manifestação contra uma arbitrariedade, a polícia deu uma batida, que acabou degenerando em pancadaria grossa, dizem que até mortes houve de ambos os lados. A verdade é que, embora prevenido da possibilidade de ocorrer algo semelhante, embora sabendo que mais cedo ou mais tarde deveria acontecer algo semelhante e ele estaria no meio, não estava psicologicamente preparado. Não sabe imaginar como tudo teve começo. Quando viu foi aquela multidão e ele no meio, acovardado, tremendo, um medo sem nome. Corre-corre, avanços, recuos, um bolo em cada canto, gritaria, choros e pragas. A polícia atacou de rijo, a cacete e bala — balas para o alto, disseram depois os jornais — enquanto eles, desarmados, desprevenidos, foram obrigados a se defender de qualquer maneira. Logo, inesperadamente, como começara, o pega terminou. Muitos presos, muitos feridos, mortos, quem pode escapou. Debandaram. Ele um dos mais implicados na história. Não lhe davam o nome, não sabiam, mas falavam num dos líderes do movimento, o que era mais do que exagero. Procu-

rado. Conseguira se safar não sabe como, esteve escondido uns tempos na casa de um companheiro desconhecido. Saiu de Santos logo que pode, às pressas, mas na pressa se esquecera até de levar qualquer ligação; foi para o Rio, logo o dinheiro se esgotou, ele com medo de se mostrar, nada conseguiu, não tinha conhecidos. E intimidara-se. Acima de tudo estava com um medo pânico e uma vergonha maior que o medo. Via-se pusilânime, num desejo louco de se esconder ou estar a quilômetros dali, enquanto os outros resistiam, se protegendo uns aos outros. Firmes. Que lhe acontecera? Nunca havia afrouxado, se lembrava da sua fama de brigão, de valente. Por que ali...? Mas ali era diferente, via agora. Diferente. Não bastava essa coragem exterior. Era necessária alguma coisa de mais intimo, de...

E sempre com aquela maldita ideia a persegui-lo — "será que matei um homem, será?" — de nada se lembrava. Só se recorda da confusão enorme, um rolo tremendo, braços, pernas, cabeças, rostos, socos, socos, gritos, como num pesadelo, ele com um porrete na mão em meio daquilo tudo, se defendendo à medida que ia recuando. Ainda agora tudo lhe surgia da mesma forma confusa, nebulosa. As cenas sem uma sequência lógica, mas se entrelaçando, se intercalando, recuando ou avançando, umas, sem importância, sumamente nítidas, como por exemplo aquele malandro que se aproveitara do rolo para apertar o seio de uma moça, cena entrevista num ápice mas que se gravara de forma indelével. Enquanto isto, outras, capitais, sem o mínimo de contorno, de nitidez. Por que isto? Cacete descendo, ele a recuar, a cabeça estalando, miolos saltando, ele se interrogava nas noites insones. O pisando por sobre eles, e correndo, com

aquela massa esbranquiçada e pegajosa a prejudicar-lhe a corrida, a denunciá-lo, parecendo-lhe goma, a querer grudá-lo ao chão. Sonho ou realidade? Depois correrias pelo cais, ao anoitecer, se esgueirando, as primeiras luzes alongando-lhe a sombra que lhe corria ora adiante ora atrás, outras sombras passando, recuando. Depois cada qual procurando se esconder, depois o encontro inesperado com o companheiro, depois as grandes manchetes dos jornais, depois a saída na calada da noite...

Do Rio, perdidas todas as ligações com os companheiros, e na verdade um pouco temeroso, sem muita vontade de refazê-las, voltou para o seu estado natal, esteve durante algum tempo em Florianópolis, passou-se para Biguaçu, onde tinha parentes, acabou em Ganchos.

— Seria ainda medo? — se põe às vezes a matutar. Que aconteceria se todos fizessem o mesmo, desertassem de suas posições, abandonassem seus postos? Para que terá ele lido, estudado, frequentado cursos, discutido noites e noites? Não será mais uma desculpa isto de se julgar necessário aqui onde está?

Procura ignorar, não quer saber de se aprofundar nestes problemas.

Mas que fazer na situação dele?

E se procura desculpas, explicações. Discute consigo mesmo, e ele seu acusador e seu defensor, também quer ser o juiz, mas não chega a uma conclusão. Se tivesse alguém íntimo, de confiança, com quem se abrir!

Outra vez porém o mesmo problema: se precisa de desculpas e explicações é porque...

Não termina o pensamento.

Ponto final.

Mudemos de assunto, onde coragem para encarar de frente a crise? Não tinha ninguém ali, órfão, sem irmãos nem parentes próximos. Casou.

Tem obrigações para com os seus, e tratar de não se imiscuir em confusões, não se meter muito a fundo em problemas que só lhe poderão trazer complicações e incômodos. Mas então, deixar tudo como está, sem mover uma palha? Ele que sabe que tudo está errado. Se ele não se mexe, não procura ajudar a esclarecer, ali, quem então?

— Não senhora, que deixe disso que nada, que arriscar nem meio arriscar! — exclama para a mulher.

Esta, espantada, toma um susto, a princípio nem se lembra a que o marido se referia, já se havia esquecido. Também não compreende o porquê da irritação. E ainda menos o não ser para ela que o marido fala, mas para si próprio, procurando terminar de se convencer, chegar a uma solução.

A mulher larga o filho menor que tomara nos braços para acalentar, põe a comida na mesa: pedaço de charque assado ao espeto, farinha e água para o pirão, bananas, um café ralo. E ainda se devem dar por muito felizes, pois casas há, em grande número, onde nem metade de semelhante luxo existe.

É mais um argumento para Leopoldo — que mastiga furiosamente.

Até as crianças estão caladas.

E terminam de comer em silêncio, matutando.

Leopoldo se levanta, pega no filho mais moço, vai distraí-lo enquanto a mulher lava a louça. E este, dos filhos, o mais parecido com ele. Apenas mais magro, me-

nos vivo. Se bem se lembra, com a idade do filho já caminhava. E bem.

Põe a criança no chão e tenta fazê-la andar. Em vão. O pequeno arrasta-se, os dois mais velhinhos juntam-se-lhe e começam a brincar.

V

Na pensão, a professorinha joga paciência e boceja. Que tédio! Nada entende daquela vida, não procura entender, não se pode acomodar, acostumar. Onde a tão decantada beleza da vida marítima? Só vê tristezas, miséria. Relembra trechos de livros, de seletas, descrições poetizadoras. Tudo falso, absurdo. Que dizem mesmo? Procura se recordar. Voltemos ao campo; voltemos à praia; voltemos ao convívio bom e ameno da natureza que é o paraíso. Voltemos ao ar puro e livre, longe do bulício da cidade. Besteira grossa! Mira e remira, se interroga. Interroga a paisagem em derredor. Por mais que queira nada vê do que dizem. Dentro dela tudo e revolta, má vontade, incompreensão e despeito. E pensa: os livros falseiam a vida, deturpam-na. Embelezam-na sem motivo, torpemente, enganadoramente. Salsugem, espuma doirada beijando a areia, beleza da tarde morrendo lentamente, lua refletida nas águas doirando-a, vento que beija e acaricia, sussurro da folhagem... Tudo literatice, tudo lugar comum, chavão, banalidade, engodo para neném de colo. As pessoas, por uma espécie muito comum de deturpação, se acostumam a ver assim vesgamente, a ver assim porque os outros lhes dizem, lhes ensinam, desde peque-

nas, que devem ver assim e que assim é o certo. Quantas ideias absurdas e falsas nos metem na cabeça!

Gostaria de voltar para Biguaçu. Lá sempre há alguma coisa para fazer, amigas com quem conversar, descer até o jardinzinho e ficar andando de um lado para outro, observar os ônibus passarem, vindos de Curitiba, São Paulo, Rio, Porto Alegre, sentir na poeira que trazem a sensação das viagens sempre sonhadas e irrealizadas. Ficar-se imaginando viagens, aventuras. Construir um príncipe encantado que a virá descobrir ali e a tirar daquela vida vazia. Com a distância as coisas lhe aparecem aformoseadas — e é uma Biguaçu que só existe na imaginação dela a que ela agora vê. Sorri. Estendida na cama, cenas e sensações desfilando diante dela, dentro dela, possuindo-a. Mas logo boceja de novo, grandemente entediada, se ergue, chega-se à janela, fica olhando para fora. Escuro, até parece noite. Chuva. O vento continua violento, varrendo tudo à sua passagem. Força os olhos. Nada consegue enxergar. Mas haverá o que enxergar? Certo que não. Contudo odeia principalmente os dias de chuva e vento. Ficar em casa sem nada fazer. Pelo menos nos dias bons vai dar aula, se preocupa com a criançada, reclama, grita, esquece-se de si mesma e de tudo que a cerca, vinga-se neles do fracasso de sua vida.

Sim, a distância tudo metamorfoseia. Biguaçu, cidade pobre, sem maiores atrativos, que ela comumente detesta, agora, por motivo da mudança forçada, lhe aparece cheia de encantos sutis e inexprimíveis.. Gostaria de estar lá, mesmo com chuva. Ficar em casa estirada folheando um livro, ou sair, dar uma corrida até a casa de uma amiga. Revê o bairro em que morava, as casas desirmanadas

e tristes, velhas e feias, os interiores pobres, a vida medíocre que levavam. Revê as pessoas, se revê menina e moça. Sorri.

Uma lufada mais forte de vento, alguns pingos d'água no rosto — e tudo se desvanece. Volta ao quarto...

E então aquele horrível, desagradável, irritante odor de mar e peixe semideteriorado, agora, mais violentamente lhe chega às narinas, em mistura com o da querosene, com o da fumaça que se evola do lampião. Tem umas provas para corrigir. Acende a vela na cabeceira da cama, puxa a mesinha mais para perto, começa a remexer nas folhas. Mas não se sente com coragem. Pega uma e outra, larga-as. A luz da vela e frágil, o vento endoidecido lança sombras erradias pelas velhas paredes. Ela se estira na cama, olhos muito abertos, fica a pensar nos seus, no curso difícil e sem brilho, na formatura, na luta para conseguir uma vaga, nas insinuações de uns e outros para quem apelava, na desilusão quando se viu atirada neste "buraco", forçada quase a aceitar a nomeação, que mais fazer, no choro que a tomava durante os primeiros tempos, nunca se conformaria. Depois foi caindo numa apatia estranha, completa. Indiferente a tudo que a cercava. Inconscientemente seus olhos vagueiam, seguem o ir e vir da luz da vela, acompanham as sombras, enquanto o espermacete vai se derretendo, pingando pingo a pingo, formando curiosos desenhos no pratinho. A vida é triste, muito triste, pensa. Que vale viver? Se nada do que arquitetamos com tanto carinho se realiza, se todos somos uns frustrados! Não consegue nem procura compreender os demais, os outros, o povo que também luta e sofre — mas não desespera. Num egoísmo inconsciente, nem por isso

menos mesquinho, só se vê a si mesma, só em si mesma pensa e imagina que todos — deuses e homens — a perseguem, a escorraçam, a ela, particularmente a ela. Por que? Escolheram-na para mártir, para vítima. Mas ela, em absoluto, não tem vocação. Não! E procura um meio de alcançar a liberdade. Porém se sabe pusilânime, sem coragem para as grandes arrancadas, os grandes rasgos que de tudo libertam, amarrada a um pequeno círculo de antiquados e ultrapassados preconceitos. Burguesíssima. Então se isola, vive só, na sua casca, culpa os demais pela atitude da qual é a única culpada, torna-se sumamente antipática. Apesar de já ali há meses não ter amigas, não se ligou a ninguém, sempre sobranceira, pouco sai, sonha sempre com uma remoção que a virá beneficiar. Mas para onde irá? Onde encontrar o que busca? E encontrará? Ademais teme, com este seu gênio e os sonhos mais altos, teme, acima de tudo, embora ainda bem nova, teme ficar solteirona. É a espécie de pessoas que mais odeia. Solteirona! Largada pelos cantos, em casa de um e de outro, sem pouso fixo, sem nada de seu, vivendo de favor, olhada com risinhos, escarnecida, fanada, gasta, virgem, cheia de tiques e nervos!

Então sonha com um casamento... qualquer um... que a virá libertar. Mas logo quer escolher, quer o casamento e não um casamento.

Não sabe porque os homens não a procuram bastante. Isto desde os tempos de escola. Enquanto sua prima Lucy, menos bonita e inteligente, sem saber se arrumar, desleixada em tudo, vivia sempre rodeada, cercada de rapazes, transpirando sexo em tudo que dizia ou fazia, ela, a custo conseguia um namorado logo perdido para

as amiguinhas, muito embora fizesse o possível para ser agradável.

Sim, mudar. Irá quem sabe se para mais perto de uma grande cidade onde possa se expandir. Para longe daquele nauseabundo e perene odor de peixe semiapodrecido. Também não consegue descobrir a tão decantada poesia do mar. O mar só lhe causa enjoo, náusea, e pensar nele e pensar na travessia que terá de fazer quando for domingo em visita a família. Será que aproveitará a lancha que vai levar o pessoal para a festa de São Miguel? Boa oportunidade. Mas agora não quer pensar em semelhantes coisas. Está aborrecida, cansada, doente. Doente, talvez com febre, a cabeça ardendo. Vira-se de um lado para outro, fica de bruços, cobre os olhos com as mãos, volta a acompanhar, o balouço da vela e as sombras bailarinas, desvira-se, fixa as paredes gastas do teto, as teias de aranha, a caliça caindo e formando montinhos pelos cantos, o azul desbotado e o branco sujo; mira a cama onde está deitada, cama alta, antiga, a colcha amarfanhada, o colchão duro; observa exaustivamente todo o quarto velho e feio, pobre e infecto, de uma pobreza que enoja, que a torna mais sorumbática. Vai caindo numa semidormência, as coisas giram, giram, os objetos se diluem. Longínquos, se metamorfoseiam gradativamente, ela está num baile, é a rainha da festa, todos querem com ela dançar, é a mais bonita de todas, e a mais recatada, as mulheres a invejam e os homens a desejam, seus olhares de fogo penetram-na, despem-na. Dança, dança. Luzes, brilho, elegância. Dança, dança, nos braços de seu príncipe encantado, que lhe diz palavras que a entontecem. Ri, ri, de puro prazer, de pura alegria e felicidade.

Sente, agora, vagamente, a chuva tombar, o vento sacudir a janela, mas tão de leve, tão ao de leve, tão distante, como se fora uma carícia. Nada a poderá atingir. E ela está balançando, dançando, dançando, balançando.

Então se apaga a vela e ela dorme...

VI

"Seu" Jango, no salão de jantar, conversa com o amigo Lola. A mulher deixou-lhes ali uma providencial garrafa de caninha. "Seu" Jango anda preocupado e quer desabafar. Não há meio de engolir a danada da pílula da ideia. Duvida. Não tem lá muita confiança no plano que arquitetaram, qualquer coisa no íntimo lhe diz do perigo da mesma, das complicações posteriores, complicações esperadas e inesperadas, Teme mais essas últimas.

A chuva deixa-o nervoso, atua-lhe sobre os nervos esgotados pela tensão. Desassossegado. Há mais de dois meses que o peixe não dá nada, o mar não rende. E os gastos continuam. Como é possível lutar contra os grandes barcos a motor, com geladeiras, com as grandes e modernas traineiras, com tudo, que até com um tempo infame destes podem ficar lá fora, indiferentes e calmos, esperando melhoria, sem se preocuparem! Impossível não perder as estribeiras! Se fosse uma das lanchas deles pegada lá fora, com semelhante temporal, já todos temeriam não só pela lancha e apetrechos, mas pela vida dos homens. Quem já falar em pesca, quem?

— Ainda ontem foi aquilo que tu viu. Um rombo na rede grande de arrasto. Outro dia foi a lancha comprada do Pedro Tarquínio que começou a vazar água e se

teve que arcar com aquele despesão enorme, fazer uma reforma geral, o diabo. Do modo como vai e se nós não tomar uma providência bem logo, este ano não dá nem pras despesas, não dá nada, tudo é prejuízo, qualquer dia acordamos na praia, a ver navios.

— A ver os barcos a motor. Depois esses barcos, cá pra nós, são infernais — diz Lola, com um tanto de inveja e outro tanto de admiração. Nós de forma alguma podemos competir com eles. Jango...

Fica tão entusiasmado que não se aborrece, apenas constata um fato:

— Jango, estão acabando com a nossa vida, a nossa época; estamos ficando antiquados, é o nosso fim, "seu" Jango. Vamos ser superados, sabe lá o que é isto. Ou nos adaptamos ou... babau! Adeus. Se a gente pudesse lutar com eles em pé de igualdade! Aí não se tinha medo, mostrava-se pra esses sacanas o que vale um pescador. Eu bem que...

— Lutar como? Quanto não custa um barco daqueles? Quanto não custam todas as coisas que eles têm, só a traineira uma dinheirama.

— É. Deve ser um dinheirão danado. Deve. Parece que estamos perdidos "seu" Jango.

O tom não iludia "seu" Jango, apenas intimidava-o. E aquele "seu" inusitado, raramente empregado, só em ocasiões especiais, deixava-lhe um arrepio na espinha.

— Perdidos!

— Perdidos.

— Lola, nós... — começa "seu" Jango.

É interrompido.

— Eu — Lola dá uma tragada, pega no copo, fica olhando para a cana branquinha, procurando os pensa-

mentos ali, vira de um gole a metade — eu ando é pensando naquele nosso plano de dar uma lição nos sacanas, nos filhas da mãe.

Perdido, perdido e meio, tanto faz.

— Mas...

— Sei o que vai dizer, já discutimos muito isto, não vai resolver nada, mas é só pra ver a reação deles, a cara que vão fazer. E assim como um descargo de consciência. Mostrar pra eles que não podem vir aqui cagar na cabeça da gente e ficar se rindo impunemente como se a gente não fosse macho, mas privada deles. Privada só se a mãe. Até que vou ficar um bocado feliz, já andava meio chateado desta vida de boi morto. Chata. E além de tudo mostramos que ainda temos nem que seja um pingo de dignidade, não aceitamos de mãos cruzadas que nos venham tirar o peixe da boca.

— Dar uma lição, como?

— Ota, homem, já não te falei no outro dia, já não discutimos quantas vezes!

— Discutir discutimos, sei, mas é muito perigoso, Lola. E me parece inútil.

— Que perigoso nem meio perigoso. Vamos mostrar que somos machos, dar uma prova de...

— Me parece demonstração de exibicionismo.

— Eu... seu... que queres dizer... cagão. Bem sabia que tinhas medo, sempre foste um frouxo, um maricas. Mas não precisa, mesmo sem ti...

— Mas Lola, nada, nada, desculpa, escuta aqui, tem paciência homem, não precisas ficar assim, não é preciso ofender os outros, me deixa acabar. Temos que usar nossos homens, bem sabes. Agora escuta com calma. Aí está o

perigo. Eles que já andam não muito em paz depois da chegada do tal de Leopoldo, bem não queria eu empregá-lo, mas disseste que ele acalmava, que acalmou que nada, eles que andam murmurando sabe-se lá o que, reclamando das nossas condições, como se fosse coisa nova para eles e não viessem desde sempre trabalhando assim, descontentes, querendo não sei o que, achando que assim não podem viver, como vai ser se a gente usar eles, mais tarde...

— Afinal onde queres chegar homem! Vê se termina de uma vez. Mais tarde, mais tarde! Como vai ser? Não te entendo! O que for será, mais hoje mais amanhã, com ou sem o que quero fazer. Se conseguirmos expulsar, ao menos assustar os homens dos barcos, mais tarde nos arranjaremos com a gente daqui. O importante é mostrar pros sacanas de fora...

— Pensas mesmo assim?

— Assim o quê?

— Que vais poder depois controlar o nosso pessoal?

— Bem, já que perguntas, pensar não penso. Então, caramba, arranja uma solução melhor, salvadora, não fica aí a bancar o espírito de porco, choramingando.

— Não sei, não sei não, mas não está me agradando.

— E a mim, pensas que está?

Ficam calados, a bebericar. Não se fixam nos olhos, não querem insistir no assunto, é este um tema que quase nunca abordam, procuram uma saída airosa para o dilema.

— E nada de melhora neste maldito tempo... — deixa cair Lola. Chuva e vento. Um dia bom, três de chuva. Diacho. Este ano nada dá certo. Assim não há quem aguente! Será que amanhã vai melhorar? Já era tempo, mais do que tempo.

— Mas olha lá pras bandas de Florianópolis, vê como está clareando, as nuvens pretas sumindo, penso que vamos ter bom tempo, talvez firme.

— É. Parece que vai haver mudança. Mas por quanto tempo?

— Ah, isto é que não sei. Aí é que são elas.

VII

A dona da casa de cômodos, na saleta de frente, conversa com os dois moços de fora.

— Ah, no tempo do meu falecido era tudo diferente, ele animava a vila. Sim, até a vila era diferente. Um progresso, um movimento. Mais vida, muitas festas, danças. Eu vivia bem, tinha vestidos de seda e vidro de cheiro, nossa casa era das melhores, até empregada pra me servir eu tinha, quantas vezes fui na capital comprar novidades. Levava um vidão, não posso reclamar, o falecido me adorava, me tratava que nem princesa. Café de manhã na cama, queridinha pra lá, queridinha pra cá, só vendo pra crer. Tempinho bom aquele, não agora que tenho de viver no pesado. Peixe à farta, meu marido comprava pra revender. Agora vivo esquecida, no abandono, até os que viviam me chaleirando, pedinchando coisas, pedindo favores, se sumiram, uns ingratos. Vivo aqui cuidando da pensão, mal dá pra me manter, não estou acostumada à miséria, minha mesa era sempre de farturas, nem sei mesmo como não me mudei pra uma cidade maior, tenho minhas prendas, não me aperto. Isto está morto, acabado. Poderia me ir pra terra da minha família, não somos qualquer João ninguém, mas e, sabem, que me ca-

sei contra a vontade dos meus e não quero dar o braço a torcer. Depois não é só isto. Sentimentalismo, sabem, meu falecido gostava disto aqui, nunca, em vida, quis se mudar, esteve fora mas por pouco tempo, aqui está ele enterrado, aqui passei os meus melhores anos, não o quis deixar só. Vou sempre ao cemitério e me lembro da nossa vida tão feliz. Os senhores...

Os dois jovens não a escutam. Deixam que o palavreado jorre e jorre, passe por eles sem os atingir, semelhante a uma enxurrada da qual embora próximos estamos bem protegidos, abrigados, não nos importando a duração da mesma. Ademais, mesmo que queiramos, antes de decorrido determinado tempo, dela não nos poderemos livrar.

Estiveram percorrendo a vila, viram a pobreza de tudo, examinaram os menores recantos, falaram com os moradores e não sabem como agir.

A voz da velhota lhes chega vindo de muito longe, esganiçada, desagradável, comendo pedaços de letras, às vezes de frases, saltando períodos, recuando, avançando, coleante, naquele emaranhado que são as reminiscências e as fantasias.

— Então os senhores sempre vão trabalhar aqui?

Sorriem, não respondem, não entenderam, julgam que a velha permanece na fase das lembranças. E usam o mesmo sorriso mecânico, estereotipado.

— Então os senhores sempre vão trabalhar aqui? — insiste ela.

— Hein!?

— Os senhores pretendem sempre dar o espetáculo?

— Sim — diz o mais baixo, moreno de bigodes apa-

rados, de bom aspecto, bem apessoado, trinta anos mais ou menos.

— Sim — repete — estamos vendo se arranjamos o salão de baile daquele clube ali perto da ponte, não me lembro do nome.

— Aquele um que é também sede do clube de futebol — adiciona o outro, mulato muito alto, muitissimamente magro, com uma melenas enormes, uma cicatriz na face direita que vai quase de alto a baixo do rosto. Quando sorri, um sorrisinho miúdo e falso, sub-reptício como todo ele, a cicatriz também se abre, que nem uma estranha flor, tornando o rosto mais deformado, horrível de ver.

— Ah, já sei, sempre foram falar, conforme mandei, com presidente. Disseram que eu havia mandado e que estão hospedados na minha casa? Muito bem. O presidente foi unha com carne com o falecido — fez um gesto com a mão, para significar, para dar mais força ao que dizia, e pendeu a cabeça para um lado, puxando o lenço e parecendo verter uma furtiva lágrima. Mas logo reergueu a cabeça, ereta na cadeira, compenetrada, para mostrar a corajosa que ela era. E sorriu.

— Sim, foi fácil. Logo nos levaram para ver o lugar. Dianho, não é lá muito apropriado, a senhora sabe, mas que se vai fazer? Quem não tem cão caça com gato; e se não se tem gato, até mesmo com as mãos — deixa cair o mulato-da-cicatriz.

— A senhora compreende — sorri o moço-moreno-de-fora — para o nosso espetáculo ser dado de forma integral, em toda a sua pureza, precisaríamos de um palco especial e...

— Mas como é mesmo a coisa que eu ainda não entendi direito, não consegui pegar quase nada da explicação?

— Ilusionismo e magia, minha senhora, diz o moço-moreno de-fora, que não parece ter gostado muito da interrupção. Mas em todo caso toma um ar profissional. Cala-se, pensa um pouco, mão espalmada no joelho, cabeça pendida para o lado do companheiro, sonhadoramente, como se refletisse no que vai dizer.

Ilusionismo e magia — repete. Estivemos em países estrangeiros durante anos, nos aperfeiçoando, estudando para a realização dos números que vimos apresentando, divulgando pelo Brasil inteiro. Já estivemos nas principais cidades. Meu companheiro, antes de iniciar sua peregrinação, esteve por dois anos na Índia milenária e misteriosa, foi lá que ganhou a cicatriz, esteve também longo tempo recluso, solitário, em profunda meditação. Eu também estive por mais de dois anos nos Estados Unidos, em visita ao nosso grande irmão e protetor do norte, que civilização minha senhora, que força e vigor, os americanos do norte, guieiros espirituais da humanidade ocidental, aquilo sim é que é cultura que nos devemos imitar, com eles aprender... Não quero que pense que digo isto somente porque estive lá. Não! Mas...

— E que coisas aprendemos, como aprendemos... — interrompe-o o outro.

— O que eu não compreendo, me desculpem a franqueza, é porque tendo tanto lugar grande por este mundo de Deus, pra trabalhar, vieram logo se enfurnar neste cafundó dos diabos, neste buraco, neste fim de mundo onde

o tinhoso perdeu as botas. Ainda se fosse uns anos antes, quando...

Os dois se entreolham, não deixam que a velhota continue, é o moreno quem responde:

— É que não estamos viajando unicamente com o fito prosaico de ganhar dinheiro. Na verdade pouco nos interessa o vil metal. Não! Para isto, como muito bem e com muita felicidade a senhora se expressou, teríamos escolhido cidades grandes. Bem verdade também que este não era nosso caminho, não vou ser tão hipócrita a ponto de dizer que conhecia este lugarejo. Aliás a senhora com a sua inteligência privilegiada não me acreditaria, logo descobriria a mentira. O acaso aqui nos conduziu. Aqui chegamos e aqui vamos trabalhar, aproveitando esta chance por assim dizer forçada pelas circunstâncias. Melhor diria forjada. Nós estamos, também, é bom que se diga, em missão cultural e educativa, de divulgação de sãos princípios. Divulgação até mesmo de preceitos de higiene os mais comezinhos. A senhora verá como nosso espetáculo será curioso, divertido, instrutivo. Será comentado, discutido, louvado, e atacado por muito tempo depois da nossa saída. Isto eu lhe afianço. Deixaremos uma impressão inapagável. E a lição que dele se auferirá! Ah, sim, deixaremos uma lição e um exemplo. Vejo mesmo... contudo não quero me alongar, não quero maçá-la por mais tempo nem quero lhe tirar o prazer da surpresa.

Eles se entreolham, com uns olhares cúmplices que a velhota não consegue alcançar. Depois bocejam, talvez tédio, talvez mesmo sono, apesar de tão cedo, quem sabe o mau tempo influa, a chuva e o vento. Ou então para mostrar a velha senhora que estão acostumados a uma

vida intensa, de movimento, e que a inatividade forçada os enerva.

O magro e alto se ergue, espreguiça, torna a bocejar, pela janela procura vislumbrar a vila batida pelo temporal. O outro bebe mais um trago, alisa a cabeleira, depois acompanha o companheiro no olhar e no bocejo. Pedem licença e se retiram, não adiantou a tentativa de procurarem se distrair a custa da velha. Amaldiçoam a terra infame, o vento, a chuva, a lama, o odor de peixe, fedorento a mais não poder, a fumaça que se desprende do lampião. Não há para onde sair, com que a gente se distraia. Só mesmo uma história estúpida como aquela poderia fazê-los atirar com os costados em tal buraco. E se olham com incontido rancor, cada qual culpando o outro pelo acontecido.

Que fazer agora?

A professora é mais arisca que cavalo selvagem, mais fechada que porta a cadeado de sete chaves — pensa o moreno e baixo.

Quem me dera encontrar agora a empregada, até parece que ela me topou, foi com a minha bonita fachada, pensa, entre um sorriso e uma careta, o alto e magro.

Se ainda não chovesse, a gente poderia sair e arriscar um joguinho, pensam os dois. Um joguinho, sempre, em qualquer parte do mundo, é possível.

Mas logo se olham, sorriem, cúmplices, e abanam a cabeça energicamente, num gesto negativo. Não e não! Então voltam a pensar em mulheres. É menos perigoso. E menos provável de se concretizar.

Ainda não tiveram ocasião de ver, com calma, se existem mulheres desfrutáveis na vila. Zona certamente que não. Não deve existir. Mas algumas dessas mulheres

da gente chegar e sem mais delongas. Talvez só uma que outra, mas necessitando que a gente tivesse quem orientasse. Ou então outras destas que começam com frescuras, exigindo que a gente perdesse um tempão com elas, passando cantadas, fingindo um amor arrasador, quando o que ambas as partes desejam é uma e a mesma coisa. Não, não tinha tempo para isto, não pretendiam se eternizar por ali. E moças, dessas ingênuas do interior, pelo menos para se passar o tempo, e seria uma experiência nova. Mas em lugar pequeno moça é espeto. Além do mais devem ser ariscas como que! O caso é mesmo de mulheres, se existem. Certamente cheirando a peixe podre, como tudo o mais neste lugar. Bolas! Cada qual volta a culpar o outro pelo que lhes aconteceu. Mais um pouco de cuidado, tivessem se precavido e nada aconteceria. Ainda se não os caçarem ali, se tudo afinal não passar do susto, e se disto sair algo proveitoso, por mínimo que seja, além da lição, vá lá.

E se estiram nas duras camas, sentindo a chuva tombar, o vento zunir. Fumando muito, quietos, arquitetando novos planos para quando saírem dali.

VIII

Justino pica fumo para o palheiro. A casa onde mora com o sobrinho é pequena, como quase todas. Quarto, saleta, cozinha. Na saleta, transformada em quarto de Godofredo, este anda e desanda, nervoso. O tio, protestando a chuva forte, não quer deixá-lo sair. Logo hoje, dia de falar com a Lurdes. A dependência a que está sujeito e mais do que tudo, os modos bruscos do tio, abor-

recem-no. Esta falta de liberdade, ter que dar satisfação, que pedir para sair, que dizer onde vai, como se fora uma criança. Combinara com a moça, prometera encontrá-la, tinha que comparecer. Mas talvez também o pai não a tenha deixado sair. É mais do que certo que assim foi. Não faz mal. Mesmo assim. Passaria perto da casa. Assobiaria. Faria sinal, talvez ela estivesse à janela esperando por ele, aguardando vê-lo passar. Poderia sorrir-lhe, cumprimentá-lo. Quem sabe ele entraria para pedir uma informação qualquer, inventaria uma mentira, ela daria um jeito de vir atender.

Justo, de seu quarto, sente o sobrinho andar assim, mas não se preocupa. Rapaziadas. Ele bem sabe o que são. Coisas da idade. Terminou de enrolar o cigarro, leva-o a boca, passa a língua para grudar a mortalha, depois de bem alisada, agora já com o cigarro nos lábios, risca um fósforo que abre um clarão na quase noite e se põe a pitar. De segundo a segundo aquele sinal minúsculo dele chupando numa ponta dá um clarão vagalumeante na outra. É só o que se percebe de Justo. O rosto banhado pelo relâmpago fugaz, pois a casa está às escuras. Um rosto velho, cansado, cortado de rugas, de boca severa, lábios finos, dentes estragados, alguns inexistentes, olhos vivos. Filetes de fumaça, muito leves, dançam acima da cabeça de Justo e se perdem um segundo depois. O velho não pensa em mais nada nesta hora. Apenas goza o prazer do cigarro de fumo forte. Não pode compreender que satisfação encontram as pessoas nesses cigarros de maço, com um fuminho lavado, de nada. Do que ele gostava mesmo, para falar verdade, era de cachimbo. De uns tempos para cá, contudo, não sabe porque, o cachimbo

entontece-o. Teve que largá-lo e satisfazer-se com o fumo de corda picado e a palha de milho.

Moram sós. Eles mesmos cozinham a comida, lavam a louça, arrumam a casa. O que fazem mal dá para viver, já que a aposentadoria de Justo é uma ninharia, para um só, que dirá para dois. A barbearia também pouco rende.

Godofredo pensa em fugir, para bem longe, deixar de ser um peso e um incômodo constante para o tio, procurar-se um futuro. Que será dele, ali, com as coisas piorando dia a dia? Santos, talvez, tentar a vida, diziam que lá uma pessoa ativa podia se manter com relativa facilidade, e mesmo economizar. Ou Canoas, falam que lá a pesca tem dado muito. Mas ele prometera à mãe nunca se meter na vida de pesca. Deixar o mar e seu fascínio. Valeria, contudo, alguma coisa a sua promessa? Promessa de uma criança. Mas... E então, que sabe fazer mais ele? Nada, se confessa com amargura, nenhuma profissão, já que não consegue levar a sério aquela profissão de barbeiro que o tio lhe escolheu. E a ideia da fuga dia a dia se avoluma, cria contorno mais nítido. Iria para Florianópolis dar um passeio, com a primeira lancha, não voltaria. De lá seria bem fácil conseguir condução para Santos ou Canoas. Não temia o pesado, trabalharia pela estrada. No princípio pensara também no tio, velho, dependendo em parte dele, ou parecendo depender, amando-o, revendo nele a irmã. Pensava em como haveria de fazê-lo sofrer, deixando-o sozinho no fim da vida. Quando se convenceu de que o tio deveria se conformar e que afinal não sofreria tanto assim — não fizera o mesmo quando moço, disso não vivia se vangloriando? — devia saber que na vila não havia futuro para um jovem, surge a Lurdes. Lurdes, com

aqueles olhos azuis, com as mãos úmidas e quentes apertando as dele, lá no baile da festa de ano novo, os dois dançando juntinhos, muito chegados, como namorados velhos, os seios pontudos e novos, duros, roçando-o, endoidecendo-o. Ficou logo preso, fulminado. Sorria pela rua, feito um "boboca", tanto zombara dos amigos, ei-lo enredado na mesma rede. Os encontros se amiudaram, a cada vez se sentia mais preso. Sabia que a qualquer hora, desde que desconfiasse, "seu" Jango procuraria acabar com tudo, com os encontros, mandaria a moça para a casa dos tios, lá em Tijucas. Sim, era só descobrir, não iria querer a filha namorando um João ninguém, "seu" Jango dava-se ares, esquecido de seus antepassados, todos iguais. Às vezes Godofredo desejava que o pai de Lurdes descobrisse tudo de uma vez, para saírem daquela incerteza. Enquanto não, tio Godofredo, nada poderia decidir. Não tinha coragem de terminar, estava enfeitiçado. Lembra-se das noites na praia, conversando com a moça, quando ela enganava a mãe que ia passear com as amigas. A família é sempre a última a saber. Os dois bem juntos, o mar murmurando maciamente, lua surgindo vinha se refletir na água, depois acariciar-lhes os pés, formando doces reflexos, a espuma beijando a areia, deixando-se morrer... de amor. Besteira, reagia. Tudo tão antigo e batido, mas tão novo e virgem. Estava ficando romântico. Quantas vezes, passeando com os amigos, ou nas serenatas, não vira aquele mesmo cenário, e até mais bonito, sem o perceber, sem que lhe causasse a mínima mossa. Sem achar nada de mais, zombando dos que falam na poesia do mar. Bobagens! E agora... fazendo os mesmos planos, sonhando os mesmos sonhos, mais abobado. Usan-

do as mesmas expressões, os mesmos lugares comuns que detestava, as mesmas frases sovadas, jurando as mesmas juras. Fora, verdadeiramente fora, uma revelação.

IX

Lurdes, enquanto borda e a luz do lampião pisa-lhe a vista à medida que conta e reconta os pontos do desenho, para não errar, pensa em Godofredo. Por que não terá vindo vê-la? A chuva, certamente! Mas isto não é motivo. Bem poderia dar uma passada em frente da casa, entrar para uma pergunta mentirosa, ao menos assobiar, dando sinal de vida. Sente falta dele, como do ar que respira, precisa vê-lo, se capacitar de que ele ainda está ali, existe, não é só fruto de sua imaginação. Vai ver que o velho Justo trancou-o em casa, não o deixou sair, sempre cuidando-o como se Godofredo ainda fosse uma criança, era demais, já é tempo de mandar o velhote passear, onde se viu, dispondo assim do moço!

Ela borda e as flores vão surgindo do pano riscado. A luz do velho lampião lança pequenas sombras pelas paredes. Um vago reflexo sobe pelos cabelos de Lurdes, brinca-lhe de leve nas faces.

É baixa, magra, delicada. Não é moça bonita, uma beleza de fechar o comércio, de lançar torrentes de desejos nos corações dos homens. Mas todos a acham sumamente simpática, com aquele seu jeitão simples e bom de tratar as pessoas, quaisquer que sejam elas, com a sua juventude em flor. Agrada. E para Godofredo é a mais bela e desejável das criaturas. Isto o que importa. Tem uma falazinha macia, delicada, que pede atenção e

carinho, levemente gritada às vezes, sem muita nitidez noutras. Gosta de estar a passar e repassar as mãos no cabelo, num gesto característico que já se tornou cacoete. Deve ter seus dezesseis anos. Mas não parece. Dá-se lhe, quando muito, quatorze.

Ajuda a mãe nos afazeres domésticos e borda. Além disto, seu mundo limita-se a passeios e conversas com amigas, as idas à novena e a espera das festas — acontecimento máximo da vila.

Não sabe como foi o caso do Godofredo, até que, antes, antipatizava um bocadinho com ele, com aquele ar petulante e de cima, confiante — em que?, ostentando um soberba muito besta. Foi de repente, numa festa, que o descobriu. E nota que a impressão inicial era falsa. O que lhe pareceu soberba não passa de timidez. A verdade contudo é ainda outra. É como se ele fosse um moço de fora, nunca antes visto ali, mas sempre esperado, que ela se construíra e imaginava um dia encontrar. Por isto teme perdê-lo. No baile descobriu-o. Viu-o pela primeira vez. E o reconheceu logo. Era a imagem que viera laboriosamente trabalhando. Mas se se haviam criado juntos? Pensa. Que importa, que tem isto a ver com o resto! Colegas de escola, colega de brincadeiras à beira-mar, colegas de correrias entre as pedras, colegas dos brinquedos infantis... Nada disto conta, nada disto existe ou existiu. E não consegue resposta nem procura ou se interessa em conseguir para o "mistério". Deixa-se levar por aquele sentimento tão bom que a toma por inteiro e a põe em paz com todos e tudo. Com os outros, consigo mesma. E não que fosse a primeira vez, o primeiro namorado. Antes tivera outros, e sempre se julgava loucamente apaixo-

nada, gostava deles. Por causa de um mesmo, o Paulino da Ti Juvência, que a abandonara se passando para uma de suas melhores amigas, havia atravessado noites em claro, chorando, jurando nunca mais se enamorar, nem sair de casa, morreria solteirona, quis ser freira e dedicar sua vida aos desgraçados, não sem antes dar uma prova de amor, que deixasse a todos admirados. Com outro, o Lauro Linhares, se sentia feliz e alegre, até mesmo mais feliz e alegre do que agora. Mas com Godofredo... é diferente... Diferente de tudo. Nada sabe explicar, nada sabe dizer às amigas, não tem para com elas as confidências e risadinhas que tinha quando do caso com os outros, se zanga quando lhe falam de Godofredo, quer seja a sério ou fazendo troça. Teme que em casa venham a saber, que tudo termine, que a vida dela termine.

Foi no baile. Quase ao findar. Dançara, brincara. Cansada, suada, feliz, alegre. Nem notara que Godofredo estava presente. Foi quando veio tirá-la para dançar. Saiu até meio chateada, foi só para não fazer uma desfeita, podia dar briga. Foi se arrastando, os dois calados, muito compenetrados, constrangidos. E sem saber como se viu colada a ele, rosto com rosto — é coisa que se faça, uma vergonha, os dois conversando qualquer bobagem, só para falarem, mas doidos por tocarem num outro assunto que de repente se fizera presente, dominador. Como se tivessem acabado de se descobrir. Lamentou intimamente, sem saber se explicar bem o porquê, a noite a findar, desejaria ficar ali dançando, era doloroso, mas era ao mesmo tempo tão bom estar nos braços dele, nem pareciam dançar. A marca acabou, ficaram no meio do salão,

se separaram, batendo palma, pedindo bis. Que não veio. Tudo sem se olharem.

Por que não passou, por que não veio ele ainda? Às vezes lhe dá uma raiva de Godofredo! Finca a agulha com força, como se estivesse a dar um beliscão no rapaz, metendo as unhas. Sorri. Vontade de vê-lo, já, agora, neste preciso instante, não depois nem antes. Imagina-o, reconstitui-lhe os traços, um a um, fecha os olhos para melhor poder divisá-lo. E sorri de novo. Abre os olhos para a chuva, para o vento, para a noite, para um besouro que esvoaça em torno da luz. E ainda sorri. Só de repente dá um gritinho, chupa o dedo, onde logo uma gota de sangue desponta. Mas logo volta a sorrir.

X

Lucas, em casa, repete para a mulher o que foi a pescaria de ontem. Que não existiu. Nem chegaram a lançar a rede grande de arrastão. Pra quê? Trabalho inútil, esforço dispendido em vão. Logo viram que não havia peixe. E longe deles, mar bem alto, zombando, escarnecendo-os, o barco de fora balançava-se. Todos ficaram com ódio, um nó engasgado na garganta. Ainda experimentaram uns lances. Inútil mesmo, só pra confirmar. E voltaram, perscrutando, tentando. Em vão. Depois, no que todos pensavam, era em outra coisa. Haviam esquecido a pescaria fracassada, só se lembravam dos barcos lá fora, balouçando docemente, a espera do peixe. Do peixe que era deles, que era da vila, que era a vida deles.

— Como vai ser, que vai ser de nós? — clama a mulher, limpando as mãos no avental encardido. Nada mais a gente tem em casa...

Lucas balança a cabeça, num gesto desanimado. Não sabe responder, não tem mais para quem apelar, os amigos estão na mesma situação. Sempre dependeu do peixe, sempre com ele contou, bem ou mal ia-se mantendo, vivia feliz na sua pobreza, fazendo para comer com a mulher mais os filhos, ama a vida do mar como poucos, ama aquele viver simples, o céu e a terra, tudo lhe parece muito belo, esteve fora mas não conseguiu se manter longe da terra, ou melhor, do mar, do seu mar, daquele seu mar, herança natural que lhe legaram. Apenas lamenta a sorte não ter favorecido um pouco mais os pobres como ele. Seria inteiramente feliz. Não sabe fazer outra coisa, em terra e verdadeiramente "um peixe fora d'água", se sente tolhido, desajeitado.

Como ele os filhos pequenos, neles se vê refletido, especialmente num, o mais velhinho, que passa horas diante do mar, sentado, calado.

Já hoje não fiaram mais na venda. Teve que andar longo tempo debaixo da chuva para ver se conseguia um empréstimo com o compadre Zuza. Mas o compadre não estava em casa, a comadre lamentava muito, mas estava desprevenida, sentia muito, tinha muita pena mesmo, sabia o que eram necessidades, Deus fosse testemunha de como ela sabia e tinha pena, sim tinha. E enxugara uma lágrima. Com lágrimas porém não se alimentariam os filhos de Lucas. Necessitavam de algo mais sólido e concreto.

Com "seu" Jango foi tudo inútil:

— Já deves muito, nunca andas em dia, o peixe pode tardar, até nem aparecer. E daí, como vai ser, me diga?

— Mas "seu" Jango, o senhor veja, tenha pena da gente, sempre tenho trabalhado pro senhor...

— Trabalhado pra mim vírgula, trabalhado de graça, quer dizer?

— Não, não é isto, não me fiz entender, como vou fazer pra mode alimentar os filhos, não posso deixar eles morrer de fome, o senhor sabe que pago, não tenho medo de trabalho, trabalho nunca me meteu medo, há quantos anos trabalho pro senhor, sabe bem disto.

— Trabalha pra mim, trabalha pra mim não, uma ova, trabalha pro senhor mesmo.

— Quero dizer...

— Não me interessa o que quis dizer. Disse, é o que importa. E eu posso deixar os meus, posso esquecer os meus? Ou pensa que sou milionário?

— Não, mas o senhor bem podia adiantar, sem lhe fazer muita falta, alguma coisa. Pago o que o senhor quiser, o dobro, juro, e era um favor que me prestava. Tenha pena das criancinhas.

— Não posso. Estou cansado de adiantar. E que me adianta a sua jura, mesmo sincera, se não der peixe a sua jura nada me vale. Com estes barcos acredita que vai haver peixe?

— Cansado de adiantar? Haver peixe? E nós pobres não estamos cansados de trabalhar feito burros de carga e não ter nada, sempre mais pobres, cansados de esperar e de aturar!

— Quer me morder, quer me bater, que culpa tenho eu; veja como fala; só que faltava, mais esta, vir com malcriação pra cima de mim; até parece que sou o culpado, não está vendo o prejuízo que tenho, quem perde mais de nós dois, me diga, quem perde mais? Vá se queixar pro bispo. Ora bolas, só que faltava.

Lucas não sabe que responder, baixa a cabeça, se retrai, vai saindo, pedindo desculpa, muito humilde, preocupado em saber o que seria na verdade mais importante, se a vida deles ou o prejuízo de "seu" Jango. Diante disto "seu" Jango mais se exalta, cria coragem, se põe a gritar, para chamar a atenção, muito vermelho e excitado, ergue a mão num gesto ameaçador. Que não é fábrica, que não é mãe de ninguém.

A chuva despenca com violência sempre maior. Lucas não a sente. Pensa em como chegará em casa, nos filhos com fome, e frio, na mulher adoentada, na casa infecta, com esta lama invadindo tudo. Não há mais para quem apelar, não pode ir outra vez pedir aos amigos. Devia ter retrucado, ter discutido. Impulsivo quando se exalta, temeu fazer uma asneira, seria pior, nada resolveria. E se conteve. Agora lamenta, está cansado de aturar, cansado e esgotado até de viver. Pra que discutir, que resolve? Só se... Tem um riso amargo ao pensar na casa, na sua casa. Um rancho em que nem os cachorros dos ricos morariam. Vida de cachorro! Frestas enormes por onde a chuva e o vento penetram livremente. Os filhos tiritam de frio, gemem de fome. A lenha é pouca, precisa-se economizá-la, com a chuva não foi possível ir ao mato apanhar mais. O fogão está apagado, quando aceso deixa uma fumarada que impede as pessoas de se enxergarem e os olhos escorrendo. A pouca lenha que há foi apanhada à beira-mar, lançada pelas águas mais caridosas que os homens.

Agora, com a chuva, não poderão sair e fazer qualquer coisa? O que? Não sabe! Talvez roubar, talvez esmolar, talvez procurar alguma coisa na praia.

Como sairão do impasse? Também não sabe! Alguns certamente estarão nos botecos, aumentando a conta com cachaça, ou filando dos outros, de qualquer maneira procurando esquecer. Um ódio surdo vai lhe corroendo o coração. Ódio contra todos e tudo, contra semelhante estado de coisas. Não vê saída.

Gostaria de reagir. Não sabe como. Não vislumbra qualquer luz, para onde quer que se vire só vê dificuldades se acumulando, vive abandonado, não há quem com ele se preocupe, acaba se embotando e as suas melhores qualidades se estiolam. Aquela vida mesquinha esgota-o e o inutiliza.

Os filhos choram, talvez de fome, talvez de frio, com medo do escuro. Não há dinheiro, não há comida, não há roupa, não há querosene, é preciso economizar a última vela, manter vivo o último alento de esperança.

Não adianta olhar em derredor procurando enxergar melhoria, pois o mesmo se passa, em menor ou maior grau, nas demais moradias. Pessoas anêmicas, pálidas e tristes, quais sombras vagando pelas casas, procurando esquentar, quando não tapear a fome, esquecer. Chuva e vento continuam. O mar ruge. Todos procuram dormir, espremidos, grudados uns aos outros.

Até quando, até quando perdurará tal estado de coisas? — é a pergunta que todos se fazem, é a frase que lhes domina as mentes.

— Não haverá solução, qual será ela? — se interroga Lucas em voz alta.

Lembra-se de Leopoldo, das palavras de Leopoldo, das sugestões de Leopoldo, da certeza de Leopoldo. Mas é para um futuro mais ou menos distante. E Lucas precisa do presente, do agora, do hoje.

Num gesto violento interrompe a mulher que se pusera a rezar e prometer velas e mais rezas para os santos, no caso de ter atendidos os seus pedidos.

— Não adianta. Reza e promessa pra santo não arresolve mais; os sacana dos santos não atende, não escuta mais a gente pobre. Se venderam, se passaram pros ricos, todos eles, a corja. Precisamos nós mesmos dar um jeito.

A mulher, horrorizada, se benze e afasta do marido, como de um leproso, com um gesto de temor e asco incontido.

No quarto, espantadas, as crianças choram.

XI

O velho pai de "seu" Jango, impaciente, com um ataque violento, incapaz de se controlar, aproveita um descuido da família e sai a correr, fustigado pelos elementos, jogado, sacudido de um lado para outro, indiferente à tempestade. Veste roupa bem leve e parece não se aperceber de nada. Grita, ri, canta, ameaça. As crianças, chegadas às janelas ou portas das casas, provocam-no. Ele persegue-as, atirando o que tem à mão, soltando impublicáveis palavrões. E, comumente, a dele, uma loucura mansa, mais senilidade, que causa pena. Julga-se perseguido, que lhe querem tomar o que possui. Ataca-o a doença, melhor, no começo, atacava-o, de preferência, no verão, durante o período de calor mais inclemente. Aí saía, fugia de casa, ia para outros municípios, onde ficava vagando pelas ruas até que o calor diminuísse e de repente a razão vinha-lhe, às vezes, durante a noite, em meio à rua, deitado nas sarjetas, ou num bar, sentado servindo de diversão à moleca-

da. Voltava bom, totalmente bom, lúcido, se escondia em casa, envergonhado, pedindo que não o deixassem sair, implorando compaixão e que o prendessem quando notassem qualquer manifestação de anormalidade. Prometiam. Não notavam, a loucura surgia de repente, em meio a noite, durante o dia, de manhã ou à tarde, desaparecia. Nos lugares para onde ia, nos primeiros tempos, como era pessoa de posses e regularmente conhecida, pedia dinheiro emprestado, assinava letras, num lampejo de lucidez muito comum em tais casos, depois piorava, se postava nos lugares mais movimentados e estratégicos, punha-se a atirar moedas para o ar. Chamava os transeuntes e ria-se doidamente ao ver pessoas respeitáveis, sérias, sãs, se atracando por uns míseros cruzeiros. Gargalhava a ponto de lhe virem lágrimas aos olhos, sufocava de riso. Bom, dias, semanas ou meses mais tarde, dependia do clima, voltava para casa sujo, magro, fedorento, combalido.

Com o correr do tempo foi ficando conhecido e, por ordem da mulher, não lhe davam mais dinheiro. Tinham, no entanto, autorização para trazê-lo para casa. Também a vigilância aumentou. Não o queriam internar. Existia ou ainda existe no interior, uma superstição muito grande em torno do internamento de parentes; filho ou parente que interna parente, acaba internado, como paga. Em retribuição pelo que fez.

Mais algum tempo a mulher faleceu e o velho foi viver com o filho. Vivia se lamentando, reclamando a presença da mulher, se dizendo roubado, ludibriado. Ninguém tinha ordem de o transportar para fora de Ganchos; se conseguia chegar, indo a pé, a Canto de Ganchos, de lá o recambiavam. Agora, já caducando quase inteiramen-

te, vivia largado. E eram raros os ataques de histeria, que contudo explodiam inesperadamente e com redobrada violência, transformando-o num perigo, dando-lhe uma força descomunal. Não sabiam o motivo, a que atribuir aquilo, alguns juravam tratar-se de um espírito mau que se apossara do velho, rezas, benzeduras, sessões, tudo havia sido tentado. Ti Adão, o velho macumbeiro, ali estivera diversas vezes, mas fora impotente para debelar a crise, expulsar o espírito maligno, que ele considerava o mais perigoso já encontrado em toda a sua longa carreira. Outras vagas conjeturas eram apresentadas, que uns aceitavam outros não, formulando por sua vez novas teorias. A mania principal do velho era voltar à pesca, mostrar ao filho como pescar.

Agora corre pelas ruas, chega até o molhe como quem vai se atirar, estaca, fica olhando para o mar revolto, se apruma a custo, varrido pelo vento, depois, bruscamente, se volta, dá um berro medonho e se lança em doida correria, rua acima, sem destino fixo. Para de novo, olha de viés as casas, parecendo buscar algo, volta a correr, soltando lancinantes gritos. Afinal, esgotado, tomba num canto de sarjeta. Fica ali imóvel dir-se-ia nem respirar. E a chuva despenca, o vento lança areia, pedaços de papel e folhas secas sobre o corpo. Até que, prevenido, "seu" Jango, acompanhado de amigos, sai à procura, vem e carrega-o para casa.

XII

Durante a noite a chuva foi diminuindo, diminuindo, acabou-se. O vento, se bem que não de maneira total, amainou. Nuvens pardacentas, porém espaçadas, e que

iam sumindo aos poucos, tangidas para outros lados, ainda cobriam o céu, onde a lua, de começo inutilmente, depois com mais sucesso, tentava furar a camada escura. Quase ao amanhecer podiam-se perceber algumas estrelas. E à medida que o dia foi rompendo, o tempo melhorava, até firmar-se de todo, muito embora não fosse um dia bonito, mas ainda parecendo refazer-se do temporal.

3
Quinta-feira

I

Amanheceu um dia triste. Com restos de nuvens. Contudo, a chuva parada, o vento parado, o mar está calmo, tudo prometendo melhora gradativa. Algumas das lanchas menores vogam ao léu, não muito longe. Tentando uma pescaria miúda, para o gasto. As lanchas maiores, como as de "seu Jango", não saíram. O peixe apanhado não compensaria o trabalho, dividido não daria para ninguém, era quase certo nada pescarem. Pelos homens ainda teriam saído. Mas "seu" Jango não quis.

Alguns homens saem à procura de um trabalho esporádico qualquer, ajudar numa limpeza, carregar ou descarregar uma lancha, coisas assim, que lhes dê algum dinheiro para os gastos mais prementes. Ou vendem pela metade trabalhos futuros, mas isto já não dá, os trabalhos futuros são muito precários e podem não vir. As mulheres enchem balaios de verduras enfezadas, e percorrem as casas mais abastadas, vendendo ou trocando por comida. Outras dispõem de um frango, uma galinha poedeira e lá a levam. Vão ainda às pedras colher ostras, fazem com aquilo um caldo grosso, misturam com muita farinha de mandioca e se empanturram. Poucos, mais felizes, conseguem algum peixe miúdo que assam ao espeto ou com o qual fazem um ensopado. E assim vão se arranjando.

Antes, de longe em longe, nas épocas de fartura, num domingo ou dia de festa, compravam um pedaço de carne fresca, davam-se ao luxo de gastar alguns ovos. E os ricos então matavam uma galinha velha e imprestável para pôr — um desperdício. Mas o forte, a base, o constante da alimentação, sempre foi o peixe.

As casas se preparam para aguardar o sol, se abrem à sua espera.

Lá bem no alto da vila a igreja se ergue, solitária, branquejando. Para se subir e atingi-la é um verdadeiro sacrifício, merecedor de que nos seja perdoado qualquer pecado, por maior que seja, capaz por si só de lavar a maior culpa. Mas a paisagem bem compensa o esforço. A vista abarca tudo, a vila, a enseada. E as mulheres ainda se arriscam a subir a escarpa, com fé no coração, plenas de esperanças, vão pedir à divindade um milagre, se ajoelham diante dos altares.

Lá de cima se divisa a vila esparramada para baixo. As casas, as vielas, as lanchas. Do outro lado a vasta baía, com suas águas calmas e esverdeadas. O cemitério fica ao lado da igreja, um pouco para o fundo, a descer. Para trás da igreja, pedras, algumas árvores, dois morrinhos.

Nos dias de festa religiosa se armam barraquinhas e o movimento é intenso. Às vezes conseguem juntar dinheiro para pagá-lo e lá vem o padre de Biguaçu, forte e alto, alegre, animado, que oficia a missa, que efetua batizados, casamentos, etc. À tarde se realiza a procissão, toda a população toma parte, vêm lanchas dos outros dois Ganchos, lanchas enfeitadas com bandeirolas multicores, os santos descem dos altares, são carregados até as lanchas que, cheias, abarrotadas de gente, aguardam a sa-

ída. Rodeiam, percorrem a zona. As cantorias se elevam, foguetes espoucam. Em geral, quando o padre permite, procissões para pagamento de promessas se realizam à noite, os archotes iluminados devassando a escuridão. É um belo espetáculo ver aquela gente simples e crente, sempre com confiança renovada, nunca desmentida, nem diante das maiores adversidades, marchar cantando e pagando suas promessas, sem procurar saber se foram ou não atendidas. Basta-lhes a satisfação de ali estarem, a esperança renascida que disso lhes advém. E a deles uma religião toda especial, misto de fetichismo, totemismo, cheias de tradições e reminiscências vindas das ilhas dos Açores, em mistura com a dos indígenas e dos negros escravos africanos. Veneram tanto a Deus como a outras divindades, a um e outros oferecem suas dádivas.

A igreja, com uma decoração bem primitiva e simples — afirmam ter sido o pintor um velho alfaiate italiano com veleidades artísticas, residente em Biguaçu, o qual deu às figuras aquele caráter bem primário, simplificado, mas não isento de humanidade, destacando-se as roupas bem talhadas e atuais, em contraste com os rápidos traços do rosto, das mãos e objetos das figuras. Tudo isto deixa uma impressão de singeleza, de pureza, e agrada por aquele ar vagamente místico, vagamente profano que caracteriza e individualiza o interior da igreja.

Agora, com o tempo nublado, a vila adquire, vista do alto, da igreja, uma tonalidade cinza; de baixo, ao contrário, a igreja se esvai na bruma. Mas aos poucos o sol vai rompendo, afastando as derradeiras nuvens. E logo um calor abafante, abrasador, surge da terra, com a evaporação, envolve a vila e as gentes num abraço gigante.

Sufoca. A respiração sai a custo, os pulmões pesam, o ar parece chumbo.

II

Leopoldo reuniu os companheiros para concertar o plano. Sente que aqueles contatos lhe dão renovado ânimo, tiram-lhe as dúvidas, lhe indicam um caminho a seguir.

Explica, outra e outra vez, tudo, minuciosamente, com uma calma da qual ele mesmo não se julgava capaz.

"— É preciso que atendam ao patrão, façam o que ele manda. Muito bem. Primeiro, juntamente com "seu" Jango, nos livraremos dos de fora, damos uma lição neles. Depois, logo na mesma ocasião, que é pra gente não perder o ímpeto, se explica o que se quer, se eles quiser concordar logo, em paz, tanto melhor para todos, está bem, o que queremos é isto mesmo. Caso contrário nós mesmos iremos agir, terá chegado a vez deles — e é a nossa melhor chance. Temos, precisamos dar um jeito, se não nossas famílias acabam morrendo de fome".

Nisto todos estão de acordo.

A explanação é clara, precisa, lógica.

Opiniões diversas surgem, todos discutem outra vez, a um só tempo, custam ainda assim a compreender o plano, cada qual quer a seu modo, tem medo, tergiversam, é impossível acompanhá-los em todas as suas mutações, não sabem qual o resultado que lhes advirá de tudo aquilo. Depois, por que logo quando os outros, os dos grandes barcos, lhes derem uma folga é que eles...?

Mas inda há pouco não tinham concordado? Sim! E daí? Se não der certo? Quem vai recolocar a gente onde estava, não será tudo pior? Quem garante que os desempregados não vão aproveitar a ocasião!

— Pior como — berra Leopoldo.

Silêncio.

— Pior como? — volta a interrogar na sua voz normal, arrependido do grito que fora um desabafo incontrolável.

— Pior só matando a gente, montando na gente.

Afeitos a obedecer a alguém, não sabem obedecer a si mesmos. Ainda se Leopoldo mandasse, exigisse, não ficasse ali a explicar e explicar, se mandasse e deixasse para explicar na prática. Mas assim, pedindo o apoio, o aplauso e opinião deles! Ademais, por outro lado, sem observarem a contradição berrante, não podem aceitar que Leopoldo, saído ontem do meio deles, mais moço que quase todos, saído do meio deles ainda ontem, igual a eles, procure vestir-se de mandão, a ditar ordens. A querer impor. Alguns se sentem ludibriados, outros com inveja, ainda outros descrentes. Uma pequena parte compreende, apoia, esclarece que não é nada disto, mas que fosse, donde saiu "seu" Jango, donde saiu Pedro Salgado?

Leopoldo insiste, explica, se exaspera. Não é nada disto. Quem quer aqui ser mandão? Besteira. E da grossa. Bem.

E os rostos rudes se unem e separam, opiniões voltam a ser trocadas, cochichos, a maré humana vai e vem, em grupos heterogêneos, divididos, subdivididos. Lucas grita, quer sangue, destruir, só assim, só assim, e se engas-

ga no “assim”, sem vontade de prosseguir, impossibilitado de exprimir o restante do pensamento. Manuel apoia integralmente Leopoldo, vê que qualquer coisa será melhor do que a situação deles. Que teriam a perder, explicassem.

— Nem parece que vocês... — começa ele, mas é interrompido.

O mulato rodopia, explica, gesticula, dentuça rebrilhante à mostra, olhos faiscantes, defendendo intransigentemente o amigo Leopoldo. Vai de grupo em grupo, chama os mais recalcitrantes para um lado, senta-se com eles e se põe a confabular, a comparar, a esclarecer.

Outros mais debatem, falam, gritam, riem, fumam e coçam a cabeça.

E aquela assembleia lhes aparece assim um tanto ridícula em meio ao seu quê de solenidade; ou então se julgam muitos importantes, resolvendo, eles, sim, eles, um problema. Eles que nunca foram consultados para nada, eles que nunca foram convidados a opinar. Discutindo. Mas já se esquecem de tais ninharias e caem outra vez, de rijo, a sério, no tema que os apaixona. E do qual dependem.

Estão reunidos no campinho de futebol, que fica lá pela banda da igreja, numa baixada. Sentam-se na grama verde e úmida, pitam muito, a fumaça de todos aqueles cigarros, a maioria de palha, com um fumo fortíssimo, forma uma coluna espessa, azulada, que se espraia para longe, qual mensagem carregada pelo vento, mensagem prenhe de significados, levando para longe dali a notícia daquele acontecimento insólito. E sobe a nuvem, céu em fora, até se perder de vista lá pras bandas da torre da igreja.

Lamentam não ter uma caninha para esquentar a garganta e aclarar as ideias. Mas foi de propósito que os

organizadores escolheram aquele local longe de vendas e se esqueceram da bebida. Se começassem a beber, acabariam olvidando-se do que os havia agrupado, dos motivos da reunião, quem sabe mesmo terminariam brigando por qualquer porcaria, os ânimos exaltados pelo álcool.

Continuam a conversar, agora mais calma e ordenadamente, largos gestos se cruzam, pequenos grupos se formam, unem e separam, depois voltam todos a se reunir, fala um, outro fala, este interrompe, aquele dá uma sugestão, quando a coisa está esquentando surge providencialmente alguém que solta uma piada, uma brincadeira qualquer para aliviar a tensão. E retornam ao tema, vão se acertando, limando as arestas, tudo decorre em calma, o plano traçado, pronto. E avançam.

III

Na residência de "seu" Jango há, quase ao mesmo tempo, outra reunião. Juntos, Salgado, Lola, "seu" Tomás e mais outros dois ou três donos de lanchas, vindos dos dois Ganchos restantes, convidados que foram para a reunião.

Todos nervosos, bebericando, sentados, a discutir. Precisam, também eles, chegar a um acordo, para isto Lola convocara a reunião. Descobrir um jeito de expulsar, de entre eles, daquelas águas, já que se consideram donos por direito de antiguidade, já que julgam como deles aquela zona, expulsar os grandes capitalistas de Santos, que estão lhes arruinando o negócio. Para isto, para dar uma lição na turma de Santos, é preciso apelar para os "camaradas," os assalariados, pois que eles só, os donos das lanchas, são em número diminuto e nada po-

derão fazer. Também ainda não pensaram e não querem se unir, organizar uma sociedade, vender estas lanchas antiquadas que possuem e comprar daqueles grandes barcos, com motor, com geladeiras, com traineiras, com todos os aperfeiçoamentos modernos, para que possam competir em pé de igualdade com aqueles adversários de fora. Mas é que cada qual quer ser senhor de si mesmo, não ter que ouvir perenemente os demais. Não se acostumaram à ideia de participação. Lobos solitários, não se acostumaram à ideia de compartilhar com outros o lucro, mesmo sabendo que este lucro poderá ser aumentado a custa de um pouco de sacrifício da liberdade pessoal de agir. E como necessitariam menos dos "Camaradas!", só agora se lembram disto. Logo pensam em marcar, para depois, uma reunião onde irão tratar destes problemas. Mas agora o mais premente, o inadiável é... dar uma lição nos grandes barcos e aproveitar o finzinho da safra. O resto virá depois. Para isto, no momento, é preciso apelar para os pescadores. Mas é necessário procurar um jeito de apelar sem contudo dar-lhes demasiada força, fazer com que os assalariados fiquem nos seus respectivos lugares e não se apercebam de nada... apenas cumpram a tarefa. Eis o problema a discutir. Devem ou não devem dispor dos empregados? Se devem, como conduzi-los? Se não devem, que fazer então?

Agora estão chegando ao ponto. Arquitetam um plano, muito delicado, muito fino. Ideia do Salgado. Lola discorda. Opina que os homens devem ser tratados a relho, mandá-los fazer sem lhes explicar nada. Se a gente dá a ponta dos dedos, querem logo tomar a mão toda, todo o braço, o corpo.

— Uma canalhada! exclama.

"Seu" Jango vê mais longe, enxerga no escuro:

— É preciso saber levar as coisas. Finura. O Salgado tem razão. (No fundo a ideia do Salgado é do Lola, aquela que ele transmitira ou sugerira ao "seu" Jango, e este então, ainda a pedido do Lola, a insinuara ao Salgado, mas tudo num jogo confuso, emaranhado, próprio do Lola, fazendo crer que a ideia partira inicialmente do próprio Salgado, que a explicara ao "seu" Jango e depois se esquecera, tendo "seu" Jango ido relembrá-lo da conversa. Era a maneira comum de agir do Lola, sempre coleando, na sombra, sempre por caminhos escusos, nunca aparecendo e sempre contrariando o que no fundo desejava e armara).

— Violência — prosseguia "seu" Jango — em certos casos não dá resultado, tem efeito negativo, é contraproducente. Precisamos tratá-los com delicadeza, como seres humanos que são, lembrar que somos iguais e que, nós faltando, que será deles? A gente se fazer de imprescindível. Vamos ser realistas: sem eles estamos com os burros n'água. Então precisamos inculcar neles a ideia de que vivem porque nós os alimentamos, deixamos que trabalhem para nós, ainda não nos reunimos e compramos os grandes barcos pra não deixar parte deles na rua. Nunca é demais agir com calma, usar a cabeça. A experiência prova — "seu" Jango faz uma pausa para impressionar mais, tem o discurso todo decorado, mas sempre é bom fingir que está pensando — a experiência prova que coisas não são conseguidas com violência, pois as pessoas fincam pé quando contrariadas, são, ao contrário, obtidas facilmente com bons modos.

— Creio que "seu" Jango tem razão, é assim que penso — volta a insistir Salgado, um brilho de satisfação no rosto. Me parece que o plano mais acertado mesmo é o que dei primeiro. Aceito sempre com satisfação a sugestão dos amigos, discuto-as e as acato quando vejo que errei. Eu — Salgado é alto, moço ainda, bem apessoado, metido a culto, com farofas de leituras, de um convencimento a toda prova, tido como "avançado" para o seu meio de "botocudos", conforme gosta de dizer, julgando-se o único capacitado a lidar com problemas complexos como estes de coisas de empregados — eu, penso que a época, com todos os problemas que apresenta, mesmo aqui num lugar tão afastado e isolado quanto o nosso, não pode mais ser a do relho, como quer o amigo Lola. Eu — um sorriso amplo, de superioridade e condescendência — eu venho de há muito acompanhando, estudando estes fatores e vejo que estamos chegando num clímax, num impasse. Que irá exigir de nós muita classe, muita tática, muita visão e muito crânio... Muito crânio!

Bate na testa e balança a cabeça, sorrindo, malicioso.

Lola sorri a estas tiradas, irônico, sem nada retrucar.

E "seu" Jango:

— Sim, muito bem. Ademais são na verdade eles que dão murro. Nós... no dia em que compreenderem integralmente isto...

Uma tosse de Lola fá-lo interromper o que dizia. Isto não estava no programa. "Não avancemos o sinal" — parecem significar os frios olhos do outro, pousados demoradamente nele. "Nada de deduções, nada de conclusões apressadas". Não continua.

Salgado, que toma o pião na unha:

— Aí é que bate o ponto, por isto me esforço. Cabe a nós, então, com tato, não deixar que eles percebam. Estamos entre amigos, colegas, podemos falar com alguma franqueza, sem constrangimento. Se uma elite não dirige, não orienta, tudo vai à breca, está é que é a verdade; nunca que o povo, o zé povinho, poderá se orientar...

— Senhores, estamos nos perdendo, nada de teorias — vem a voz assexuada e monocórdica do Lola — que nos interessam estas divagações, vamos ao que é prático e urgente, ao que em verdade importa. Estamos perdendo tempo. Como ficamos? É o que me interessa saber.

— Eu...

"Seu" Jango sente pejo, um certo sentimento de camaradagem, de humanidade e solidariedade para com aqueles homens de quem os outros, todos eles ali tão soberbamente falam; já muitas vezes esteve com os empregados enfrentando perigos, lutando a mesma luta titânica, e sabe de que heroísmos são capazes. E este sentimento, arraigado de há muito, deixa-o constrangido, envergonhado de si mesmo e das atitudes que toma, com raiva dos outros, pois até que "seu" Jango não é má pessoa. Má é a vida que nos obriga a tomar atitudes semelhantes, tão vis; má é a covardia de romper com tudo que se considera errado; má é a ganância, o desejo de acumular mais e mais dinheiro; má é a sociedade que enfrentamos e que obriga cada qual a lutar ferozmente e sem quartel para se manter à tona. Mau é Lola, são os outros, a classe a que ele pertence, a educação que teve, o meio em que se fez e no qual vive, não podendo ou não querendo ter coragem para se libertar. Mau é espe-

cialmente Lola, ali derreado na cadeira, com aquele ar escarninho e perverso.

"Seu" Jango é fraco e acomodado. Mas ainda, em algumas ocasiões, não perdeu a capacidade de raciocinar. Agora, por exemplo, no momento mais impróprio.

Por que aqueles homens que são como eles, talvez até melhores, levam uma vida tão diferente? Tão diversa quanto a dele o é da dos granfinos, dos milionários entrevistos na cidade refastelados em belas limousines. Sente-se mais perto desses homens, lutando no mar lado a lado com eles, homens simples e bons que só têm um desejo muito justo e humano de melhorar de vida, de ter com que alimentar os filhos e a mulher, vesti-los, dar-lhes instrução. Acha que é preciso — e por várias vezes já propôs — a união de todos eles do interior, gente humilde e abandonada pelos poderosos. Porém logo recua, se fecha, expulsa tais pensamentos da mente, procura ser duro, se refugia no seu círculo, acha que deve ser forte e que está começando a fraquejar, tornar-se um maricas, conforme costuma chamá-lo Lola em tais ocasiões. Ademais o seu anjo mau, o seu lado mau é Lola, cheio de recalques, doentio, venenoso, sempre a cochichar-lhe ao ouvido palavras malignas, a empurrá-lo para diante, para o abismo. "Seu" Jango não era assim. No começo até que...

E quem é Lola? Que força possui, que poder é o dele?

IV

Lola está falando:

...porque são uns cretinos, nós entramos com tudo e eles ainda sempre aí a reclamar, são uns malandros e

vagabundos, vivem como príncipes, vai ver querem que a gente trabalhe pra eles, não trabalham desde que tenham um pouco o que comer, querem ficar de papo pro ar, trabalham hoje e comem hoje mesmo tudo o que trabalharam, sem pensar no amanhã, não economizam, depois se põem a choramingar, apelando pra gente, preguiçosos de uma figa, sacanas de marca maior!

— "Seu" Jango, que acha o senhor? — pergunta Salgado.

— Hein!

"Seu" Jango não atende. Perde-se em conjeturas, está confuso, esquece Lola, esquece a voz de Lola, esquece onde está e só de vez em quando escuta algumas palavras esganiçadas, amargas, parecendo-lhes vindas de muito, muito longe, ferindo-o, penetrando-o, imagina-se num pesadelo enorme, quer acordar e não consegue, forceja em vão.

A voz persegue-o:

"— Porque são isto e mais aquilo, porque coisa e loisa, porque faço e aconteço, porque... porque... porque...".

"Como é bom ator este Lola, como representa!" — pensa "seu" Jango.

Até ele ia se deixando levar pela lábia. Então observa o rosto do amigo, o jogo das mãos, a entonação da voz. E aos poucos vai reconstituindo Lola, com pedaços do que sabe a respeito dele, e mais o que ele mesmo contara, mais o que se murmurava pelas esquinas.

Lola é um homem baixo, magro, velho já, embora não tanto quanto aparenta, ranzinza, com um olhar mau, não enfrentando ninguém de frente, lábios finos que quando se abrem deixam entrever uma língua pontuda e

vermelha numa boca de dentes cariados. Geralmente fala pouco, estudando as palavras, numa voz levemente desagradável, mas persuasiva, embora sem entonação. Porém se se enerva, deixa escapar uma torrente de injúrias, "sua baba viscosa e peçonhenta", no dizer de Salgado. Os dois se detestam cordialmente, se aturam por dever de ofício, fingindo uma amabilidade que a ninguém consegue iludir, sempre procurando cada qual levar a melhor sobre o outro. Salgado geralmente perde as paradas.

Incansável, Lola anda sempre por todas as partes, sabe de tudo, mental e fisicamente ágil, não para sentado dez minutos, sempre armando alguma coisa, mexe e remexe no que vê, vasculha até descobrir os segredos e se apossar das novidades; a zombar de tudo, de tudo a escarnecer. É um amargo, derrotado, não obstante suas vitórias. E é só. Não tem parentes, não tem amigos, não se liga a ninguém. Usa as pessoas, serve-se delas como dum objeto que, depois, imprestável, atiramos para um canto. Suga-as. Depois de esgotadas, deixa-as, passa-se para a frente, pisando sobre os que ficam — e quem fica é que acaba mal visto e considerado trapalhão. Não faz isto para proveito próprio, pouco está ligando ao lucro propriamente dito, mas por sadismo.

Contraditório ao extremo, nem ele mesmo se entende. Ama subjugar as pessoas, fazê-las sombra dele. E sempre só, não pode viver só.

Saído de um meio humilde, seu pai sumira sem nunca mais dar notícias, abandonando-o ainda pequeno — ele o menor de uma família de oito irmãos todos pequenos — com a mãe, mulher muito ingênua, que não sabia se governar, de uma bondade extrema e de uma extrema

candura. Confiava em todos. A todos se entregava mansamente. Passou assim de mão em mão, os filhos crescendo e vendo aquilo, envergonhados diante das insinuações que ouviam por todas as partes. Os dois mais velhos logo se foram, três morreram, pode-se dizer à míngua, uma filha, ainda criança, treze anos, sem atingir a puberdade, fugiu com um qualquer e logo depois se soube que fora abandonada, passava também ela de mão em mão, que nem a mãe.

Lola e um irmão menor foram os que sobraram. A mãe os amava, sofria por eles, mas tudo daquela sua forma assim mole, passiva, sem traço algum de personalidade mais vincada ou força de vontade. Daria a vida pelos filhos, do mesmo modo que viu três deles morrerem sem maiores preocupações. Aliás, de modo idêntico vira o marido ir-se e de igual maneira se entregava. Tinha que acontecer. Fatalismo. Não adiantava a gente querer lutar. Não adiantava. Que fazer contra o destino que assim quer, ordena, é mais forte! Sim, as coisas são mais fortes. Deixá-las que aconteçam. (Certamente não raciocinava assim, não pensava com clareza, não equacionava, ou melhor ainda, não via com nitidez, mas deixava que as coisas fossem sucedendo. Com um perene sorriso nos lábios. Que também não era sorriso, mantendo-o ela nas piores e melhores ocasiões). Vagamente percebia, com certeza sentia.

O filho, enfezado, doente, uma criança muito esperta, crescendo, sentindo-se cada vez mais deprimido à medida que ia percebendo mais nitidamente o que lhe passava por diante. Na escola parecia-lhe que os colegas zombavam dele, olhavam-no com pouco caso, despre-

zavam-no. De natureza arredia, tornou-se desconfiado, vendo em cada canto um inimigo pronto a se aproveitar dele como se haviam aproveitado da mãe. Pela frente todos o tratavam bem, até não tinha reclamação a fazer, com aparente — assim lhe parecendo — simpatia e até um carinho exagerado. Odiava os hipócritas. Pelas costas, mangando dele. Todos uns covardes, uns poltrões. Não tinham coragem de enfrentá-lo. Não precisava da simpatia de ninguém, haveria de se bastar.

Em pouco tempo a mãe era um trapo, se arrastando pelas ruas, servindo de chacota aos moleques e aos que antes se haviam servido dela, usado e abusado de sua ingenuidade. As crianças correndo-lhe ao encalço, chamando-a, com essa inocência não isenta de malícia, por um apelido aviltante o qual certamente haviam escutado em casa. Aviltante, porém certo.

Ele devia, a essa altura, andar beirando os quinze anos, menino sisudo, concentrado, olhando as coisas com uns olhos tremendamente inteligentes e adultos, criança sem infância que era. Sofria cada vez mais, a ponto de, às vezes, não poder se conter, vontade de sair gritando pelas ruas, atirando nos passantes o que tivesse nas mãos, num desejo de há muito contido e que afinal explodira, depois de se haver atracado com um colega, e apanhado, chegando em casa, a uma pergunta qualquer diante da sua roupa suja e do rosto a sangrar, disse umas palavras ásperas, umas verdades à mãe. Nem por isso menos ofensivas ou despropositadas. Arrependeu-se logo, mas era tarde. Infelizmente não podemos recolher o que ficou dito, como quem recolhe, arrependido do gesto impulsivo, um objeto que atirara a rua. Ofendeu-a duramente, cruelmente.

(Seria mesmo ofensa, fica pensando às vezes, tentando se justificar aos próprios olhos, já que tudo quanto dissera não passava da mais dura e desagradável realidade?) "Sua..." — ainda agora não ousa, nem mesmo em pensamento, repetir, pronunciar a palavra que parece-lhe queimar a garganta, embotando-lhe a língua. "Sua..." — com rudeza repetiu. E a torrente represada jorrou, trazendo na enxurrada tudo que há muito estava recalcado. Sabia que estava agindo mal, procurava se conter, mas aquilo era mais forte do que ele.

Saiu correndo de casa, as lágrimas queimando-lhe as faces, com intenção de se ir para longe, nunca mais botar os pés ali, nem saber o que se passara. Vagou o dia todo, desnorteado, confuso. Quando voltou à noitinha, depois de uma tremenda luta íntima, para conversar com a mãe e lhe pedir perdão, encontrou-a dependurada na trave da cozinha. Balançando, já dura, a língua espichada. Sempre com aquele mesmo ar de calma e paz, de inocência e pureza, como se todas as asperezas e vilanias da vida tivessem passado por ela sem a atingir, deixando-a incólume. Não devia ter sofrido, não devia ter pensado muito nem se preocupado. Disposta a realizar o gesto, realizou-o, pronto. Tão simples! Passar a corda de puxar água do poço na trave, colocar a mesa, em cima a cadeira, trepar, passar a corda no pescoço, derrubar a cadeira, tudo feito. Tudo feito? Por detrás da calma, talvez no último instante, quem sabe até onde vai o instinto de conservação e o amor à vida por mais mesquinha que seja, no último instante não devia ter sentido no mais íntimo do ser um momento de medo, e quiçá teria tido um movimento de recuo! No rosto esverdeado, na língua de fora, nos olhos

saltados, nas mãos crispadas, Lola notou (ou teria imaginado, quis notar?), uma expressão de pavor. O pavor do desconhecido.

Fora, as coisas analisadas friamente, uma solução lógica, a mais lógica. Até humana. Agora velha, acabada, sem mais interessar aos homens, nem tentá-los, sem quem cuidasse dela, sem saber fazer nada, sem jeito sequer para esmolar, com aquele seu modo todo despersonalizado, sem um pingo de iniciativa, que faria para viver? Fora uma solução acertada. Mas Lola ainda não tinha essa frieza que hoje o caracteriza. Não tinha essa capacidade de se controlar, de dominar os nervos, essa força de empurrar o remorso e a dor para o mais fundo do subconsciente, e até mesmo esquecer-se deles, calçá-los aos pés e seguir adiante.

Quis ir-se embora imediatamente, nunca mais voltar àquela terra maldita. Esquecer tudo, passar uma esponja no passado. Mas sentia-se preso, uma força maior do que ele, e desconhecida, indescritível, tolhendo-o. Tentou fugir. Inútil. Não se foge de si mesmo. Tomava um barco, viajava, ia para longe, trabalhava em qualquer coisa. De repente sentia-se muito mal, uma angústia sem nome, inenarrável. Largava tudo, voltava, trabalhando pelo caminho, em qualquer coisa, em troca do que comer. Mal chegado, procurava as antigas rodas sentava-se a palestrar com conhecidos, melhor, a escutar as novidades ocorridas durante o tempo que passara fora. Assim decorreram anos. Raramente relatava do que tinha visto e feito. Mais anos foram passando. Bafejado pela sorte, melhorou. Voltou rico de uma das viagens. Com dinheiro no bolso, bem-vestido, anel no dedo, fumando charuto.

Parecendo outro. No fundo o mesmo. Nunca mais viajou, dir-se-ia esquecido de tudo, todo o passado, o mais antigo e o mais recente. Outro homem. Quero crer que na aparência, já que ninguém nunca se interessou em procurar sondá-lo mais, penetrar-lhe no âmago.

Periodicamente o correio lhe trazia grossos envelopes. Não se sabia o que continham. Sempre dava um jeito de mudar de assunto, quando lhe perguntavam. Ninguém tinha audácia suficiente para insistir. Passara uma esponja, cobrira o passado com uma pedra — e aquilo era também passado.

Chegamos ao terreno das conjeturas.

Diz-se que andou metido em contrabandos, lá para a fronteira com a Argentina. Diz-se que lutou, esteve ferido, foragido; falam até em mortes, tiroteios violentos. Tudo boatos vagos, inconsistentes, que ele não nega nem confirma, simplesmente não discute, para ele não existem. Ninguém sabe nada ao certo e ele a ninguém conta. Não se incomoda com os boatos nem com boateiros. Comprou a casinha onde a mãe se suicidara, reformou-a, mudou-se para lá. Vive, aparentemente, de rendas, pois não faz nada, o que deixa a todos intrigados. Que rendas? Não se sabe! Talvez as rendas de dinheiro que tem empregado fora, em bancos, diz-se; talvez as rendas das lanchas e redes que "seu" Jango "possui", diz-se. Sim, pois "seu" Jango se vangloria do que possui. Mas possui como, se o pai dele pôs quase tudo fora, o que possuíam e o que não possuíam. Diz-se que ainda deixou dívidas, diz-se que deixou a família na miséria, praticamente pedindo esmolas. Quando se deram conta já era tarde, o mal estava feito. Diz-se então que...

Donde iria, de repente, "seu" Jango conseguir dinheiro para adquirir tudo aquilo? E se são dele, conforme afirma sempre que tem oportunidade, mesmo sem ninguém perguntar, por que consulta sempre, antes de resolver qualquer assunto, por menor que seja, o Lola? E por que o pai de "seu" Jango, caduco, quando zangado com o filho, se põe a insultá-lo e a reclamar enquanto o filho procura carregá-lo para casa, não deixá-lo falar... Por outro lado, como é que Lola, sempre se aproveitando dos outros, foi aparentemente se entregar assim de mão beijada ao "seu" Jango? Mistérios, mistérios e mais mistérios que deixam enervados os bisbilhoteiros da vila. Bem verdade que, ninguém sabendo ao certo de nada, não podem afirmar qual o contrato vigorante entre eles. Se é que tal contrato existe... Diz-se, diz-se...

Mania de procurar saber de tudo! E ainda se zangam quando não obtém resposta.

V

"Seu" Jango fita o companheiro. Lola, recalcado, enervado, até se esquecera do acordo. Procurava vingar-se de todos, vingar-se do passado, espezinhando os demais. E o ódio lhe subia a cabeça, cegando-o. Aproveita qualquer vasa, nunca perdoa, não conhece complacência. Escarnece dos fracos, dos que agora são iguais ao que ele foi num passado remotíssimo e detestável de recordar. Gostaria de fazê-los sofrer, a todos, o que havia sofrido. Não se revê neles, oh, não! Revê a infância amargurada, as dores, o frio, a fome, a mãe, a vergonha. E em lugar de se compadecer, de procurar ajudar para que outros não

sofram o mesmo, ao contrário, mais odeia. E sente um bem-estar enorme quando consegue atingir — e afligir — um pobre miserável qualquer. Aquilo é um bálsamo para o seu coração cheio de fel.

— Vamos fazer como queremos — a voz vem áspera, irritada e irritante, nunca o viram assim, sempre soube manter a linha — eles não têm querer. Se não gostarem, rua. Que se lixem, que vão se queixar no diabo que os carregue. Não vamos, não devemos ter complacência.

— Mas Lola...

— Que é, "seu" Jango, diga logo?!

— Penso....

— Novidade. Desde quando?

— Eu...

— Eu — ria — eu gosto de ver como vocês ficam. Todos derretidos, todos amolecidos. Coitadinhos deles? Desde quando, me digam. Mas tem razão, não deixam de ter a sua razãozinha, vou dizer que são da mesma panela, só eu aguento. É! Mas eu, pergunto, quando eu estava aqui na merda, quem foi que ergueu um dedo pra me ajudar? Hein! Todos riam e queriam terminar de me afundar. Todos. Quando mamãe se vendia pra tudo que era canalha, por um prato de comida pros filhos e pra ela, quem se condoeu de nós, quem nos estendeu a mão? Por que então vou ter pena da canalhada? Que façam o que fiz... só assim eu respeito eles. Só assim. Olho por olho, dente por dente. Bem.

— Mas Lola... — insiste o outro, incapaz de raciocinar diante do extemporâneo desabafo.

Acostumado a não pensar, a deixar que Lola pense pelos dois, ei-lo numa situação que não contava encon-

trar. Como safar-se? Por que o Lola foi escolher logo agora para explodir, esquecendo-se do trato?

Os outros estão calados, num silêncio que "seu" Jango não sabe como interpretar. Não compreende que o deles é negócio e o de Lola vingança. Eis o impasse criado.

— Senhores, atenção e calma, senhores — diz Salgado em meio a uma baforada — pensemos com calma, não nos deixemos levar pela emoção primária e prejudicial, deixemos por um momento, de lado, os casos particulares, sem dúvida importantes mas deslocados aqui... Penso que...

— Tem razão, desculpe.

Lola passa as mãos trêmulas na testa, enxugando o suor, sorri, volta a se desculpar, não sabe o que lhe poderia ter acontecido, uma besteira que sucede com todos, onde já se viu. Olha para "seu" Jango, faz-lhe um imperceptível sinal, significando que tudo está legal, podem continuar.

E continuam.

VI

Com o decorrer do dia o tempo melhora, se firma. Um sol a princípio tímido surge, depois toma conta. Esquenta. As pessoas saem à rua, espairecer. É quase meio-dia. Dentro de pouco a criançada, em correria, deixa a aula. A professora marcha rumo à pensão, rígida, séria, cumprimentando secamente de um lado e doutro, cuidando-se para não se sujar nas muitas poças d'água. Sempre distante, sem se chegar, alheia a tudo. Sua roupa clara se destaca do conjunto pardo e triste.

VII

Percorrendo a vila, os dois moços de fora, seguidos de meninos e meninas, vão pregando pelas paredes grandes cartazes coloridos, velhos e gastos, onde se vê escrito:

"Não percam! — Sensacional. Fantástico. Inacreditável. Ver para crer. Se devolve o dinheiro em dobro a quem tiver a ousadia de declarar que não gostou.

NÃO PERCAM! SÁBADO

Único dia de espetáculo.

Magia, ilusionismo, música. Números arrebatadores. Impressionantes.

De passagem por este próspero Distrito, em viagem cultural e educativa. Preços populares para que todos possam assistir e se beneficiar dos ensinamentos a serem divulgados.

Todos a postos. Firmes. Presentes. Sensacionalíssimo!

Sábado. No salão do Ganchos Futebol Clube, às 20:30 horas (8,$^{1/2}$ horas)".

"Sábado. No salão do Ganchos Futebol Clube, às 20:30 horas (8,$^{1/2}$ horas)", estava escrito a tinta, num cartão, numa letra arredondada, toda cheia de floreios e enfeites, e colado por cima do restante, num canto. O resto, impresso, parecendo bastante usado, tendo no canto esquerdo a figura de um (ao menos parecia, mas nunca se poderia afirmar com segurança, dado que estava o seu tanto diluído, borrado), um hindu, com um grande turbante em volta da cabeça, no centro do qual se via uma pedra a reluzir. As duas mãos seguravam a cabeça abai-

xada, fixando com atenção o... o nada; a figura parecia perdida em profunda meditação.

Mas havia um outro cartaz, pior, que dizia

> "Sábado, as 8$^{1/2}$ horas, espetáculo de magia, ilusionismo, música: desaparição de objetos, outros serão quebrados à vista do espectador, na cara mesmo dos fulanos, e depois, milagrosamente, ressurgirão intactos; transformação de água em qualquer bebida; passes mágicos; adivinhação de pensamentos os mais recônditos, etc., etc.
>
> Ver para crer. Não percam! Único dia".

tudo em letras garrafais, seguido de um desenho horroroso, confuso, onde se entrevia uma cabeçorra solta no ar, rodeada de mãos aduncas que avançam fazendo gestos cabalísticos.

Pouco efeito produzem os dizeres dos cartazes, apenas atraem a curiosidade geral pelas figuras, já que raros são os que sabem ler. Mas de tempo em tempo surge, furando o aglomerado de pessoas, um aluno, depois outro, mais outros, que se põem a soletrar pronunciando erradamente as palavras mais difíceis, não compreendendo grande parte do que leem. Depois então todos se retiram, cabisbaixos, satisfeita a curiosidade, vão comentar em casa, com admiração, matutando muito no que poderá vir a ser, no que significará, por exemplo, o tal de "ilusionismo".

É preciso ir ver. Se não for caro, vamos dar um jeito, vamos ter que dar um jeito, qualquer que seja. Também, nunca temos diversão nem nada. É aproveitar. Aqui não chega nada. A última vez foi durante a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da vila, no ano passado não deu pra se realizar, mas no tresatrasado, deu uma

festa tão bonita, o mar tinha sido pródigo de peixe. Veio o padre, teve barraquinha, a procissão pelo mar, em agradecimento pela fartura que nos era proporcionada, tão bonito tudo, a novena, missas, jogos, fogos de artifícios e rojões. E também veio o cinema. Ou será que foi antes? É. Parece que o cinema foi antes, noutro ano. Bem. Muitos nunca tinham visto e talvez nunca tornassem a ver um filme. Escureceu no salão, logo, depois dos letreiros que não entenderam, aqueles homens e mulheres falando na língua deles da "estranja", correndo, atirando, dançando, se beijando em público, uma pouca vergonha.

Chegados em casa as pessoas reúnem a família e comentam o que viram; chamam os vizinhos, perguntam se também eles não observaram, se não pra irem lá logo ver os cartazes, e levassem um dos rapazes pra ler; trocam impressões, riem, todos entusiasmados, interessados em ir conhecer logo o tal de "ilusionismo".

Aos poucos, assim, todos travam conhecimento com a novidade e vão se preparando para a grande noitada.

VIII

Meio-dia.

O repasto é servido. Depois os homens saem. Andar. Cavaquear. Matar o tempo. As mulheres lavam a louça, arrumam a casa e vão bordar ou ao riacho ensaboar e torcer a roupa. As crianças correm e brincam.

O tempo, enfim, parece que firmou de verdade. Vamos ter, se Deus quiser — e a maioria tira o chapéu numa reverência — uns dias bons. Tomara. Já não é sem tempo. Agora só falta é a gente conseguir uns bons lances. Se não fosse...

Na fonte comum, as mulheres, enquanto, de cócoras, vão batendo, ensaboando, esfregando a roupa, discutem, tagarelam, mexericam. Depois põem a roupa a "quarar", na grama verde. Mais tarde, grandes balaios ou trouxas na cabeça, sol descambante, lá se vão rumo às suas casas, tratar da janta.

Hoje o comentário geral são os cartazes e os dois moços de fora.

IX

E agora, propaganda maior e de mais efeito, os dois moços saem a percorrer os botecos, demorando-se num e noutro, fazendo-se muito amigos da população, interessados na vida que levavam, desejosos de auxiliar, muito amáveis e prestativos, a parar um minutinho em frente das casas de família, para bater um papo e incidentalmente lembrar o espetáculo, enquanto, com olhares ávidos, tudo observam e gravam. Gostariam de poder vasculhar o interior das residências, se fazerem convidar. Mas é preciso contenção, o tempo é pouco, nada de se precipitarem.

O espetáculo de sábado transforma-se no tema único do resto da tarde. Quase chegam, mais um pouco e isto realmente aconteceria, a esquecer os grandes barcos de fora e o transtorno que causam, a fome que trazem.

Os dois moços de fora são discutidos. Alguns desconfiam das intenções e amabilidade, estranham que tenham vindo realizar um espetáculo logo ali. Por quê? Outros, os mais ranzinzamente bairristas, saem em defesa da terra. "Ora! Que há de mais? Sempre menosprezando. Por causa dos incrédulos e derrotistas não vamos pra diante, ficamos

marcando passo, enquanto outros lugares... Ainda assim, vejam a diferença, como progredimos, tanto que "seu" padre já compreendeu e se comprometeu a aumentar o número de visitas anuais e mesmo quer aumentar a "cota" do distrito. Que melhoramos nem meio melhoramos, então vais me dizer que antes não era melhor, isto aqui até parece rabo de cavalo, só cresce pra baixo, tem caveira de burro enterrada, vais me dizer que maior número de visitas do padre é melhora? E não é, não é, sempre com a tua má vontade. Que má vontade que nada! Não sabes então que esses dois fulanos vieram dar aqui por acaso, ninguém sabe muito bem-vindos de onde nem porquê. É pra não perder tempo, compreendes?".

Enquanto isto os dois moços de fora procuram se infiltrar. Lisonjeiam um e outro, se fazem de muito interessados no destino da vila, prometem tomar providências para que o ministério tal dê uma verba ao... não importa ao que, uma verba, quem lá quer saber o fim a que se destinam as verbas? Tomam nota, interrogam, sugerem e prometem. Mas não sabem compreender o motivo, esbarram numa resistência, não, não é bem resistência, numa passividade mole, pegajosa, que os impede de prosseguir, e os retém.

As moças vêm às janelas vê-los passar, mas espiam de longe, se eles sorriem ou por acaso se chegam para falar, elas se retiram, com risinhos de acanhamento, escondendo o rosto nas mãos, ficam a entreolhar de longe.

Nos botecos os homens aceitam-lhes as bebidas, prometem todos irem ao espetáculo, mas não se expandem, cortam a conversa e só a reiniciam após a saída da dupla.

Até as crianças, embora fascinadas, encantadas, tomam idêntica atitude.

Temem os estranhos, olham-nos com receio. Um receio que nenhum dos dois moços de fora — talvez nem mesmo a população da vila — consegue explicar.

Ambos saem aborrecidos, procuram um motivo, teriam feito alguma burrada, tanto se cuidaram, ficam intimidados, se pudessem se iriam logo, mas são obrigados a esperar até domingo, voltam a estudar as ações praticadas naquele curto lapso de tempo. Em vão. E prometem se cuidar mais.

— Mas haverá motivo?

— Quase certo que não!

— E daí?

— Vá a gente explicar certas reações do povo, reações que vem do mais íntimo e não tem aparentemente, razão de ser.

— Quem sabe se o isolamento em que vivem é que os torna assim desconfiados?

— Quem sabe!

X

Anoitece.

Uma noite escura, sem luar nem estrelas. Só de longe em longe, à beira do riacho que vem lá de tão distante, de detrás do morro, desaguando na calma baía norte, fachos rebrilham. Descem, acompanhando a queda do riacho, postam-se à beira-mar, percorrendo a baía. Caminham, param, descem e sobem, dão voltas, alteiam-se e se abaixam, param outra vez, correm, voltam a parar, a

caminhar, rebrilham. No seio da noite enorme, aqueles fachos tem uma fulguração medonha, fantasmagórica.

São crianças que pescam, repetindo uma cena milenar, milhares e milhares de vezes realizada por seus antepassados, os índios.

De repente o número aumenta, é um clarão na noite, iluminando as faces dos petizes, expulsando a escuridão. Vozes, risos, gritos, pragas, sussurrar contínuo se entrecruzando, acompanhando os fachos e o rebrilhar das agudas lâminas. E a pesca, primitiva, continua. É um costume antigo, uma tradição quase em desuso, mantida viva pelas crianças.

Longe, para a outra banda, uma voz entoa dolentes canções, velhas trovas:

> "Dentro do meu peito tenho
> duas escamas de peixe
> Uma diz qu'eu não te ame
> outra diz qu'eu não te deixe".

Para um pouco, continua:

> "As ondas do mar correndo
> Vem à praia beijar
> Tu és a praia, querida,
> Deixa que eu seja o mar".

A voz se alteia, ondula:

> "Quem fosse como a gaivota
> Que vive sempre no ar
> Vai voando, vai cantando
> Ao som do seu navegar".

Um silêncio longo cobre a natureza, como se também esta ficasse à espera da voz. Em expectativa. Esta demora, se faz de rogada, depois vem dorida, uma nota funda de melancolia perpassando pelos versos:

> "Vou-me embora, vou-me embora
> Como se foi a baleia;
> Triste coisa neste mundo
> É viver em terra alheia".

Agora a voz se some de vez — e no ar ficam vibrando as derradeiras palavras.

XI

Juquinha, treze anos, franzino, não era uma criança fora do normal, a não ser pela fraqueza, pelo tamanho e por aquela madurez adulta. Ali, talvez, sim, tudo isto formava, sob certos aspectos, um menino estranho e alheio a algumas das coisas mais características da infância. Ali onde na maioria dos casos 20 e mais anos representavam doze ou menos. Talvez um pouco adulto demais, quem sabe com uma sisudez imprópria para a idade. Mas a vida a isto o obrigava. Sem infância, tendo que encarar desde cedo os múltiplos e complexos problemas de um chefe de família, órfão de pai, mais velho de cinco irmãos, já aos oito anos trabalhava como homem grande, levantava-se cedo, cedo saía para o trabalho. De começo fazia biscates, sempre encontrava quem lhe pagasse alguma ninharia para dar recados, levar e trazer encomendas, limpar lanchas, varrer um rancho. Isso contudo não o satisfazia, não lhe bastava. Ele tinha necessidade de um emprego

fixo, porém nas lanchas era impossível. Não tanto por não aguentar, mais por serem inúmeros os desempregados adultos à espera de uma vaga.

Mais crescido, foi trabalhar na loja do Elias turco, era pau para toda obra, caixeiro e carregador, varredor e moço de recado, até ama de servir dos dois filhos da família. Entrava cedo, escuro, almoçava quando desse tempo, quando tivesse uma folga, não tinha hora para fechar, ficava noite a dentro atendendo os homens a prosearem e beberem. Elias turco pagava uma miséria mas exigia tudo sempre muito limpo e espanado, bem arrumadinhas as latas e garrafas nos seus lugares, não podia ver Juquinha um minuto parado, logo inventava serviços, reclamava, Juquinha a tudo se servia, humilde, com medo de perder o emprego que muitos invejavam e cobiçavam.

Juquinha amava, contudo, a vida, a pobre vida que conhecia. Era um contemplativo. Gostaria de arranjar um trabalho ao ar livre, de se bastar, de poder melhor atender os seus, sem necessidade de estar ali atrás do balcão amarrado o dia todo. Aprendera a ler por si mesmo, frequentara a escola menos de um ano, logo o pai falecera, tivera que sair e procurar trabalho, mas aproveitara muito mais que outros que haviam frequentado três ou quatro anos, se dedicara com afinco, devorava livros, importunava a professora, àquela época uma velhota magra e de pouquíssimas luzes, que em breve se vira atrapalhada para satisfazer a curiosidade do rapaz, perguntão e atento, sedento de saber.

Gostava de sua terra, de sua gente, do seu meio, mas era um gostar lúcido, enxergando-lhes as misérias, sentindo-as na própria carne.

À noite, quando se via livre do serviço, em lugar de ir para casa descansar, punha-se a percorrer a vila, andando ao léu, parando-se para observar uma coisa e outra, uma folhinha perdida a revolutear ou um grão de areia, uma árvore solitária ou uma casa em ruínas. Punha-se a meditar, perdido em cismas, indiferente ao tempo a escorrer diante dele, não vendo as pessoas, mas sentindo-as. Se bem não soubesse analisar-se ainda, percebia que aquilo lhe fazia bem, pondo-o em paz consigo mesmo, dando-lhe novas forças para enfrentar o futuro. Sonhava com um mundo melhor, de harmonia e compreensão, onde todos vivessem mais dignamente. Não sabia donde poderia sair este mundo, mas acreditava dever existir.

Nesta noite saíra mais cedo. Elias turco mandou-o embora, que ele mesmo fecharia, tinha aniversário em casa, convidara alguns amigos.

Juquinha saiu, fazia uma noite escura que nem breu, não se enxergando um palmo adiante do nariz. A vila perdida, confundida à escuridão. De quando em quando uma luz miudinha se deixava entrever por uma janela ou fresta de casa, como a provar a existência de vida.

Juquinha põe-se a andar, chega à praia, senta, enche as mãos com a areia úmida, depois, abrindo vagarosamente os dedos, deixa-a escorrer por entre eles, indo amontoar-se-lhe sobre as pernas nuas. Agora forma montículos, procura, no escuro, construir um boneco estirado ao comprido. Mas não enxerga. Então fica parado muito quieto, recebendo a fresca brisa marinha, percebendo todos os rumores que vêm da terra e do mar, se entrechocando. Aspira a plenos pulmões aquele cheiro de maresia, tão conhecido e tão amado.

Perto, uma lancha abandonada é um convite à fuga, à aventura. Balouça docemente. Bica a areia, está amarrada por uma corda a um mourão, os remos encostados no fundo.

Uma ideia louca atravessa o espírito do rapaz. Vontade de jogar-se à lancha, cavalgá-la e fazer-se ao mar. Sempre desejou, numa noite dessas, sair, sozinho, indiferente ao perigo e às ameaças, ficar vagando ao léu, entregue a si mesmo e aos seus pensamentos, sem preocupações outras. Ah, como haveria de se sentir feliz! E por que não? Quem é que o proibia? Não estava ali, só, não estava ali a lancha esperado-o, providencialmente esperando-o, tentando-o? Que iria fazer de mais, de mal? Sair, dar uma volta, ter a sensação de liberdade, soltar-se por um pouco que fosse daquela vida mesquinha, esquecer tudo e todos, ser feliz a seu modo, egoisticamente... Depois voltaria, calmamente, poria a lancha no lugar, iria para casa, pronto, no dia seguinte recomeçaria no seu serviço, na sua vida de sempre, ninguém viria a saber, apenas ele teria aquele segredo tão ingênuo mas tão bom acompanhando-o, dando-lhe alento. E esperança.

A mão sobe e desce numa carícia lenta para a areia. É só estender um pouco o braço e estará tocando a água. Assim também a lancha. É só estender mais um pouco o pensamento, resolver-se, passar do plano à ação, da teoria à pratica, ponto. Em menos de mais hora lançar-se-ia mar a dentro, lá longe, lá fora, iria desvendar os segredos que o mar guarda nas noites sem luar. Como seria agora a água, que tonalidade teria? Lembra-se dela ora verde ora azul, carregando mais nos tons ou esmaecendo, tomando súbitas cambiâncias impossíveis de serem descritas, de

acompanhar, de diferenciar, mais rápidas que a vista, velozes no transmutar-se. Mas agora devia ser de um negro profundo, insondável, misterioso e fascinante.

É mesmo tentadora a ideia. Por que não concretizá-la?

Fica ali estirado, indeciso. E, bruscamente, num salto, sem pensar mais, sem procurar raciocinar nas consequências, lança-se à lancha, desamarra-a com um gesto arrojado, nervoso, toma dos remos, forceja na areia, vai sentindo a lancha deixar o baixio, os remos chapinham na água, vai se afastando da terra, agora não mais atinge o fundo com os remos, as luzes esparsas das casas vão diminuindo, diminuindo, julga distinguir os barcos de fora. A corrente puxa-o, mas ele forceja e consegue governar a lancha. Senta-se, está quase atingindo a ponta do mar que sai lá longe, abrindo para o largo. Despojado de tudo, ei-lo ali, sem se lembrar de passado ou presente, senhor de si e dos elementos. Para os remos, apenas manobra-os para que a lancha não se desvie muito de sua rota, ajudando assim o leme. E deixa-se estar. Sente mais forte aquele cheiro de maresia, tão bom, tão tentador, que dá vontade da gente se atirar à água para que mais ainda nos atinja e penetre. De longe, da terra, som algum o perturba. O vento, suave qual uma carícia, vem do mar, e uma muralha impedindo que qualquer rumor estranho chegue até ele e o perturbe. Céu e mar. Na lancha a água chapinha de leve, tão ao de leve! É uma carícia, deliciosa e dolorosa carícia feminina a qual nos entregamos de corpo e alma.

O vento murmura uma canção sem nome e sem palavras; o mar, negro, insondável, une-se ao vento na sua

melopeia; céu e mar se conjugam e com Juquinha formam um todo, se completam harmoniosamente. Que bom seria se este momento fosse interminável!

A lancha se afasta mais um pouco, agora, lá no alto, uma nesga de lua rasga as nuvens e se pode entrever a vila perdida na noite, fechada em si mesma, as casas trepadas pelas encostas, a igreja lá no cimo vestida com seu vestido branco, o cemitério com as tumbas também brancas e acima certamente as cruzes que não se divisam, negras como a noite. Para o lado da baía, uma camada de luzes que ondeiam. Mas já a noite volta a cerrar tudo, a lua se foi, tragada pelas nuvens. E o nada volta a dominar, cortado rapidamente pela igreja branquejante e pelos fachos que rebrilham.

Quanto tempo terá decorrido? Juquinha não sabe, não quer saber. Sente um cansaço bom por todo o corpo, um langor, uma moleza colhendo-o em seus braços, vontade de estirar-se ali mesmo, ficar olhando o céu a girar, a girar. Ah, se pudesse não dormir, mas ficar num estado semelhante, com nada em derredor lhe importando, isolado, perdido, num egoísmo sem nome!

Verdade que não formula tais pensamentos, aliás não pensa, deixa-se levar, deixa-se estar, que lhe importam divagações! Quer é ficar ali, covardemente, longe de tudo, de todas as baixezas, de todas as misérias humanas. Ama a vida mas sonha-a diferente, mais bela, tapizada de flores, com crianças rindo e vivendo suas vidas de crianças, não assim.

Ei-lo que boceja, que estende os braços para tomar os remos. Quer voltar, sente medo, um pânico sem nome, mas as forças e a vontade abandonam-no, por mais que

procure pensar e se force não consegue reagir. A lancha vem e vai, batida pelas ondas, sem leme que a oriente. Juquinha, semiestirado, dorme.

XII

Lurdes, que apreciava a pesca de um canto mais afastado, espera Godofredo. O moço está demorando. E começa a se fazer tarde. Daqui a pouco ela terá que se ir embora, se não a família abre uma briga daquelas; custou a conseguir licença para vir espiar um pouco. Sente vontade de não esperar mais, de descer, ir-se embora de vez ou juntar-se aos outros ali embaixo.

Tenta devassar a escuridão. Quem sabe se se terá enganado no local? Quem sabe se ele já chegou e também está esperando por ela e não a encontra?

— "Mas foi aqui mesmo que nós combinamos nos encontrar" — pensa. Não há engano possível. Apalpa a árvore que lhe está ao lado. Apanha uma folha de um galho próximo e se põe a mastigar, a triturar. É amargo, cospe, faz uma careta de nojo. Volta a vista para baixo. Os fachos permanecem, agora com um brilho que cega, da faca que se ergue e, rápida, desce, para fisgar o peixe.

Está tão distraída com a cena que tem um choque quando alguém a toma por um braço. Esboça um começo de grito que logo se perde na garganta. Sente uma boca junto à dela, dois braços que a apertam, uma voz sussurrante. Forceja por escapar, finge-se zangada, ofendida, mas logo se entrega, retribui o abraço e fica ali, aninhada, agarrada ao rapaz, tremendo. De pura felicidade. Não se dizem palavra. Aliás as palavras seriam supérfluas. Separam-se, dão-se as mãos, ficam olhando um para o ou-

tro. Melhor: tentando olhar. Sem se verem. Ou olhando mesmo. Não precisam se ver para se enxergarem. Não se enxergam. Mas se adivinham. E sorriem. Não se veem, é verdade, não veem o sorriso. Porém cada qual bem pode imaginar o outro, reconstituir cada traço, cada linha do outro, cada movimento fisionômico, cada maneira de sorrir e falar. E isto basta. Ademais sentem uma paz tamanha, uma felicidade tão grande, tão boa e nova, que qualquer palavra viria quebrar tudo, seria importuna. Até mesmo o se enxergarem lhes seria, no momento, desagradável. E agradecem a noite, as nuvens, a escuridão. Gostariam de prolongar, de eternizar, de tornar perene e infinito este momento. Recordar-se-ão dele para sempre. Para sempre. Não importa o que lhes reserve o futuro. E aguardam, com ansiedade, como um bem supremo, o momento de trocarem a primeira palavra. Antegozam tal momento, prolongam-no propositadamente, constroem em torno dele um sem-número de sensações, e se isolam numa muralha para recebê-lo. Estão numa tal comunhão de sentimentos e pensamentos que se adivinham as palavras a dizer.

"Como é bom viver".

Mesmo que tudo entre eles nunca mais dê certo, que cada qual, a partir dali, tome um rumo diverso, tal momento valeria uma existência. Isto basta.

Fitam a coluna de fogo que sobe e desce, desce e sobe, os focões rebrilhantes que fisgam o esquivo e entontecido peixe.

E sentem, então, de imediato, com urgência, uma necessidade premente de se falarem, de se ouvirem a voz um do outro, se possível se verem nem que seja por um segundo. Morreriam se assim não fosse. Morreriam. Só

assim acreditarão que se encontram juntos, que...

Impossível explicar, transmitir em palavras tudo o que pensam e sentem: me limito, a acompanhar e transcrever, com vocábulos pobres e simples porém sinceros, o que segue:

— Pensei que não vinhas mais! — Lurdes quebra o silêncio, sabendo que as palavras em si mesmas nada significam, porém o som delas e o que querem transmitir, dar a entender, isto sim. Mas logo, mal pronunciada a frase, ela se arrepende. Todo o encanto sutil que os rodeava e envolvia, a estas simples palavras, se evapora.

— Foi impossível vir antes. Tio, parece de propósito, me prendeu até agora, vim correndo, fugido. Como se adivinhasse alguma coisa e tivesse o que ver com isto, desconfiado, arranjava um negócio e outro pra eu fazer.

— Tá quase na hora de eu ir embora.

— Sei. Não tenho culpa. Fica mais um pouquinho. Assim não podemos continuar. Eu...

Palavras comuns, banais, que nada dizem do que na verdade eles gostariam de se dizer.

Um silêncio pesado se faz. Depois.

— Que vamos fazer? — ela diz.

— Sei não! Vou mesmo e falar com teu pai, de qualquer jeito. Pra ele deixar eu namorar contigo. Tio Justo já deve saber e se finge é por birra, por causa daquela história com teu pai, mas teu pai, como vai ele aceitar?

— Tás louco, Deus me livre, ainda mais agora. Nem pensa nisso de falar com meu pai. Vê que ele deixa. Me dava uma surra e nunca mais me deixava sair de casa; me mandava pra casa dos tios, lá em Tijucas.

— Então que vamos fazer, dá uma ideia. Ainda se eu, se... eu tivesse algum trabalho certo.

— O quê?

— A gente fugia. Fugia, pronto, depois não adiantava eles reclamar, tinham que aceitar.

— Não sei. É melhor a gente não pensar nisso... se não...

— Não pensar como, se não o quê? Às vezes tu me enerva. Penso que não gostas de mim, vai, vai para Tijucas, se é isto que queres, pra casa dos teus tios, lá tem o primo, não é. Também, pudera, não era nada de mais, quem sou eu pra ter pretensões à filha de "seu" Jango.

— Se vais começar de novo vou embora... — a voz vem trêmula, chorosa.

— Vai, vai, se é isto que estás querendo, tens aí a desculpa.

Sempre que conversam é a mesma coisa. O mesmo assunto, persistindo, voltando, se repetindo. Também, de que falariam mais? São estas ninharias que para eles valem. Mas não podem chegar a um acordo. E a falta de solução os enerva. Godofredo pensa que se tivesse um bom emprego tudo seria mais fácil, poderia sem grandes confusões ser solucionado. Mas assim?

Calam-se. É o melhor. A princípio sentem como uma espécie de ódio surdo que os separa, penetrando-os até as menores fibras, quando há pouco se sabiam tão completamente unidos e fortes, indestrutíveis; crentes que nada poderia desuni-los, e capazes de enfrentar o mundo. Por que então? Eles não o compreendem, mas instintivamente percebem que os laços do amor são tão fortes que força alguma do mundo os consegue destruir e tão frágeis que a menor rusga os rompe, os transmuta em ódio. Pois ódio e amor são sentimentos idênticos, quase sinônimos na sua antinomia. E uma vaga de alegria e tristeza os domina.

Para tais ocasiões, já sabem por experiência própria, o melhor remédio, antídoto infalível, é o silêncio. Calam-se.

Neste justo momento a lua se filtra pelas espessas nuvens e eles se veem. Desviam os olhos. Fitam o mar, a lancha vagando lá longe, solitária. Aspiram o forte cheiro de maresia. Percebem o leve rumor das ondas na areia e o vento nas folhagens das árvores. A paz vai voltando. As nuvens encobrem a lua.

Na impossibilidade de resolverem o problema que os aflige, deixam-no para trás, para mais tarde, e resolvem aproveitar o mais possível o momento presente. Parece-lhes tão belo! Depois tratarão de lutar com todas as forças. Confiar no futuro, esperar que um milagre aconteça. Tudo bem ao jeito dos antepassados. Não, não! Um milagre que eles ajudarão a acontecer.

Voltam a unir as mãos. Voltam a ficar juntos. Os lábios vão se chegando. E um desejo intenso, um tremor levemente doloroso, mas tão bom, um frenesi gostoso, os toma por inteiro, percorre a espinha de ambos, deixando um calafrio por todo o corpo. Suspiram, lábios unidos, corpos unidos, mãos úmidas, agora a moça acariciando o pescoço do rapaz e as dele enlaçando-a, acariciando-a, percorrendo-a até atingir-lhe o seio. A moça pende, quer e não quer afastar o moço, mas não pode, e como se afastasse um pedaço de si mesma, doloroso, como se decepasse um pedaço de si mesma. Soluça: "— Não Godofredo, não, Gô, não!". Com as mãos tenta afastá-lo, porém é só um gesto frustado, que não chega a ser e já se metamorfoseia, em verdade mais o aperta a si, repetindo, "não, não", cada vez mais leve, mais levemente, num tom

que nem a ela mesma convence, incapaz de raciocinar, e vai vergando qual haste batida pela brisa. Godofredo mais insiste, alucinado. Fica mais audacioso, força-a, a moça pende, por inteiro entregue, quando um grito reboa quebrando o milagre e o silêncio da noite:

— Lurdes!

Bem longe, mas que se adivinha proferido a plenos pulmões.

— Luuuuurdes!

Mais próximo.

— Luuuuuuuuuuuurdes!

Sempre mais perto.

— LURDES!

O grito parece tomar a noite, extravasar.

— Ó Lurdes, onde estás, criatura de Deus?

É a voz da mãe.

— LURDES!

O pai repete, infatigável.

Logo, crescendo, latidos que só agora ela percebe. É o Cadí. Certamente já a terá descoberto.

— Lurdes, será possível, onde andará esta menina? — vem agora a voz zangada do pai, um fundo tom de irritação. Não consegue entender a resposta. E duas passadas, uma pesada outra mais leve, em contraponto, avançam. Ambas apressadas, cada vez mais próximas, se fazendo sentir distintamente. Balançando, com sua luz difusa a furar a escuridão, projetando claros fachos de luz sobre a paisagem, o velho lampião, seguro por mão firme. Já o Cadí junto dela, ganindo, saltando, lambendo-a, se esfregando.

Godofredo sumiu. Nem chegou a ouvir o sussurro dela: "— vai vai agora, logo, ocha, vai, homem impertinente, depois te aviso pra gente se encontrar".

Ela se arruma e corre em direção aos pais.

— Lurdes — outra vez a voz do pai, num berro, enquanto sacode a mão. E o lampião, ameaçador, mais perto, lampeja, devassa a escuridão, dardeja raios de luz em derredor.

Ela dá uma última mirada para trás, não consegue descobrir nem rasto de Godofredo, que sumiu, tragado pela noite.

Lá para baixo, os fachos, embora bastante diminuídos, quase extintos, ainda permanecem lutando. Os facões sobem e descem, cintilam.

Mas por pouco, logo se somem, tudo finda.

E ela então, para o pai que a recrimina, à medida que vão descendo rumo à casa:

— Estava aqui, vendo os rapazes. Já ia indo, nem que fosse me perder, ocha, também! Era preciso gritar assim?

4
Sexta-Feira

I

Ninguém sabia de nada, de nada desconfiava.

Lola, "seu" Jango, Salgado, que tudo tramavam, queriam pegar os homens de supetão, desprevenidos.

Mas era como se a coisa andasse no ar. Todos, homens, mulheres, crianças, andavam inquietos.

As pessoas não paravam, cochichando.

"— É pra hoje!" — parecia-se ler em todas as fisionomias.

"— É pra hoje!" — e um ar de mistério perpassava sutilmente.

"— É pra hoje!" — não se falavam, não discutiam o assunto, mas sabiam-no existente.

"— É pra hoje!" — o vento carregava a mensagem, as folhas das árvores retransmitiam o recado, o sol coparticipava da expectativa geral.

Ninguém sabia de nada, de nada desconfiava.

Apenas Lola, "seu" Jango, Salgado, o das fundas olheiras, tudo tramavam em silêncio, queriam pegar os homens de supetão.

Nos botecos, nos recessos dos lares, na praia, nos riachos de lavar roupa, em toda parte é só no que se pensa.

Mas se pensa em quê?

Já desde manhãzinha que a vila tem um ar diferente, em expectativa, se preparando para o que há de vir.

Todos conhecidos, vivendo ali em comunhão, repartindo alegrias e tristezas — e no entanto hoje se estranham.

Um segredo entre eles. Fato insólito. Um segredo que entreveem, que adivinham — sem que possam saber qual seja.

Alguma festa, algum acontecimento importante e novo, inesperado, maior por certo que morte, casamento, nascimento, aniversário, fatos afinal corriqueiros na vida de qualquer localidade.

Talvez a chegada do padre, talvez algum figurão com rocambolescas promessas de melhoria para a vila, rasgar estradas, instalar hospital, construir o grupo escolar, reformar a ponte do riacho, romper com os velhos e caducos hábitos. Mas não estamos em véspera de eleição, época propícia às promessas eleitoreiras sempre repetidas e nunca cumpridas!

Mesmo sem de longe adivinhar o significado do fato, crianças e adultos meditam, repetem frases incompreensíveis, se olham espantados, se dizem meias palavras que sugerem segredos desvendados mas impossíveis de transmitir. Mas meditam em que, quais segredos se insinuam?

Ninguém sabe de nada, de nada desconfia.

Lola, "seu" Jango e Pedro Salgado tramavam. Até "seu" Tomás tramava.

Os homens tramavam.

Ninguém desconfia?

Todos desconfiados, arredios. Fingindo calma. Todos numa excitação incomum.

II

O dia começara com um acontecimento inédito. A chegada da lancha, salva milagrosamente por uma outra que vinha de Florianópolis. Juquinha dormia no fundo, sem se dar conta de nada, embalado pelas ondas.

Os que vinham da capital ficaram imaginando o que faria ali, e aquelas horas, aquela lancha. Chamaram. Como ninguém atendesse ao chamado, estranhando o silêncio, sem saberem explicar o que poderia estar fazendo a tais horas e em tal ponto, aquela lancha solitária, resolveram dar uma olhada. Desviaram-se um pouco do rumo, se aproximaram. Voltaram a chamar. Nada. Não se via pessoa alguma. A lancha balouçava de manso, quase não se movendo. Mais de perto puderam ver o menino que dormia.

Amarraram a lancha à deles e rebocaram-na para o porto.

Na vila, já muitos haviam notado a falta, ao mesmo tempo que a mãe do menino viera saber de "seu" Elias turco se o filho tinha ficado à noite na casa dele. Com a negativa do patrão, que reclamava contra a falta do empregado, a mãe, sem encontrar explicativa para o acontecido, não sabia para quem apelar nem o que fazer. Voltava para casa desnorteada e apreensiva, quando viu as lanchas chegando e curiosos se aproximarem. Depois escutou comentários. Chegou-se também. Juquinha acordava, estremunhado, a princípio sem compreender o que poderia ter sucedido. Não sabia onde se encontrava nem porque as pessoas o rodeavam e riam. "Seu" Tomás ficava em dúvida. Xingar o menino ou agradecer aos homens.

Juquinha, cabeça baixa, envergonhado, tratou de safar-se logo. Foi para a venda, cair na vida de sempre. Mas o que poderia ele esperar de ontem? Não sabia. Imaginara tolamente que qualquer coisa... qualquer coisa lhe sucedesse, que o viria libertar. Via agora, sem muita nitidez, mas via, que as coisas não acontecem assim, a gente precisa ajudá-las a suceder.

III

Na escola, a professora mal consegue dar a aula. Os alunos nervosos distantes. Neurastênica, Dona Leonor se esgota, reclama, interroga um e outro, sem saber a qual motivo atribuir aquilo, aquela inquietude geral. Não sendo dali, não participando do viver e da ansiedade comuns, o clima de inquietação não a atingiu. "Verdade que os alunos nunca foram dos melhores" — pensa, procurando uma desculpa e uma explicação. Displicentes, desatenciosos. E muito embora ela não reconheça, ou não queira reconhecer, desconfia que é porque a maioria deles vem para a escola mal alimentados, mal dormidos, mal vestidos, com frio ou calor, sem incentivo, indiferentes às lições, pensando, desde pequenos, na árdua vida que os aguarda, na maneira de melhor se manterem, na luta constante que terão de enfrentar. Não veem perspectivas. Na escola, mal aprendem, e com que sacrifício, meia dúzia de palavras, a assinar o nome, as quatro operações. Logo saem, se metem no trabalho pesado, nunca mais abrem um livro. Alguns, raros, se esforçam, mesmo com todo aquele ambiente adverso. Com que finalidade, se não veem compensados seus esforços

e não podem continuar? Dona Leonor chama a atenção dos meninos:

— Quietos, vamos, sentem-se. Atenção vocês aí! — e bate com a régua na mesa.

Sentam todos, ficam quietos por alguns minutos, mãos nos rostinhos miúdos, olhos vivazes momentaneamente calmos, prontos no entanto a fugirem, ao menor descuido, da chatice da aula. Logo, a atenção desperta por um objeto diverso, exterior ou interior, se perdem. Ou então começam a rir, a se cutucarem, a inticar uns com os outros, ansiosos pelo término da aula. Tudo tão enfadonho, tão monótono e sem atrativos! Sem o mínimo de interesse. Bem que eles, em lugar de perderem tempo ali, gostariam de estar na praia, soltando pandorga, tomando banho de mar, em correrias pelos matos atrás dos passarinhos, ou deitando na areia, formando casas, rios, ruas, cidades, mares onde pescam o farto peixe; construindo castelos, tudo na areia fofa e macia, maleável, aproveitando o tão pouco que suas infâncias lhes ofereciam. Mas não, até este pouco lhes era negado, filho de pobre não tem muito tempo para tais coisas. Bem cedo cai na dura realidade da vida e precisa compreender que os sonhos e os castelos — mesmo de areia — são feitos para os outros, para as castas dos privilegiados.

Hoje, porém, repara a professora, eles têm algo mais em que pensar, mais um motivo para se desinteressarem da aula. Não sabe do que se trata, por mais que queira — e a verdade é que não quer — não conseguiria apreender. Mas deve ser importante. Nascidos ali, criados ali, percebem, sentem que alguma coisa está para acontecer. E

o demonstram de uma maneira tão clara que, isto, até a professora percebe.

Mas por pouco. Logo se perde. Imagina a infância que levou, tão semelhante à que lhe está diante dos olhos. Porém, estranhamente, isto não a emociona, pelo contrário, o rever-se ali deixa-a com uma profunda frieza íntima, até mesmo com raiva. E olha para a classe, percorre-a de canto a canto, observa as crianças.

São poucos alunos. Uns cinquenta meninos e meninas. Talvez menos. Pálidos, doentes, famintos. Variando entre 7 e 13 anos, mas tão miúdos que podem ser com facilidade confundidos.

A professora não os compreende, nem procura compreendê-los, como se fosse de outra camada bem distinta, largada ali pelos azares da sorte. Distante deles. Julga-os uns malandrinhos de marca maior. Uns vadios. Não prestam a mínima atenção, querem sempre sair mais cedo, doidos para que termine logo a aula, faltando muito, quer em gazetas, quer porque os pais necessitem deles em casa.

Desde miúdos metem-se na lida. Mas isto ela não sabe, não quer saber.

Meia dúzia, se tanto, os filhos de famílias de alguma posse, vai estudar fora, em Tijucas, Biguaçu, às vezes Florianópolis. Voltam depois, mudados, não reconhecendo os amigos mais pobres de outrora, esquecidos deles e da vida em comum que levavam, superiores, falando tudo nos "esses" e "erres", sempre calçados com sapato engraxado, até mesmo de gravata e paletó, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Vão à praia para um banho rápido, diz que ficar muito tempo dentro d'água é prejudicial à saúde, com medo do sol, da chuva, do vento.

Não se perdem em correrias, esquecem do tempo quando colhiam ostras que depois vendiam para comprar "duzentão" de cigarro "Colomi" ou "Yolanda". Não se recordam dos apertões nas meninas, quando atrás das pedras aprendiam "malcriação". Talvez, no fundo, quem sabe, sintam saudades dos velhos tempos de liberdade e mandriagem. Porém é feio, é vulgar ter-se saudades, se juntar com os que "nos são inferiores", agora estão sendo ensinados a mandar futuramente nos antigos companheiros, e é bom evitar maiores proximidades, não deixar que tomem muita confiança. Se não, depois será o diabo para fazê-los compreender seu lugar e reconhecer a diferença...

No entanto, agora, ali amarrados às incômodas cadeiras, nada disto ainda existe. O que existe de concreto é a aula. E eles odeiam a aula, a professora "chata", ter que aprender, melhor que estudar, o que é diferente, decorar aquelas coisas inúteis para a vida prática. O ensino fica só em vagas teorias, as mais das vezes falsas até mesmo como teorias. De que lhes servirá o que estudam? Que valor objetivo qualquer deles tirou ou tirará, já colheu, para o futuro, do estudado ali? Além do mais, em casa, em lugar de ajudá-los na lições, de estimulá-los, de incentivá-los, os pais, em geral, ou nada sabem nem se interessam por aquilo, não têm tempo, ou, o que é ainda pior, quando um filho manifesta tendência mais acentuada pelo estudo, escarnecem-no, chamam-no de "seu doutor", depreciativamente, "vamos deixar de manha, de farolagem, de besteira, vamos logo, de uma vez por todas, deixe disso, seu doutor de uma figa, livro não dá camisa pra ninguém, estudo não enche barriga, deixe de malandragem e vamos pro pesado, é que são elas; quer

desculpa pra ficar na boa vida, no mole, hein! Não tem não. Já sabe assinar o nome, já conhece dinheiro, chega, pra que mais? Me diga!".

Também, pudera, estudar ou mandar estudar com a barriga vazia, o estômago gritando por alimento, os membros tiritando de frio, ou com um calor tórrido, em salas insalubres, úmidas, mal ventiladas. É em vão que procuram se interessar no que diz, monotonamente, com enfado, com fastio, bocejando, como quem realiza uma obrigação penosa, a professora. Querem é sair. Sair.

— "Seu" Lídio, onde está com a cabeça, me responda, que foi que perguntei?

— ...sôra?

— Que foi que lhe perguntei?

— Sei não!

— Sei não, sei não! Tem jeito? Cabeça de pedra! Cinco vezes oito?

— Cinco veis oito ... cinco... cin... oito... Sei não! Eu... — um grande bocejo, que o menino, enfezado, pálido, não procura reter, nem pode, corta-lhe o resto da frase. Baixa a cabeça e para, esperando.

— Mas que é isto? Mas o que é que sabe, me diga! Pergunto, mando estudar, tenho paciência, me esforço e sacrifico, procuro desemburrá-los, tudo para o bem de vocês, pra mim é que não é, para que, me digam para que este esforço meu, se a resposta é sempre "sei não", "... sôra". É de desesperar. Que vêm fazer aqui, me digam, se não querem estudar? Fazendo-me perder tempo, perdendo tempo vocês também, sacrificando os pais.

Cala-se e fita a classe. Silêncio.

O menino atingido, cabisbaixo, faz com o pé nu estranhos arabescos no chão sujo. Não responde, não ergue

a cabeça, não se mexe, não reclama, nada procura explicar, embora pudesse. Os outros observam, se esconde escondendo, cada qual mais temeroso de ser o próximo chamado.

— Vamos ver se tu sabes, Matilde! — aponta para a menina. E o senhor, sente-se "seu" pamonha cabeçudo, e aprenda.

— Cinco veis oito quarenta! — vem lá do fundo da sala uma vozinha esganiçada, um tantinho pedante, convencida, se esforçando por pronunciar com clareza e correção todas as letras e sílabas.

Não há divisão de classes. Ali se aglomeram grandes, pequenos, mais adiantados e mais atrasados, os que estão nas primeiras letras e os que já vão sair. Método pedagógico é animal em que nunca se ouviu falar. Enquanto uns são inquiridos pela professora, os outros, os das demais séries, brincam ou brigam, pois não adiantaria mandá-los estudar, dar-lhes temas. Indiferentes, não se aplicam nem deixam os poucos interessados fazê-lo. Estudar o quê, para quê? Não é o que lhes dizem em toda a parte? A professora precisa sempre mantê-los vigiados.

Também, se não há método pedagógico, não há, outrossim, organização, assistência às professoras, orientação. As escolas são abandonadas à própria sorte, vegetam entregues a si mesmas, de longe em longe surge um inspetor bocejante, doido por terminar com a massada e voltar ao seu meio, que dá uma desinteressada vistoria naquilo tudo, mera formalidade para poder lascar a sua assinatura e merecer o rico dinheirinho. E mais que depressa se vai embora. Sempre acha tudo muito bem feito, uma perfeição, como tudo está não se pode exigir mais,

é preciso a gente compreender, o professor precisa saber colaborar e assim "sempre nos acertaremos". É o mais prático. E os relatórios dizem que tudo vai bem no melhor dos mundos, é ótimo o aproveitamento dos alunos, o professor um abnegado que ganha suficientemente, dali com certeza sairão os construtores da pátria de amanhã.

— Está bem. Sente-se Matilde. E você, "seu" grandão, não tem vergonha na cara, não sabe quanto é cinco vezes oito, para que estuda, que está fazendo aqui? Veja só a Matilde, tão mais mocinha e que está mais atrasada do que você, como logo respondeu direitinho. É a diferença. Ela menina aplicada, se interessa. Você um cavalão. Além da pouca facilidade para captar as coisas, não estuda, não abre um livro, não presta atenção. Como é possível! Pensa que faço milagre? Estamos perdendo tempo nisto e temos que dar conta do programa. Bem ou mal. Vocês é quem decidem, escolhem. Já estamos na metade do ano e nada se fez. Agora vamos assim mesmo pra diante, e pronto, quem ficou pra trás que ficou e paciência. Se acompanharem é um favor, se não acompanharem, dois, rodam e pronto. Entendido? Fim de ano vem aí mesmo... É hora da aula de português, para a terceira série. O primeiro e segundo ano que fiquem copiando aqueles problemas do quadro. Do quarto ano vou tratar já desde que termine isto aqui, vamos ver se saem do curso sabendo alguma coisa, desemburrados, não analfabetos de todo. Depois o professor, coitado, é quem paga. Os outros abram os livros. Todos. O quê? Como? Será possível? Eu já não disse que quero todos com os livros, não me entrassem em aula sem eles!...

— Mas nóis num pudemo comprá... me parece qui num tem não...

— Não puderam comprar por quê? Custa uma fortuna? Não custa! Eu já não disse onde se poderia encontrar ele em Florianópolis? "Seu" Jango não disse que quando a lancha fosse podia ir um dos mais velhos e comprar pra todos, ou então dar o dinheiro para um dos camaradas que ele traria? Quem sabe querem que eu vá comprar pra suas altezas? Fica bom assim?

— Não sei não — é um menino sardento, vivo, quem fala — não sei não, mas se meu pai não tem gaita nem pra mode comprar boia pra gente, que dera livro!

Um sorriso, aprovando, talvez de satisfação pela resposta, talvez de ironia pelas verdades contidas na mesma, cruza algumas daquelas fisionomias.

— Muito bem, paciência. Já pedi, já implorei, já ameacei, prometem, prometem e tornam a prometer, cumprir que é bom não, ficam nas promessas e desculpas esfarrapadas. Milagre não posso fazer, não sou santa — e a verdade é que se pudesse não fazia. Vocês não merecem. Depois, no fim do ano, vivem aqui a choramingar, e o senhor inspetor não se conforma com o que vê, quer resultado positivo a qualquer preço, o departamento de ensino reclama que os professores são uns incompetentes e malandros, nada fizeram, o ensino está descendo, onde as aprovações. Vai a gente acabar tendo que aprovar assim mesmo. Mas comigo não contem pra isto. Nem que rode todo mundo. Vão ver. Melhor do que isto só se a gente for mágico. Se vocês têm dinheiro ou não pra comprar livro, é outro assunto que não me compete, não é meu problema, não posso resolver. Está no programa o livro, estão no programa as lições. É só o que sei. E o senhor, "seu" Janguinho, também não pode comprar?

— Me esqueci. Lurdes foi na cidade outro dia, mas me esqueci de pedir.

— Mais esta! Muitíssimo bem: — "me esqueci!" Que gracinha! Mas não "me esqueceu" de pedir pra mana lhe trazer o revolvinho, esqueceu? Pois bem, se na última aula do mês, vamos ver, daqui há quanto tempo, deixe ver, será numa sexta-feira, não tiverem livro, ninguém me entra aqui, vamos fazer feriado coletivo. Mas não fiquem contentes, não pensem que assim ficarão livres, não senhores, só porque não têm livros. Não senhores, estão enganados. As aulas continuam contando e as lições sendo passadas. Arranjem um livro, pelo menos um, estudem por ele, copiem uns dos outros. Vejam bem o que digo: fim do ano vem aí, com ele as provas. Entenderam? E agora como ninguém tem livro, vamos conversar, vamos ver como passamos o tempo. Lucas, no quadro. Escreva aí:

A professora faz uma pausa, medita, dedo em riste, enquanto Lucas se apronta para escrever, com a sua letrinha informe:

Comece:

> "Nós precisamos estudar melhor, ter os nossos cadernos em ordem, ter os livros à disposição do mestre. O estudo é a maior riqueza da pessoa, legada por Deus ao homem, juntamente com a inteligência. — Bem que ninguém poderá roubar. Devemos retribuir o esforço de nossos pais que tanto se sacrificam e gastam para nos dar uma boa instrução, que nos servirá de amparo nos ínvios e ásperos caminhos da vida. Mais tarde compreenderemos, nos recordaremos saudosos e comovidamente agradecidos, ben-

diremos as mãos carinhosas e amigas que hoje sobre nos espargem mancheias de saber".

Meninos, copiar este trecho. Todos. Você aí, comece, trabalhe. Com muito cuidadinho, sem um erro. Devagar. Quero que segunda-feira me tragam, nos seus cadernos de cópia, este trecho reproduzido vinte vezes. Vocês aí, silêncio. Já copiaram os problemas? Agora quietos, cada qual procure fazer a sua tarefa direitinho, sem atrapalhar o vizinho. Vamos adiante. Começaram? Silêncio, já disse.

IV

Fica observando os alunos trabalharem, cabeças abaixadas, concentrados. Agora, sem saber porque, de repente, sente pena deles, observando-os ali tão nuzinhos e miúdos, tão magros e sujos, vestindo trapos remendados. Outra vez volta a se lembrar de si mesma, se põe no lugar deles, revê a infância que teve, sem um brinquedo, sem carinho verdadeiro, sem um momento de sã e despreocupada alegria, sem nada, sofrendo mais do que os outros na sua precoce introspectividade e misantropia. Muitas vezes, se recorda, ia para a aula de barriga vazia, tiritando de frio, sem um agasalho, sob a chuva e o vento, os magros braços encostados ao peito mirrado. Fingindo sempre, por orgulho, fingindo sempre satisfação plena, sorrindo para as meninas ricas que usavam vestidos de seda ou lã, bonitas capas, sapatos rebrilhantes, anéis e brincos. E comiam, nos recreios, suculentos lanches. Invejando-as. Desprezando-se por não ser igual a elas; desprezando os seus por não lhe conseguirem o mesmo. Nas pastas de couro, encapados, os livros novinhos, os cader-

nos luxuosos. Ela tinha que se contentar com os livros emprestados, em copiar os pontos nos seus cadernos de borrão. Tudo isto em troca da "cola" que dava às demais. Relembra a miséria de seu lar, sadicamente goza com o sofrimento que lhe advém das reminiscências. O pai trabalhando na fábrica de manhã à noite, sem horário nem nada, percebendo salário de fome, naquele calor sufocante da caldeira, onde o melado escorria fervendo até ser transportado para outros tachos enormes, manobrados por outros homens em condições iguais a dele. O patrão passava, com a sua vasta pança e o seu olhar vesgo, dizia, na sua voz arrastada e melosa: "— Diz que a guerra vai acabar logo, os alemães talvez vão ganhar, não se sabe, todos já estamos sofrendo muito, mas temos a obrigação, o dever de nos sacrificar pela pátria, terminada a guerra tudo vai melhorar, vai ser outra coisa!". Assim falava para embair os homens, embalando-os numa vã ilusão, para que não protestassem contra as arbitrariedades.

A guerra terminara — bem verdade que não há muito tempo, mas terminara — ela não via modificação alguma, nem perspectivas de melhora. Apenas não saíra como o patrão havia previsto. Ela gostava de ficar rodando perto do pai, mordiscando o açúcar que, na fervura, saltava para fora. Lembrava-se bem. Esfriado, preparado, outros homens ensacavam o açúcar de terceira, que, vendido, iria enriquecer os patrões, refastelados em belos escritórios, e que de lá só saíam para conversar com os homens e iludi-los. O velho dela voltava esgotado, cansado, sente-o entrar e se vira julgando vê-lo surgir na porta, com a roupa suja, o corpo sujo, a alma suja de fel e amargor diante da injustiça. Metia-se na casa que nada de bom lhe

podia oferecer, um ambiente sem conforto nem estímulo, infecto, carregado. O que ganhava mal dando para se alimentarem. Tudo a subir, mas sem nenhum aumento para eles, porque a guerra... e lá vinha a mesma cantilena dos aproveitadores de guerra. Se adoecia, já tinha que tirar um adiantamento, conseguido a custo, ficava devendo ao patrão, mais amarrado a ele, que lhe passava os míseros cruzeiros como quem presta um favor. O dono do armazém reclamava, ameaçando cortar o fornecimento caso o débito não fosse saldado logo, desculpava-se, falava na guerra, nas dificuldades em conseguir os gêneros, gostava de servir os amigos, mas diabos, que fazer, a coisa andava feia, estes deviam também compreender e colaborar, não era fábrica de dinheiro, a época era ruim, ia ficar pior, crise na porta, crise feia como nunca se vira, iam ver. Iam ver.

Humilde, conformado, o pai deixava-se levar, ficava naquela vida de cão acuado, rebaixando-se diante do patrão, do dono do armazém, do dono da farmácia, de todos os outros donos. Sem coragem para nada, para uma reação, com medo de ser despedido, escorraçado. Pregando, ensinando aos filhos, como regra, como a primeira lei do pobre, a humildade, a subserviência aos chefes, que nunca se revoltassem contra os poderosos, engolissem calados as ofensas, assim é o mundo, dois lados, a corda sempre rebenta pelo lado mais fraco — e quem é o lado mais fraco, quem é, somos nós, está-se a ver! — fazendo assim sempre é possível se ir vivendo das migalhas que os donos da vida se dignam nos atirar. Desse modo os filhos foram se criando cheios de complexos e recalques, desconfiados, impregnados até a medula de tal filosofia derrotista. A mãe, obediente ao marido, sem ne-

nhum espírito de iniciativa ou rebeldia, seguia à risca as ordens de seu homem. Trabalhava e trabalhava, mas em suas mãos o trabalho não rendia. Esgotava-se, enredava-se nas menores coisas. Sempre com um rosário na mão, a todo instante e por qualquer motivo repetindo: "— Meu Deus, Nossa Senhora dos Navegantes, bendita padroeira, meu São Miguel adorado, valei-nos, que será de nós pobres pecadores sem o vosso auxílio, abandonados de todos, só a vós temos, só em vós cremos, não nos deixeis, protegei-nos a nós que só em vós confiamos e que somos vossos servos humildes e submissos, dai crédito à nossa contrição e à nossa fé".

Eram cinco irmãos. Ela, Leonor, a segunda. O mais velho, Leonardo, fugira, unira-se a um circo de passagem pelo município, fora matar a sua sede de aventuras, correr mundo, nunca mais dera notícias. Vagas histórias corriam a respeito dele. Não mereciam maior crédito do que em geral merecem os boatos em cidades pequenas. Os três irmãos restantes, menores, viviam sobressaltando a mãe com suas peraltices. Não paravam, correndo de casa para a rua, ora num campo de futebol, ora nadando no rio que ficava nos fundos da casa, deixando-se levar pela correnteza. Só ela, a única mulher, permanecia em casa, envergonhada de tudo, de suas roupas modestas, da família, de mostrar às amigas o rancho onde residia, dos olhares cupidos que dera em notar nos homens de uns tempos para cá, parecendo-lhe que todos se mostravam com direito de se aproveitar dela devido à sua pobreza. Crescera de repente, deixara para trás a menina desengonçada, metamorfoseara-se em moça, bonita, vistosa — o que era pior. Chegava a lamentar a perda da infân-

cia. Pelo menos vivia em paz, quieta no seu canto. Cada vez mais retraída, desconfiada, fechada. Estudando para se formar, trabalhando para pagar os estudos, almejando fugir àquela situação deprimente, pensando que com facilidade resolveria seu problema particular, uma vez formada, era só ter o diploma. Não compreendia, não podia compreender que era tudo um mecanismo da sociedade em que vivia, do meio. Egoísta, não percebia aquela situação estanque. Imaginava-se formada e isto a satisfazia. Seu lugar na sociedade mudaria, iria mudar de ambiente, frequentar os meios com que sonhara. Ir ser professora em qualquer buraco, em qualquer canto. "Canto!". Era isto mesmo. Acabara o curso, sem brilho, a custo conseguira um lugar neste buraco. Necessitara pedir, implorar, esperando meses, andando de repartição em repartição, atrás de "seu" prefeito, que lhe desse um cartão, à cata de "seu" inspetor, a porta de "seu" diretor do ensino, como se fosse um grande favor que lhe estivessem fazendo. Ouvir insinuações escusas, fingir primeiramente que não compreendera, depois que tudo dependeria da nomeação, ficar negaceando. Sorrir quando sentia vontade de esmurrar.

Dá, sem perceber, um soco na mesa, assustando os alunos.

Foi nomeada. Não pode comprar um vestido melhor, um livro, nada. Tudo limitado. Ganhava uma ninharia. O ordenado mal dava para viver, pagar a pensão. Não pode ajudar os pais, conforme sempre sonhara, tirá-los daquela miséria, dar-lhes uma velhice calma, fazê-los descansar, prematuramente acabados que estavam. Mal conseguia lhes mandar alguma coisa vez por outra. E sa-

bia que, agora, mais do que antes, necessitavam de ajuda, com o pai desempregado, porque estava velho, não dava conta do serviço — acabado que estava do serviço. Fora despedido, o patrão se lastimava: "— Que posso fazer, meu velho, veja você, a guerra acabou, perdemos muitos fornecimentos, aquele tempo era outro, trabalho e folga e fartura para todos nós, mas agora, vamos mal, até parece que estamos há anos em paz, não sei como vai ser. Todos temos que nos sacrificar...".

Afinal tudo é inútil — pensa.

Esqueceu os sonhos de continuidade de estudo, desinteressou-se pelo que a cerca. Antes tivesse seguido o irmão, abandonado a escola, se esquecendo de preconceitos arcaicos e do que iriam pensar vizinhos e parentes. No circo, se recorda, havia aquele trapezista que lhe fez tantas propostas tentadoras. Encontraria, mais tarde, quando ele se cansasse dela, ou ela dele, outros homens que lhe dariam dinheiro, bem sabia serem mentirosas as palavras do atleta que só lhe ambicionava o corpo virgem. Mas ela também saberia mentir e aproveitar-se dele para se lançar. Um trampolim. Calejada, não se impressionaria com as misérias da vida, aproveitaria a sua parte, afogaria tudo num delírio louco. Sabe que não é nenhuma beldade, mas também não é feia, tem consciência do próprio valor. Possui um corpo relativamente bem feito, um rosto sensual, muito homens a desejaram num passado próximo — e ainda a desejam — mesmo no tempo de escola já era procurada pelos rapazes, embora logo, não sabe explicar porque, eles se afastassem e fossem em busca de outras. Talvez o seu gênio, aquele jeitão arredio, esquivo... Talvez... Isto a teria prejudicado. Do contrário,

onde já andaria? Gozando a vida, aproveitando. Gozaria parte da vida — o resto não importa. E mais, teme, acima de tudo teme ficar para tia, transformar-se numa dessas solteironas secas, ranzinzas, cheias de cacoetes. Que lhe pode advir de bom da vida, que pode esperar do futuro? Vê-se, se imagina acabada, professorinha sempre, sempre a lidar com alunos que a detestarão e a quem detestará. Não, não é isto que quer. Afasta esta imagem, enxota-a, substituindo-a por outra laboriosamente construída. Está ricamente vestida de sedas, coberta de joias, cortejada, chamada... chamada... mas não é pelo nome, não é onde nem conforme desejaria, nem por quem imagina, nem num grande salão de festas, repleto de luzes, música, flores; e, sim, uma voz esganiçada, enervante, que a vem reconduzir ao presente, aqui neste ambiente mesquinho e que a deprime:

"— ...fessora... sôra... ...bei, ... tá na hora... sôra, acabei".

— Debandar, debandar, nada de aglomerações aqui, todos logo pra casa, não se esqueçam da cópia, quem vier sem cópia fica sem recreio durante duas semanas.

Sabe que o argumento é forte.

— E os problemas devem vir resolvidos com muito cuidado. Ei, atenção vocês aí, muito cuidado, em ordem, nada de correrias por aqui...

Saído o último aluno, ela fecha a modesta sala.

Agora caminha até a beira-mar, onde se senta sobre uma pedra. Descalça-se, fica com os pés brincando na água e na areia, contempla o mar imenso e insondável, vontade de perder-se nele. Deixa-se acariciar pelo sol a pino que dardeja reflexos dourados na água azulada. Desejo de tudo esquecer.

E no entanto a vida pode ser tão bela, oferece tantos motivos para que a amemos! Tão pouco seria necessário para a felicidade. Se os homens, se as diferenças que os homens criaram, se... Volta a meditar, se perde em devaneios. Vive de sonhos e nele, às vezes, se realiza.

O vento bole-lhe com a cabeleira de um vago tom alourado, lhe une vestido fino ao corpo torneado e rijo, deixando à mostra suas formas bem-feitas de mulher jovem. Os seios alteados e duros, querendo furar o vestido, as pernas longas e esguias, as mãos delicadas. Sim, é jovem. E para um ser jovem há sempre esperança.

"— Mas não, se retruca, para ela não!".

E um vinco profundo lhe cava o rosto.

"— Por que não?" — volta a se interrogar.

O rosto se fecha, a linha dos seios sobe e desce numa cadência suave, as ancas firmes se destacam com nitidez. A pele é boa, amorenada, com uns laivos de fruta madura pronta para a colheita. O rosto é bem feito, com uns olhos castanhos e grandes, boca bem rasgada, lábios sensuais e grossos, toda a conformação fisionômica denotando restos de sangue negro na linhagem. Transpira, de toda ela, envolvendo-a como num halo, uma chama de desejo, de volúpia, de animal jovem e insatisfeito.

Mira-se na água límpida, mal se entrevê, ainda assim sorri.

— Pensando? Olhe que isto faz mal, enfeia.

Piada banal, vulgar, super-lugar-comum — pensa, ao mesmo tempo que se vira.

Ali está aquele moço-moreno-de-fora, que surge assim de imprevisto, não se sabe de onde nem para quê. Está bem junto dela, de pé, não muito alto, um pouco

curvado para diante, pronto para o bote, um pé firmado numa pedra; fixa-a com uns olhares gulosos, e lhe sorri, deixando à mostra uns dentes brancos e bem feitos, que se destacam mais na boca morena de bigodes muito aparados e pretos, retintos, brilhantes, talvez tingidos. A barba, recém-feita, de tão cerrada tem um tom verde azulado. Ampla cabeleira penteada, gravata de cores sóbrias. Assim fica parado, um longo minuto. Até a professora, vindo dele, de todo ele, da maneira de se postar ali, do andar, do respirar, do pousar o pé, do se firmar, das mãos grossas, cabeludas, chega um cheiro forte de sarro, de macho, asfixiante. Que a entontece.

V

"— Bom material!" — pensa ele, passando a mão no bigode, a alisá-lo e estirar as pontas. Fica a medir a moça com os olhos, percorre-a toda.

"Se ela topasse uma parada, bem que os dias aqui decorreriam menos chatos. Um prato nada desprezível, sim senhor, perdido aqui neste mato. E tem jeito de ser fogosa pra caramba. Quem podia imaginar... Mulher assim é que eu gosto. Será virgem?"

E vai percorrendo, descaradamente, com uns olhos concupiscentes, o corpo da moça. Despe-a, ela sente um tremor pelo corpo e o rosto em fogo. Adivinha o que o moço está imaginando. Está como que fascinada. Repulsa e atração. Procura reagir, sair daquele enleio. Embora lisonjeada no íntimo, fita-o o mais duramente possível.

Trintão talvez, de gestos estudados, se vestindo bem. Descende, pode-se ver, de família abastada, tem um ar su-

perior, ultrajante. Cedo cansou-se da família, do lar burguês e pacato que era o dos seus. Abominava o comércio para o qual o pai o destinava. Fugiu em busca de aventuras, meteu-se em tudo. Em empresas arrojadas, em negociatas escusas. Viajou, percorreu todos os estados do Brasil. Esteve na Argentina, no Uruguai. Foi cantor, declamador, contrabandista, vagabundo e escroque. Não diz de onde é; pouco fala de si mesmo. Mas fala muito. É o que se costuma denominar "uma pessoa bem-falante", de lábia. Juntou-se há tempos ao companheiro alto e magro. Ambos se completam. O que ele tem de audácia, o outro tem de prudência, embora não menos arrojado, talvez mesmo mais audacioso sob certos aspectos. O que ele tem de "bem-falante", o outro tem de mutismo. Mas não verde em esperteza. Pode-se mesmo dizer que o contrário é que é o certo. Vindo de baixo, tendo passado por tudo, o magro e alto conhece mais a vida do que o companheiro. Sabe descobrir, preparar, armar com precisão o golpe e se safar no justo momento. Os dois se completam — eis o exato. Percorrem, atualmente, por vários motivos que não vem ao caso explicar, bastando dizer não serem nada limpos, pequenos distritos do interior, em especial onde haja dificuldades em chegar imprensa e não abundem rádios. Vivem de golpes mais ou menos sujos. E é disto que gostam. O alto e magro costuma mesmo repetir uma anedota muito velha, mas nem por isso menos certa para o caso deles: "entre um negócio correto que lhes possa render mil cruzeiros e um outro incorreto que só lhes renda cem, preferirão, sem dúvida, o segundo". Agora, por exemplo, até que certos fatos sejam esquecidos, precisam não andar para o norte. Vinham vindo, calmamente, tudo dando certo, quando

lhes aconteceu o imprevisto, aquela insignificância que os fez aportar em Ganchos. Tiveram que sair às pressas. Nada respeitam, não se demoram em parte alguma, não têm o mínimo escrúpulo, somem como surgiram. E por muito tempo depois que partem se fala deles. Gostam bastante de contar outra história, esta mais hilariante, no dizer deles, julgam-na de um humor insuperável. Uma vez partidos, dá o que falar, só aí é compreendida. É a dos "perus que falam e dos homens que desaparecem", de simbologia bem clara.

Sorri de modo mais amplo para a moça, pede licença para sentar um pouco e fumar. Abana-se. Enquanto dá a primeira tragada, diz:

— Calor!

Puro pretexto para conversa, pois não faz tanto calor assim, até que sopra um ventinho bem impertinente, obrigando a moça a segurar o vestido.

A moça não responde. Olha-o com indiferença estudada. Ele não se dá por achado, insiste:

— Calor, mesmo com este ventinho enjoado, que até ele é quente. Faz uma pausa, desvia os olhos e se põe a observar as casas, a igreja. O silêncio continua, se prolonga. Ela está muito interessada na areia da praia, onde passeiam indolentes caranguejos.

— Você não é daqui — volta a voz, com redobrada insistência — bem vejo, me parece uma moça inteligente, educada, diferente deste brutos cheirando a peixe podre. Você merece melhor sorte, estar num meio melhor. Como veio se enfurnar neste cafundó onde o demo perdeu as botas?

A moça torna a não responder, mas já o olha, embora de soslaio e fazendo para que ele não o note. Com

um pouco mais de curiosidade e interesse. Ele, malicioso, escolado, percebe logo, mas é como se não tivesse percebido. Sabe lá por onde deve atacar e isto lhe basta. "Está no papo?" — diz-se. E continua:

— Logo que vi você lá na pensão, pensei "esta moça deve ser de fora". A gente nem precisa ter inteligência pra notar a diferença. Nota logo que dá de cara. Saber se vestir, andar, ter educação, saber manter uma conversação espirituosa e interessante — eis coisas que adoro, pelas quais dou a vida. Deixe-me dizer-lhe um segredo que não é a muitos que revelo: eu também não pertenço a este meio. Injunções da sorte me atiraram para o mundo da aventura, dei com os costados em lugares que contando você não acredita. E pra falar verdade, não me arrependo. Topo tudo que é parada... Prefiro passar dificuldades a me acomodar, a me deixar prender à rotina. Sou um espírito livre, que ama os demais espíritos livres, iguais e irmãos. Vi logo que você também é assim. Não fale, não diga nada, deixe-me adivinhar: está aqui porque não quis se sujeitar às injunções da vida, preferiu isto a ter que abdicar da sua liberdade. Acertei?

Cala-se à espera, estafado mas vencedor, torna a puxar o maço de cigarros, oferece à moça, que recusa, com um meneio de cabeça e um sorriso. Ele, gestos lentos, estudados, medidos, sabendo o efeito que deve tirar de cada um deles, é o que busca, acende um cigarro; se põe a fumar, acompanhando as evoluções da fumaça com um ar entre sonhador e melancólico. Depois de um silêncio que principiava a se fazer constrangedor — ele o sentia — sem a moça se manifestar, tratou de se prevenir.

— Mas que é isto? Tem medo de mim? É muda; perdeu a fala? Não sou nenhum bicho papão! — resolve entrar direto. E fica esperando.

— Não!... — a moça torna a sorrir e balança a cabeça. "Não!". A palavra tem um sentido dúbio, que ele não alcança compreender. Também, digamos logo a verdade, não lhe interessa compreender. Pra que compreender?

— Então o quê?

— Nada!

— Nada?

— É.

— Ocha, até que enfim, vem aos poucos mas vem vindo, pensei que fosse muda, gozado, uma professora muda, ou que eu fizesse as pessoas emudecer, eis uma nova qualidade que me era desconhecida e da qual iria tirar proveitos. Tem tão bonita voz, sabia?

— Não seja lisonjeiro. Não tinha o que dizer. Ademais começou me ofendendo. E isto não é nada bonito de sua parte.

— Ofendendo?

— Sim, com esta história de "não é daqui" e outra parecidas. Sim, sou daqui. Que mal há nisto?

— Mal nenhum, poderia ser e não ser. E poderia ser sem ser; ser por ter nascido, mas não ser pelo espírito, pela formação, por tudo. Mas não é, aposto!

— Como sabe, como o afirma?

— Porque sei. Meu dedo mindinho me contou, me conta tudo. Tome cuidadinho com ele. E agora diga sério por que não queria falar comigo, por que estava querendo me fazer sofrer, não seja má.

— Já expliquei, não tinha o que dizer.

— Oras, mas mesmo não tendo o que dizer a gente pode conversar, pode inventar assunto. Pode e deve. A conversa é uma arte que independente do assunto. Quando se tem o que dizer, não interessa saber conversar. Até acho que se conhece um bom conversador por isto, por conversar sem ter nada que dizer. Sou capaz de ficar horas ouvindo um tipo desses. Conversar é uma das melhores coisas do mundo. Se o mundo não existisse, devia ser inventado só pra gente poder conversar. Depois, quando não conversamos com os outros, quando uma pessoa não conversa com outra, conversa, está sempre a conversar consigo mesma. Monologando, há pessoas que são um monólogo vivo, perene, do nascer ao morrer. E é um mal, um grande mal, que acaba viciando, que acaba por impedir a comunicação com os demais. E o homem é um animal cem por cento comunicável, sociável. Você já viu gente mais chata do que aquela que só sabe falar consigo própria? Por isto, mesmo quando não me escutam, como é o caso presente, eu vou falando. Meu interlocutor que se dane — se ele não me interessa. E se me interessa, como agora, acabará por ver que sou sincero.

— Bom vício...

— O que, qual?

— O da gente conversar consigo mesma.

— Não me diga! Por quê?

— Porque assim só dizemos e ouvimos aquilo que desejamos e que nos agrada.

— Muito obrigado pela lição. Quer dizer que a estou importunando? Entendi a indireta e noutra não caio.

— Não, não quis dizer nada!

A negativa saiu mais rápida do que o exigia a conversa — e isso provocou um sorriso de satisfação no rosto amorenado.

— Estava pensando em voz alta. Apenas — prosseguiu ela, enterrando-se mais.

— Julguei... se sou importuno diga que me retirarei logo. Não a quero aborrecer. Não quero forçar a minha presença. Especialmente a você. Sabe, gosto de ser franco, não tenho meias palavras nem tempo para elas. Você me causou uma impressão muito profunda. Nunca imaginei que nesta idade tal coisa fosse se dar comigo, eu, um homem viajado, calejado...

— É velha a cantada. Tire o cavalo da chuva. Por morar aqui não me julgue uma ingênua, qualquer que nasceu ontem e se deixa levar por meia dúzia de palavras bonitas. Alto lá. Vamos devagar. Sou moça, mas já vivi o suficiente para conhecer os homens e saber das manhas deles.

O tom amargo, a maneira de dizer, especialmente a firmeza da moça, impressionaram o rapaz, que julgou ter avançado muito para tão pouco tempo. Ele, em geral tão precavido, tão comedido, que gostava tanto de se acautelar e estudar bem o terreno antes de pisá-lo! Procurou retroceder, desdizer-se, mas achou melhor ignorar o fato, como se nada tivesse acontecido, não se dar por achado. Calou-se um pouco, olhando o mar. Mudou de assunto. Em pouco riam e conversavam animadamente.

Levantaram-se e foram andando. Nas portas das casas pessoas surgiam para observá-los, cumprimentá-los, acompanhá-los passar. E vendo-os pelas costas punham-se a tecer comentários, a trocar impressões.

— Bom dia!

— ...dia!

— Boa tarde!

— Boa...!

E nas faces gastas um sorriso cúmplice de entendimento e aprovação.

— Bom dia. Boa tarde! — retrucavam sempre ambos, virando-se para um lado e outro das vielas. E prosseguiam, sentindo ferrados neles olhares que os acompanhavam não sem uma pontinha de malícia.

O sol de meio-dia passado, ardente, poisava-se birrento, na soleira das casas; outras vezes, não satisfeito, invadia-as, devassando o interior, expulsando restos de umidade e escuridão. Agora tudo parado, nem uma folha se movendo. As casas rebrilham, enxutas. As vielas ainda lamacentas, com poças d'água; é preciso procurar trechos mais secos, caso contrário fica-se grudado à lama pegajosa. Um calor também incomum, pegajoso, amolecedor, se ergue da terra, cerca as pessoas, penetra-as, une-se a elas, deixando uma lentidão sem nome, entorpecedora. Vontade de parar, ficar estendido, pegar uma sombra e não mais largá-la.

— Não compreendo porque é que você também veio dar este tal de espetáculo logo aqui, quando tantos outros lugares melhores e até bem perto (Biguaçu pra não ir muito longe) existem, oferecem mais amplas possibilidades, seja sob que aspecto for. Não compreendo. Nem dinheiro, se é o que busca, conseguirá. Veio na ocasião pior possível. Vocês não vão tirar nem para as despesas.

O moço tem um leve sobressalto que passa despercebido a quem lhe faz a pergunta. Ia tão distraído, pensando em coisas diferentes e mais agradáveis. Logo se controla,

finge não escutar, continua andando, muito preocupado em não sujar o sapato amarelo ouro e a calça creme, ou então em dar a mão ajudando a moça a se livrar da lama. Muito suado, está constantemente a se limpar com um lenço enorme.

— Francamente, não compreendo! — a moça professora insiste, fitando-o, puxando-o pelo braço, chamando-lhe a atenção.

E ele:

— Foi porque algo me dizia que eu haveria de a encontrar aqui. Foi o meu santo que me trouxe. Foi porque aqui dentro — e bate no peito, mostrando o lugar do coração — aqui dentro o mandão me insinuou que em Ganchos eu encontraria alguém...

VI

O magro e alto, da cicatriz, está sentado bebericando a sua caninha e batendo papo, quando vê o companheiro passar.

"— Oba, temos coisa grossa e do truz. A cantada está forte que não é sopa. Cara de sorte assim nunca vi igual. Está no papo, está. Vamos ter marmelada na certa. Se ficar só nisto, no chamego, se não der trapalhada... como da última vez...".

Sorri.

"Velho marinheiro", que terminava a história, imagina que é por causa da piada que intercalara. Vira-se para os companheiros, todo feliz da vida, muito afano, acende o cachimbo, impando de importância, faz um gesto de cabeça como quem está dizendo: "— viram, viram seus papu-

dos que não me dão atenção, o homem de fora gostou da minha história. E ele entende, trabalha no palco, sabe ver o valor". E prossegue, com renovada ênfase, emendando um caso no outro, se interrompendo, intercalando uma história na seguinte, sem terminar o que narrara, gesticulando:

"— Então, como ia dizendo pra mecês, a noite escureceu". O navio jogava que não era brinquedo. Todos tremiam (ri, assim, hi-hi-hi-hi-hi-hi, dá uma baforada no cachimbo que enche a pequena venda de fumaça e deixa um cheiro pestilento, olha para os lados, a ver se todos prestam atenção, cuspinha no chão sujo, um cuspe grosso, gosmento, bate com o cachimbo no balcão, chamando o caixeiro), e eu me levantei da cadeira, era mesmo impossível continuar sentado, olhei pra fora, besteira. Diacho! Nada de nada se via. Nem mar, nem céu, nem navio, nada nem o nariz da gente, nem a mão da gente se a gente estendesse ela pra diante. Tudo unido formando uma bola só, uma bola negra. Dentro do navio a gente não se via uns aos outros. Nevoeiro além do mais. Zona de nevoeiro. Imaginem um nevoeiro e ainda por cima sem se poder acender luzes, por causa dos bandidos dos submarinos nazistas. Cáspite. Era a minha última viagem. Todo marinheiro tem superstição, teme a última viagem. Última viagem de todos nós é o cemitério. Perceberam a relação? Não rezei, confesso, porque não sei rezar, nunca tive tempo pra estas coisas de padres. Mas que fiquei com medo, fiquei. Que tive vontade de fazer uma rezinha pra um santo qualquer me auxiliar ou ao menos me dar uma ajudinha, lá no outro lado, lá isto tive. Pra este não adiantava mais. Não sabia, que se vai fazer, paciência! Tremi, me encomendei a não sei quem, me prepa-

rei pra ir pro beleléu. A sirene tocava, sinistramente, um som tedioso, lamentoso, enervante. Vozes de comando. Gritos. Correrias de marinheiros invisíveis. Tropeções. O diabo a quatro. Esperávamos o torpedeamento a todo instante, de um momento para outro, pois ali onde estávamos era considerado um dos lugares mais perigosos da costa catarinense, frequentado por submarinos que vinham se reabastecer não sei onde. Já se viu que embrulhada. Mas, atenção, agora eu volto atrás. Será mesmo que a sirene tocava? Me parece que disto falei pouco, não expliquei como é. Não faz mal! Tocava, não tocava, dá no mesmo, íamos pro fundo, é o que importa. Quem vai se lembrar de um detalhe tão insignificante numa hora de perigo? De repente um estrondo infernal, um corre-corre tremendo, alucinação, ninguém atendia a ninguém, o navio adernando perigosamente. Vozes de comando não eram obedecidas, onde se viu obedecer-se a quem quer que seja num pânico tamanho, cada qual quer é salvar a rica pelinha, o mais são frioleiras... Eu (bebia um trago da cana que mandara vir, oferecida em derredor, observava a impressão causada, calava-se, pois gostava de deixar os ouvintes em suspenso, julgava-se um narrador inigualável, cuspinhava, pigarreava), eu não sei onde fui parar. Procurei o meu escaler, ih-ih-ih-ih, como é gozado, prestem atenção a este ponto, o medo cria fantasmas, oh-oh-oh, não posso me lembrar do fato, sem que primeiro tenha um arrepio e depois um ataque de riso, por favor me deixem rir à vontade, depois eu conto, Oh-Oh--Oh, eu imaginava não, via, VIA, via com estes olhos que a terra há de comer mais dia menos dia, e que seja mais dia, via o navio afundando, adernando perigosamente,

com um rombo tremendo no casco, pessoas se afogando, servindo de alimento aos peixes vorazes, outras se esforçando por nadar e se afastar o mais rápido possível de perto do navio, para não serem sugadas, puxadas, gritos de angústia, o comandante sempre firme no seu posto, herói, aguentando até o fim, submergindo com a sua embarcação, mão erguida em continência. Também eu ficaria firme no meu posto, adeus amigos, adeus parentes, adeus terra, adeus amada que nunca tive, adeus aposentadoria com tardes de bate-papo e caninha, adeus velho cachimbo amigo e companheiro de tanto tempo, nem tu me acompanharias pois estavas esquecido na outra fatiota, adeus mundo, adeus, um marinheiro nunca abandona seu navio, morre no posto de combate. Seria citado nos jornais, uma velha fotografia dos meus tempos de mocidade apareceria, com aquele ar romântico e meio fatal, viria à luz da publicidade, jovens moçoilas chorariam por não haver me conhecido, talvez um exemplar chegasse aqui e vocês todos relembrariam com saudade meus feitos, poderia ter até um retrato inaugurado na sede do clube. Besteira, ser citado nos jornais depois de morto! Pra quê? Fazer o meu dever, isto sim, mas depois dar o fora, pirar. Pra quê, me digam, pra que citação *post mortem*? Tratei de me safar. Todos estes pensamentos me vinham em disparada, um atrás do outro, mais ligeiro do que estou contando, vê lá que eu tinha tempo pra mode estar matutando estas coisas assim calmamente. Tinha mais do que me lembrar, de toda a minha vida, é costume a gente se lembrar do passado quando vai morrer, instantaneamente tudo passa por diante de nós — e eu não queria fazer feio. Tinha que me lembrar. Ou melhor:

tinha que me decidir de uma vez. Ser herói com fotografia nos jornais, ou me safar. Decidi me safar, deixar a glória para os outros, não era dessas coisas de glória, a minha modéstia, sabem. Ou seria tarde? A decisão feita à minha revelia? Sim, era tarde, infelizmente era muito tarde! Fui acalmando diante do inevitável e vi que tudo era já besteira grossa. Não tinha direito a decidir. Perdera a vez. A sorte decidira por mim e me fora adversa. Os escaleres se afastavam enquanto o nosso enguiçara. Podíamos sentir os remos n'água, chapinhando, a gritaria dos fugitivos. Agora me sentia muito cansado, pesado como chumbo, incapaz de mover uma perna. Pregado ao solo. Só me restava fazer uma oração que não sabia, me lembrar do meu tempo de infância, quando minha mãe, que Deus a tenha no seu santo seio eterno e acolhedor, amém, me puxava carinhosamente as orelhas pra eu aprender o catecismo. Mas eu queria era a vagabundagem. Taí no que dá não se atender as mães, me lembrei arrependido. Era tarde, o arrependimento sempre chega tarde, — e o castigo vem a cavalo. E fui afundando, afundando com o navio, afundando (faz uma nova pausa para tornar a acender o cachimbo, fagulha com um fósforo para jogar fora a cinza que se acumulou, separar e recolocar o fumo picado, tira as primeiras tragadas, com delícia, saboreando o prazer de estar vivo, mistura tudo com um bom gole de pinga, sorri para os ouvintes, continua), fui afundando, sempre afundando...

Nesta hora, um qualquer que já conhecia a história, gritava: "— chega de tanto afundar, vamos pra diante!".

"Velho marinheiro", sem perder a linha ou se dar por achado, concluía:

"— A água me subia pelos joelhos. Caí. Me ergui. Caí, não mais levantei, tudo findo aqui pro degas, a água me afogando. Amém".

— Mas... — alguém começava.

— Já sei, já sei... — a espera da pergunta, ele tinha a resposta engatilhada.

— Como...

— Cadê navio, me digam? Como me salvei? Pois bem: tudo, no começo, vim a saber depois, não passara de uma desagradável "brincadeira" provocada por um engraçadinho qualquer. Até hoje não descobriu-se quem tenha sido. E agora o mais engraçado, a coincidência que poderia ter sido fatal. A adernação, sucedendo logo em cima do apagar total das luzes e do berro das sirenes, fora pura e simplesmente uma gigantesca baleia que passara sob o navio e com a ajuda da qual o engraçadinho não contara. Daí ao pânico, um passo bem curto. Com o escuro, o temor presente dia e noite, os submarinos alemães por perto e as rocambolescas histórias que deles se contavam, não era nada espantoso que tal nos acontecesse. Quanto a mim, é simples, estava num porre tremendo, comemorara não sei o que mais, sempre se tem o que comemorar, e tudo não passara de um delírio misturado ao medo, mal e mal a água me atingira. O que eu engolia, não estava engolindo coisa nenhuma, estava devolvendo. No outro dia...

E o velho vai enfiando história atrás de história, como velha carola desfia rosário. Até onde ia a verdade e onde principiava a fantasia, quem o poderia dizer? O que lhe acontecera, o que inventava, o que escutara contar?

Da-cicatriz finge prestar atenção, que está profundamente interessado, impressionadíssimo com o relato. Viu

que o velho lhe pode ser útil. Precisa captar a confiança dessa gente, se não, amanhã à noite, ninguém comparece. E o plano deles vai abaixo. Mas não pode ir, não pode, necessitam dele, que dê resultado positivo, precisam se safar, e só assim, foi a única solução encontrada.

Sorri amplamente e manda servir outra rodada. Paga. Bate nas costas do marinheiro.

Pensa de novo na professora e no companheiro, "um sacana assim de sorte com fêmea nunca vi, que lábia danada, mas também a fachada ajuda, ajuda sim"; pensa nas viagens já feitas, nas cidades percorridas, nas fugas precipitadas, nas perseguições, nos tipos conhecidos, em cada parte uma humanidade igual, infeliz, faminta, mas boa ao extremo, e amável, com poucos desejos, com muitos sonhos, fácil de satisfazer. Por pior que se encontre, sempre confiante e cheia de esperanças num futuro melhor. Ele mesmo, que diferença do jovem que era antes, quanto aprendeu nestes anos de aventuras e desventuras... como já observa tudo com outros olhos, mais compassivos, como sente e vibra, como se emociona! E contudo... contudo... Não, deixemos disto, de romantismos pueris e bestas. Será que vai começar outra vez a ter remorsos! Está ficando fraco e qualquer dia se afundará. A vida é dos mais fortes, dos mais espertos, só eles subsistem na luta diária, os demais, a experiência tem provado bastas vezes, são tragados e triturados impiedosamente. Vamos pra diante, deixemos de pensamentos sombrios. Foi por isto que nos enrascamos. A lição não bastou? Quando poderia pensar que chegaria a... a o quê? Não quer saber.

Despede-se bruscamente e sai. Vai almoçar. Are! — exclama. Virando piegas, se derretendo todo, bancando a mocinha ingênua. Razão de sobra tem o sacana do moreno. Só que faltava. Só que faltava. Lá está ele de novo com aquelas molezas que a profissão não comporta, sinônimo líquido e certo de suicídio próximo...

Enquanto vai andando, para se dar mais confiança, exclama em voz alta:

"— Deixemos de sentimentalismos bestas, de bobagens e idiotices. Já é demais, se continuar assim terei que deixar tudo e virar santo, estou passando dos limites permitidos. É preciso lutar, pensar na vida, cavar a vida, viver a vida. Com sofreguidão. Aproveitar o restinho".

VII

Passa bastante de meio-dia. A dona da pensão serviu o almoço. Todos estão presentes, menos o da-cicatriz, que entra afobado e vem sentar-se numa mesa à parte, deixando o parceiro livre, num "tête-à-tête" com a professora.

Comem em silêncio. Em silêncio entra e sai a empregada. Só se ouve o barulho dos talheres tinindo nos pratos.

Dona Júlia observa os estranhos hóspedes. Não simpatiza com eles, isto mesmo já teve ocasião de declarar em rodas amigas. Em especial porque eles não a vem tratando com a devida consideração, não se abrem com ela, não lhe fazem confidências nem lhe pedem informações. Mas tal explicação ela não dá. Nem a si mesma confessa o motivo da antipatia. Procura ser delicada, atendê-los. E

declara que se não simpatiza é porque alguma coisa lhe diz não serem eles sinceros. Porém é preciso atendê-los para que não saiam dali falando das gentes e dela. Ah, como ela quer soltar a língua, contar da antiga grandeza, do falecido! Por que sempre se retiram, descobrem o que fazer logo que ela principia? Por que o silêncio incômodo da parte deles, silêncio que a inibe, barrando qualquer manifestação? Não lhe dão uma oportunidade... O silêncio é uma barreira intransponível, não permitindo interrupção, impedindo-a de se expandir.

Então, de sua mesa, mastiga a comida que lhe sabe mal, vagarosa, raiventamente, como se mastigasse palavras, E vai observando com mágoa os olhares melosos trocados entre a professora e o moreno. Infelizmente não consegue captar nenhuma palavra, pois ambos cochicham. Agora cruzaram os talheres. Só vislumbra os olhares brilhantes, as mãos querendo se tocar, as delicadezas, os sorrisos coniventes.

— Ah, cabrona! — raciocina, mastigando um pedaço de pão. Fazendo-se de difícil, de santinha, e agora se abrindo toda para um qualquer, um desconhecido que ninguém sabe quem é nem donde vem. Grandessíssima cadela. A mim é que nunca enganou.

Mastiga um pedaço de peixe, bate com o garfo na mesa e berra pela empregada:

— Eu já não disse que cuidassem desse molho! Será preciso estar repetindo, tenho que fazer tudo. Já não basta a falta de peixe, ter que usar este escalado!

A empregada se desculpa, mas fez como lhe mandaram. Os hóspedes mal levantam os olhos, fingem que não perceberam, logo se esquecem e voltam ao que lhes interessa.

O jantar finda, melancólico.

Quando se retiram, por último, o moço e a professora, ela acompanha-os com um olhar pleno de ressentimento.

A sala fica vazia. Moscas voejam em torno aos restos da comida, enquanto a empregada se demora lá dentro. Dona Júlia grita para que venha logo tirar a mesa, depressa. Que demora é esta? Não fazem nada, duas mulheronas só sabem ficar conversando e rindo. Umas princesas.

Descarrega nelas a sua raiva.

Ergue-se, anda um pouco para fazer a digestão, volta a sentir o bater do coração, observa a limpeza ser feita, dá ordens, vai para o avarandado, sentar-se na cadeira de balanço. Derreada, cansada, velha, infeliz. Acabada, doente, só. Triste vida. Só. Sem o falecido, tendo que se bastar, incapaz de controlar-se, naquela lida estafante, esperando, desejando não sabe o quê. Quem a compreenderá um dia, quem dará valor ao tesouro de carinho que traz intocado no coração?

Grudadinhos, chegadinhos, parecendo casal em lua de mel, lá vão saindo aqueles dois, quem sabe para onde. Deixá-los ir! Ela só quer paz, que não a incomodem, tão cansada e sonolenta está. Fica balançando, balançando, os olhos se fecham, a paz desce sobre o rosto envelhecido. Cochila.

VIII

Bilhete um

Lurdes:

Não pude ir te ver. Tiu pidiu pra eu fazer uma porção de voltas, o diabo, me tomaram um tempo

danado, toda a manhã. Fui obrigado a ir até Ganchos de Fora pra mode falar ao Benjamim e barbear o "seu" Bernardo que está vai não vai, e o tempo passou, me espera de tardinha pra noite perto do rancho das lanchas de teu pai, pode ser aí pelas cinco e pouco, que eu vou ver se dou um jeito para uma escapulida da barbearia e tenho o que te contar, pra gente combinar uma conversa maior.

Teu
Godofredo

Resposta um

Gô:

A coisa anda feia pra minhas bandas, pai está desconfiado, não foi muito naquela história d'eu ir olhar a pescaria e ficar tão tarde, mãe também e não quer deixar eu sair pra nada deste mundo, está logo chamando, gritando. Não sei o que está acontecendo, estou com medo, mas vou dar um jeito pra mode de a gente se falar, mas vê se não vais faltar, se não der aí pela hora que tu quer, então de noitinha, tá bom, mas a gente precisa conversar bastante sério, né?

Tua sempre
Lurdes

IX

Nova reunião na casa do Lola.

— Poucos homens, o mínimo possível — frisa Lola. Quanto menor o número dos que sabem, maior a possibilidade de êxito, menos a de que se venha a descobrir, de complicações futuras.

— Ou de transpirar, de um fracasso — adiciona "seu" Jango.

— Isso.

— Tá tudo combinado então? — pergunta Tomás, dedão sujo fuçando no nariz.

— Vamos avisar o pessoal pra estar lá na hora certa... Sem barulho e não precisa ninguém mais saber, quanto menor o número dos que sabem, melhor, e mais possibilidade de êxito, menor a de fracasso — insiste "seu" Jango, como num eco de Lola.

— É claro, é claro, só que faltava não ser assim! — Lola está um tantinho irritado. Tomou a direção de tudo e, decidido, já resolveu como vai ser, quando vai ser. Se deixasse por conta dos outros a coisa se estenderia indefinidamente.

Salgado, que até agora ouvira em silêncio, arrisca uma ideia:

— E se a gente só dissesse pros homens na hora, em cima do laço, depois de estar lá fora no mar? Safa-se para uma pescaria comum, normalmente, ia-se fazer uma tentativa, entendem?

— Besteira grossa. Já discutimos isso. Estás louco, homem, estás doido varrido, tira semelhante plano da cabeça. Que besteira! Pois se tudo deve ser feito no mais completo silêncio, em segredo. Quando se sair daqui nem mais uma palavra deve ser trocada, nem se deve fumar, os remos devem ser manejados com a maior cautela e habilidade. Nem uma pergunta. Os planos traçados, seguidos à risca. Cada qual deve saber direitinho o que vai fazer, como vai fazer e o tempo exato que tem para realizar a sua tarefa. Se começarem a falhar, a se atrasar, vai tudo por águas abaixo. O tem-

po que temos é curto. Imagine falar aos homens na hora, e ainda no mar! Primeiro, como escolher; depois, quem nos diz que aí, de supetão, eles vão concordar, não vão vir com uma porção de exigências absurdas ou simplesmente se negar. Além do mais, com as discussões, cadê a calma, o silêncio tão necessário? Bem verdade que contaríamos com o fator surpresa, que é uma boa arma, não nego, mandar eles fazer e eles obedecerem, desnorteados, sem perceberem, mas é muito arriscado, contar com o ovo no cu da galinha, e nos não podemos arriscar pois não se sabe quando aparecerá outra chance... Mas afinal de quem foi o plano, quem foi que se opôs até aceitá-lo quase à força?

— É, é — reforça "seu" Jango.

Salgado titubeia:

— Mas pensei melhor, refleti nos teus argumentos.

— E eu nos teus. Vê só que engraçado. E então?

— O que digo é que compensaria...

— Não compensa, não senhor.

— É, não compensa não senhor, é isto mesmo Lola, tens razão, vamos pra diante, estás é doido varrido, oh Salgado, que foi que te aconteceu, ontem eras o mais animado, não se combinou tudo, não estavas de acordo e achando muito bom, saíste procurando convencer o Lola?

— Sim, mas de noite eu pensei...

— Não, não, não! Temos que explicar tudo direitinho. Pra quem ficar é pescaria. Se começarem a falhar os que vão, babau, adeusinho. E olhem para aquelas bandas, observem o céu, me parece que vai dar uma noite negra que nem breu. Que lhe parece, "seu" Tomás?

— Tomara que dê igual a ontem, ou mais! — grunhe "seu" Tomás, enquanto escavouca agora com um fósforo

o ouvido, retirando uma grossa crosta que gruda nas costas da cadeira. E depois se fica, muito satisfeito da vida, a esfregar as mãos.

— E agora chega, cada um pra seu lado, pra avisar os homens que já sabem. Todos vocês sabem o que dizer, não é? Pois bem, separados. Entenderam? Nada de sair juntos porque a casa dos que "seu" Jango tem que conversar fica perto das do Salgado. Devem ir sós, assim como quem está passeando, aparentemente caminhando, passa diante da casa da pessoa e se lembra de procurar se está, e prevenir. E não vão bancar os conspiradores de meia tigela, nada de segredinhos, nada de grandes mistérios nem confabulações ou explicações. Só o necessário. E pronto. E não se esqueçam, isto é muito importante, de que devem falar como quem está dando ordens. É uma ordem. Nada de confiança, nem explicações supérfluas. Entendido? Bem. E não falem perto de outras pessoas, nem deixem dar muito na vista, peçam pra não passarem adiante, não precisa a vila toda ficar sabendo, se não se convocava um comício, não é mesmo? Vamos...

— Por que a gente não chama eles aqui e...

— Será possível "seu" Pedro? Chamar quem? Se nós vamos exatamente porque assim dá menos na vista do que todo mundo ficar sabendo que vai haver pescaria.

— Sim, especialmente não deixar dar na vista. É isto. Nada de grandes segredos e tudo da maneira mais natural possível. Mandando, não explicando nem pedindo. Bem. Certo? Agora vamos...

X

E pelo resto da tarde, de casa em casa, como quem está passeando, vão os donos das lanchas, conversando com os homens previamente escolhidos. Todos estão de acordo em que é preciso fazer alguma coisa contra os donos dos grandes barcos a motor. Todos veem que assim não é possível continuar. Todos. Todos... Alguém tem alguma ideia de como se deve fazer? Não! Muito bem. Vamos pensar juntos, vamos trabalhar em comum acordo para o bem geral. Estivemos pensando e chegamos a conclusão que... Que acham? Bem sabemos, não é solução definitiva, quem sabe mesmo se não é nem a mais aconselhável, se alguém tem um plano melhor?

Ali, diante dos homens, os donos das lanchas gaguejam e se esquecem da lição aprendida. Só "seu" Jango ainda tenta manter o tom: "Vocês precisam comparecer pra gente acabar logo com a coisa. O problema é mais de vocês do que nosso, se bem que perder mesmo nós perdemos mais; porém sempre temos com que nos manter, enquanto vocês...".

Mas são os procurados que se mostram acomodatícios, cordatos, pedem explicações, concordam logo. E à medida que vão compreendendo um sorriso lhes vem aos lábios. Bem que Leopoldo avisara, previra: alguma coisa estava sendo preparada e devia estourar logo, de um momento para outro. E eles precisavam estar prevenidos. Aí está. Saber agora como agir, qual o modo mais correto. Adaptar-se às circunstâncias, fazendo o jogo dos outros. Saber aparar o golpe, utilizá-lo; saber aproveitar a oportunidade para modificar em alguns

pontos a situação vigente. Concordar, fingir que de nada desconfiam, que nada sabem, ceder, parecendo cair no laço. Afinal só teriam que lucrar, a medida era necessária. Depois então...

A confiança no companheiro que previra os fatos com tanta certeza aumenta, se solidifica. Sujeito sabido, esperto, sabia onde tinha a cabeça!

XI

À boca da noite Leopoldo se reúne a alguns dos homens. Já está decidido. Nada falarão. Vão fingir que tudo vai bem. Devem se unir, lutando primeiramente contra o inimigo comum, contra o inimigo maior, de fora; só depois então irão tratar do outro caso. Que tem diversas maneiras de ser resolvido. As quais não importa estudar agora, não podem perder tempo.

Desconfiam que sua ação não vai resolver o problema, que ele é mais complexo. Não faz mal. De qualquer maneira virá aliviá-los por uns tempos, dar-lhes um desafogo. Nesse ponto concordam. E mostrará que não há, por parte deles, uma aceitação impassível dos fatos. E servirá para uni-los mais, estimulá-los.

De início foi difícil convencer os homens. Ainda mais que a questão em si era complicada e Leopoldo se perdia, se enredava. Foi difícil, primeiro porque não se sabia quais os escolhidos pelos patrões, para a tarefa, nem se sabia muito ao certo para que, qual, a tarefa. Segundo, porque os não escolhidos achavam custoso fingir tudo ignorarem. Depois, argumento talvez mais forte, porque acostumados desde cedo a obedecer, a não pensar, dei-

xando que os patrões pensassem por eles, a nada verem por si mesmos diante dos olhos, mas a ver o que os outros lhes colocavam mandando que vissem, como eles queriam que vissem, a só pensar no hoje, não queriam e não podiam entender os motivos de tanta delonga, de tanta conversa mole. Nem queriam pensar num futuro longínquo e incerto. Que lhes interessava plantar para os descendentes? Os descendentes que lutassem e sofressem como eles estavam lutando e sofrendo. Queriam colher agora, nem esperar para amanhã, que mal acabaram de semear. Como culpá-los porém? Não somente assim lhes haviam ensinado ser o exato, como ainda o que viam diante deles era uma luta desigual e constante. No fundo tudo não passava de medo, e também preguiça e indolência seculares, nenhuma vontade de agir, tudo adormecido dentro deles, complexo de inferioridade que alguns espertalhões lhes haviam consciente e criminosamente impingido e que se encontrava arraigado no mais profundo deles, impedindo-os de se revoltarem, impelindo-os cada vez mais para um servilismo vil, repugnante.

Foi preciso que Leopoldo primeiro, depois Manuel, mais tarde Lucas, em seguida outros dois ou três, usassem de todos os argumentos válidos para persuadi-los. Ainda assim havia os que resmungavam, os recalcitrantes, os que não se dispunham a ceder, só concordando, no fim, porque viam os outros todos, um a um, se bandeando vencidos pelos argumentos mais fortes. Mas aceitavam a primeira parte do trato, isto é, na colaboração com os patrões, deixando o resto em aberto para discussão futura. Das pobres cabeças não lhes saía outra solução. Não tinham resposta aos argumentos de Leopoldo e Manuel,

a lógica do velho Juvêncio ou do mulato Aristides. Em último caso aos berros enfurecidos de Lucas. Por outro lado, viam, percebiam na própria carne — e esse talvez fosse o argumento mais forte e decisivo — que realmente não podiam continuar assim. A fome já nem lhes rondava os lares, como no passado — já os invadira. As mulheres adoeciam sem ter quem as atendesse, as crianças não tinham o que comer, a porcentagem de mortalidade infantil era assombrosa, as crianças que sobreviviam não tinham estudo, não frequentavam as aulas e quando as frequentavam nada adiantava. Vestiam-se de molambos. Não levavam uma vida nem com um mínimo de decência, de seres humanos, mas num intermédio degradante. Todos viviam à míngua, apelar para o governo não adiantava, nunca recebiam resposta. Que teriam a perder? Nada: só a ganhar.

Governo? Políticos! Política!

Só na época das eleições é que apareciam por ali homens cansados da estafante viagem, falando mal do governo vigente, a prometer céus e terras, mundos e fundos, zombando do abandono em que os haviam deixado os atuais governantes, jurando que mandariam endireitar as estradas, clamando que "as estradas são as vias respiratórias de um país, nelas se concentram a riqueza ou pobreza do pais, legado sublime, a grandeza de um povo se constrói com estradas", prometendo que a ponte seria consertada, que a baía aproveitada, "promessa de muitos e sempre prometida, nunca cumprida, mas agora, eleitos eles, amigos sinceros do povo, vindos do povo, compreendendo as angústias e sacrifícios do povo, veriam", que surgiria hospital, escola, médicos e profes-

sores, tudo à altura, de acordo com as necessidades do distrito; para todos haveria trabalho, uma era de fartura e progresso surgiria, um nível de vida superior e digno, condizente com a qualidade deles, filhos de uma "terra ubérrima e mal aproveitada pelos detentores atuais do poder, uma oligarquia, uma politicalha suja e corrupta, uma corja vendida que se espoja na riqueza enquanto os trabalhadores que são os mais lídimos construtores da grandeza da nação, sufocam, angustiados, numa miséria medonha".

"— Aquilo ali — e o homem de anel no dedo gordo estendia uma mão tediosa, balofa, de unhas aparadas e brilhantes — aquilo ali era um paraíso, o vero paraíso inaproveitado, desprezado pelos criminosos do poder".

A vila haveria de melhorar desde que eles subissem ao "poder". Não ambicionavam o poder pelo poder em si, oh, isso nunca, não tinham ambições pessoais nem eram semelhantes a esses que se esquecem, quando subidos, de tudo que devem ao povo. Porque o poder vem do povo e pelo povo deve ser exercido. Porque o poder... E gritavam, berravam, gritavam, repetiam: poder, PODER!, até que todos, enlouquecidos, viam a palavra crescendo, tomando-lhes toda a cabeça, instalando-se neles, infeccionando-os. Respiravam, viviam, se alimentavam de PODER.

Continuavam:

"— Quem tivesse qualquer queixa viesse falar. Seria atendido, por mais humilde que fosse, com a mesma presteza e lhaneza com que se atenderia um grande da pátria. Perante a pátria todos são iguais. Votassem neles e veriam. Votassem neles, não por "nós", mas por vós mes-

mos, pelos vossos filhos, pelo país que todos amamos e pelo qual nos sacrificamos".

Estavam prontos a se sacrificar pela pátria, prontos a auxiliar este povo generoso e bom, humilde e sofredor, cheio de tantas virtudes, digno de melhor sorte, "que já está vendo brilhar não muito longe a luz redentora da alvorada".

Subiam e logo se esqueciam das promessas, até as vésperas da próxima eleição, ficavam a se locupletar.

Isso acabara por cansar o povo. Já recebia com ceticismo e risota toda espécie de "salvadores" em busca do "poder para o povo", salvadores que só se salvavam a si mesmos e aos seus. Uma camarilha substituindo outra, num rodízio impressionante. Então, tanto ali como em qualquer outro recanto, as eleições passaram a ser uma nova espécie de farra e negócio. Comércio. Só se votava pagando. Uns queriam dinheiro, outros roupa e comida, outros festa. Sim, havia os que só votavam por farra. Queriam era um bom almoço regado a farta bebida; queriam era viagem cômoda até o posto eleitoral. Nas cidades se exigia automóvel que os conduzisse até a seção. Que as vezes acontecia ser no outro lado da rua. Não importava. Embarcavam num lado, desembarcavam no outro, muito felizes e lampeiros, rindo muito. A tudo os candidatos se serviam, um sorriso servil nos lábios, verdadeiros escravos do povo. Escravos de um dia. Pois logo vinha a vingança, feroz.

Um último gênero existia, se bem que agora em quantidade mínima, tendendo a desaparecer, mas ao qual cumpre citar devido à sua grande influência em tempos não muito remotos: o do chefe político do interior, "seu" coronel, dono de um prestígio muito grande, afamado na

sua zona, que contava eleitores como quem conta cabeças de gado, "na zona tal lhe agaranto mil e quinhentos", quando faltava um voto mandava chamar o "cachorro" e o espedaçava a relhaço, elegendo finalmente, em caso de desespero, seus candidatos com defuntos, quando faltavam uns tantos votos, e dizendo, "eleitor bom é defunto, não é ingrato, não reclama nem falseia a gente, caboclo está ficando esperto, uns sacanas, qualquer dia ninguém pode mais com eles!". Mas esta classe, a dos coronéis, andava em franca decadência, desprestigiada.

O povo, assim massacrado, perdido o espírito de iniciativa, desnorteado, não sabia o que fazer, para onde se virar. Apenas, de uns tempos a esta parte, nas grandes cidades, nos grandes aglomerados de operários, reações cada vez mais fortes se esboçavam, a luta se intensificava. Ali, não. Deixavam-se ficar naquela vida, sofrendo, vivendo primitivamente, com poucas necessidades, as necessidades fundamentais do ser humano e mesmo estas sem serem resolvidas. Para qualquer lado que se virassem, tudo fechado. Não viam diante de si solução cabível.

Agora surgia-lhes Leopoldo a pregar ideias de revolta, de reação, querendo que eles se unissem e insurgissem, lutando, senhores de seus destinos. Desde que chegara, a insistir, mais agressivo à medida que o tempo ia passando.

Leopoldo intercalava casos na sua conversa, falava da época de Santos, das lições, da experiência e amadurecimento progressivo, de como os operários conseguem levar avante seus planos, dos trabalhos e lutas, vitórias também, da união de todos os deserdados em busca de um mundo melhor.

Conta como nos primeiros tempos passara miseravelmente, vivera de cais, de sobras que lhe atiravam, um pária, esperando a chegada das lanchas que vinham de Ganchos, para saber notícias dos seus e conseguir o que comer e onde ficar por uns dias. Quando se iam, ainda conseguia dinheiro para se manter mais alguns dias. Depois arranjou emprego numa lavanderia, entregador de roupa. Vivia mais das gorjetas que do ordenado, mas tinha onde ficar, dormia num quartinho de passar roupa. Ali ficou uns tempos, melhorou, foi trabalhar no serviço interno, até que um dia foi posto na rua, não sabe qual o motivo, talvez o ministério do trabalho exigindo a matrícula dele, o que "não era possível", pois embora ganhasse uma ninharia era maior de idade. E ali não se admitiam maiores. Desesperou, caiu de cheio na vagabundagem e se teria perdido não fosse aquele amigo, o Dorival, que o ajudou, que lhe reergueu a moral. Foi trabalhar na estiva, por indicação do amigo, entrou numa escola noturna, queria aprender, uniu-se a outros iguais a ele, em breve frequentava reuniões onde todos os problemas eram discutidos e as soluções indicadas.

Estivador do porto de Santos! Era uma vida dura, ingrata. Mas aprendia e sonhava. E era um conforto e uma esperança a solidariedade existente entre eles.

Gostava de ficar olhando os grandes navios de fora, de todas as partes do mundo, vinha-lhe um desejo de largar tudo e embarcar clandestino ou como moço de bordo. Imagina outras nações. Conhecer países, costumes diferentes, outras gentes, modos de vida diversos. Aprender, pois o melhor meio de se aprender é na prática, entrando

em contato com a vida rude e áspera, a dura realidade cotidiana, viajando. Não só pensar, mas agir. A vida deve se compor de ação e pensamento, ambos entrosados, entrelaçados, inseparáveis. Tenta se explicar, ser mais claro. Sim, qualquer uma das duas atividades, só, desligada, deforma, vicia, dá uma visão falsa e ilusória do mundo. Qual amigo que lhe explicara, ou onde lera isto? Tenta se recordar. Em vão. Não seria um pouco diferente, como transmitir suas impressões com maior clareza? Não sabe, e se angustia. Deixa-se levar, inconscientemente, um temor súbito o invade. Mas logo se recupera. Retoma o fio da meada.

Imaginara muitas vezes que deveriam existir outros países onde a vida fosse melhor, onde o trabalho fosse uma alegria, uma obrigação mas não um castigo, uma necessidade mas não uma carga, onde todos pudessem se dedicar alegremente ao que amavam, não ao que a miséria os forçasse. Por que não construir aqui, em toda a parte, um mundo assim?

Viajar — voltava — viajar é também um meio de aprender praticamente. Viajar, ver coisas, estudar...

Estudava de noite num curso para adultos. E estudava com alguns companheiros mais sabidos, que lhe iam ensinando o que a escola ignora.

Aprendeu que milhares de homens, em quase todos os países, tinham as mesmas aspirações que ele. Viu que só, isolado, nada era, mas unido aos milhares de outros, uma força capaz de mover montanhas, a única força capaz de mover montanhas. E de modificar a face aos acontecimentos. Acreditando nos demais, acreditou em si mesmo, na sua classe, nos homens. Abandonou o pessi-

mismo que o ia consumindo. Passou a ter fé, a confiar na humanidade. E se pôs a trabalhar com redobrado esforço, principiando a divisar uma meta. Até que um dia...

Estremece. Para. Não há necessidade de continuar, de relatar este trecho. Proveito algum trará. Mas continua pensando. Ainda sente um recuo ao se recordar. Mas já vai vencendo. Em contato com aqueles homens rudes, onde se revê como num espelho multiplicador, vai dominando o pavor e se refazendo para novas batalhas.

Agora, ali em Ganchos, tenta transmitir aos amigos suas experiências, procura se recompor, pensa que, também eles, com mais razão do que ele, pois nunca tiveram companheiros que os orientassem, devem estar receosos. Como não desculpá-los, com que autoridade recriminá-los? Se até ele, já com mais experiência, fez o que bem sabe, o fiasco que ainda agora o envergonha!

Arma-se de redobrada paciência, volta a explicar, a insistir, a defender seus pontos de vista. Nota, com alegria, que o número dos recalcitrantes diminui gradativamente. E com entusiasmo renovado que recomeça:

— Deixem-me explicar de novo que não adianta a gente ajudar os donos das lanchas e ficar nisto. Que proveito tiramos? Nenhum. Ou acham que basta a gente ajudar a enxotar os donos dos grandes barcos e voltar ao mesmo de antes. Não adianta. Mesmo porque vamos enxotá-los provisoriamente. Logo voltarão. Mas esta é outra história. A de agora é continuarmos no nosso plano original. Depois de liquidado o caso com os barcos, vamos conversar com os donos das lanchas.

XII

Manuel vai ao lado de Leopoldo. Nunca saiu dali, daquela terra; seu horizonte, fisicamente, é limitado. Mais o era, há pouco tempo atrás intelectualmente. Não pensava. Se a viagem mais longa que havia feito era até Florianópolis, em pensamento, em reflexão nunca fora até Ganchos de Fora.

Manuel caminha no mesmo passo firme do companheiro. Sente que os dois afinam, compreendem-se. As aspirações de ambos são as mesmas, ambos lutam com as mesmas dificuldades, agravadas no caso de Manuel por ter um maior número de filhos e não poder se expressar tão bem quanto o companheiro. Não conseguir pensar, concatenar certos fatos — isso sempre o preocupou. Até há pouco também não compreendia como se poderiam resolver alguns problemas que lhe pareciam por demais intrincados, mas que já agora lhe parecem menos confusos e de mais provável solução. Muitas coisas que Manuel sentia não estarem certas, sem poder exprimir, explicar porque, agora tomam forma, fazem sentido, encontram eco na voz de Leopoldo. As palavras de Leopoldo são as dele, Manuel. Fracamente, imperceptivelmente de início, com mais nitidez sempre, percebe que o outro veio completar uma porção de lacunas, de vazios do espírito dele. Às vezes se imagina Leopoldo, reage como o amigo, ou procura imaginar de que modo ele reagiria, se põe no lugar dele, se perde em conjeturas, tem, sente, uma curiosa impressão de algo mais que afinidade. Tudo se lhe embaralha adentro na cabeça, que arde, estala. Sufoca. Não se analisa, sente. E vibra. Vive os seus melhores momentos.

Agora, por exemplo, marchando um ao lado do outro, sabe que ambos estão perfeitamente identificados. Não precisam se falar; são supérfluas as palavras entre eles.

"Nem com meus irmãos eu me dava tão bem!".

Manuel se vira, observa os demais que caminham junto deles. São todos pobres homens, os moradores da zona mais miserável da vila. Não há, ali, verdadeiramente, milionários, ricos, remediados, pobres. A divisão em classes estanques foi eliminada. Não há classe média, não há classe pobre. Há, somente, os donos das lanchas, que não sendo nenhuns nababos têm o mais que suficiente para se manterem com relativa folga, e há os outros, a grande maioria, os que trabalham como assalariados, os "camaradas" e que mal e mal têm, nas épocas da fartura de peixe, com que se sustentarem. Pronto.

Manuel começa a enxergar.

Os moradores da zona pobre levam uma vida que se pode classificar de abjeta. Uma subvida, de promiscuidade. Nada dos lirismos, dos romantismos bestas mostrados em livros falsos que tudo procuram descrever pelo lado de um poetismo piegas, convencional, intencional. Moram em casebres de madeira, cobertos de palha ou zinco, que não possuem assoalho, mas um chão de terra batida, tudo sujo, infecto. Manuel, perdido em cismas deixa-se levar.

Todos vêm de volta, depois de haverem conversado o que desejavam, chegando a um acordo. Então vão dispersando, cada qual rumo à sua casa.

XIII

Anoitecia.

Manuel acelera o passo, quer chegar logo em casa, precisa falar com a mulher.

Cruza em frente à casa do Lola. Sentados, no avarandado, Lola e "seu" Jango. É do outro lado, num outro beco, que Manuel mora.

Cumprimentam-se. "Seu" Jango olha para o homem, sorri.

— Então, Manuel, como vai ser?

— Esperemos que saia tudo bem — responde o interrogado, se dispondo a continuar.

— Donde vem? — quer saber Lola.

— De andar. Estivemo conversando... — para e responde.

— Conversando quem?

— Uns amigos.

— Conversando o quê?

— Conversando! Matar o tempo.

— Crê que todos já devem saber do que se trata e de como deve ser feita a coisa?

— Não sei não.

— Não mesmo! Entre pra aqui, puxe uma cadeira, sente um pouco.

— Não, obrigado, mas estou com pressa pra chegar em casa, já se faz tarde, a gente começa a conversar e se perde.

— Só um pouco. Penso que não vai apanhar da mulher por se atrasar uns minutinhos...

— Oh-oh-oh, penso que não vai não, esse Lola tem cada uma, não á Manuel?

...precisamos entender tudo pra que tudo seja feito o mais perfeito possível e o mais rápido. Quando eles derem pela coisa tudo já deverá estar liquidado e todos devem ter voltado. O mais ligeiro e silenciosamente que se puder. Aí e que está o segredo da nossa vitória ou derrota. Silêncio, é preciso remar e depois nadar como se fossem peixes. Vocês discutiram isto?

— Não, conforme me disseram ninguém devia comentar, as explicações foram dadas com bastante clareza, cada um sabe o que deve fazer... depois não sei quem vai, não conheço os outros, não me interessa saber, como ia comentar, com quem? E que entendo disto pra comentar? Fui convocado, vou, pronto.

— Então diz que...

— Quando saímos, é sempre na hora marcada ou houve aí...

— Olha aqui seu, não me venha com conversas, eu, não pens...

— Lola, a gente vai sempre sair na hora, não é? Tudo vai bem.

— Sim, precisamos esperar que escureça bem — responde Lola, calmo.

— Sim, que escureça bem; já temos tudo determinado direitinho de maneira que não podemos errar, não se vai falhar — adiciona "seu" Jango.

— Felizmente parece que vai dar uma noite bem escura. Não tem lua e espero que com este clima não haja estrelas e fique tudo encoberto.

— Felizmente, uma noite escura, sem lua, sem estrelas, tudo encoberto, que bom! — repete como num eco, um tanto deformador mas plenamente reconhecível, "seu" Jango.

Manuel escuta, não retruca.

E logo todos os três, num erguer de cabeça junto, olham para o céu que vai, gradativamente, se cobrindo de um manto negríssimo. Nem uma estrela brilha no firmamento. Um lusco-fusco de ouro e chamas vai se sumindo, tragado pela noite. E o mar está calmo, parado, sem uma ruga a toldá-lo. Não há prenúncio de vento. — "Que continue assim, pois o vento talvez viesse atrapalhar um pouco!". — é o que todos pensam. Ondas macias vêm beijar a areia. Daqui donde estão, erguendo um pouco a cabeça, podem ainda, a custo, divisá-las. E mais ao longe grandes barcos balouçam docemente. Em terra, nos ranchos, aguardando a hora dos homens pô-las n'água e cavalgá-las, varar, cortar a água negra que se abrirá suave e serenamente em brancas espumas para recebê-las, estão as lanchas.

Continuam calados, fumando todos, os dois sentados e o terceiro de pé, formando um estranho quadro. Ali ficam. Meditativos, aguardando o cerrar total da noite, que vagarosa desce as longas pálpebras. A água vai empretecendo, muda de cor, adquire várias cambiâncias, até que atinge um negro forte, cor de breu, que é a cor do céu, a cor da terra, a cor das árvores, a cor de tudo, até das próprias pessoas, que não mais se enxergam. Tudo se some. Não se vê mais os barcos, nem a praia, nem as casas, nada. Então os dois homens sentados se erguem, três pontas apenas, três pontas rebrilhantes na noite, bracejando naquela escuridão informe, se despedem.

XIV

Quase meia-noite. Vultos indistintos vêm se aproximando do local onde estão guardadas as lanchas. Ficam à espera. Outros chegam. Mais outros. Depois uma voz:

— Todos?

E uma outra, em tom positivo, não se sabe como terá adivinhado para afirmar:

— Todos.

— Então vamos! — torna a primeira.

As sombras voltam a bracejar, deixam os cigarros de lado e estes, ao serem atirados na areia e pisados, antes de cair, formam semicírculos luminosos logo perdidos, estranhos vaga-lumes em mais estranha reunião. Um leve murmúrio, todos ajudam a empurrar as lanchas para a água, já antes sabendo para qual delas deveriam se dirigir. Guiam-se pelo tato, melhor, pelo faro, pelo hábito, uma espécie de sexto sentido.

Arrastam as lanchas até a água. Maciamente vão embarcando, largam, os remos chapinham n'água, mas tão, tão de leve que ninguém percebe, manejados por mãos de mestre. Necessitar-se-ia de um ouvido apurado, afiadíssimo, educado. E ainda por cima, que estivesse prevenido com antecedência. Cada uma das lanchas — são quatro, com uma vintena mais ou menos de homens — toma rumo preestabelecido. E remam, remam, de uma forma compassada, igual, como obedecendo a uma lei inelutável. Os remos sobem e descem, naquela cadência, num ritmo idêntico, monótono, preciso. Dir-se-ia medido. Agora, lá longe, depois de remar e remar, param, as lanchas silenciosas, vogando ao léu. A tensão é muita, in-

controlada. Os homens procuram reter a respiração descompassada, arfam. Desejos de fugir, de conversar para se darem coragem, de afastar a angústia que os oprime. Mas todos calados. Em expectativa. Aguardam. A noite é muito negra, mais se fecha, há muito que cresceu, avançou, já atingiu o ápice e começar a descambar, não tardando que os prenúncios da madrugada, clareando o horizonte, se manifestem. A mesma solidão, o mesmo silêncio persiste em tudo. Esperam o sinal.

É um piar que quebra o silêncio e invade a noite. Segue-o um tchap, tchap, tchap. Outro. Depois outro. Mais outro. Quase inaudíveis. Das lanchas os homens se atiram, os corpos cortando a água, nadam, imperceptíveis, sem mais um mínimo barulho além daquele tchap, tchap, tchap, silente, finíssimo, que bem poderia ser de um peixe pulando. As braçadas vão cortando a água, percebe-se um leve brilho dos corpos, uma como fosforescência naquele negrume. Nadam, avançam, seus olhos cruzam a escuridão, tentando devassá-la, em procura do alvo. A distância das lanchas para o local que buscam é pequena. Trazem na cabeça, como num mapa, a planta, as distâncias aproximadas, as braçadas a dar. Logo mergulham, bracejam lá por baixo, sobem, respiram, descem, bracejam, voltam a subir, respiram fundo, mergulham outra vez. Quando voltam trazem nos dentes enormes facas que rebrilham. Vêm resfolegando muito, como se tivessem lutado com um animal antediluviano, talvez um polvo descomunal, de mil braços e mil fôlegos. Mais um último mergulho, mais uns golpes com a faca. O golpe de misericórdia, e depois, calmamente como chegaram, voltam às lanchas. Sobem, auxiliados

pelos que ficaram tomando conta, relaxam o corpo para descansar um minutinho, respiram fundo diversas vezes, esperam um retardatário. Depois pegam dos remos e dobram caminho, desfazem o que haviam feito, rumo à praia, tomando idênticas precauções. Na praia abicam as lanchas, puxam-nas para os ranchos, e sempre em silêncio fazem o que deve ser feito, limpando, enxugando, arrumando, destruindo enfim qualquer vago sinal de presença ou passagem, qualquer rastro. Em tudo isto não se trocam mais de meia dúzia de palavras essenciais. Logo em seguida se separam. Não há necessidade de conversa. Cada qual sabe o que tem a fazer e dizer, vai para casa, dormir. No dia seguinte recomeçarão a mesma vida, como se nada houvesse acontecido. E aconteceu? Sim, aconteceu e terá profunda repercussão e influência decisiva na vida futura de todos eles. Bem o sabem. Mas é coisa para o futuro. Para depois. Para efeitos exteriores, agora, nada aconteceu. A vila toda se unira como se fora um só homem. Ninguém contará nada, ignorarão tudo, não se referirão ao fato. Que importa isto? Ficará, para sempre, para quando for necessário, aberto como uma chaga, aquele mistério, aquele segredo entre eles. Cúmplices, terão alguma coisa em comum, que os aproximara. E estarão uns nas mãos dos outros. Quando for necessário, quando chegar a oportunidade...

A quem beneficiará isto?

Tomam caminhos diversos. E deles só se pode perceber o fogo dos cigarros riscando a noite.

Perdem-se nas vielas. Vão dormir. Repousar.

E breve um silêncio de morte volta a dominar a vila.

Não demora porém que o espectro da madrugada,

há pouco anunciado, cavalgando os restos da noite moribunda e expulsando o breu que encobre a terra, venha surgindo do mar distante.

5
Sábado

I

O primeiro a perceber a chegada dos grandes barcos a motor, que dificilmente demandavam a vila, foi Godofredo. Que poderiam desejar? Só chegavam ali, mesmo assim um deles, não todos enfileirados, de raro em raro, podia-se contar pelos dedos as vezes que isto acontecera (e ainda sobravam dedos), quando lhes faltava água ou necessitavam de alguma coisa miúda, com urgência. Porém agora vinham todos, perfeitamente enfileirados, entrando barra a dentro, motores a roncar. Godofredo ficou parado, pensando, a observá-los. Curioso.

Mas o ronco dos motores logo chamou a atenção geral e pouco depois, no trapiche, local de mais fácil atracação, embora um tanto estragado pelo abandono a que era votado, se comprimia uma compacta multidão, composta na maioria das pessoas residentes nas redondezas, ou dos poucos outros que já haviam saído de casa. Todos interessados, observando e dando palpites. E o grupo, rapidamente ia engrossando com novos curiosos surgidos de todos os recantos. Porém os grandes barcos, novinhos em folha, bem pintados, já atracavam, atiravam as cordas para terra, alguns homens fortes e bronzeados, calçando enormes botas, com chapéu de couro, saltam em terra, pisando firme, com arrogância. Os barcos são amarrados. Os espectadores se retraem, intimidados diante da car-

ranca dos visitantes, receosos nem eles mesmos sabiam de que. E mal impressionados, descontentes com a atitude arrogante das "visitas".

— Quem é a autoridade da ilha?

A pergunta é dirigida a todos, indistintamente. Ninguém responde.

— Quem é a maior autoridade da ilha?

E o que parece patrão mira e remira os presentes. A voz vem nervosa, sumamente irritada, num tom de zanga e impaciência que o homem não procura disfarçar. Um olhar duro, mau, carregado de ressentimento, percorre o grupo, voeja de um em um.

— Qual deles terá sido? — pensa.

— Que ilha? — arrisca Godofredo.

— Esta!

— Mas não é ilha! — alguém encorajado, lá de trás tenta numa voz trêmula.

E um riso descontinuado, soante a falso, percorre a assistência.

— Bem, não interessa agora pra mim conhecer a geografia da terra, nem suas particularidades topográficas, nem sua vida e seus homens. Não estou em visita de cortesia, não tenho tempo pra ser sociável. Se é ilha ou não, pouco me interessa. Dá no mesmo. Quero falar com a autoridade daqui. Ou não há, é uma terra sem lei nem rei?

Murmúrios de desagrado pelo tom do homem, pela sua arrogância. Cochichos.

Ele não se preocupa. Marcha firme de um lado para outro. Percorre a assistência que se formou, olha de cima para aqueles homens, mulheres e crianças. À retaguarda dele, meia dúzia de companheiros, enquanto nos bar-

cos permanecem os restantes, sentados, em expectativa, mãos apoiadas em armas que não se percebem mas se pressentem, prontos para entrarem em ação ao menor sinal de perigo. Vêm mesmo com ares provocativos, querem puxar briga, estão num estado de excitação quase incontrolável, procuram intimidar e vencer pela violência e pelo inesperado.

Antes que a população tope, que o sangue suba às cabeças, aproveitando-se daquela indecisão inicial para acalmar os ânimos, uma voz se ergue:

— O senhor me siga. Levo os senhores até a casa de "seu" Demerval, que responde aqui pela autoridade. Mas vamos em paz, com calma.

— Você quem é?

— Manuel, pescador.

— Vamos. Me sigam.

Os homens, sempre um pouco na retaguarda, parecendo grandemente interessados em proteger o mandão, seguem para diante. E mais para trás, resmungante, atônita, vem grande parte da população da vila.

Ti Zé, lá de sua posição privilegiada a cavaleiro da vila, conversava com um freguês madrugador, na porta da venda, quando viu os barcos atracarem. O fato era tão insólito que chamou a atenção do outro para o mesmo, gritou com a filha mais velha que tomasse conta da vendola e prevenisse a mãe da saída dele, e correu junto com o amigo para ir ver.

Dona Leonor dirigia-se à aula, acompanhada do moço moreno, e perguntou o que era aquilo. Moço moreno, solícito, foi correndo se informar.

Os alunos passavam, e em vez de se dirigirem àquela chatice da escola, ficavam postados à beira da calçada, observando os homens. E a maioria dos guris, feliz, acompanhou a onda.

Leopoldo, sentado numa pedra lá do alto, aquentando sol e esperando, seguia com atenção a fila coleante e que engrossava minuto a minuto; olhos fixos, de preferência, nos que haviam ficado nos barcos. Temia alguma coisa.

Lola dormia pacificamente, sonhando com não se sabe que vinganças, quando apareceram para acordá-lo. Foi preciso bater até quase arrebentar a porta. E quando veio atender, ainda estremunhado, no seu pijama de zefir listadinho, Pedro Salgado disse, de um só fôlego:

— Puxa, que sono de pedra, pode pegar fogo na casa que tu morres assado sem acordar, quando vais acabar de acordar já estás morto!

E acrescentou: — "Que os homens estavam chegando".

Lola, mal desperto, pronto a exasperar-se, estranhou:

— Que homens?

— Os dos barcos.

Lola vestiu-se e saiu numa corrida para a casa de "seu" Jango.

Este ralhava com Lurdes, não podia admitir que a filha continuasse assim, desatenciosa, respondona, que estava acontecendo? Era preciso afinal decidir-se a ir para a casa dos tios lá em Tijucas, não era mais nenhuma menina de colo, mas uma moça, visse bem, uma moça, lá poderia continuar os estudos, aprender, se lembrasse de que ela é

que havia pedido, implorado. Secretamente o pai pensava que ela poderia arranjar um namorado, até mesmo um dos primos, nunca se sabe, pois a filha, notava ele, admirando-se da descoberta repentina, estava ficando uma mocetona de truz, que seria dela aqui, lá poderia mais tarde casar-se e arrumar a vida. Mas era preciso ir logo, raciocinava o velho, antes que acabasse gostando de alguém da vila. Não via quem. Imagine-se a trabalheira, os incômodos. A filha, já moça, espantava-se de novo. Como ficamos velhos de um momento para outro! Os filhos crescendo perto da gente, a gente vendo eles a todo o instante, não notamos a diferença. De repente parecem dar um salto. Ontem uma menininha... e hoje vemos que estamos velhos e temos moças casadoiras em casa...

A mãe de Lurdes bebia as palavras do marido, a tudo dizendo sim, olhando com adoração para seu homem. E concordando plenamente, assim pensava mas não tinha o dom de transmitir o que pensava. Nem viu compadre Lola entrar.

Pai de "seu" Jango saiu correndo, correndo, numa ânsia, para alcançar os homens, para ver o que era aquilo, aquela invasão, mais aquilo, como se já não bastasse tudo o que lhes vinha acontecendo.

Preocupada com a ida, amanhã, à grande festa de São Miguel, a maior do ano, a maior da redondeza, querendo saber afinal se Godofredo sempre não vai poder ir, coração indeciso entre vontade de ir e desejo de ficar, Lurdes não retruca a arenga do pai. É Lola quem a vem salvar de reprimenda maior.

Justino, Justo, estranhava a demora de Godofredo, que saíra para lhe ir comprar fumo ali perto e até agora,

nada. Certamente o malandrão ficara-se a palestrar com outros iguais a ele, ou a ouvir a conversa mole de velho marinheiro, sempre, do amanhecer ao anoitecer, a contar bravatas de suas imaginárias viagens e aventuras pelos sete mares, bebendo e abarrotando a cabeça dos rapazes de sonhos impossíveis e absurdos. Velho caduco! Nunca saíra do Brasil, sempre em naviozinhos de merda, que nem se aventuravam além das praias para o mar alto. Que imaginação! Quem poderia deduzir a verdade da fantasia? E ainda havia trouxas que acreditavam, que perdiam tempo escutando... mas não, sejamos justos, até velho marinheiro, de tão compenetrado, de tantas vezes haver repetido as histórias, acabara se convencendo do que contava.

Como o sobrinho demorasse e o freguês ali esperando, Justo resolveu sair e ir procurá-lo. Não adiantava gritar. Saíram os dois, era o Lucas. Justo resmungava. Passar-lhe-ia um raspão de primeira, ia ver, não se cuidasse que qualquer dia iria além do raspão, dar-lhe-ia uma surra de criar bicho, chegava de descomposturas que nada resolviam, só rabo de arraia. Não pensasse que por ser velho... Lucas tentava dissuadi-lo. Aí mais o velho se entusiasmava, era isto mesmo que queria.

Esbarrou com o grupo que se encaminhava para a casa de "seu" Demerval, perguntou para Lucas se sabia do que se tratava, este fez um gesto negativo com a cabeça. Acabaram decidindo ir dar uma espiada. Incorporaram-se ao grupo. E pergunta aqui, pergunta ali, foram seguindo.

A notícia, como um raio, corre a vila de ponta a ponta, penetra casas a dentro, despertando pessoas e empurrando-as para fora.

Que poderiam desejar aqueles homens que estavam acabando com o peixe das redondezas, que com suas grandes redes e seus espinhéis, suas modernas traineiras, seus barcos a motor e suas geladeiras, seus métodos novos e cruéis, carregavam o peixe, não só carregavam o peixe mas acabariam por exterminá-lo, pois que matavam os miúdos que lhes caíam nas redes. Era o mesmo que acabar com o distrito. E levavam o peixe para fora, para os grandes frigoríficos de Santos e do Rio.

Uma curiosidade insopitável mordia todos, grandes e pequenos, homens e mulheres, arrastando-os para as proximidades da casa de "seu" Demerval. Desejo de ver de perto os homens de fora. Desejo de ver o que iria acontecer.

Semelhava dia de festa.

Adivinhavam que se tratava de coisa muito importante, possivelmente luta de vida e morte se travaria. E resolviam dar o dia por perdido, mesmo não tinham o que fazer, ficar-se pelas proximidades, proseando, atentos ao que desse e viesse. Nunca se sabe, pode-se ser necessário.

Aí está. Há dias que sentiam aquele clima de expectativa pairando no ar, a vila andava sobressaltada. Não era sem motivo. Não sabiam ainda do que poderia se tratar. Homens segredavam pelos cantos, e mesmo sem saber de nada não deixavam transpirar o que conversavam. Aí estava realizada parte da previsão. Mas o resto, o por que disto? Os participantes do segredo se fingiam de mais ingênuos, calavam.

II

"Seu" Demerval, bocejante, estremunhado, veio atender aos queixosos. Fora tirado da casa, mostrava que o fato não lhe havia agradado. Acostumado a obedecer aos superiores com a mesma presteza com que gostava de ser obedecido pelos que lhe eram inferiores ou subordinados, levava muito a sério o seu cargo. Pensou que devia ser qualquer coisa de muita importância, para virem incomodá-lo. Ainda assim podiam ter esperado até ele se levantar. Não gostava de sair de seus hábitos, precisava cuidar da saúdezinha. Fechou a cara, fazendo uma carranca de enfado e desgosto quando viu com que tinha que tratar, já que na frente estava aquele tratante do Manuel. Veria! Que quereriam os pescadores? Não se cansavam de reclamar? Tirá-lo do seu descanso, do seu quentinho, e ele um homem doente e sacrificado, com certeza por uma ninharia. Vai ver que se atracaram, brigaram, e ele é que tinha de resolver. Se matassem, era mais fácil. Um ia pro cemitério, outro pra cadeia, pronto. Bem. E vinham todos, em verdadeira romaria. Não poderiam deixar para mais tarde, para depois! Mas ele lhes mostraria, ah, isto mostraria, não duvidassem.

— Que é que... — começou antes que se amontoassem todos diante dele. Não terminou. Viu logo, marchando entre os pescadores, subindo para encontrá-lo, guiados pelo Manuel, aqueles homens de fora, logo depreendeu serem os donos dos barcos, e, subserviente, mudou de fisionomia, quando notou que com estes é que teria de se haver. Nunca se sabe. É bom estar prevenido. Afinal um sacana qualquer destes pode ser parente de fi-

gurão, ter prestígio na roda da alta, usa da sua influência e vai prejudicar a gente. Afivelou, logo de entrada, uma máscara de amabilidade e bonomia, a segunda da série, um amplo sorriso no rosto gordo. Tornou-se humilde, respeitoso, compreensivo, servidor e serviçal, mandou que entrassem, que dispusessem, estavam em casa, e ali tinham um criado as ordens para os servir e atender no que fosse necessário.

"Seu" Demerval era de meia-idade, alto, muito gordo, tão gordo que parecia baixo, balofo, sempre arfando, carnes pendentes, sobrando por toda a parte, corpanzil disforme onde a roupa não sentava direito, a suar muito, parecendo se derreter. Sentava-se e as carnes bambas e moles pendiam, resvalando da cadeira. Dizia-se muito doente, sofrendo do coração, encrencado sempre, merecendo um cuidado e carinho todo especial, podia embarcar de um momento para outro, temendo muito a morte, tremendo quando ouvia falar que um conhecido morrera, choramingando de causar dó. Vivia com a mulher, Dona Florzinha, uma senhora apagada, muito boa e caridosa, mal e mal entrevista, ultimamente diziam que caducando, a andar pela casa como alma penada, a rodar pelos quartos, a se parar olhando pela janela para fora, para o nada, ou seguindo o voo de um pássaro, o cair de uma flor ou folha, prestando atenção ao sussurro do vento nas folhas das árvores e à ressaca que chegava até ela baixinho e timidamente, vinda do mar. De repente Dona Florzinha caía num choro ferrado, por nada, as lágrimas desciam pela face rugosa mas não muito velha e se perdiam no pescoço seco, pendente, escorrendo para o seio murcho. Pessoas passavam, falavam com ela. Não

respondia, não via. Longe, divagando. Não tinha filhos, nem parentes. Ninguém a visitava nem visitava ninguém. Trancada em casa, rodeada de gatos, falando com eles, mimando-os. Diziam mais que uma antiga e obscura tragédia lhe enlutara o lar, atirara com a mulher naquela semiloucura, agravada nos derradeiros tempos. Diziam que "Seu" Demerval viera para ali e a trancafiara, como vingança, pois ela o traíra com um amigo. Diziam mais de morte estranha de um casal de filhos, crimes, assassinatos, mas tudo confuso, não se entendia bem a história e pessoa alguma a sabia explicar. Talvez no fundo tudo não passasse de boato a que o povo dera vida e veracidade devido ao retraimento da mulher e ao seu desejo de não atar relações com ninguém. Vieram ambos, assim mesmo como estão agora, parece que fisicamente não mudaram o mínimo, não envelheceram, o tempo passando por eles sem os atingir, não lhes causando mossa, se localizaram ali na vila, se radicaram parece que na mesma casa onde até hoje estão, tendo-a comprado do antigo proprietário, isso há muitos anos atrás. Nunca se soube com exatidão coisa alguma do passado de ambos. Nem ninguém sabe informar o número de anos que ali se encontram. "Há muitos anos" — é a resposta.

"Seu" Demerval era uma espécie de dono da vila, homem forte, a lei única. E a isto também não se sabia muito bem como chegara. Destas coisas que acontecem, que se transformam, com o tempo, em coisa aceita naturalmente, sem discussão. Sem ter uma posição definida, isso para não se falar na sua qualidade de "segundo" do inspetor de quarteirão, mandava e desmandava em tudo Soberano. Ordenava como agir ao cobrador de impostos,

"seu" intendente que passara a exercer a função quase decorativamente; ao escrivão, que para realizar casamentos tinha de consultar "seu" Demerval; ao sacristão, que para marcar novenas ia lhe pedir conselho, ou melhor ainda e mais exato: autorização. Assim por diante. Se não era uma questão de direito era de fato. "Seu" Demerval fazia de tudo, em tudo interferia. Encontrara, de início, alguma dificuldade com Lola, com mais dois ou três, mas estes logo se acomodaram e entre eles foi feita uma trégua, um não interferindo nas tarefas do outro. Não mais se incomodavam, ele fechava os olhos à exploração dos "camaradas" pelos donos das lanchas; em compensação os donos das lanchas lhe davam mão forte numa série de casos difíceis.

Entrava e saía governo e ele sempre ali, sólido. O inspetor de quarteirão, morando longe, mal e mal aparecia, mesmo assim sujeitando-se às ordens de "seu" Demerval, acatando, confirmando, sem olhar, tudo que o homem havia feito na sua longa ausência. Ademais, igual ao caso do governo, entravam e saíam inspetores e ele sempre ficava no posto, comentava-se mesmo que mais de um inspetor fora derrubado por ele, que se permanecia naquela obscuridade era por desejar, por... e lá vinham velhas histórias sempre repetidas, nunca confirmadas. Ali, ele é que sabia de tudo que se passava, ele é que sabia como se passavam as coisas, ele é que sabia lidar com os homens. Como o inspetor interferir? Qualquer coisa era recorrer ao "seu" Demerval. Se estava de bom humor atendia, tinha atitudes afáveis e gestos de compreensão. Escutava, opinava, resolvia os litígios, sabia tornar-se simpático. Caso porém estivesse num de seus dias de mau humor, gritava, amal-

diçoava, mandava embora sem ouvir nada, "que fossem para o diabo que os carregasse, que fossem resolver no inferno seus problemas, não era burro de carga de ninguém, pensavam que ele não tinha mais o que fazer se não atender a esta merda de questõezinhas deles, era pai deles, era?". Sabia tornar-se mais antipático, zombando fazendo desaparecer logo aquela aura de simpatia que era como uma outra personalidade encaixada à força nele.

As opiniões a respeito dele se dividiam. E se se deixavam levar era por preguiça de agir e porque outro que viesse poderia ser pior. Este já lhes era conhecido, dele já sabiam o que esperar e como se defender. Ademais os donos das lanchas não tinham o que reclamar — e lhe davam mão forte.

"Seu" Demerval ficava horas e horas sentado, estirado, perfeitamente imóvel, fazendo um único e idêntico gesto, qual uma estátua a quem, num momento de desfastio, deram o poder de vida àquele gesto. Limpando o suor do rosto com um lenço descomunal. A mão subia e descia, lenta, afundava-se no bolso, voltava para o rosto, o lenço vinha amarfanhado, úmido. As banhas pendentes na cadeira, abandonado.

Se alguém tentava, reclamava numa carta para Biguaçu, sede do município, ou para Tijucas, onde regularmente morava o inspetor de quarteirão, digamos fazendo uma queixa de "seu" Demerval, referente a uma injustiça ou perseguição, a uma arbitrariedade cometida, aí, depois de muita delonga, vinha às vezes um encarregado de zona, nomeado especialmente para o caso. Este "especialmente" impressionava. Que primeiro de tudo, ao chegar, o "especialmente", ia se entender com "seu" Demerval,

saber o que havia. Esse dava-se muito com todos os "especialmente", contava a sua versão dos fatos, chamava o testemunho dos donos das lanchas, os homens graúdos e conceituados da vila, mostrava que na pior das hipóteses fora uma incompreensão momentânea de parte a parte, ninguém é santo pra acertar sempre, o "seu especialmente" que viesse ali e visse o mundão de casos pra resolver e depois "me contasse", tanto isto é verdade que todos nós erramos, pode ter sido um caso assim, "mas duvido", mesmo já tudo normalizado, sanado, tudo em paz no melhor dos mundos, "seu" Demerval ia mesmo escrever a respeito dizendo da inutilidade da vinda de "seu especialmente", dinheiro e tempo perdido, mas sempre era bom ter aparecido por ali, assim poderia observar com os próprios olhos como a vida corria o melhor possível e os homens eram sumamente felizes. O visitante passava a ver tudo pelos olhos de "seu" Demerval e dos donos das lanchas. E em geral a pessoa que escrevera ou, já dado o tempo decorrido se esquecera ou mesmo, a pedido dos donos das lanchas havia feito "as pazes" com o dono da terra. Mas se persistia, "seu" Demerval sabia também aparentemente ceder, mostrando ao recém-vindo o magnânimo que ele era, o quão compreensivo e o quanto se sacrificava por aquela terra e aquela gente. E tudo terminava com uma peixada em que a população confraternizava com o "seu especialmente", significando aqui, como é claro, "população", "seu" Demerval, o visitante e mais a meia dúzia dos donos das lanchas e seus familiares.

Periodicamente dava ele uma volta pela vila, carregando a custo as banhas vastas, para "ver as necessidades e providenciar, se abalançava aquele sacrifício ingente",

conforme gostava de dizer. Ia parando para perguntar uma coisa e outra, aqui e ali, sentava-se um momento à porta deste e daquele, aceitava um copo d'água ou um presentinho para "a patroa", sempre no mesmo, que se há de fazer, é Deus Nosso Senhor quem assim quer e a ele nos devemos sujeitar resignadamente, aceitar todo o bem e todo o mal que nos vêm, com coração leve e agradecido. Queixava-se do coração, qualquer dia estourava, só tinha pena de deixar sua gente, esta terra que amava como se ali tivesse nascido.

Morava com eles, vinda não se sabe de onde (nem se junto ou chegada depois), uma cozinheira e governanta, uma faz tudo, preta velha, muito velha, desdentada, enrugada, que ajudava em tudo e que servia como médica e parteira na vizinhança. De idade indefinível, arcada, com um perene sorriso nos lábios, falando aos arrancos, interrompida por um soluço sempre renovado, alma boa e cândida, daria mil vezes a vida pelo "patrãozinho" e era uma espécie de diplomata, de embaixador, de cavaleiro andante, sempre de arma em riste na perene defesa de "seu" Demerval.

— Antes de mais nada sentem, como está esquentando, não acham? Foram as suas primeiras palavras depois dos cumprimentos de praxe. Querem um cafezinho, não custa, vou mandar servir. Ou uma bebida alcoólica? Digam, sem cerimônia.

A sala para onde os mandara entrar e sentar era pequena, servindo de escritório e salão de recepção; "seu" Demerval tomava grande parte da mesma. Cortinas azuis espessas impediam a entrada do sol e da poeira, permitindo assim que o mofo impregnasse tudo, impotente o

vento para arejar a sala. Um azul repousante, doce, boiava em tudo. E o clima se mantinha mais ameno.

A escrivaninha atulhada de papéis, um vaso com flores murchas, um gato dormindo, uma poltrona enorme e mesmo assim mal acolhendo o corpanzil do homem, mais duas ou três cadeiras, uma delas de pé quebrado, e gaiolas, muitas gaiolas com pássaros diversos e de variada plumagem, dependuradas pelas janelas e paredes — eis o compartimento onde procuravam se acomodar.

"Seu" Demerval atirou-se na poltrona com um suspiro profundo. Alisou o pelo do gato, que ronronou e depois voltou a dormir, indiferente. "Seu" Demerval então deu-lhe um peteleco que o atirou longe, miando. E a coxear lá se foi, para o interior da casa.

— Em que posso servi-los, senhores, a que devo a honra da visita intempestiva e extemporânea em tão matutina hora?

Gostava de frases buriladas, mostrar erudição de almanaque. As palavras escorriam-lhe de entre os lábios, vagarosas, escandidas. Destacava cada sílaba, que adquiria vida própria, autônoma, só depois vindo se entrosar à parte restante para formar o todo, transformar-se na palavra, esta na frase, depois na ideia, O som era desagradável, levemente melífluo.

— Então o senhor não sabe? — soltou irado o que parecia o chefe. A frase soou breve e seca, contratando com o tom maneiroso de "seu" Demerval.

— Saber o quê? Indubitavelmente que não. Não tenho o dom da adivinhação. Como o senhor ainda não teve a gentileza de me explicar, não sei! Fala por enigmas e não sou nada forte nesta espécie de diversão... confesso.

— Diversão... diversão uma ova, pode ser diversão pros senhores, mas pra nós é que nunca. Uma diversão que vai custar muito caro. Muito. Não sabe nem quem somos, não é?

— Bem, agora já é outro falar, embora para eu também falar com franqueza o tom dos senhores principia por não me agradar nada. Lembrem-se que não estão falando com a minha humilde pessoa, mas com a autoridade que eu represento. E por sem dúvida que os conheço de vista, melhor ainda, mais exato, de ouvir falar, de ver os barcos. Conheço de vista os barcos. Creio contudo que a não ser de passagem para apanhar água ou comprar algo de premente que lhes faltava, nossa pobre vila, e meu humilde rancho, nunca tiveram a honra da visita dos senhores. Sim, em especial quando ao meu humilde tugúrio, já nem falo, posso mesmo dizer que nunca teve a satisfação de...

E estendeu os braços, completando a frase, indicou a casa toda, depois deixou que as mãos úmidas e gordas pendessem, num gesto de abandono, doloroso; fez um gesto desolado com a cabeça.

— Sim, sim, tudo isto é muito bonito e até patético, mas vamos ao que importa.

— E o que é que importa, poder-me-iam dizer, por obséquio? Também minha paciência de autoridade tem limite e insisto em que a autoridade que eu represento o tom não está agradando. Estou escutando, estou tendo calma. Vamos.

— Então me deixe falar.

— Fale.

O homem das botas ergueu-se, deu a andar de um lado para outro da saleta. Depois chegou-se à janela, olhou

para fora. O povo dispersara, se comprimia em grupinhos, todos fixando a casa, esperando, comentando. Deu uma rápida mirada pela vila, abarcou tudo com os olhos, esteve parado um bom minuto. Voltou para perto da escrivaninha, olhou para as gaiolas dos pássaros, com olhar de entendido e admirador, aprovativo, cruzou uma perna por sobre a cadeira mais próxima. Esteve assim parado um outro momento que a todos pareceu interminável, meditando no que dizer e fixando os olhos injetados no rosto do homem gordo. Até que, como quem resolve, soltou:

— Quero que me diga, quero saber quais foram os bandidos que esta noite cortaram as nossas redes e espinhéis, estragaram a traineira?

— O quê?

— Sim, sim, não se faça de ingênuo!

— Caro senhor, tenho tido muita paciência com a sua falta de educação, mas tudo tem um limite, lembre-se com quem está falando, respeite a autoridade, não faça acusações absurdas, sem fundamento, acalme-se e vamos raciocinar com lógica. Não sei do que se trata nem o que quis dizer. Pra falar verdade nem entendi direito. Se tiver a gentileza de se sentar e me explicar tudo detalhadamente, verei quais as providências cabíveis no caso e a tomar. As providências legais que o caso exige. Ao contrário, nada feito.

— Sim, "seu" Flordoardo, acho que a autoridade tem razão — arrisca um moço magro.

E os dois outros cochicham qualquer coisa que "seu" Demerval não entende.

"Seu" Flordoardo chegou-se aos parceiros, os quatro de cabeças juntas trocam impressões, procuram se con-

vencer, acertar os passos a tomar, insistem com o chefe, este teima, mas acaba cedendo.

A autoridade, sentada, impassível, espera.

O caso é este. Desculpe eu me ter enervado, mas depois que eu explicar veja se não tenho razão pra ficar neste estado. Um prejuízo enorme. Perdi o controle, nem sei onde tenho a cabeça que não faço uma loucura, mas no meu lugar quem não perderia? Como deve saber nós andamos pescando por estas bandas. Somos empregados de firma de Santos, que nos paga uma determinada quantia é mais uma percentagem sobre o que conseguimos pescar, a partir de uma certa importância, sendo, por outro lado, nós responsáveis por tudo. Agora imagine com que cara vamos chegar lá, o tempo que teremos de trabalhar para pagar o prejuízo. Desculpe, deixe que me apresente, não vá ficar com a impressão que sou um bruto, um mal-educado. Flordoardo Joaquim da Silva Telles, sou patrão de um dos barcos e encarregado da frota; estes são alguns de meus companheiros. Ali fora estão outros e nos barcos ficou o resto. Trabalhamos pra firma Gable and Son, portadores e exportadores de peixe fresco e escalado, em larga escala. Pois bem. Esta noite, não sei ao certo a hora nem como, ninguém de nós conseguiu determinar com precisão, mas deve ter sido depois da meia-noite, estávamos trabalhando, tínhamos já lançado todas as redes. É claro que só fomos dar pela coisa depois, tudo feito com perfeito conhecimento de causa, com uma maestria insuperável. Alguém daqui, só pode ter sido daqui, ainda não chegamos bem a conclusão de como foi feito, mas só pode ter sido daqui, nisto quero insistir, utilizando-se certamente das lanchas, cortou as nossas redes, inutilizou os espinhéis, fez imprestável

a traineira. Um prejuízo enorme, incalculável. Quero que tome providências, castigar os culpados, dar uma lição.

— Mas cortou como?

— Cortou! Isto, o "como", é o que queremos que descubra. O "porquê" todos sabemos, mas cada um se vira da maneira que pode. O mundo é dos mais espertos, já não estamos mais na era de se amarrar cachorro com linguiça. Descubra e faça castigar os culpados. Vamos abrir um processo, mover um processo por perdas e danos. Quero ver só como vai ser.

— E não notaram nada...?

— Já devia, acredito, tudo ter sido preparado com antecipação. Veja só. A noite escura, não se enxergava nada, nem um palmo adiante do nariz; mar calmo, não se podia perceber nada porque uma brisa leve soprava do mar para terra, portanto contra nós. E devem ter sido pescadores acostumados, experientes, conhecendo a fundo toda a zona, porque não ouvimos, nenhum de nós, nem sentimos, o mínimo rumor, um barulho de remo, um chapinhar n'água, um corte, nada.

— Mas nada-nada, como será possível, não compreendo! Afinal note que devem ter trabalhado um tempão pra cortar tudo.

— Nada! Depois, conversando com outros dos demais barcos, todos confirmaram. O único barulho ouvido foi o saltar de um que outro peixe, coisa comum é que nenhum de nós, tão acostumados, não iriam confundir com o dos homens mergulhando e cortando... que não se sentiria nem a faca... a diferença com a rede cortada... sim, porque foram cortadas, isto não há dúvida, se não acredita dê uma chegada até os barcos pra ver, era pra tra-

zer um pedaço pra mostrar mas esquecemos. Queremos saber como foi, como fizeram. É um crime, um crime contra a propriedade alheia, um crime previsto por lei. E que não passará impune. O senhor tem, precisa descobrir os culpados.

— Mas estranho que não tenham notado nada. Olhe que é duro, cortar as redes, voltar, sem que percebam nada! Nenhum dos senhores tem uma ideia?

— Eu — era o moço magro falando — eu penso que alguns dos pescadores, mancomunados, com lanchas adredemente preparadas remando bem devagar como sabem fazer, foram até o local onde pescávamos, depois mergulharam, foi quando caíam n'água que alguns dos nossos imaginaram ser peixe a saltar, mergulharam levando facas nos dentes e cortaram as redes. Não vejo outra explicação qualquer.

— Um crime, um monstruoso crime, um crime inqualificável. Bandidos!

— E querem me fazer crer que os senhores não perceberam nada? A queda n'água, os golpes com as facas nas redes, o deslocamento dos barcos aliviados, a modificação devido àquilo... enfim, tudo. É um bocado forte!

— Que acha então? Que estamos brincando? Ou que estamos aqui pra mostrar as nossas belas caras e ver as belas caras de vossas excelências! Percebemos tudo, mas deixamos fazer de propósito, só pra agora vir aqui ter esse agradável e comunicativo bate-papo com Vv. Ss. Ou pensa que somos mentirosos? Nada disto aconteceu, estamos imaginando. Ou quem sabe nos mesmos cortamos as redes, heins?

— Mas...

— Pensa que vão nos tapear, fazer de trouxas? Bando de idiotas, não sabem com quem foram se meter, tudo uma corja, unidos pra nos tapear, cambada, mas vai custar caro, ora se vai, deixa eu contar lá em Santos.

— "Seu" Flordoardo...

— Que quer que eu faça? E já disse que tenha modos, se controle, respeite a lei, a autoridade, se não tudo vai ser pior pros senhores, só está dificultando...

— Eu tenho uma explicação para mais alguns fatos, o que talvez venha facilitar a compreensão de mais alguns aspectos dos problema — falava o moço magro —, penso que eles não cortavam de vez, mas deixaram por um fio, assim não se percebia nada. Quanto aos puxões, quem pesca sabe que são mais do que naturais e às vezes até mesmo sinal de peixe, estão forçando a rede. Quando fomos puxar as redes, com a força, as que ainda não se haviam ido, se foram, devido aos cortes e ao peixe acumulado forcejando para sair. Não resistiu o que eles deixaram nem podia resistir. Acho assim. Sendo deste modo poderiam ter voltado calmamente sem a gente dar por nada. Tinham tempo de sobra. E prática não faltava pra eles.

— Bem, concordemos, vejo lógica no que diz você. Conversando assim a gente se entende. Que querem que eu faça?

— Não sabemos. Tomar as providências que o caso exige. Quanto antes melhor. O senhor deve conhecer todos aqui, saber quem tem barco, quem está se julgando mais prejudicado. É preciso que os culpados paguem bem caro o crime. Uma lição precisa ser dada. Se não, amanhã, em que país estamos, amanhã ninguém mais pode

se sentir seguro do que é seu, qualquer um vai se achar no direito de avançar.

— Pois bem, muito obrigado pela ajuda. E agora, "seu" Flordoardo, o senhor quer apresentar queixa por escrito, aguardar as formalidades legais ou deseja que a gente comece tudo logo, faça tudo sumariamente pra adiantar? Vou em seguida adotar as medidas que o caso requer.

— Por escrito ou não escrito, é o de menos, não interessa; nada de delongas, de parolagens pra encher linguiça, quanto antes se começar melhor, não temos tempo a perder, preciso de uma solução logo, temos que ir embora, dar conta aos chefes, mas não podemos ir de mão abanando.

— Vou começar a agir imediatamente. Eu...

— Agir, agir... vai ver também está metido com eles? Penso...

— Muito bem, está certo... moço magro interrompe "seu" Flordoardo.

"Seu" Demerval se ergue indignado com a ofensa, promete tomar providências imediatas para a descoberta e castigo dos implicados, seriam condenados, apodreceriam na cadeia. Manda chamar o único polícia da vila. Este chega, todo empertigado, se apresenta, faz continência. "Seu" Demerval manda convocar os principais homens da vila, reunir os cabeças da localidade, especialmente os donos das lanchas e mais tais e tais pessoas. Soldado sai. Ali perto encontra alguns, caminha em busca dos restantes. Os homens se despedem, pretendendo voltar mais tarde, agora vão até os barcos estudar o que fazer, combinar com os demais, retornariam depois para

saber se havia algo de novo e presenciar o interrogatório. Eles iam também investigar, prometiam novidades. Quem sabe se... E em passos duros, muito unidos, mirando com desconfiança, acompanhados por olhares de rancor, se afastam. "Seu" Demerval esbraveja, em que entalada foi se meter, desconfia, desconfia não, tem quase certeza, sabe quais foram os tratantes, mas como agir, de qualquer modo se vê mal, precisa do apoio dos fortes da vila, mas não pode desagradar os donos dos barcos, ninguém sabe o que poderão fazer...

III

Soldado Laurindo resmungou. Onde já se viu, ele em casa, na sua santa pazinha, descansando, muito satisfeito da vida, nem saíra pra saber que novidade havia, e lá, quando menos se espera, vinha trabalho. Já se viu! Logo hoje que ele estava se afiando para tocar na festa dos moços de fora, para fazer um bonito! Sim senhor, que peso! Só para ele é que aconteciam estas coisas. Para ele que não mexia com ninguém que além de acabar com as rixas dos botecos e bailes — quando não podia se escapar —, de fazer outros servicinhos de rotina e de acompanhar as partidas de futebol fazendo a sua boa torcidinha, nada mais havia. Mas era só aparecer uma coisa do seu agrado, como a desta noite, e lá vinha trabalho. Uma praga. É assim mesmo, os pequenos é que pagam, são os burros de carga. Por que "seu" Demerval não ia? Ele, soldado Laurindo, queria era levar a sua vidinha como melhor lhe aprouvesse, na flauta. Na flauta não, no violão. Era um "braço de pinho". Podia ou não podia?

Bolas! Se podia acabava largando aquela joça. Trabalhar por trabalhar ia a procura de uma coisa que gostasse de fazer, não é mesmo? Em vez de ficar de papo pro ar, auferindo o pequeno ordenado mensal que mal e mal dava pras canas, lá vinha a droga do serviço atucaná-lo, como se ele ganhasse milhões. Não senhor, não convinha, deixava tudo e se ia embora, tocava o pé no mundo, onde se viu. Bocejou, pensou na proposta que os dois moços de fora lhe haviam feito. Gostava de pescar de anzol, pretexto para nada fazer, dormitando ao sol com a cana na mão; de ficar molemente batendo papo, era considerado o segundo papo da vila, logo abaixo de velho marinheiro, gostava muito de mulher, sempre enleado em aventuras mais ou menos escabrosas; tocava muito bem violão, cantava com uma voz regular, esganiçada:

> "Ó "seu" Maneca, o "seu" Maneca
> o "seu" Mané
> mas que homem perigoso
> já matou sete muié!"

Ou:

> "Olê, você, que vem lá da lagoa
> tome cuidado cu balanço da canoa
> Aí ficaram o meu tio, o meu avô
> Aí ficaram muita outra gente boa",

Ainda:

> "Pescador eu só,
> da bêra da praia,

também meu avô
pescador darraia."

Era maior repentista da vila, único rival capaz de se bater em igualdade com Rubens e Godofredo, superior, mesmo, em imaginação e vivacidade, no dizer de muitos, a ambos. Dos menores acontecimentos fazia cantorias intermináveis, com alusões picantes e malévolas, que eram a delícia dos amigos e logo se divulgavam, espalhando-se pelas redondezas. Perdia noites a dentro em serenatas, cantando, tocando e bebendo. Festa sem ele não valia, ia para tomar conta, era o primeiro a se espalhar em rixas. Ou então não ia, ficava-se em casa, deitado, a engordar.

Saiu naquele seu passo de urubu malandro, tão conhecido, gingante, para cumprir as ordens.

Os homens puseram-se a perquirir, a farejar, indagando.

"Seu" Demerval conversava com a preta velha, não dando atenção à mulher, choramingante pelos cantos.

O magro e alto perdia-se em meio ao povo, sem saber o que pensar.

E o povo dispersava, divulgado o boato de que a segunda parte seria pela tarde.

IV

De tarde, a notícia tendo acabado de se espalhar, ninguém mais na vila ignorando o fato, a balbúrdia aumentou. Alguns ainda conjecturavam sobre se não "seria trapaça, daqueles sacanas de fora", mas a maioria aceitava como verídico, concreto, o acontecimento. Desde cedo o

movimento em frente da casa de "seu" Demerval tornou-se intenso. Curiosa de presenciar o desenrolar dos acontecimentos, o desfecho, a população se encontrava presente. Alguns traziam o que beliscar. As mulheres, com filhos pequenos ao colo, passeando-os, os mais velhinhos correndo e gritando. Moços e moças organizaram logo um *footing* e se puseram a rir e conversar. Estava montada a festa, armado cenário. Faltavam os atores principais. Grupos compactos se formavam pelos cantos, discutindo, comentando casos semelhantes ou parecidos, relembrando anteriores aventuras, cada qual dando opinião diferente a respeito, concordes num único ponto e este era o caradurismo e a prosápia dos homens de fora. E que a lição fora bem merecida. Velhos relembravam acontecimentos anteriormente sucedidos, sem ligação qualquer aparente com o presente caso, mas só para volverem ao passado. E todos eram unânimes em reconhecer que os sujeitos de fora estavam abusando, queriam era apanhar, tinham ido longe demais. Nunca ninguém abusara assim da paciência deles. Um clima pesado se formava. "Vir pra cá com essa conversa mole, esses gritos. Fossem gritar lá na casa deles, lá com as negras deles!". Admiravam a paciência dos homens mais moços. Nunca se vira aturar tanto assim. Por muito menos outros haviam apanhado pior que boi ladrão. Já não bastava o que estavam fazendo, prejudicando a vila, judiando da gente, carregando pra fora todo o peixe, matando os filhotes o que liquidaria com a safra dos próximos anos, deixando ali a fome, a miséria mais negra! Os ânimos acirrados, alguns queriam "meter o pau agora mesmo, antes de esfriar, e depois ir saber o que queriam aqueles filhos de uma égua". Mas ha-

via, como é natural, os conciliadores, os espíritos práticos do "não adianta", os do bloco, "vamos ver, aguardemos, calma".

Lá dentro ia começar o interrogatório. Para anotar as respostas havia sido convidado o moço-moreno-de-fora, transformado em secretário *ad hoc*, o qual aceitara de má vontade, fazendo um sacrifício incalculável, já que perdia ótima chance de adiantar seu caso com a professora. Mas o dever é o dever — e eles precisavam da confiança dos homens, sem o que a noite seria inútil.

O primeiro a ser chamado foi "seu" Jango. Negou terminantemente. Nada sabia nem tinha a declarar.

— Mas o senhor não e o dono das lanchas mais importantes da vila? — perguntou "seu" Demerval.

— De algumas.

— E então o senhor quer dizer que não sabia nada do que aconteceu? — investe "seu" Flordoardo.

— Estou, sabendo agora, todos já sabem o que os senhores andam espalhando.

— Espalhando... espalhando, essa é boa, nos acha com cara de idiotas ou mentirosos? Espalhando... sim senhor, então quer dizer, bonito, que quer dizer aquele pedaço de rede ali? Ou pensa que nos mesmos fomos que...

— Não penso nada.

— Ou...

— Enquanto não tivermos provas, não se descobrir o que há de verdade, de concreto, o que foi que aconteceu, a meu ver não importam os pedaços de rede, nem que apareçam todos os pedaços de rede deste mundo. "Seu" Demerval, não sei de nada. Penso que a autoridade aqui é o senhor e é quem deve fazer as perguntas e

orientar. Se não, não nos entendemos. Respondi por uma deferência toda especial, mas foi só, não voltarei a repetir. Temos todos o que fazer e não podemos perder tempo com conversa inútil. Se alguém tem alguma base, muito bem, vamos a ela.

— Sim, senhores, sim, por obséquio, não queiram intervir no andamento dos trabalhos, se não não iremos dar a parte alguma, ficaremos aqui até não sei quando, quem tiver alguma sugestão a fazer, ou perguntas, que façam por meu intermédio, só assim adiantaremos alguma coisa. Lembrem-se de que não tem acusados, temos convidados que vieram graciosamente colaborar. Quando, de novo, chegar a vez dos senhores, senhor Flordoardo, falarão, poderão falar a vontade. Prossigamos. "Seu" Jango, o senhor então estava dizendo, declara textualmente que nada sabe dos acontecimentos a que estamos nos reportando e nem tem tampouco qualquer informação mais concreta a nos fornecer, a prestar, que venha auxiliar na elucidação?

— Já não disse!?

— E não tem ideia de quem poderia ter sido?

— Em absoluto, nenhuma.

— Onde esteve ontem?

— Ontem?

— À noite.

— A que horas?

— De noite. Toda. Dê um resumo, por favor.

— Primeiro estive numa roda na casa do Lola, lá estava também, além do Salgado, o "seu" Tomás e outros; quase ao anoitecer, até ficar escuro, estivemos conversando, o Lola, Manuel pescador e eu.

— Até que horas?

— Não sei, não tomei nota, não olhei o relógio. Não posso precisar. Ficou-se conversando.

— Conversando. Conversando o quê?

— Conversando.

— Depois. Pense bem. Conte alguma coisa da conversa.

— Conversa geral. Sabe quais são as conversas aqui.

— Sim. E depois?

— Fui pra casa. Dormi. Acordei de manhã. Tomei café.

— Sim, sim. Alguém pode confirmar o que...

— Minha mulher parece que, quando entrei, estava acordada. E foi ela que me acordou de manhã pra me contar dos homens.

— Mais alguém?

— Não. Só minha mulher.

— Outra pergunta. Pode me dizer por que não foram pescar ontem? Não lhe parece que a noite estava propícia, bastante boa? E como há muitos dias não dá nada, sendo mais do que certo que os homens já andam com a fome em casa... com o tempo passando, os prejuízos... a safra andando no fim... se não aproveitarem agora...

— Não sei se outros foram, cada uma faz o que quer. Nos íamos, depois desistimos na última hora. Não fomos porque não ia adiantar nada; não fomos por um motivo muito simples e que todos conhecem de sobra: como, nos últimos tempos, devido a fatores por ninguém ignorado, os peixes andam sumidos, resolvemos não arriscar. Gasto inútil. Desperdício sem finalidade, de forças. Sabíamos que estes senhores aqui presentes estavam nas proximi-

dades, cercando o peixe mais para fora, numa distância que não poderíamos atingir, e como estando eles por perto o pouco peixe que deixam escapar não compensa, some, não fomos... Pra quê?

— Então confessa que sabia andarmos "nas proximidades", conforme diz?

— Mas como não havia de "confessar", conforme diz? Todos sabem disto, os barcos não são invisíveis, nem nós cegos.

— E que os prejudicamos?

— Se é verdade! Vou dizer que nos ajudam, vou dizer que auxiliam, fazem um benefício carregando o peixe.

— Diante disto...

— Diante disto o quê? E volto a insistir em que estou aqui a convite de "seu" Demerval, não sou nenhum criminoso e não me agrada o tom empregado pelo senhor. Estou com a paciência esgotando e dou um aviso ao amigo, não a deixe esgotar de todo, se aprecate e mude de tom. E tem mais, "seu" Demerval, não estou disposto a continuar a ser desacatado por estes estranhos, desconsiderado em minha própria terra, sem motivo, nem me disponho mais a responder perguntas idiotas. Não quero escutar nada. Se há algo de importante para tratar, muito bem, que se trate logo, caso contrário vou me embora, preciso trabalhar, ganhar a vida. Deixei um serviço em meio. Vim aqui por uma consideração toda especial ao senhor. Sabem onde moro, não tenho por que me esconder nem fugir, quando precisarem de mim depois de descoberta alguma coisa, me procurem, estou disposto a colaborar.

— Bem, "seu" Jango, muito obrigado pela sua atenção, sei que está sempre interessado em auxiliar a justi-

ça, vamos ver como se resolve tudo. Mas a consideração não foi para comigo, foi um chamado da justiça. Estou certo de que o senhor quer colaborar, como estou certo de que "seu" Flordoardo não quis ofender ninguém. Está nervoso e não é sem razão. Quem não estaria, no lugar dele! Acredito, confio que o senhor saia limpo de toda esta enrascada. Quer me dar mais um minutinho de seu precioso tempo? Soldado Laurindo, chame de uma vez o Lola, "seu" Tomás, Salgado, Manuel, Ti Zé e Leopoldo. Também o mulato Benevides. Presto. Os senhores esperem aqui. Assim com todos juntos adiantamos o interrogatório e esclarecemos, quem sabe, alguns pontos importantes. O senhor, por obséquio, não é preciso anotar tudo, só o essencial.

Entraram os chamados, na frente Lola, em fila indiana, fechando a fila soldado Laurindo.

"Seu" Demerval olhou para todos perquiridoramente, nunca se vira numa enrascada assim, como se safar? Nervoso, indeciso, sempre acostumado a sair pela tangente, ficando bem com deus e com o diabo. E pensou, sem poder deixar de sorrir, no caso presente quem seria deus e quem o diabo? Na primeira oportunidade contraria o caso e faria a pergunta ao Lopes. Haveria de se divertir, há quanto tempo o amigo não dava as caras, por onde andaria? Uma peste, aquele Lopes. Fora o melhor de todos os inspetores de quarteirão, com quem mais "seu" Demerval se acertara. Este agora, nem é bom falar. Lopes mesmo depois de deixar o cargo continua vindo passear. Da última vez em que aparecera... Mas era impossível, tinha que voltar o pensamento ao problema, dedicar-se aos homens, nada de fugir, não adiantava. E agora? Ali esta-

vam, todos querendo se entredevorar. A coisa fora bem feita. Quem ia imaginar? Bem poderiam os sacanas do barco ter influência lá fora, dizia-se que eles conseguiam até muita coisa em Florianópolis, tinham uma autorização para a pesca naquela zona. Por outro lado "seu" Demerval não queria se incompatibilizar com os donos da vila. E agora incompatibilizar-se com os donos das lanchas, pensava ele, era o mesmo que brigar com todos os habitantes da vila. E depois não podia julgá-los com rigor, como incriminá-los no caso muito vago de possuir provas, se os coitados andavam em desespero de causa. E com razão. Verdade que a solução, no pensar de "seu" Demerval, fora infantil, de forma alguma resolveria o problema. Mas por mais que quisesse não conseguia descobrir outra solução melhor. Nem pior. Era a única de que se lembrava. Quem teria tido a ideia? Talvez o maluco do Lola, sempre a causar aborrecimentos. Será que não se lembrara que amanhã ou depois estes homens voltariam mais fortalecidos, fariam um cerco à vila, ainda mais com o ódio lhes dando redobradas forças e acabariam, a não ser que se tomasse logo uma providência, por esmagar a localidade. Lola porém não era homem de pensar nas consequências. Porque para "seu" Demerval o problema era provar, pois não lhe retocam dúvidas de que haviam sido alguns pescadores, liderados por Lola, talvez influenciados por Leopoldo com a conivência de poucos mais, que tinham provocado tudo. Leopoldo e Lola! Sempre metidos em complicações, aqueles dois! Tão diversos em tudo, procurando coisas tão diversas, tendo em mira objetivos contrários e com tantos pontos de contato e afinidade, tanto pontos em comum, no que tange a confusões, com-

plicações, movimentos na vila. Se os pudesse tocar dali, como tudo seria fácil de conduzir! Um só já era demais, que dera dois. Lola e Leopoldo. Numa afinidade que, por mais forças que fizesse, não conseguia explicar, apenas sentindo que existia. De novo aqueles dois sacanas metendo-o em entaladas. Atrapalhando-lhe a vida. Mas não podia provar nada, desconfianças não resolviam, e só podia ficar calado, em expectativa, aguardando o desenrolar dos acontecimentos e torcendo para que algo surgisse, auxiliando-o. O que não sabia. Calado. Cal...

— Pensando... — ironizou Flordoardo. Olhe que lá fora a coisa não vai bem.

Antes que a resposta chegasse entrou soldado Laurindo a avisar que, fora, tudo normalizara, não fora conflito nenhum, mas uma balbúrdia sem importância.

A sala abarrotada, superlotada, mal cabiam nela os homens, que transpiravam. Em pé, para se darem mais lugar, estudavam-se, fitavam-se e desfitavam-se, de forma raiventa, má, um ódio sopesado pronto a estalar.

— Lola, que me dizes desta encrenca?

— Nada!

— Nada?

— É.

— Só nada? Será que tu...

— Não acha suficiente?

— Não, pra falar a verdade, não acho! Quem de vocês sabe alguma coisa? Pedro Salgado, "seu" Tomás, Manuel, Leopoldo... Não, não é preciso responder, vejo que não sabem, não é?

— Com ironia e tudo, não, eu pelo menos nada sei — veio a voz calma de Leopoldo.

— Pu...uuuuuuuuuuuuuuuura veeeerda.....de! — gaguejou "seu" Tomás.

"Seu" Demerval olhou-os com raiva, esquecido dos bons propósitos de inda há pouco. Metê-lo, a ele tão amigo de todos, um verdadeiro pai, em tal enrascada. Era não ter consideração. Sem prevenir, sem nada. Onde já se viu. Tivessem pena, vissem como suava, quase morria, o coração ia acabar estourando, ficariam com o remorso vida em fora. E lá vinha a palavra daquele tal de "seu" Flordoardo, estava começando a odiá-lo. Desprestigiando-o, querendo se impor à força, mandar, sem um pingo de inteligência, desfazendo o que "seu" Demerval levara longos anos a construir.

— ...nho que acreditar que foi algum espírito! — ergueu-se, deu um soco na mesa e gritou. Será que foi algum espírito conhecido de vocês, nem assim me respondem — tornou "seu" Flordoardo, mais gritado, se virando para todos os presentes, encarando-os, dando repetidos socos na mesa. Sem medo fixou aqueles homens, desafiador.

— Pode ser!

As palavras de Lola vieram calmas, irônicas, malévolas, na intenção estudada de exasperar deliberadamente o homem, fazê-lo perder por completo o controle.

— Pode ser! — repetiu destacando sílaba por sílaba, pronunciando as duas palavras va-ga-ro-sa-men-te. As palavras pareceram ficar ali, de pé, visíveis, entre os homens, carregadas de duplo sentido, perigosas, prenhes de significados ocultos.

Leopoldo raciocinava rapidamente: "Como poderia conjurar o perigo que elas representavam?". Aquilo não

lhes interessava, em absoluto, não estava no plano. Mas antes que pudesse fazer alguma coisa, Lola continuou:

— Pode ser. Aqui na terra espírito é mato. Espírito de porco é que não temos, a gente precisa de fazer uma criação, mandar vir de fora, quer se encarregar? E voltando ao caso: quem sabe foi algum boto que cortou as redes, um boto que estava zangado com vocês porque lhe mataram a botinha... Não sabiam que os botos são vingativos, não perdoam nem esquecem, perseguem os barcos até longe pra se vingarem, esperando uma chance... Não sabiam?

Uma gargalhada geral, insopitável, veio, em parte, quebrar a tensão, aliviar o ambiente, tomando todos, até os homens dos barcos.

Menos Flordoardo; e menos Leopoldo. Ambos por motivos bem diversos. Flordoardo com um pouco de medo, se retraíra, se prometendo tomar mais cuidado, se controlar se desejasse sair dali com a pele intacta; Leopoldo por não lhe agradarem os rumos que as coisas iam tomando. Era preciso cautela, muita cautela, controlar os homens, se não tudo iria águas abaixo, o mais importante para eles, o que estava por vir. Via que a um grito a torrente se tornaria incontida.

— É bom a gente se entender, estudar o caso com calma, assim não vamos a parte alguma, provocações, de parte a parte, não resolvem, brigas não solucionam disse num tom pacificador, neutro.

"Seu" Demerval observou-o, que estaria aquele tramando? Mas não teve tempo de raciocinar, os acontecimentos se precipitavam com a intempestiva intervenção de "seu" Flordoardo, mandando às favas os bons propósitos e a cautela:

— Podem rir à vontade, aproveitem, riam enquanto podem, enquanto é tempo, mas isto não fica assim não; ri melhor quem ri por último, ainda vamos ter pano pra muita manga, não pensem que podem sem mais nem menos...

— Vamos é, vamos mesmo, então vamos de uma vez, agora, va...

— Senhores, por favor, senhores, acalmem-se; Leopoldo, não deixe que se atraquem, não esqueçam que estão diante da autoridade legalmente constituída, mais respeito, se não terei que tomar medidas drásticas, isto não é nenhuma bagunça, vamos resolver tudo como homens educados, civilizados, que somos. Em paz.

— Resolver o quê? Não vejo aqui acusados nem acusadores pra se estar usando esse tom. Paz, educados, o diabo! Viemos aqui por uma deferência toda especial, já tive ocasião de declarar isto mesmo hoje pela manhã, só pra mostrar boa vontade e espírito de cooperação. E que foi que encontramos? Me diga, "seu" Demerval; me digam todos: que foi que encontramos? Gente que nos lança ridículas acusações sem fundamento algum. Era só o que faltava... em nossa própria casa... ofendidos da maneira mais brutal... nunca aturamos coisa igual... assim sim, assim não...

— Eu...

— Só mesmo quebrando, só mes...

— Caaaaaaal...ma... Looo... ooooo... lllla! Não se exalte.

— É, sim, o "seu" Tomás tem razão, Lola, não adianta te aborrecer, eu já expliquei aqui pro "seu" Demerval, tudo, mas um desabafo, compreendo, a gente às vezes

não é senhor de si mesmo, mas não resolve, não achas Jango? Deixa eles falar — intervem Pedro Salgado.

— Isto mesmo, tens razão, é não dar confiança...tenta remendar "seu" Jango.

— Senhores, senhores, atenção, estamos perdendo tempo e nada se adiantou. Enfim, no que ficamos? Qual a acusação concreta? O corte das redes? Certo. Qual a prova? Nenhuma! Certo. Tenho a melhor das boas vontades, a justiça acima de tudo, de todas as considerações e simpatias que não podem nem devem influir, não entram no julgamento. Deixem comigo, que com calma vou investigar, estudar. Não posso, não podemos, assim, fazer outra coisa, nada contra ninguém, pois não tenho provas. Contra quem agir? Não se sabe quem foi, nem como foi só se sabe que foi. É pouco. Já mandei examinar as lanchas. Estão todas no lugar, secas, os ranchos fechados e limpos, o mesmo com os remos, na areia não há marca de que as lanchas tenham sido arrastadas, e mesmo isto não seria crime, pois poderiam ter ido pescar. Há ainda a constar que a maré subiu bem alto esta manhã e pode ter apagado os vestígios da saída dos barcos. Mas os outros sinais, cadê? Há passos pra lá e pra cá, mas isto sempre há e nem devia ser citado. É só pra verem como fui consciencioso. E como vou saber a quem pertencem? Milhares de passos de todos os recantos, pessoas e mais pessoas andando. Por isto, já veem, não se pode inculpar quem quer que seja. Ademais, por outro lado, como neste caso não acreditamos em milagres para auxiliar o pessoal da vila, tendo constatado com nossos próprios olhos as redes cortadas, testemunho de que mãos criminosas andaram em ação, somos forçados a concluir que alguém

daqui fez o serviço. Como, quem? Eis o que se precisa descobrir. É um problema complexo. Exige perspicácia, raciocínio, tempo e paciência. Nada pode ser feito de afogadilho. Precisamos descobrir, castigar. Trabalhar com cautela, vagarosamente. Pesar as menores possibilidades. A nado, seria, dado à distância, praticamente, ou melhor, completamente impossível atingir o local, saberem todos os implicados, não devem ser poucos, a hora precisa, chegarem juntos, mergulharem diversas vezes, realizando o serviço e voltando. Afastemos por improvável esta hipótese. Assim faremos indo a outras, estudando-as, sopesando-as, abandonando-as ou as reservando para posterior estudo. Até que uma apenas sobre. Será ela. Agora o que eu não compreendo, falando com franqueza, o que não consegue me entrar na cachola, é como tudo foi feito sem que os senhores ao menos percebessem. Afinal a noite, como os senhores bem o confessam, estava calma, sem ondas, o mar, com um ventozinho de nada, sem rumor de espécie alguma, de modo que qualquer pequeno barulho seria nitidamente perceptível. Apenas apresentam como desculpa o escuro. E o resto? Os senhores devem saber melhor do que eu que no mar, assim à noite e no silêncio, o som se distende e alonga mais, se propaga melhor, tem uma vibração maior, atingindo, por conseguinte, uma outra amplitude.

— Compreendi, compreendi tudo. Então está decidido, encerrada a questão, foram fantasmas, e o senhor confessa que nada mais pode fazer e se coloca acintosamente a favor dos que burlaram a lei, contra os prejudicados.

— Não, não quis dizer isto, eu...

— Não, não quis, não quis, nunca quer nada, desde que chegamos aqui não quer nada, só está nos embalando nesta conversa bonita. Porém creia, creiam, isto não ficará assim, ainda ouvirão falar de nós, e maldirão o dia em que se arriscaram a...

— ...em absoluto eu permito ameaças na minha frente, como auto...

— Que autoridade que nada! Voltaremos, fiquem certos.

— ...autoridade preciso estudar o caso, agir com...

— Vamos informar nossos chefes.

— ...com imparcialidade e justiça, me fazer....

— Deixa estar.

— ...me fazer respeitar. Justiça. A justiça acima de tudo.

— Não pensem que venceram. Voltaremos.

Flordoardo olhou para os homens ali rodeando-o, indiferente às ameaças implícitas nos olhares carregados de ressentimento; olhou para o pobre e atarantado "seu" Demerval, derreado, esparramado na cadeira, inconsolável, bagas de suor escorrendo. Fez uma pose imponente, esticou o pescoço taurino, deixando o pomo de adão distender-se, respirou fundo e disse, convicto:

— Qualquer dia terão notícias nossas. E não serão agradáveis, prometo.

Sentia-se, diante do retraimento dos homens, que tomava por medo, mas que era estupor diante do imprevisto, e precaução, dominador, invencível.

"Seu" Demerval tentou afastar a tempestade que se aproximava, via o gesto de Lola, não sabia por quanto tempo ainda os homens se controlariam, até estava es-

tranhando. Manter a autoridade a todo o custo — eis o necessário. Fez um sinal para soldado Laurindo e disse, na voz mais calma e confiante que conseguiu compor:

— Creiam-me, a lei que é o esteio da ordem estabelecida, precisa ser cumprida, mantida, respeitada, a todo preço, não importa como. E o será. Do contrário tudo redundará em vão, breve estaremos no caos. Tenham calma. E eu prometo, em nome da lei da qual sou o esteio e o guardião nestas paragens, que todos terão seus direitos respeitados, assegurados. Vejam... sentia contudo que suas palavras eram impotentes, tantas vezes antes pronunciadas com certeiro efeito, agora não mais impressionavam, eram nada, pó. Qualquer coisa se quebrara, ruíra.

Soldado Laurindo, com um velho rifle, tentava dar força as palavras do chefe.

Lola refletiu e decidiu-se a não dar a ordem que já lhe aflorara aos lábios, julgando que assim fazia devido as palavras de "seu" Demerval. (Mais tarde, recordando-se dos acontecimentos, não se sabia explicar os motivos de tal recuo, já que a teoria das palavras de "seu" Demerval ruíra lamentavelmente. Apenas se lembrava, de modo vago mas que sabia certo, de ter notado o gesto firme de Leopoldo, impedindo-o. Por que obedecera? Mistério!). Lola sorriu, um sorriso de desprezo. Leopoldo teve um gesto incontido de satisfação, relaxou o corpo. Temia ver todo o esforço deles ir-se águas abaixo com uma rixa que ninguém sabia que consequências traria, pensava no que fazer para evitar o começo da briga, para controlar os homens. Tinha consciência de que seria de todo impossível poder controlar a multidão enfurecida, desenfreada. E admirava-se da loucura do homem de fora, brincando com fogo.

Mas o impasse permanecia, se bem que instantaneamente debelado. Fez-se silêncio, ouvia-se os pássaros cantarolando, o barulho lá no interior da casa, as conversas da rua, o resfolegar dos homens.

"Seu" Demerval resolveu insistir mais um pouco, quem sabe, virou-se, ronronou ordens para soldado Laurindo que se empertigara todo, cônscio de sua responsabilidade de mantenedor da ordem, firme no seu papel. Soldado Laurindo sorriu satisfeito para a própria imagem entrevista ainda há pouco no vidro da janela, imagina-se de rifle ao ombro, esteio da lei, "veriam que ali não era um lugar de bugres, como estavam pensando, ele era muito bom, mas não abusassem da paciência". Ele bem que, com sua pose, completava a frase do chefe, era a arma defendendo a integridade da lei, pensou em repetir a cena aos amigos de farra e depois fazer uma quadrinha em que entrassem "seu" Demerval ditando a frase, os homens olhando e ele protegendo-a com a arma, qualquer coisa assim:

"Seu" Demerval é quem dizia
"devem respeitar a lei"
O meu rifle a defendia
Com bravura e galhardia

A história foi complicada
Sentem todos pra escutar
É coisa bem demorada
Mas ninguém vai se chatear...

Mas logo se interrompeu, tornou a se compenetrar, um soldado de verdade, em serviço, não podia, NÃO

PODIA pensar nessas coisas; deixasse para depois, senão cadê a respeitabilidade do cargo? E então voltou à cena, quando a voz da autoridade superior comandava, em tom de zanga:

— Mande entrar Justino, o velho Severiano, o Severino e o Godofredo.

— Às ordens, comandante!

— Quero fazer mais uma tentativa — dizia "seu" Demerval, enquanto a autoridade menor cumpria a ordem e o moço-moreno-de-fora bocejava e perguntava as horas, se lembrando logo do que perdera, encontro com a professora primeiro, e agora já estava perdendo o ensaio. Aborrecido, desinteressado, cansado.

"— Logo hoje, com este movimento todo, eu só com a professora, sem ninguém notar, que oportunidade boa pra um bom avanço, pra adiantar... quem sabe se...".

Foi interrompido em seus pensamentos. Da porta, muito digno, muito teso, sem reconhecer os companheiros de farra, os velhos conhecidos de tempos, sobranceiro, superior a essas pobres contingências, soldado Laurindo, muito compenetrado de sua tarefa, imitando o chefe, comandou em voz duplamente severa, para se impor, voz que se bem ridícula tentava tornar-se imponente:

— Justino? Severino? Velho Severiano? Godofredo? TODOS! Se estão presentes que se apresentem de imediato diante da autoridade, "seu" Demerval quer falar com vocês!".

Uma risada geral, viva, sonora, coroou a aparição de soldado Laurindo. Cobriu a voz de falsete, foi além, cobriu toda a figura empertigada, com o velho rifle na mão, extravasou. Apontavam-no com o dedo, escarneciam-no.

Mas ele, impávido, superior, lançou um olhar de soberano desprezo para a gentalha, virou-lhes as costas, sungou a farda larga com um gesto lépido e marchou, cumpridor emérito de seu dever de agente da lei. Em serviço, não se importando com o que pensassem. E entrou, perseguido de risotas. Indiferente a elas.

A figura magra, desengonçada, com o uniforme horrivelmente colocado, melhor se diria grudado no corpo, sobrando numas partes e faltando noutras, amarrotadíssimo, semelhava um espantalho; o cinturão onde brilhava o sabre, com um pedaço de barbante a modos de fivela, o quepe bem de lado, gaiatamente disposto na cabeça; as botinas enlameadas; o rifle secular — sim, parecia um espantalho! O ar de troça apesar da evidente seriedade — tudo formava um quadro de um cômico e ridículo inenarrável.

Sumiu-se, sem esperar resposta, logo depois dele entrando três dos chamados; o quarto faltava, mas alguém se encarregou de ir procurá-lo. Era Godofredo.

A sala, que já estava abarrotada, ficou que ninguém podia se mover. As pessoas se espremiam. A custo os recém-chegados passaram até a autoridade.

— Nome? — perguntou esta, ao velho Severiano.

— Ah!

— Nome?

Um sorriso idiota, de completa incompreensão:

— NOME! — berrou a autoridade.

— Sim... — e calou-se, esperando.

— Seu nome! — repetiu, para varar a surdez.

— Nome de que?

— SEU NOME; SUA GRAÇA. COMO SE CHAMA?

— “Seu” Demerval não sabe, não me conhece?

A voz vinha baixa, naquele tom característico dos surdos, não isento de certa admiração pela pergunta.

— Ora, onde já se viu, besteira, me chamar pra isto, sim senhor!... — matutava o velho, fixando com admiração e surpresa o homem gordo.

— Sei, mas é uma formalidade.

— Uma...

— Uma exigência da lei.

Moço-moreno-de-fora quase se rebentava de tanto rir. Valia a pena, sim senhor.

— Seu nome completo. É isto que “seu” Demerval quer saber, precisa por causa do seu depoimento — gritou num intervalo do riso, para ajudar e disfarçar.

— Velho Severiano.

— Não, quer saber completo, “seu” Demerval quer todo.

— Velho Severiano, já disse.

— Nome do pai, como era?

— Alfredo da Ti Jordelina.

Deixe, não há meio, vamos pra diante. Que me tem a dizer sobre o que aconteceu, me disseram que você sabia alguma coisa, andava falando.

— Que aconteceu.

— Como?

— Acontecendo.

— De que maneira?

— Ah, isso que são elas.

— Que foi que ouviu dizer, não escutou nada?

— Eu? Sou surdo daqui, que nem uma porta. Daqui — e apontava para a orelha.

— Mas deve ter entendido, não sabe ler pelos lábios, sei que sabe.

— Não... não. Mas escutei, sim.

— O que, diga!

— Das redes, das redes, é.

— Que mais?

— O que ouvi aí fora.

— Que foi que ouviu aí fora?

— O que contam. Uma porção de coisas. Depois meu sobrinho escuta e vem me contar tudinho. Tudinho, sim.

— Diga uma destas coisas.

— Que haviam cortado as redes, que era os esprito pra ajudar nós, que os home de fora dizia que num era, que estavam todos aporrinhados da vida, que...

— Sim, sim, sim, e que sabes de positivo, não viste falar de mais nada, não boatos, mas quem foi.

— Ih-ih-ih-ih-ih-ih, sou surdo como uma porta, já não disse!

— Teu sobrinho então.

— Ih-ih-ih, ele sim. Ele sim.

— O que, que foi?

— Que os homens dos barco estava tudo brabos que nem umas fera, tudo puto da vida. Pior pra eles. Pior.

— Está bem. Chega. Muito obrigado, não adiantamos nada, é inútil. Ti Severiano, pode ir agora. Justo!

— Pronto.

— Que viu falar a respeito do caso?

— Diferentes comentários, sabe, todos vão lá na barbearia e contam, falando sobre as redes e espinhéis arrebentados. E só o que se conversa.

— Arrebentados não, cortados. Cortados, ouviu — saltou lá de seu canto "seu" Flordoardo, que ouvia tudo

com um tédio profundo e uma grande resignação, toda aquela lenga-lenga.

— Não sei, conto o que ouvi, o que me contaram. Que quer que eu diga?

— Ouviu de quem, o que foi, quem contou?

— Ouvi o que comentam, não sei quem. Todo mundo, é só no que se fala.

— Ninguém sabe nada — de novo o tom irritado, pronto a explodir.

— Não.

— Só se for mesmo algum esprito mau, bom pra nós, como diz o cumpadre — soltou uma voz vinda de um canto da sala, lá do fundo.

Risadas.

— Quem foi que se manifeste, não quero piadinha sem graça, respeitem a casa da lei.

Ninguém se manifestou. Depois de um silêncio:

— Prossigamos. Então dizia...

— Eu dizia...

— Me piquem todo se entendo alguma coisa desta encrenca — veio a voz dolente, pausada, arrastada e enervante de Severino. Que es-ta-mos fa-zen-do a-qui? Continuou, prolongando muito as letras, se demorando nas sílabas, destacando-as, custando a formar as palavras que pareciam vir independentes, autônomas. Me talhem a canivete — repetiu Severino, naquele jeito que contrastava com o falar ligeiro e cantante de todos.

— Que quer dizer com isto; quem lhe pediu opinião, deu autorização para se manifestar? Fale quando chegar a sua vez! Vai ver aí não tem mais o que dizer.

— Estava era só pensando, sim senhor, pensando com a minha cabeça... E sem querer o pensamento saiu em voz alta. Desculpe...

— Bem. Pra outra vez cuide-se. E veja o...

— Vamos, não acham que é tempo de acabar com a palhaçada! — exclamou "seu" Flordoardo, sem poder por mais tempo se conter. Estamos aqui há horas, e na mesma. Tudo lição ensinada, decorada, estou vendo, sai um entra outro e a lenga-lenga de sempre se estende.

— Isto mesmo. Palhaçada. E da grande. Até que enfim disse alguma coisa que prestasse. Concordamos num ponto: palhaçada!

Irritado com o tom do outro, contendo-se há muito, Lola deixou cair estas palavras como quem deixa cair um golpe seco no inimigo.

Um repentino silêncio, pressago, dominou a assembleia, novamente a tensão se fez presente, com mais insistência deixava-se perceber. Não fora o barulho agora nitidamente perceptível, vindo de fora, poder-se-ia sentir o zumbido de uma mosca. Um passarinho cantou. Outro respondeu. Lá da rua, o borborinho, de começo leve, crescia, subia, subia, ia se alteando, até atingir a sala e escorraçar o silêncio que ali se alojara, intimidado.

— Mas repito, isto não fica assim, não senhores, não fica, não pensem que venceram! — Flordoardo disse, deu um murro na mesa e escudou-se nos companheiros.

— É, não pensem não — falou um companheiro, pela primeira vez.

— Não pensem, é! — como num eco, outro repetiu.

— Vamos ter muita coisa ainda, isto não fica assim, ah, não fica como quem repete um papel decorado, levemente enfadonho, chegada a sua vez, o quarto repetiu.

— É! — o último reforçou.

Exasperado, Lola, avançando para diante, gritou:

— Mas então vamos resolver logo agora, se são mesmo machos, nada de ameaças pra depois! — e se atirou para diante, para o grupo, seguido por outros.

— Vamos, vamos mesmo — Flordoardo também avançou.

Houve um começo de pega, homens se espremiam, Flordoardo e Lola encontraram-se frente a frente, examinando-se com os olhos, medindo-se, depois um braço ergueu-se e voou, Flordoardo aparou o golpe no ar, grudou-se ao braço de Lola. Logo a turma do "deixa-disso", antes que a coisa pegasse fogo, entrou em ação. Separou os contenciosos, segurando-os, procurando acalmá-los, não permitindo que os parceiros de Lola ou de Flordoardo participassem, tomando a dianteira, fechando a passagem para os demais. Lola, vociferante, espumava de raiva, não querendo atender a ninguém, que o largassem, queria quebrar a cabeça "daquele sacana". Enquanto isto, já solto, mas sempre guardado, o "sacana", muito calmo, postara-se de lado, observando. Lola esperneou nos braços dos amigos, bufou. De repente, ficou mole, trêmulo, muito branco, sem um pingo de sangue na cara. E largado pelos companheiros atônitos, que não sabiam o que fazer nem como agir, estatelou-se no chão. "Seu" Jango correu até ele, ajudado pelo prestativo moço-moreno-de fora, ergueram-no mandando que abrissem caminho, o homem necessitava de ar livre, aquilo ali estava muito abafado, Outros se haviam chegado, uns seguravam o corpo pelos braços, outros pelas pernas, pela cabeça. Logo, como surgida do nada, a preta velha chegou, trazendo um "ne-

gócio", para cheirar e uma beberagem escura, grossa, melenta. Infalível. Infalível — repetia sorrindo, a mostrar a boca desdentada. Soldado Laurindo acalmava o povo que, pensando ter Lola sido ferido por um dos homens, talvez estivesse morto, (não dava para ver bem), já queria avançar e estraçalhá-los. Boatos os mais absurdos logo circularam, notícias infundadas, inverossímeis, mas que eram aceitas sem nenhuma análise, alarmando a população.

Lola voltava a si. Ergueu-se, recusou as mãos que queriam auxiliá-lo, entrou. Ainda pálido. Sentia-se tonto. Fitou o grupo por um longo minuto, depois, sem pronunciar palavra, recuou caminho e se foi. Abriram ala para que passasse, acompanhando-o com murmúrios.

Flordoardo, que se tinha sentado, ergueu-se à saída do outro, empurrou um, dois, três, para poder se ir, sem que ninguém o detivesse nem dissesse nada, todos estranhamente tolhidos em seus movimentos, indiferentes, deixando o homem continuar em paz. Meio trêmulo, empalidecera um tanto. Seguiram-no os companheiros. Flordoardo e os seus nem se despediram. Fingiam manter-se certos, firmes e superiores. Caminhavam. Caminhavam com todos os sentidos alertas, mãos na cintura como quem espera um ataque traiçoeiro, preparados para reagir, se fingindo desprevenidos, para melhor ludibriar o adversário e fugir, ou então, se necessário, entrar em ação na hora precisa. Também sabiam que qualquer manifestação de medo, qualquer indecisão, seria pior, talvez fatal.

Não imaginavam que outros homens, por motivos especiais, estavam lutando, se esforçando por impedir

que o conflito se generalizasse, fazendo como que um cerco em torno deles, para lhes permitir a fuga.

Caminhando, atrás deles, massa compacta, enraivecida, os habitantes da vila.

"Seu" Demerval suava, arfava, não sabia o que fazer, temia, esperando ver surgirem a qualquer instante homens dispostos à forra, a vingar a vila; estranhava mesmo a demora, aquela tensão era pior que o ato realizado, aquela dúvida enervava-o, aquela espera liquidava-o. A princípio resolvera ficar em casa, não tomar conhecimento do que se poderia passar. Depois saiu. Via que a situação piorara. Tudo marchando mais ou menos bem, quando pensava ter acalmado os homens, se safado, eis que... Quem diria? O desejo dele era fazer com que os homens se fossem, teria tempo para providenciar, para pensar, para armar-se. Até a volta, quantos dias? E nestes dias... De repente, nem viu como, tudo por águas a baixo. Que mais poderia ele ter feito? Aquele Flordoardo era mesmo de morte! Vamos ver se agora, ao menos, eles chegam aos barcos sem lhes acontecer nada.

Quem poderia ter feito o serviço a não ser um daqueles ou todos aqueles que convocara? — raciocinava mudando o rumo dos pensamentos. Mas agora vá a gente tentar descobrir. Que fazer? Nada! Era a solução? Não era! Mas era, sim. Pelo menos por enquanto. Se "seu" Flordoardo tivesse compreendido isto! Esperar na maciota que alguém desse com a língua nos dentes. Acabariam ou por encrencar, ou por se vangloriar do feito. Tanto dava. Descobrir é que era. Mas por outro lado — continuava — podia demorar muito, podia até acontecer que não se denunciassem. E ele temia a reação, a desforra que,

sem dúvida, os estranhos tomariam, em especial aquele sacana de Flordoardo. Fora ele que pusera tudo a perder, bem merecia que lhe dessem uma surra. Vá ser nervoso e burro lá pra casa do diabo que o carregasse! Agora vai ver, certamente contra ele Demerval, que sempre procurava conduzir a coisa da melhor maneira possível, seria contra ele que se iriam queixar. Meu Deus, Flordoardo iria insinuar sabe-se lá o que. Mas calma, Demerval, calma. Não adiantava nada enervar-se, isso não resolveria o problema, apenas iria prejudicá-lo, doente como estava. Bem que o médico o prevenira, da última vez que fora a Florianópolis. Recomendara-lhe muita calma, não se excitar. Muita calma, muito sossego, muita paz. Nada de movimento, nada de se preocupar em demasia. Verdade que não tinha nada de muito grave, de perigoso. Ainda bem. Contudo, com o calor, aquela gordura, a idade, a pequena lesão, o coração bem podia estourar. Não fora isso que o médico dissera? Fora! E aí, adeus Demerval! Coração... calma... Caramba. Enxugou-se, abanou-se, diminuiu o passo, que lhe parecera estugado. Parou mesmo, deixou que os outros se adiantassem. Um peso por dentro, assim como uma mão apertando-o, estrangulando-o. Soldado Laurindo marchava ao lado dele, mas ia-se adiantando, não tendo percebido que o chefe ficara para trás. Chamou-o. Soldado Laurindo não escutou. "Seu" Demerval teve a impressão de que a voz não se lhe saía da boca, esforçou-se, elevou-a, aquilo lhe fez mal, mas foi inútil, sem efeito prático. Não podia falar. Ia morrer, ali, só, sem ter quem o auxiliasse. Todos se adiantavam, deixando-o para trás. Só, sem ninguém. Uma névoa, tonto, arfando, garras colhendo-lhe o peito, asfixiando-o. Lembrava-se

vagamente de ter pedido ao soldado Laurindo que mandasse o povo se dispersar, para evitar novos conflitos. Não foram atendidos, o povo seguira adiante. "Que será que vai acontecer?" — foi o último de que se lembrou. E desmaiou.

V

Para longe, por todos os recantos da vila, as poucas pessoas que por um motivo ou outro não tinham podido comparecer e acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, já estavam ao par das últimas notícias, relatadas com evidente exagero. As novidades aumentam de vulto, se estendiam de maneira assustadora. Versões múltiplas, cada qual contava acrescentando um ponto, num trabalho constante de imaginação que ia num crescendo, acabava por transformar inteiramente o sentido real do que acontecera. Homens mortos, a vila tomada, lutas encarniçadas, feridos de parte a parte, até mortes.

Na hora dos homens tomarem o barco foi um fecha-fecha. Pessoas corriam, gritos de "pega eles, pega", "desaforo", "vamos dar uma lição nos cachorros", "pega, pega", "vamos...". E a massa avançou. Mas, um pouco tarde. Depois, homens que aparentemente avançavam, na primeira linha, retardaram a disparada, fazendo corpo mole, parando, recuando, dando tempo a que os homens subissem. Lá dos barcos, os canos das espingardas, ameaçadoras, também impediam uma ação mais direta. Quem se arriscaria a levar o primeiro tiro? Forte argumento. E com esse tento a favor deles, os homens terminaram embarcando em paz. O motor roncava, logo espadanou água

para os lados, partiu feroz, o barco cortando a água azul límpida que se abria, deixando um longo sulco de espuma branca.

Então, desesperados, vendo fugir aqueles homens que tanto haviam abusado da paciência deles, zombando, cuspindo-lhes nas barbas, alguns mais exaltados, sem saber o que lhes poderia ter acontecido para que não reagissem a tempo de dar uma lição, ensaiaram atirar pedras sabre os barcos, na ânsia de desabafarem. Mas estes iam suficientemente longe para não serem atingidos.

E pela praia, ao lusco-fusco, grupos se subdividiam a discutir demoradamente o assunto. Sugestões, agora que tudo acabara, surgiram aos montes.

Não queriam saber quem cortara as redes. Queriam saber como foi que aqueles homens, tão poucos, haviam, ali, na casa, na terra deles, zombado, gritado... ido embora incólumes. Absurdo dos absurdos!

Leopoldo respirava. Feliz. E abanava para os companheiros. Felizes como ele. Caminhando para casa ia rememorando aquele dia duro. Tentava explicar a um grupo de amigos, não de todo conformados com a solução, porque assim é que era o certo, porque não se devia, não se podia ter permitido uma briga, porque a violência, sem dúvida, bastava que refletissem um pouco, os teria prejudicado. Imaginassem só por um momento a luta, mortes ou ferimentos, a repercussão, a vinda de elementos de fora para estudar o caso. Com o decorrer das explicações até os mais relutantes foram se convencendo.

Lola, agora menos infeliz, calmo, também marchava para casa. Até sorria. Só uma mágoa lhe ficara. Não ter tido a suficiente presença de espírito para avisar sua

gente, dar um sinal, fazer com que deixassem aqueles bandidos "em picadinho". Perdera a chance, falhara na hora precisa, isto o entristecia um bocado. Mas passou, passou, que se vai fazer.

Foram todos dispersando. Acabara a festa.

Anoitecia.

VI

Godofredo e Lurdes haviam passado um dia feliz.

Esquecidos, tendo assistido um pouco de discussão, depois se retiraram discretamente, para longe, gozando aquela delícia de estarem sós. Permaneciam perdidos do mundo, penetrados de uma felicidade muito íntima, ora conversando, ora rindo, ora com imensos intervalos de silêncio, mãos entrelaçadas, olhos nos olhos. Sentavam, erguiam-se, caminhavam um bocado, voltavam a sentar, de novo caminhavam, distraídos, Lurdes fazendo uns gestos negativos com a cabeça, Godofredo fechando a cara, logo Lurdes se abria num sorriso a que Godofredo não sabia resistir, a moça tomava-lhe da mão, acariciava-lhe o rosto, numa carícia lenta. Assim percorreram a vila, desceram a praia, depois subiram pelo outro lado, foram pelo caminhozinho de cabra que conduz para "Canto de Ganchos".

Voltaram pouco depois de Soldado Laurindo chamar Godofredo.

Se necessitassem, mais tarde não saberiam reconstituir nada do que se disseram, nem por onde andaram.

Longe ainda, separaram-se. Godofredo vai ver o final da discussão com os homens dos barcos. Lurdes corta

caminho para chegar logo em casa. Uma só nuvem lhe tolda a felicidade. É que amanhã, domingo, Lurdes, triste, pensa que não vai poder falar com Godofredo. Tem que ir à festa de São Miguel, tanto insistiu, chorou, há muito vem se preparando, agora não pode arranjar uma desculpa, o pai não aceitaria, nem que ela alegasse doença. Vai a família toda, isto foi conseguido por ela, não pode desapontar a todos. Só à última hora, depois de ter conseguido a licença, vem Godofredo lhe dizer que está impossibilitado de comparecer. Bonito! Impossibilitado por quê? Sente raiva repentina do moço, se ele gostasse dela daria um jeito, faria uma forcinha. Mas não. Impossibilitado, pronto. Se entristece. Mas logo a perspectiva do movimento, do passeio, da festa, lhe anima as faces. E vai saboreando a vingança de saber a desolação do namorado.

Moço-moreno-de-fora e da-cicatriz vão preparar-se para o espetáculo. Amanhã seguirão para São Miguel. De lá para Florianópolis, donde será fácil tomar logo um ônibus para Porto Alegre. Sempre ao Sul. Quanto mais longe de Curitiba tanto melhor. Tanto melhor.

Lá no prédio está um rapaz armando o improvisado palco. Um tablado, uma cortina, uma mesa, cadeiras, outros apetrechos pequenos.

Os dois companheiros se põem a discutir. O que irão fazer logo mais, o que improvisarão, quais os números. Praticam um pouco. Depois voltam a dar os últimos retoques no plano, acabaram concordando em que será mesmo mais tarde, após o espetáculo, pela madrugada, na primeira chance que surgir.

VII

A professora também fará um sacrifício: irá de lancha.

VIII

O espetáculo está marcado: 8 1/2 da noite. Desde cedo pessoas se locomovem para a sede do clube, transformado em teatro. Alguns bancos são estendidos, improvisados, uma que outra cadeira conseguida em casas de família formam a plateia. Desordenadamente os que chegavam iam se abancando. No local da orquestra — violão, gaita de mão e cavaquinho — um estrado com cadeiras, de modo que ficasse um pouco acima da plateia, logo abaixo do palco. Adiante fora colocado o pano de boca. O conjunto chegara. Lá estava soldado Laurindo com seu violão, entre um grupo de admiradores; Rubens-mulherzinha, efeminadíssimo, com seu cavaquinho, sendo gozado por um grupo de rapazes, derretendo-se todo, rebolando-se. Só faltava o mulato Dultávio com a gaita, uma gaita de fole, nova, recém-adquirida.

Um borborinho só comparável aos dos dias de grande festa vai pela sala. Comenta-se, de preferência, o caso das redes e a subsequente encrenca com "seu" Demerval.

As mulheres, nos seus vestidos de festa, os homens, calçados ou entamancados, alguns mais moços, ou importantes, de gravata e paletó apertado, olhando muito para as meninas. Na frente as crianças. Risos. Gritos. Um cheiro adocicado, de perfume barato, de suor, de sabonete, de maresia, sobe até as narinas, sufocante, impreg-

nando o ambiente. Na frente da casa balaios com pinhão, amendoim torradinho, doces miúdos. E dentro, correndo de um lado para outro a atender chamados, providencialmente aparecera um rapaz vendendo balas.

O som dos músicos ensaiando, das conversas, dos risos, extravasava, indo encher de inveja as crianças que não podiam entrar, por ali peruando, à espera de uma chance para "furar".

As pessoas mais gradas foram chegando lá pelas oito, dirigindo-se para alguns dos lugares que já lhes tinham sido reservados.

De um lado da porta o alto e magro, da-cicatriz, vendia as entradas. E um rapaz maltrapilho e esguedelhado, mais para trás um pouco, ia recolhendo os papelinhos que lhe eram entregues. Ali estava pela entrada, causando inveja aos gurizotes que continuavam peruando por perto, olhos atentos na esperança de ludibriar a atenção do moço magro e alto.

Veio "seu" Jango, senhora e filhos, acompanhado do Lola, veio o galego Laurindo, recém-chegado à vila vindo do Rio Grande e que diziam ser amante da mulher de Severino; Veio Ti Zé da venda acompanhado da mulher; veio o dono da venda rival, o turco Elias, que estava fazendo uma bruta e desleal concorrência a Ti Zé. Veio Elias turco só com os filhos, pois a mulher andava adoentada, mas insistira na vinda dele e dos pequenos, "tão pouca coisa aparece aqui, leva os rapazes pra ver, depois me contas como foi...". E ele viera, sempre mastigando o seu palito, com os dedos amarelados de nicotina e a cabeleira despenteada, moreno de meia-idade e regular estatura; veio "seu" Tomás; veio Pedro Salgado; veio afinal

"seu" Demerval, mal refeito do choque da tarde, acompanhado da mulher e da sombra, a velha negra africana. Lá estavam outros conhecidos, o velho Severiano, mulher e filhos Justo e Godofredo, outros mais, a gente mais pobre misturando se com a menos pobre. De vez em quando se divisava um novo conhecido, se abanava a mão para chamar a atenção e prevenir que afinal se havia conseguido vir. Quase todos tinham feito sacrifícios, só eles sabiam o quanto lhes tinha custado conseguir aqueles poucos cruzeiros. Alguns haviam pedido emprestado a um vizinho... outros haviam empenhado objetos... vendido trabalhos por realizar... se comprometido...

Afinal valia ou não valia a pena? se interrogavam. Quanto tempo se passaria antes que outra diversão aparecesse? Teriam outra ocasião de ver o tal de ilusionismo?

A hora chegara. Lá para trás ouvia-se o barulho dos homens empurrando, arrastando móveis, trabalhando nos retoques finais. Logo os lampiões, que francamente alumiavam a sala, foram apagados; o pano de boca abriu; moço-moreno-de-fora, com uma capa vermelha atirada aos ombros, maquilado, apareceu em cena. Luzes rápidas faiscavam de um lado e doutro, atravessando, enquanto a cortina corria silenciosa. Célere o jovem se movia, ondulando. A cena compunha-se de mesa, vidros, um cesto, duas cadeiras. Cadaveriço, medonho, a cicatriz rebrilhante se destacando mais, branca que era, no escuro, altíssimo, magérrimo, o companheiro apareceu a um sinal. Silente, parecendo caminhar no ar, boiando, adiantou-se até a boca de cena, ergueu a mão num gesto magnético, por sobre a assistência, pedindo silêncio e apontando para o outro. Queriam impressionar pelo aparato estra-

nho, pela entrada. E o conseguiam. Moço-moreno-de-fora nem reparou no da-cicatriz. Parecia estar em transe. Ao mesmo tempo era como se estivesse a espera de um sinal invisível, vindo não se sabe de onde, de alguma parte só a ele perceptível. Ficou em silêncio, observando a assistência. Não, não observando, passando por ela, indo além dela. E de repente falou. Numa voz baixa, medida. Porém não se dirigia à assistência. Não! Esta, para ele, parecia não existir, embora a ela se dirigisse. Falava porque sentia necessidade de falar, era a isto obrigado. E como precisava se dirigir a alguém, se dirigia aos presentes:

> "Minhas senhoras e meus senhores, espíritos que pairais no além, distinto público aqui presente e que tão condignamente me honra com a sua inestimável e imprescindível cooperação:
>
> tenho a mais subida honra e satisfação de vos apresentar este espetáculo que vimos levando Brasil em fora. Sei que o culto e mui respeitável auditório bem saberá compreender e aplaudir na sua devida justeza o nosso esforço em trazer a estas plagas isoladas e perdidas, tão injustamente abandonadas, não só um pouco de sã diversão, mas também de cultura e conhecimento, pois nosso espetáculo é feito à base de cultura e elevação moral, a par da alegria mais pura de que tanto se necessita em nossos conturbados dias. Desculpar-me-ão, por certo, dado o improviso com que tudo é feito, e a falta de meios e tempo, algumas deficiências serão supridas pela nossa boa vontade em apresentar que espero, estou certo, um espetáculo de bom nível e pelo apoio e

imaginação dos presentes. Mas não tomarei por muito tempo ainda o precioso tempo dos senhores, lhes explicando coisas por demais sabidas e ressabidas. Se não o são, ser-vos-ão explicadas no decorrer da função. Que, garanto, para todos, ou quase, será uma forte surpresa e deixará recordações inapagáveis. E agora, como não vieram aqui para me escutar parolando, vamos ao trabalho, com a vossa vênia. Mais uma vez, a todos, os sinceros agradecimentos do amigo às ordens.

Maestro, música!".

A charanga entrou numa valsa chorada.

"Como fala, que papa, até parece político escolado..." — se murmurava.

E o espetáculo começou. Compunha-se de conhecidos números onde truques banais, na maioria de cartas, que qualquer manual primário contém, feitos com certa habilidade e inegável graça, eram apresentados após longa e cansativa explicação, com uma encenação minuciosa, mostrando o quão importante era para a "educação do espírito", a agilidade das mãos. "Nas mãos, dizia o moço-moreno-de-fora, nas mãos está uma das nossas grandes forças. Com a agilidade manual nos vem também a agilidade espiritual, da mente. E depois, é inegável, das mãos, dádiva divina, tudo nos vem...". O público era chamado a participar das experiências. Lenços, anéis, pequenas bolsas, moedas, tudo, depois da subida de "pessoas idôneas" no dizer dele, que iam examinar a lisura dos atos, comprovar a veracidade do que se estava desenrolando, sumiam misteriosamente, para ressurgir mais tarde no

colo de uma "gentil senhorita" ou no bolso de um "respeitável senhor", no cabelo de um "galante menino", ou sob o braço de uma "bondosa dama", servindo de motivo para amplas risadas. A maior sensação foi quando da quebra do "precioso relógio" de "seu" Demerval, um relógio de ouro, antigo, presente de seu falecido pai, dele. "Não é tanto pelo valor material do relógio, mais pelo valor estimativo..." — choramingava o dono, secundado pelo moço-moreno-de-fora. Foi um OH! coletivo de espanto e pesar, vendo o relógio, embrulhado num papel, depois num lenço branco, por Salgado e "seu" Tomás, ser esmigalhado a marteladas. "Seu" Demerval não sabia o que fazer, se preparava para protestar violentamente, com veemência, já passava da conta, pensava em tomar enérgicas providências, quando, milagrosamente, o relógio reapareceu, intacto, incólume, no bolso do Lola que estava sentado lá no outro canto. Moço-moreno-de-fora, como quem está muito preocupado, afivelando uma máscara de desalento, compungido, descera a plateia, dizendo que o auxiliassem, tivessem pena dele, nunca lhe acontecera nada semelhante:

"— Me digam, que vai ser de mim, que fazer, um relógio caríssimo, obra de estimação, hoje não se fabrica mais igual! Vamos todos, cooperem, vamos procurar, ver se encontramos entre os presentes, outro igual ou semelhante. Mas... viram a idiotice do meu secretário, o cavalgadura, assistente assim nunca tive. Vou despachá-lo agora mesmo! Tenho que te substituir por outro, quem se candidata ao posto, não entendeu nada do que eu expliquei com tanto carinho e cuidado, eu disse pra dar umas batidas pra ver se o relógio, que tinha parado, voltava a

funcionar. E o burro (com perdão da palavra), o burríssimo, foi dar marteladas. Onde já se viu, camelo assim. Rebentou tudo, esfarinhou, deixou em pó, estou com vontade de dar pra ele beber, ou fazer o mesmo com ele. Que acham? Cadê o relógio de "seu" Demerval, hein cabeça de pau? E agora? Te vira, vamos, *hombre*, te vira, *per la madona*, se não acabamos em cana. Vamos ver, quem sabe se alguém da digna plateia tem outro igual para eu comprar e dar ao nosso mui ilustre senhor Demerval, digníssima autoridade, aqui nos honrando com a sua distinta presença e que não pode ficar sem o seu objeto de estimação. Vamos, vamos, quem se condói de um pobre e desprevenido ator? Que não pensará a autoridade de mim? Bem feito, que não sei escolher os meus ajudantes. Mas aprendi a lição. Vamos ver o que posso fazer. Comecemos por aqui. Ah, a senhora professora dá licença de eu olhar sua bolsa? Quem sabe... Dá! Sei que é muito bondosa e certamente, se tiver, podendo, não se negara a me ajudar, em me dar o relógio pra me tirar da enrascada, desta situação cabulosa, sei como convencê-la. Nada! Só batom, rouge, papéis, lenço, mais papéis de carta, para que felizardo... não, não, não, nada de se ofender, pronto, acabei, não está aqui quem viu... Quem sabe se o amigo Justino, o Justo, que certamente sendo justo não me deixara em situação precária. Aqui, deixa ver aqui no bolso da calça, homem, que volume é este. Não, não é nada não, não precisa ficar zangado, homem, nem ficar vermelho, ora! E agora, pra quem apelar; onde buscar? Ninguém se manifesta... Ah, o Lola, sim, o Lola, o Lola disse que coleciona relógios, deixe ver no bolsinho do paletó, no de dentro, deixe, não quer por quê? De que tem medo,

não vou fazer cócega, deixe que eu mesmo meto a mão, não se preocupe. Pronto, mas o que é isto, olé, aqui está senhores, observem, embrulhado neste papel dourado do qual acabei de desembrulhar, é igual, igualzinho, se não é o mesmo é irmão gêmeo, e para "seu" Demerval tanto faz. Como foi que o senhor conseguiu um relógio igual, me diga? Não, não precisa explicar nada. Me dá pra oferecer em troca do que foi quebrado, me dá? Muito agradecido pela gentileza. Bem que eu sabia encontrar aqui um povo delicado e bom, generoso e culto. Um povo que reconhece logo os verdadeiros amigos e não os deixa em situação aflitiva, tira-os do perigo mesmo a custa de sacrifício próprio. Em troca vou dar ao Lola, este livro muito útil que nos inicia nos mistérios da magia, como prova de minha perenal amizade, por me ter tirado de tão crítica situação. E agora o relógio ao dono, não, pode olhar quanto quiser, é igual, tudo em paz...".

Com profunda vênia entrega o relógio a "seu" Demerval, enquanto palmas estrugem. Observando a autoridade, que mirava o relógio com evidente desconfiança, o moço fazia um sinal paralisando as palmas e dizia:

— "Pode observar, repare, é o mesmo — se não é o mesmo é semelhante, irmão gêmeo, o que vem dar no mesmo. Nem seu pai os diferenciaria".

Novos números de cartas, truques que embasbacavam, adivinhação de cartas, gaita de cartas... Outras brincadeiras intercaladas com música. Piadas. Depois começou a parte de magia, telepatia e ilusionismo.

— Aqui o meu amigo, assim como o vedes, esteve longos anos internado nos confins da milenária e misteriosa Índia, estudando com os sábios budistas os mis-

térios transcendentais do além. Foi aluno amado de faquires, que choraram ao vê-lo partir para a missão que os deuses lhe confiaram. Abençoaram-no, tornaram-no um dos seus. Perguntem, digam o que queiram, o que mais desejarem saber, ele tudo vos desvendará. Presente, passado, futuro. Problemas amorosos, financeiros, de saúde... casos de consciência... conselhos. Mas é preciso concentração, sinceridade, pureza de alma, fé. Muitas vezes a pessoa pensa, sente, imagina que está agindo assim, com sinceridade e fé, mas no mais profundo dela, bem no subconsciente, no íntimo que ela não consegue desvendar, sem que a própria pessoa saiba ou queira, há, persiste a dúvida, a terrível e devastadora dúvida, a cruel e daninha dúvida que tudo aniquila. Então nada adianta, e o trabalho do médium é improfícuo. Comecemos. Quem se apresenta? Quem quer conhecer os mistérios da vida e da morte? Quem quer ler nos livros do porvir? Quem quer se livrar de dificuldades, de incômodos, da tristeza e pobreza? Não paga nada, é uma experiência científica, que não visa fins comerciais. Ao receber o dom a pessoa se compromete a só trabalhar em prol do próximo, pelo bem da humanidade, com fins altruísticos e nunca visando benefícios próprios, nem tirar qualquer proveito do que sabe para fins menos dignos. Ah, a maldição que cairá sobre os que transgridem a lei, quebram o juramento sagrado! Portanto, por sumamente felizes nos daremos eu, e em especial meu companheiro, se conseguirmos interessar alguém nos estudos faquíricos. Por gratos nos daremos e compensados se a alguém formos de utilidade e contribuirmos para que pessoas sejam mais felizes. Quem se aventura? Não há perigo, não há mistificação.

Fiquem certos, nada de prejudicial existe no que se seguir. Pelo contrário. É a educação da mente, é a resistência ao físico, é o desenvolvimento de certos e determinados sentidos, o controle das emoções, é a pureza de pensamento elevada ao mais alto grau, é o desejo sincero de ajuda ao próximo e de perfeição pessoal. Um momento, vou cobrir os olhos de meu companheiro e me afastarei, nele não tocarei, para que não digam ser truque nosso, ou algum código. Primeiro uma rápida experiência. Escrevam aqui neste papel uma centena. Dobrem. Me deem. Observem agora! Não vi. Ninguém, a não ser quem escreveu, sabe o número. Meu companheiro vai ler o pensamento da pessoa que escreveu. Por favor, façam silêncio, ninguém fale, se não prejudicam a concentração e todo o esforço será em vão. Cooperem. Agora. Medita. Concentra-te. Pensa enfaticamente e sem tardança na centena, penetra na cabeça do senhor e diz: que centena escreveu ele?

— 739. Sete, três, nove.

— Se não for que diga. Por obséquio, confere?

— Confere? Isto mesmo, certo. Perfeito!

(Palmas, gritos, exclamações, entusiasmo, temor, poucos céticos).

Por favor, por favor, outra experiência, para não pensarem que estamos com truques ou que acertou-se por casualidade. Um dos espectadores, faça o favor, suba ao palco. A senhora ali, muito bem, uma salva de palmas.

— Sim senhor...

— Seu nome?

— Malvina do Ti Zé.

— Muito bem dona Malvina. Pegue do lápis, escreva num papel, de preferência tirados de sua bolsa, não tem,

neste caso paciência, vamos ver quem ajuda, ali, aquele senhor ali, muito obrigado pela colaboração. Escreva um milhar, depois uma dezena, depois uma centena, depois outro milhar. Some tudo... Mas que a soma não passe de milhar. E que esteja certa, veja bem. Embrulhe, dobre bem e me dê. Enquanto isto vou lhes contar a história muito curiosa do homem que desaparece e dos perus que falam. Ótima história de moral muito elevada. Não riam não, é sério e triste o caso. Pois vai daí era uma vez.. O que, já acabou? Que cabeça boa para a matemática a senhora tem! Os meus sinceros parabéns. Fica pra depois a história, não perdem por esperar. Reparem, aqui está o papel, comum, simples, inviolado. Nada tive a ver com ele, não conheço o senhor que o forneceu juntamente com o lápis, conversava com os senhores enquanto a senhora escrevia, meu companheiro está de olhos vendados. Vou dobrá-lo, ao papelinho, em duas partes. Agora eis aqui uma simples caixa de fósforo, conforme todos veem. Quem não conhece uma caixa de fósforos? Nenhum mistério nela. Tiro um fósforo da caixa. Nesta mão o fósforo, nesta a respectiva caixa e o papel. Agora risco o fósforo, upa, e eis a chama purificadora, no dizer dos antigos; agora toco fogo no papel; agora o papel é cinza; agora sopro as cinzas e, adeus tudo! Desta vez é mais difícil porque a própria pessoa que escreveu pode esquecer e porque a própria imagem da coisa em si já se esvaiu. Talvez ainda paire no ar, permaneça no éter, mas isto vai mais além do que pretendemos e é fato discutível que nem todos os sábios aceitam — esta permanência no ar da ideia, digamos assim, em estado gasoso, latente. E então, donde poderá meu companheiro captar os dados

do problema? Do nada não é possível extrair-se coisa alguma. Não é truque, gravem bem, não é malabarismo, é ciência. A senhora deve se concentrar, pensar nos números, visualizá-los se possível, isto é, fazer com que a sua imaginação tenha presente os números e a soma. Muito bem. Peço, por obséquio, o máximo silêncio. É uma das nossas experiências mais complexas e delicadas, quase diria perigosas. Qualquer interferência e pode falhar, tudo se esvai como nuvem ao vento. Agora: diga primeiro o total e depois as parcelas, dizendo-as sem a menor tardança e enfaticamente, sem o prejuízo do que se possa incluir, concluir ou excluir, pensando na mistificação ou mitificação objetiva ou subjetiva dos acontecimentos em si.

Faz-se silêncio.

— Soma total: 8890; primeiro milhar: 5279; dezena: 10; centena: 1, 1, 1....1... por favor, senhora, por favor, senhora, procure se concentrar, se lembrar, uma forcinha, está fugindo, fugindo, sinto, dispersando, assim não é possível, não posso, não posso resistir muito tempo mais, não posso fazer nada... nada... sem a colaboração...

— Mas...

— Sim, a senhora está, por um motivo qualquer, perturbando a mensagem, escapando, meu companheiro não está captando. Ouve uma interferência insólita e que meu companheiro não conseguiu afastar. Por um motivo qualquer a senhora se distraiu, isto acontece. Ou terá se esquecido dos números? Volte um pouco, por favor, só um esforço ainda... o último...

— Eu... não sei... não sei... não... não posso... não compreendo!

— Faça uma forcinha. Depende da senhora.

— Pois sim. Vou tentar. Mas não me lembro de ter... não me lembro... o que foi... não sei... eu... penso que... palavra... vou tentar...

— Isto, muito obrigado, agradeço a cooperação. Muito grato pelo auxílio.

— ...centena: 133; último milhar: 347, não, não, 364, não, não é isto, um momento, não é isto, só um momento ainda, 3468: soma final: 8890.

— Certo?

— Eu...

— Certo?

— Sim. Eu... creio que sim...

— É claro que está certo. Tomei nota a medida que meu companheiro foi dando os números. Se alguém deseja conferir, não faça cerimônia. Como estão vendo não há mistificação possível. Se alguém desejar se aproveitar da oportunidade... como sabem amanhã vamos embora. Podemos também, caso haja algum interessado que não deseje nos fazer consulta em público, atender depois do espetáculo. Mas gostaríamos de realizar, pelo menos uma outra experiência aqui, agora. Garanto que não há perigo. Contudo, deixem primeiro que meu companheiro se refaça, se retempere, porque o esforço de concentração não é sopa não, esgota. A mente, o esforço mental, esgota mais do que o físico. Vou dar-lhe uma beberagem. Música, enquanto isto delicie-nos um pouco com sua música celestial, maestro. Ah, mas só temos água, como é possível, logo vi que este meu secretário aqui da direita era um salafrário e beberrão de marca maior. Que fizeste do vinho que aqui estava, por que cambaleias? Bebeste-o! Todo ele. Não faz mal, vai ali me trazer uma garrafa limpa, vazia. Vou ver se

dou um jeito. Se não, estás frito. Começa logo a te preparar, não adianta tremer, nada de choramingas, o melhor é ficar rezando pra dar certo. Como os senhores estão vendo é uma garrafa comum, boca larga, vazia, esverdeada. Meto esta vareta lá dentro para que vejam como não há truque. Agora viro a garrafa, que por sinal foi conseguida com a nossa boa amiga, a dona da pensão. Sem nada dentro. Agora, esta água que veio também da casa de dona Júlia — e se não é boa, afirmo e provo que parte alguma da culpa me toca. Eis ali a culpada. Mas é boa, límpida, cristalina, incolor e inodora, pura H2O. Encher a garrafa, arrolhar, sacudir um pouco, dizer as palavras abracadabrantes de praxe, soprar o espírito do vinho por sobre a rolha, desarrolhar, um copo, eis aqui um copo, branco e limpo, pronto, quem quer provar o vinho antes de que meu companheiro beba, garanto ser ótimo reconfortante, ninguém quer, há mais e faz-se mais, estão com medo, não me digam, eis aí, tomo eu, vinho de primeira, fabricação especial, particular, tem a vantagem de não pagar selo, feito instantaneamente e de preço convidativo. Retempera as forças, engorda e faz crescer, ressuscita os mortos e mata os vivos. Secretário, rápido, leve um copo para o meu companheiro, mas não o tome você. Bebeu... bebeu... e agora prontos para continuar. Quem se apresenta? Ninguém, ninguém...

Silêncio. Muitos com vontade de experimentar, nenhum com coragem. Dúvida. E se fosse verdade? Bobagem, que verdade! Mas há tanta coisa que a gente ignora, desconhece!

"Não há mais coisa entre o céu e a terra do que o sabe a nossa..."

Antes que possam pensar mais moço-moreno-de-fora muda o programa. Fala, fala, fala. Agora relata casos, um tanto humorísticos, um tanto picantes; depois tenta uma cena de hipnotismo, mas a pessoa não "colabora", e sem colaboração nada é possível.

IX

Com mais um pouco foi encerrado o espetáculo. Já passava das onze. Logo todos foram dormir, comentando as maravilhas da noite, aquele dia tão cheio de emoções. Todos dormir, não, alguns foram acompanhar a "turma" que ia fazer uma serenata. Outros deitaram-se logo, tinham que levantar cedo, iriam no dia seguinte a são Miguel, onde se realizaria a festa do padroeiro da localidade, a mais importante do ano e uma das mais concorridas da redondeza. Tal festa, de início, certamente, era uma espécie de agradecimento da população à divindade pela farta safra de peixe. Que mesmo teria vindo com os primeiros imigrantes. Os santos eram conduzidos às costas, em romaria, até a beira-mar, para que abençoassem e propiciassem outros anos semelhantes. Isso no começo. Agora não, agora era festa pura e simplesmente, se bem que mantendo a tradição do passado, alguns costumes, algumas rezas, o pagamento de promessas. Muito tempo antes da festa começavam os preparativos. Comprar roupa nova, reformar as antigas, alugar as lanchas, formar os grupos, guardar um pouco de dinheiro, pois afinal é preciso a gente se divertir, não só se matar no trabalho, porque, em última instância, "o que a gente leva desta vida é a vida que a gente leva". Nunca esquecendo de mandar

preparar as velas para pagar as promessas, agradecer aos santos pelos pedidos, atendidos ou não, recomendar-se para as futuras dificuldades, para a luta com o mau tempo e a luta com os homens.

X

Soldado Laurindo, Rubens-mulherzinha e seu cavaquinho grudado ao peito, Dultávio que, afinal, agora que era para a farra, aparecera com sua gaita, Godofredo, os dois artistas, velho marinheiro com suas intermináveis histórias, sempre pronto a acompanhar tudo, desde que houvesse possibilidade de aparecer cachaça, Severino, que pouco parava em casa, com um desgosto a roê-lo por dentro, ficaram para uma serenata. Juntaram-se logo após fechar o salão, e experimentando os instrumentos e as vozes desafinadas, levando garrafas de caninha e pedaços de linguiça e queijo, lá se foram rumo à praia.

XI

Em pouco, estirados na areia, recebendo nas faces o ar marítimo, todos cantavam e bebiam, bebiam e cantavam, engolindo nos intervalos pedaços de queijo, ou linguiça bem salgada para "matar" o efeito da bebida, e bebendo, bebendo, bebendo, para fazer desaparecer o ardume deixado na garganta pelo sal, bebendo até que alguns tombaram de bêbedos, velho marinheiro se espojando na areia, contando, com voz gosmenta, suas fantásticas histórias da vida passada a bordo, onde um décimo talvez fosse verdade, o resto simples imaginação.

Embrulhava recordações da infância com recordações de viagens, viagens dele ou de outros, dizia:

— Ah, época de pesca da pescadinha, da pescada, que antes de ser já é... Só vendo. E o cação durava todo o ano e era a nossa reserva pra estações más. Me lembro do meu pai contar que peixe miúdo como sardinha, cardoso, gordinho e outros, ninguém ligava. Camarão miúdo a gente dava pros mais pobres, nem estes queriam. Siri, só "sirrindo!... mesmo a gente. Tudo que caía na rede não era peixe, não senhor... a gente soltava os peixes pequenos, os filhotes, pra não prejudicar os anos seguintes...".

Mirava longe, rememorativo, esquecido, voltava:

"— Época da pesca da tainha era a melhor. No frio, maio, junho, julho. Os pescadores saíam na certeza de voltar depois com um lance grande, às vezes até de 10 mil. De noite, mesmo no escuro, via-se a tainha cerrar, branquear o mar, vir corrida no lombo da onda, saltitando, brilhando, fosforescente. Bonito. E as redes chegavam pejadas. A gritarada na hora de puxar, já perto da praia, todos dando uma mãozinha, ia aumentando. Palavrões, ninguém atendia ninguém, ninguém se entendia; pai xinga filho, filho xinga pai, patrão xinga empregado, empregado xinga patrão; tudo igual, só o peixe conta; correrias, montoeira de gente espiando, dando palpite, avançando mar a dentro para ajudar a recolher a rede de arrastão. Redes ao mar, cobrindo uma grande distância e que vinham chegando, chegando. E clareando a praia, as escamas refulgindo na noite, acompanhando o amanhecer, os peixes se esgotam na ânsia de voltar ao mar...".

Não tem ouvintes. Que importa? Lembrava, falando mais para si mesmo que para os desinteressados ouvintes, em busca de uma época que não volta mais:

"— Todo o inverno é bom, mas bom mesmo para a tainha é maio com frio...".

Ninguém escutava; mas babado, uma espuma pegajosa lhe escorrendo pelos cantos da bocas, pitando e pitando, ingerindo mais bebida, continuava a falar, mudando repentinamente de assunto:

"— ...tem aquela vez (continuava na história iniciada tanto tempo antes, no começo da bebedeira), tem aquela vez que... eu ia no leme... pra Recife...".

Dultávio, derreado num canto, ressonava, abraçado à gaita. Severino carregara uma garrafa e se fora, curtir as mágoas. Rubens-mulherzinha se grudara ao da-cicatriz, muito derretido, muito meloso, querendo saber como era aquela coisa das adivinhações, a solar no seu cavaquinho langorosos choros.

Moço-moreno-de-fora conversava com Godofredo, tomava informações sobre dados topográficos da vila, não tivera oportunidade de observar com mais atenção, gostaria de ter uma ideia exata para poder, lá fora, descrever aos amigos e procurar ajudar, na medida do possível. Intercaladas as informações gerais ia insinuando, aqui uma, ali outra, perguntas a respeito das casas dos de mais posses, localizações de dependências, completando assim o que viera anotando. Fingia-se muito embriagado, dava de beber a Godofredo e este ia soltando a língua. Engrolava tudo, tornou-se extremamente loquaz, depois caiu no terreno das confidências, lírico, choramingou suas mágoas e esperanças, se abraçava ao companheiro, nunca ninguém o compreendera ali, se não fosse a... e calava-se, sem dizer o resto. Agora sentia-se cair num vácuo, negro, medonho, mas delicioso. Um ardor na garganta, um ardume que só se aplacava com mais e mais álcool. E ia se abrindo ao

outro. Voava, voava — e tudo era tão bom. De repente debruçou-se, dobrou-se em dois, estômago, intestinos, saíram-lhe pela boca. Essa era a impressão que tinha. E vomitou, vomitou. Um azedume, um gosto amargo na boca. Derreado, incapaz de se mexer. Ficou estirado um longo tempo, olhando o céu lá em cima a caminhar. Tudo girava. Tentou se erguer. Cambaleou. Firmou-se no cotovelo, ergueu-se de novo, ajudado pelo moço-moreno-de-fora. Rodava, o mar parecia caminhar até ele, o céu descia, a terra se fechava querendo esmagá-lo Caiu de novo.

— Beba outro trago que ajuda a erguer o ânimo — alguém lhe disse, alguém que não conseguiu identificar. Não reconhecia ninguém.

Bebeu.

De começo se sentiu pior. Depois tudo clareou. Firmou-se nos pés, readquiriu o equilíbrio.

— Vamos andar, se parar é pior, temos que andar bastante, é o remédio.

Continuaram andando.

XII

Madrugada já, depois de tocarem diante da janela de algumas casas, reduzidos a três ou quatro, se arrastando quase, esganiçando trechos de canções, foram dormir.

Alguns haviam ficado mesmo pela praia.

XIII

E na vila que dormia, velava "seu" Demerval, insone, sumamente preocupado com o desenrolar dos acontecimentos. Que lhe poderia acontecer, que fariam

os homens, que faria Lola? Levantou-se, andou, foi a cozinha beber água, saiu para urinar, fazia uma noite calma, entrou, estirou-se na cama, virando e revirando de um lado para outro, enquanto a mulher dormia. Só bem tarde conseguiu adormecer. Para logo ser acordado pelo despertador que o chamava, avisando-o que era hora de se preparar, ir à festa de São Miguel.

Na casa de Manuel a mulher gemia, nas dores do parto, o marido correndo para chamar a velha parteira; e na casa de Lucas, preocupados com a doença do menino, todos velavam.

XIV

Os dois artistas tramavam e faziam conta do tempo. Tudo teria que ser medido com precisão. Os minutos, os segundos, eram preciosos. Qualquer atraso lhes poderia ser fatal. Desta vez não teriam a sorte da anterior. Cuidassem bem, armassem bem o plano. Depois de ligeira discussão, tendo tudo concluído, saíram a andar, procurando vencer a madrugada que se anunciava. Sabiam não poder tirar grande proveito da empreitada, nem a mesma lhes agradava. Mas não tinham escolha possível. Precisavam, e era o único meio. Caso contrário ficariam por ali, sem chance, sem esperança. Urgia trabalhar.

E começaram.

6
Domingo

I

Às cinco e meia da manhã, uma lancha, a maior delas, devia deixar Ganchos, rumo a São Miguel. Desde cinco horas os primeiros interessados demandavam a praia, sentando-se à espera dos demais.

"Seu" Jango, proprietário da lancha e patrão, ainda não chegara. Mas não se fez demorar. Logo os mastros foram içados, com as velas encolhidas, os remos colocados nos seu lugares. No leme iria "seu" Jango; para ajudar nos remos, na largada e chegada, e durante a viagem caso houvesse necessidade por falta de bom vento, alguns homens, em troca da passagem. E sentados em todos os cantos, uma trintena de homens e mulheres aguardavam a largada. Era mínimo o número dos que iam à festa este ano. Havia ano em que metade da população, ou mais se locomovia. Mas agora as coisas andavam más.

Preparavam a largada, tendo dado meia hora de tolerância para os dois artistas de fora que eram os únicos a faltar, pessoas principiavam a resmungar e "seu" Jango ia mandando que desatracassem, quando os dois retardatários assomaram, afobados, as corridas, com as maletas a pesar muito. De longe acenaram, correram mais, de um salto galgaram o tombadilho, respiraram fundo, aliviados. "Seu" Demerval, solícito, tomara as malas e as colocava num canto. Mas o da cicatriz, mais que depres-

sa, sentou-se sobre elas. Enquanto isso moço-moreno-de--fora pedia desculpas pelo atraso justificando-se com a serenata, quase não haviam dormido — e culpava a farra, a tentação da noite amena, olhando para a professora com um olhar humilde e submisso, ao mesmo tempo interrogador. Sentado ao lado dela, fazia um gesto largo abrindo os braços, como a pedir compreensão e perdão para as fraquezas humanas, mas também pedindo explicação. Ela sorriu.

Estava progressivamente aumentando o clarear, logo seria dia completo, quando, enfim, seis horas passadas, seguidos com os olhos pelos que ficavam, foi dada a largada.

Foram remando, os remos chapinhavam na água para ajudar a saída, até se afastarem, perto de "Ilhota", onde soltaram as velas. Um vento suave, vindo do norte, enfunava as velas, impelia a lancha mais para fora, para mar alto. Na água ainda um momento semiempretecida, tendendo para um verde azulado, a quilha deixava uma réstia de espuma muito alva, que logo voltava a se fechar, tão logo passava a lancha. Singravam mar calmo. Lá longe o sol nascia de sob as águas. Agora a lancha fazia uma curva, passando pela "Ilhota", deixando-a para trás, depois, bruscamente, tomava velocidade, auxiliada por rajadas cada vez mais fortes, os remos foram em definitivo largados num canto, só seriam, dali por diante, usado numa emergência. Em pouco não enxergavam nada da praia, os vultos que ainda agora eram grandes, normais, logo diminuíam, mal eram entrevisto, sumiam por inteiro. Nesse caminhar em menos de duas horas atingiriam São Miguel. Ilhota, Ponta das Lajes, Ilha Grande, tudo ficara para trás, recuara.

Da terra, também, quase não mais se divisava o vulto fugidio da lancha; apenas a ponta dos mastros, a vela branqueando que nem gaivota. Quando Godofredo chegou a lancha havia partido. Mal e mal reconhecera a namorada, entrevira-a rodeada de pessoas, o vestido claro e novo se destacando entre roupas escuras das pessoas mais idosas. Aborreceu-se por ter dormido mais do que esperara, bêbedo. Que fazer? Não imaginava, nem sonhara, em beber daquela maneira. Mas a insistência dos artistas, a mágoa por não poder ir à festa, isso de começo, depois o sentir-se leve, eufórico, por fim o mal-estar, fizeram-no beber. Sentia, ainda, um travo amargo na boca, um vazio no estômago. Vomitara ao acordar, não estava melhor. E que resolveria ter chegado mais cedo? Melhor assim. Bem sabia ser absurda a esperança de não ver Lurdes na lancha.

Sentada ao lado da mãe, Lurdes espera a chegada do moço, quem sabe se... Vira com tristeza a lancha partir. Ainda notou quando namorado aparecera, mas embora também ele a tivesse visto, não se fizeram o menor sinal Amuados.

Seria um dia tristonho e longo, pensou Godofredo. Além de ficar ali sem ter o que fazer, nem com quem conversar, imaginava a namorada na festa, de começo ainda talvez pensando nele, quem sabe se aborrecendo um pouco por não o ver presente, mas logo correndo as barracas coloridas, dançando com outros, ouvindo confidências e sabe-se lá que convites murmurados ao ouvido, colada a outros homens. Não, não podia, não a queria imaginar assim. Colada a outros homens. Um ciúme doentio, aquela antevisão, doeu-lhe fundo. Certamente, bem logo

no entusiasmo da festa, se esqueceria dele. Não é verdade que as mulheres esquecem tão depressa!

Sentou-se no molhe, forçando a vista, vendo a lancha sumir no horizonte. Dali a pouco alcançaria Ilha Grande. Como corria bem. Era mesmo a lancha mais veloz da zona. E nela ia Lurdes. Lurdes. Dançar, falar com outros moços, passar um dia alegre, esfregar-se em outros. Não podia afastar a imagem da cabeça, que lhe ardia. Então ele não conhecia mulher! Bicho mais... E um ciúme doloroso voltou a invadi-lo. Martirizava-se. Procurou culpá-la, se lembrar de pequeninas brigas, de rusgas anteriores. Sempre ela a culpada, com aquele ar inocente. Bem que ela poderia, se quisesse, não ter ido, arranjar um jeitinho para ficar, uma doença, tão simples, a pessoa tem o poder da doença na mão, não tem? Adoece, pronto. Mas não, logo achou ser impossível, tinha chorado para ir, que desculpa daria ao pai para ficar, o pai podia desconfiar mais, ele não andava meio bastante desconfiado? E os irmãos, que iriam eles dizer, ela quase os forçara a ir. Enxerida, delambida, com aquele ar e aquela carinha de songamonga, não enganas mais ninguém, o trouxa aqui e que não cai noutra, quem acreditava em ti não está mais aqui.

Um ódio surdo contra a moça, contra si mesmo, contra todos, enche-lhe o peito.

Ficou olhando para o mar até muito depois de a lancha sumir-se. E se ia embora, quando foi atraído por gritos, vozes exaltadas, corre-corre abafado e confuso. Que seria? Calmamente deixou a praia, afastou-se para o canto da vila onde morava. Desinteressado. Voltava a se sentir mal, tonto, enjoado, com fortes dores de cabeça,

bem pior. Pouco andara e em direção dele vinham vários homens. Gesticulando, afobados.

— Que foi? — perguntou.

— A lancha, a lancha, já saiu?

— Saiu, é claro, não sabia a hora, deve estar quase chegando.

— Não é isto, roubo, assaltaram casas.

— Casas! O quê?

— Sim, devem ter sido os dois artistas. Por falar nisto, que horas eram quando vocês ontem deixaram eles depois da serenata? Você estava junto, não e?

— E onde? Devem não, foram os dois, quem mais então?

— Não me lembro, não sei bem, sim, estava com eles, mas penso que foram eles que deixaram a gente, não afirmo, nós tinha bebido muito e se continuou a beber um pouco, ou foi eles que continuaram e a gente saiu? Deviam ser umas duas e tanto, ou três, talvez mais, quem sabe lá...

— Onde?

— Não sei. Andamos por tudo. Perto da pensão, sim, eles deixaram a gente, me pareceu que falaram em ter que levantar cedo pra viagem... Deixa ver, não sei bem se eles dois ou só o moreno, o outro tinha ficado pra trás com o Rubens...

— Que conversaram?

— Conversaram!

— Sim, vocês, durante a farra.

— Não me lembro muito bem. Ninguém quase conversou. Tocavam, a gente bebia, o velho marinheiro, como sempre, contou histórias que não se escutou, se be-

bia outra vez. Nunca vi tanta garrafa de cachaça junta, se cantava, deixe ver se me lembro, estou com a cabeça estourando, tem uma hora que parece fiquei com um vazio na cabeça, um claro, não recordo nada; primeiro, logo que saímos, a gente estava na praia, depois foi cantar nalgumas casas, se andava... agora não me lembro de nada...

— Mas não se lembra de nada, eles não perguntavam por nada? Antes de vocês beberem ou quando não estavam muito bebidos. Faça uma forcinha.

— Assim de especial, que me lembre, não. Se falava de tudo. Deixe ver. Por que querem saber tanto? Acham mesmo que foram eles que roubaram?

— Não, fui eu. Estou aqui brincando.

— Que dúvida! Logo vi pela cara deles que eram uns golpistas, uns vigaristas. Que mais podiam ser? Procure se lembrar de alguma coisa pra ajudar a gente.

— Não, não sei, é claro que um pouco se conversava, eles contavam coisas das viagens, eta gente viajada, pelo menos assim parecia, deixe ver... a... sim é, parece que começo a me lembrar, não garanto, já devia ter bebido, tinha bebido bastante, forçado por eles, nunca bebo assim e sou fraco pra bebida, mas estava chateado da vida, e os artistas insistindo pra gente beber, deixe ver... acho que andaram perguntando sobre gentes e casas daqui, diziam que era pra mode saber e poder ajudar mais tarde, faziam uma embrulhada, ajudar famílias, abrir estradas, queriam saber das casas, dos compartimentos, não sei que quer dizer isto, penso que também falaram com outros, comigo foi o moreno, por que não se informam, sabem quem é mais, não? Velho marinheiro tem mais tarimba e não devia estar tão bêbedo, soldado Laurindo, ah, de

vez em quando um dos dois se afastava, quase sempre. O moreno, ficava mais pra trás, abraçado a um de nós, contando segredos muito amigo, o sacana, até aos beijos com Rubens-mulherzinha, o sem-vergonha andou, todo mundo se divertindo e rindo... vai ver os dois artistas rindo da gente e se fingindo de embriagados, quer ver bancamos os bobos pra eles! Só que faltava, sim senhor, tudo me sai do contrario, tem graça, bem pode ser tenham deixado a gente dizendo que iam pra casa dormir e, enquanto a turma acabava de cair no porre ou ia dormir, eles... ao menos um, me parece que um, o da cicatriz, desapareceu primeiro, não garanto... depois... roubaram muito? De quem? Como se descobriu?

— Muito... muito... Sim, pra nós é muito. Não se sabe ao certo. Como descobriram?

— Por acaso, puro acaso. Dultávio acordou na praia e não viu a gaita. Não se lembrava de nada. Procura daqui, procura dali, não encontrou. Estava tonto, de coisa alguma se recordava muito bem. Imaginou que podia ter deixado em casa, foi lá, não estava, isto ele já sabia, era só por descargo de consciência. Quem sabe se no salão, nem se lembrava de não haver aparecido, só tinha ideia do convite pra tocar; foi no salão, fechado, na casa do Melquíades, que é quem tem a chave da casa, bateu até acordar o homem, explicou, pediu pra ir olhar. Foram, conversando. É claro que não tinha nada. Melquíades esclareceu que Dultávio não tinha vindo tocar, o que deixara os artistas muito zangados com a desfeita. Aí Dultávio se lembrou, não viera porque não gostava de tocar assim, aceitara porque haviam insistido muito, mas intimamente se prometera não ir. Onde já se viu, tocar assim, o pei-

to! Insinuara um pagamento, mas os dois não se deram por achados. Isso estava bom para o Rubens, para soldado Laurindo, que tocavam por prazer; mas para ele, que vivia daquilo, que ainda não acabara de pagar a gaita... Os dois ficaram, durante a volta, matutando. Onde estaria a gaita? Mistério. Chegado em casa, antes que Dultávio se despedisse, Melquíades, quem sabe por qual motivo, se lembrou de olhar umas moedas antigas que tinha e que havia mostrado aos artistas, para saber que valor teriam. Eram moedas descobertas perto da praia, diziam há muitos anos. Tinham desaparecido. Foi aí que se lembraram: e os artistas? Sim, os artistas... quem sabe... Foram correndo até a pensão. Os artistas tinham saído para tomar a lancha para São Miguel...

— Depois...

— Neste meio tempo, sabes como é, a mulher do Melquíades escutara a conversa, a notícia correu. A dona da pensão, informada, rapidamente se encarregou de difundir, foi de casa em casa acordando as gentes e contando.

Esta conversa foi realizada aos arrancos, e como e praticamente impossível transcrevê-la na íntegra, resumimos. Primeiro, enquanto corriam para a praia, em seguida, durante a preparação da lancha que era retirada do rancho para perseguir a anterior, por fim, organizando a tripulação. Sabiam ser inútil, a perseguição, pois a lancha que lhes ia na dianteira era a melhor e mais veloz da zona, inalcançável com aquele vento e levava quase uma hora de vantagem. Já há muito atravessara a Ilha Grande (15 minutos com bom vento). Deviam estar atravessando pela Ilha das Palmas e, talvez, com este vento, não tar-

dassem a atingir a pedra chamada "Trinta Réis". Mesmo assim sairiam em pós. Em último caso talvez chegassem a São Miguel antes que aqueles rufiões houvessem sumido. Se o vento parasse, a lancha abarrotada como ia, teria a marcha muito retardada. Com a deles quase vazia, a vela a todo pano e auxiliada pelos remos... Vaga esperança! O vento não prometia amainar, pelo contrário. E mesmo que chegassem a tempo, isto é, com os artistas acabando de desembarcar? Difícil, dificílimo que não escapassem. Com a festa deviam ser inúmeros e constantes os transportes demandando São Miguel, de outros municípios, mal chegando e voltando para pegar nova leva de passageiros. Mal chegados os dois artistas tratariam de se safar. Tudo perdido. Que fazer? Dar um sinal qualquer para a lancha da frente parar não parecia possível.

Formou-se logo a tripulação, ali mesmo, pois enquanto uns se preparavam outros foram aparecendo, trazendo notícias alarmantes e com certeza exageradas.

Partiram.

Godofredo aproveitou e seguiu junto.

Remaram, as velas foram içadas, o vento agitou-as brandamente, depois se abriram, inflaram, os remos, velozes, rítmicos, ajudando, chapinhavam a água azulada, a lancha tomou, com velocidade, o rumo seguido pela outra.

Iam bem, numa boa marcha, pouco mais poderiam fazer — e isso os angustiava. Parecia-lhes que não caminhavam, que estavam recuando. Mera impressão. Deixaram de divisar a praia que fervilhava de pessoas, de opiniões contraditórias; atravessaram o primeiro sinal, o segundo. Ao alcançarem a pedra, Severino deu a pia-

da tão velha quanto a própria vila: — "tudo sobe na vila, menos a Trinta Réis. Quem tem azar é assim mesmo; até parece caveira de burro enterrada, precisamos mandar benzer, se não, não tem jeito não...".

Muito vermelho, zangadíssimo, Lola punha em perigo a tripulação, não parando quieto, a caminhar de um para outro lado. Via seu prestígio perigar com aquilo, sempre previra tudo, como se deixara ludibriar, não mandara observar aqueles dois. Mas com a atenção toda voltada para outras preocupações, para o caso com os barcos, acabara quase se esquecendo dos dois. Quanto a "seu" Demerval, não se podia contar com ele. Lola via que as coisas estavam lhe escorrendo por entre os dedos, que ele pudesse fazer nada. Cada miudeza daquela, aparentemente sem maior importância, vinha contribuir, no fundo, para formar o todo que o destruiria. A lancha balançava doidamente, os homens se esforçavam por manter um equilíbrio precário, sendo preciso estarem atentos para contrabalançar as manobras do Lola. Este não prestava atenção a nada. Alucinado, obstinado. Agora a lancha ameaçava virar, tombada para um lado. No leme, Melquíades fez uma manobra rápida e precisa, secundado pelos homens dos remos, todos, respiraram com alívio. E meio corpo de Lola pendia para fora, enquanto ele gesticulava e prometia vingança, mil castigos. Ficou mais furioso com a piada, proferida, a seu ver, em hora tão imprópria e onde lobrigou pérfidas insinuações. Bem que ele nunca topara muito a cara daquele tal de Severino. Metido a espertinho. Fosse se olhar num espelho pra ver o que lhe estava nascendo na cara, fosse cuidar da mulher.

Os outros não sabiam a que atribuir a zanga do Lola. Verdade que não perdera, aparentemente, nada. Mas que sabiam de perdas os demais?

E mudando o rumo dos pensamentos, culpava "seu" Demerval, uma nulidade, que nada fazia, com aquelas banhas de porco; culpava soldado Laurindo, um malandrinho de marca maior, não é que agora os outros remam e ele se diverte? Não é que ainda por cima, sem um pingo de responsabilidade, passara a noite na farra, se embriagando com os larápios, e agora vinha todo pachola pronto para improvisar quadras entorno do caso! Que autoridade. E ei-lo ali a bocejar, a rir-se, a tecer comentários jocosos, desviando mesmo a atenção dos outros.

Lola pensava assim também para não se culpar de ter dado confiança àqueles dois, inclusive aceitando tacitamente quando "seu" Demerval convidara o moreno para ajudar no caso das redes. Bem que ele poderia ter impugnado, pedido alguém dali. Voltava a atirar a culpa para cima de "seu" Demerval, de soldado Laurindo, se defendendo, a dizer-se que não era a autoridade, esquecido das vezes e vezes sem conta em que interferia, mais do que interferira, mandara. Doía-lhe a consciência. Verdadeiramente andava de urucubaca. Pesado Era "coisa feita". Nada dava certo. Vai ver Severino tinha razão. Precisava mandar desfazer a mandinga. A velha africana não servia mais, estava caducando, perdendo a força. Vê só "seu" Demerval, enquanto ela o protegia nada lhe acontecera, tinha o corpo fechado. De uns tempos para cá, o coitado do homem era aquilo que se via. É, vamos apelar pra outra banda. Rezas, esconjuros, um defumatório. Chegado em casa mandaria chamar Ti Adão. Ou daria um pulo até

lá, já que ia estar tão perto, de São Miguel era um passo. Não! Melhor mandar chamar a Ganchos. Ou quem sabe não seria mais certo desta vez combinar com o manco "seu" Cardozo que afirmavam ter mais força, de quem contavam verdadeiros milagres? "Seu" Cardozo cobrava caro, esfolava, mas era garantido. "Que adianta eu fazer por caridade, se com isto tudo fica na mesma; o médico quanto melhor, mais caro!" — dizia. Lola tinha diversos conhecidos que se haviam, inclusive, livrado de mau olhado crônico, mau olhado resistente mesmo aos mais fortes exorcismos de Ti Adão. "Seu" Cardozo, com uma única consulta, numa única sessão, dera um jeito. Nem fora necessária a vinda do homem, nem que ele visse a pessoa. Apenas lhe transmitiam os dados e "seu" Cardozo fez o "serviço" direitinho. "Seu" Cardozo, ao contrário de Ti Adão, não tinha escrúpulos. Trabalho para ele era trabalho. Qualquer que fosse. Topava qualquer parada. Por dinheiro, quando contratado, fazia tudo, impessoal, indiferente ao bem ou mal que praticava. Era uma tarefa, que se esforçava por realizar o melhor possível. Para merecer o dinheiro ganho. Ti Adão tradicionalista e antiquado, tinha "manias", tinha dias para trabalhar, escolhia serviço, não trabalhava para o mal. Não aceitava dinheiro, só presentes querendo apenas fazer o bem, ajudar seu semelhante, condenando vivamente os métodos do adversário. Para o outro era um negócio como outro qualquer; julgava-se um médico, apenas com mais poderes, os médicos não cobram pra curar, pra operar? Ele cobrava mais barato. Se não curava, paciência, tinha feito o possível, não ia por isto deixar de receber o seu rico dinheirinho. Merecera-o, não!

"Seu" Cardozo, mestiço acobreado, mistura de índio e português, quem sabe algum sangue negro pelo lado materno, moço ainda, bem conservado. Trintão, quarentão, cinquentão — sabia-se lá! Idade indefinível é que era a verdade. Robusto, tendendo para gordo, forte como um touro, de estatura mediana, fala grossa, engrolada, monocórdica, usando uma terminologia confusa e complicada. Sem emoção alguma, impessoal, a voz escorria, saía-lhe numa cadência igual, rio sempre tranquilo. Não se alterava. Falava pouco. O necessário. Traquejado, prático, preciso, objetivo, com ele não havia chove-mas-não-molha. Com ele não havia perder tempo. Com ele, pedra-pedra, pau-pau. Viajava sempre numa carrocinha — ou seria mais exato dizer "aranha"? — de um cavalo só, um cavalo tordilho, gordo, reluzente. Na carrocinha levava suas bugigangas, seus remédios, preparava suas mesinhas, etc. Tinha fama, o homem. Adquirira-a com a velocidade de um relâmpago. Com a diferença que riscara o céu, e ficara. Estava desbancando Ti Adão. Desbancando não, não é verdade, diga-se o termo preciso. Igualando-se a Ti Adão em fama, se bem que sob outro ângulo. As pessoas prefeririam tratar com Ti Adão, mas estavam confiando mais em "seu" Cardozo. Aquela distância, aquele jeito, aquele aparato, impressionavam. Mas voltavam às vezes a Ti Adão. Também pudera! Desbancar Ti Adão! Ti Adão vinha de um tradição secular, era quase uma legenda e um legado. Netos, filhos, pais, avos, bisavós, mesmo antes, se vivessem gentes de antes, se lembrariam dele, diriam tê-lo conhecido sempre assim, sempre igual afirmariam ter sido atendidas por ele. E que antes deles já outros diziam o mesmo. Alguns julgavam-no imortal. Ti Adão vinha de

idades imemoriais, ignotas. Não mudava, pessoas se recordavam de o ter conhecido desde quando crianças e de não se lembrarem de observar uma mudança sequer durante estes longos anos, uma ruga a mais, um novo cabelo branco, um pouco mais abaulada a corcunda.

Talvez tivesse nascido assim, provindo de uma espécie diferente da nossa. Era respeitado, admirado, consultado.

Mas não havia como negar o poder, a influência de "seu" Cardozo. Sim, terminava Lola, desta vez recorreria a ele.

E a lancha ia comendo os espaços.

No outro canto discutiam, relacionando o número dos que haviam sido assaltados e de que se sabia. Certamente outros mais apareceriam. O despropósito começava a se alastrar. Impossível seria aos dois artistas estarem ao mesmo tempo em tantos lugares diferentes. Um sentia falta de um objeto. Primeiro procurara pensando que devia estar em outra parte, mas sem encontrar e, ou observara, durante a procura, falta de outra coisa ou ficara matutando e fora consultar o vizinho, saber se havia emprestado. Outro sentira falta de um dinheiro e não podia se lembrar de onde e em que o gastara, perguntou à mulher e filhos, mas nada de esclarecer o mistério. Assim com dois ou três, que logo se comunicaram, estranhando o fato. Isso levara tempo, quase uma hora, até todos descobrirem que a fonte de inquietação era uma só, a notícia divulgada do roubo praticado pelos artistas. E o boato correra.

Se ali na lancha a coisa já adquirira tal vulto a ponto de todos se considerarem atingidos, imagine-se na vila. Devia lavrar o pânico.

"— E "seu" Jango?" — voltava a pensar Lola, contemplando o velho. "Eles". Um dinheiro guardado para pagar a prestação do espinhel novo sumira. De dentro da casa. Junto ao quarto onde dormia o casal. Não havia outra explicação se não que os dois artistas esperaram por ali a saída da família para tomar a lancha e invadiram a casa. Os vizinhos encontraram a casa aberta, e a gaveta onde se supunha estar o dinheiro, arrombada. "Seu" Jango ainda não sabia. Coitado! Só o velho pai que, mais alucinado depois de se inteirar da história, vai ali encolhido num canto, fez questão de vir, mastigando palavras, engrolando ininteligíveis sons. Com esforço Lola percebe ou julga perceber um trecho:

— "...e como... como puderam descobrir onde estava o dinheiro... tá mal contada a história... ha, Jango, ainda me matas... como foi?... me diz aqui por que vocês não atende...".

No leme vai Melquíades, talvez um dos mais lesados, lamentando suas moedas. Junto dele Dultávio, chorando sua gaita novinha em folha.

— Como puderam saber onde eu tinha aquelas moedas, não mostrei o lugar pra eles, tive o cuidado, só levei as moedas pra eles ver... se interroga um.

— Minha gaita, tão nova, também quem me mandou se besta, beber assim, bem-feito! — exclama o outro.

Os parceiros, por perto, não sabem o que responder.

— Se às vezes passava fome pra não tocar nelas; me parece que adivinharam, como é que foram lá falar em moedas, me provocar... — a voz se some na garganta, num soluço.

"— O sacrifício que passei pra mode de comprar a gaita..." — a voz se some na garganta, num soluço.

Conduzida por mão firme, que distende ou alarga as velas, que controla o leme, a lancha singra as águas sempre com velocidade maior, como atendendo ao apelo dos homens.

Somente Godofredo, quase adormecido ao balanço das ondas, vai feliz. Sempre as coisas se resolvem, raciocina ele, olhando para os companheiros. É preciso a gente não se afobar, ter calma e aguardar o momento propício. Quase, com a afobação, com os nervos, ia perdendo a chance, me deixando arrastar.

Não pensa nos outros, esqueceu o motivo pelo qual a lancha largou. Sabe que vai encontrar Lurdes e isto lhe basta. Num egoísmo inconsciente de jovem feliz, deixa-se levar pelos acontecimentos, imaginando o dia que irá ter. E continuando o pensamento interrompido: "Não há nada tão mau que não tenha algo de bom. Precisamos buscá-lo, descobri-lo. Verso e reverso da medalha". Mentalmente, antes de adormecer agradece aos dois espertalhões que só assim lhe propiciaram esta chance, permitindo-lhe que vá ter junto a Lurdes. Tem, ao adormecer, um sonho que o faz sorrir de leve: Lurdes e ele marchando unidos por uma larga estrada, amparados, protegidos por da-cicatriz, enquanto moço-moreno-de-fora os abençoa. Então Godofredo, de cuecas, as pernas cabeludas à mostra, vira-se para a multidão que quer alcançar o padre antes de concluída a cerimônia, faz um gesto mágico impedindo o povo de continuar, todos param, imobilizados. Ele diz, com voz possante, que atravessa a multidão.

"— Que há de mais belo do que o encontro e a felicidade de dois jovens que se amam? Contribuir para isto é uma atividade meritória, um ato merecedor de aplausos e recompensas. Vamos portanto recompensar estes amigos...".

Um estrondo e ele acorda sem terminar. É Lola que o chama para que substitua Melquíades ao leme, enquanto este vai revesar com um dos remadores.

Soldado Laurindo ronca, feliz.

II

Na outra lancha todos riem e conversam.

Apenas, nervosos, os dois artistas, alheios a animação geral, de vez em quando distendem os olhos mar em fora, temendo ver surgir algo desagradável.

Ninguém nota. Moço-moreno-de-fora pergunta se falta muito para chegar. Como não lhe respondem, insiste.

— Não, com este andar dentro de mais meia hora, no máximo, estamos lá.

— Ainda bem, nunca me acertei com viagens por mar. Me sinto amarrado, preso.

— Ah, é como eu, fico logo tonta — diz mais que ligeiro a professora.

— Mas uma viagenzinha destas! — comenta "seu" Jango.

— Bobagem! — gargalha "seu" Demerval, as banhas pendendo, querendo largar-se lancha afora.

— Desde que entro mar a dentro, pronto, me vem a sensação desagradável. E não é uma nem duas viagens,

são muitas as que tenho feito, sempre o mesmo — esclarece o moço.

— Eu também, eu também, nunca vi alergia assim — se apressa a professora, repetindo uma lição bem aprendida, sorrindo toda derreada, derretida. Faz uma pausa, lança um longo olhar pleno de carícia para o homem, chega-se mais para perto, como os dois se compreendem, foram feitos um para o outro, vejam as afinidades existentes. Conclui:

— Prefiro, apesar de toda a ruindade da estrada, viajar por terra. E notem que nasci quase à beira-mar. Só hoje me decidi a viajar por mar.

A declaração é implícita. Ela e o moço voltam a se olhar, se tutelam.

— Me diga uma coisa, me explique aquele truque de ontem — vem tirá-los do enleio "seu" Demerval.

— Qual? — quer saber o moço.

— Aquele um, do relógio.

— Ou o um da adivinhação? — interpõe "seu" Jango.

— Que adivinhação? — interroga da-cicatriz.

— Não diga, por favor, nunca diga adivinhação diante dele, ele não compreende estas coisas assim esclarece o moço moreno.

— Mas...

— É ciência, nada de adivinhação.

— Desculpe, mas o que nos importa e nós explicar....

— Não é nada. Só que não posso explicar. O segredo não é meu, e meu companheiro não tem autorização para explicar, ela fez uma promessa quando esteve estudando, só os pertencentes à seita podem penetrar nos mistérios da clarividência.

— E o do relógio insiste "seu" Demerval. E puxa o relógio, exibindo-o.

— Este é um truque simples. Só exige habilidade, prática. É um jogo com as mãos. Prestidigitação. A mão mais rápida do que a vista. Quando os senhores estão vendo eu colocar o relógio — ou qualquer outro objeto, no papel, ele já não está mais ali, pois enquanto eu ia falando para atrair a atenção, enquanto fazia aqueles malabarismos manuais, assim, o relógio já tinha sido substituído por outro objeto que eu trazia comigo e que tirara do bolso. O resto é simples, da mesma maneira como é simples a descoberta do objeto em qualquer parte, pois a verdade é que ele está sempre aqui na manga do paletó.

Todos estão presos à palavra do moço, que, repentinamente, num passe mágico, puxa do bolso um dos brincos da professora.

Só Lurdes é que não escuta. Emoções contraditórias se entrechocam dentro dela. E um tanto de remorso também. Porque, pensando com isenção, vê que se desejasse de verdade, poderia ter ficado em Ganchos. Há muito esperava pela festa. Ficou indecisa entre o vir e o não vir, quando soube que o namorado não viria. O desejo de vir acabou vencendo. Mas o não comparecimento de Godofredo a entristecia. Não deixava de ser um transtorno. Fica perturbada. "Que bom se ele estivesse presente!". Logo se livrariam da mãe, que iria se meter na igreja, a rezar o tempo todo. Não imagina que graça tem vir a festas para ficar grudada tempo todo à saia do padre. "Que pecado, meu Deus, lá está a pensar como o Godofredo, que faz pouco destas coisas de religião. Às vestes do padre". Retifica ela mais que depressa. Só ideia da mãe. O pai, com

certeza, vai se meter na barraquinha de jogo. Até pra comer é difícil retirá-lo. Os dois irmãos correrão às barracas, comprando bugigangas, se empanturrando de guloseimas, debicando as meninas, tão pequenos e já tão levados. "Por que será que os homens vão tão raramente à igreja?". Enquanto mulheres e crianças estão lá dentro ajoelhadas, batendo no peito, do lado de fora, num zumzum continuado, os homens conversam, discutem, firmam negócios. E depois é o barulho da festa. Ninguém se preocupa com a vida de ninguém. Ótimo dia para passar com Godofredo. Livre. Ela estará livre, solta. Mas ele? Que dia passará? Fica então a imaginar o que fariam. Dançar, percorrer as barracas, de mãos dadas, jogar nos cavalinhos, comer doces, beber guaraná, tomar sorvete, consultar aqueles papeizinhos da sorte, ou quem sabe dar um pulo e ir falar com Ti Adão. Ah, mas agora falam que "seu" Cardozo deixa Ti Adão num chinelo. Godofredo não acredita, diz que tudo é bobagem. Mas ela sabe que não. "Seu" Cardozo surgiu de repente, diz que fazendo lindos milagres, de espantar. Moço até, quarenta anos, vivia percorrendo o interior, com sua aranha cheia de remédios. Não havia médico no mundo que soubesse a metade dele. Tem o caso daquele doente desenganado que ele curou em menos de um mês. Quem sabe se "seu" Cardozo não andaria por são Miguel e daria uma jeito no caso dela com Godofredo! Mas diz que ele cobra muito. Cadê dinheiro? Agora se é mesmo bom assim, vale. Até gente que nada conseguira, não só com Ti Adão, mas também com Jacinto Silva, de Pagará, falava no poder de "seu" Cardozo. Tiro e queda. Bem.

— Que que há, Lurdes, parece até que tu viu passarinho verde?

— Nada, mãe, pensando.

— Sim senhora, vejam só, pensando, que importante, vai ver temos doutora em casa, sem saber de nada. Pensando.

A essa tirada do pai uma gargalhada geral atravessa a lancha, vara de lado a lado, extravasa para fora, repercutindo pelo mar e sendo levada para longe pelo vento.

Sentiu-se enrubescer. Quis retrucar. Achou inútil. Ademais uma conversa qualquer se generalizava e não lhe prestavam mais atenção. Depois, São Miguel estava próxima. Sua praia desuniforme, pedregosa, recortava-se qual cartão postal colorido por mau pintor, estendia-se a perder de vista. Em pouco, árvores, pedras enormes, minúsculas casas brancas, a igreja, se tornavam mais perceptíveis, se individualizavam, destacando-se do conjunto. No mar, sujeira, detritos, pedaços de madeirame, um gato morto, boiavam. E podia-se perceber, um tanto abaixo dos peixes, o fundo limoso e esverdeado do mar. Pássaros voando sobre a lancha, gaivotas muito brancas soltando gritos estridentes, de asas paradas, móveis no ar e que de repente desciam rápido em "pique", fisgando o peixe esquivo.

III

Breve as casas cresceram, esparramaram-se, velhas e feias. A brancura entrevista à distância era ilusória, com a proximidade sumiu, dando lugar a uma cor terrosa, indefinida, que talvez há muito tivesse sido branca.

A lancha atracou. O movimento, podia-se notar, era intenso. Ônibus, caminhões, carroças, cavalos, bicicletas,

um pouco distantes da praia, atravancavam a passagem, espalhados por todos os recantos. O número de lanchas também não era pequeno. Uma multidão heterogênea e compacta se locomovia por entre barracas armadas na praça, perto da igreja, numa descida; quiosques para a venda de prendas, doces, bebidas; casas improvisadas em restaurante ou salão de baile. A igreja, um pouco no alto, enfeitada com bandeirolas multicoloridas, recém-pintada, branquejava, esplendendo ao sol faiscante. Gente entrando e saindo. Apesar da hora, grande era o movimento por toda a parte e que, gradativamente, aumentava. Prometia mesmo, se o tempo continuasse firme, avolumar-se bastante com o correr do dia e a festa se transformar num sucesso. E o calor aumentava também. Logo todos procuravam como melhor se acomodar, a sombra das barracas atopetadas, nas casas, na igreja. Mas depois, com o decorrer do dia, com a animação, esquecer-se-iam do calor. E cada qual trataria de se divertir a seu modo, aproveitar até o máximo esse dia tão raro em suas vidas.

A segunda missa ia em meio. O padre, numa voz esganiçada, fazia a prédica. Os ouvintes cochilavam. Um cheiro forte e acre de incenso subia para a nave, descia, penetrava as pessoas, intoxicando-as; também pela nave um tímido raio de sol se filtrava, acompanhando o incenso na sua volta. Suor, sarro, perfumes baratos se misturavam, para formar um ambiente carregado, vagamente mistico, vagamente enjoativo.

O padre, sujeito baixo de estatura, gordo, o que o tornava mais baixo, com uma pança descomunal, pescoço taurino e uma voz fininha, levemente feminil, assexuada, que contrastava com o seu todo, verdadeiro padre

de caricatura, a batina parecendo um saco enfiado no corpo, tinha o estranho tique de mastigar constantemente o lábio inferior. Gesticulava muito, falando largamente do céu e do inferno, com uma voz que procurava tornar ameaçadora, invectivando os presentes, conjurando-os a que se penitenciassem de suas culpas, provocando-os com o dedo curto e grosso em riste, um dedo roliço e rosado, investindo contra eles, prometendo recompensas inenarráveis aos crentes e mil castigos divinos aos faltosos, que penariam para a eternidade nos fogos do inferno, se cuidassem, pregando ao mesmo tempo a bondade, a caridade, a humildade, a servidão, a pobreza e simplicidade, o perdão das faltas, o abandono dos vãos desejos terrenais e o ascetismo. E de sua voz, de suas mãos erguidas, de seus olhos rubros e faiscantes, injetados, de todo o seu ser pareciam desprender-se chispas, erguerem-se as chamas eternas para onde seriam conduzidos e penariam *per secula*, os descrentes e ateus. Terminou, arfava, enxugou o rosto suado com um grande lenço que apareceu em suas mãos por artes de magia. As pessoas se ajoelhavam, passaram a cochichar, recomeçaram as rezas. As vozes subiam, desiguais, fervorosas, crentes, trepavam pela nave, foram à cúpula, atravessaram a igreja, se projetaram para além, céu em fora. Todos prostrados e batendo no peito, declamando o seu "mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa...". Depois o refrão, *ora pro nobis*, repetido, monotonamente repetido, prolongado, distendido, numa cantilena atordoante.

Muitos, mal saídos dali, iam com a mesma fé, e talvez maior devoção e esperança, receber a benção e os conselhos de Ti Adão, os remédios do novo mensageiro

divino, "seu" Cardozo, ou as benzeduras e mezinhas de Jacinto Silva, de Pagará.

A crença nelas era toda particular, sem contextura metafísica, feita muito de fetichismo, pouco complexa, primária, adaptada de uma série de outras. Não lhes importava a que, ou para quem, iriam orar. Queriam era acreditar, orar, confiar em alguém, confiar-se a alguém, a alguém endereçar suas preces e mágoas. Queriam, quando se sentiam mal, quer seja doentes ou tristes, cansados ou famintos, poder rezar, aliviar-se. Isto os reconfortava. Tinham fé, uma fé ingênua, primitiva, não contaminada. Por isso mesmo adorariam de igual modo o ar, as pedras, as árvores, o sol e a lua, os animais, o fogo. Não analisavam, sentiam. Sem maiores complicações. Nesta festa tradicional vinham agradecer particularmente pelo peixe que lhes tinha sido ofertado durante a temporada que passara, pagar suas promessas. E renovar promessas, pedir para que os deuses os protegessem, não os deixassem em falta, aumentassem a produção de peixe. Que eles aumentariam o número de velas ofertadas.

IV

São Miguel é uma vila pequeníssima. Uma vintena ou pouco mais de casas, todas coleando a orla marítima. Não tem ruas nem vielas que a penetrem. Apenas, cortando-a em duas, a estrada geral, que leva mais para diante, para os subdistritos de Tijuquinhas, de Armação e, mais distante, Canto de Ganchos.

A importância maior de São Miguel está em que é uma das mais antigas localidades de Santa Catarina. Para

lá se transportaram, em mil setecentos e tanto, colonizadores açorianos. Dizem que a localidade tem muita semelhança com várias das ilhas dos Açores, que lhe serviram de modelo. A igreja é cópia de muitas das igrejas de lá; tanto na maneira de viver, de reagir, como nos costumes e tradições mantidas, conservadas ainda hoje, se observa a profunda penetração e influência dos primeiros habitantes, que deixaram uma marca indelével na fisionomia da vila. A arquitetura, hoje quase desaparecida, conserva vestígios da arquitetura ilhoa, o que pode ser observado por uma fachada, uma janela, um torreão, um detalhe do telhado, uma ruína de talhe nitidamente açorita. Ou restos de casas com deformações e adaptações, mas onde a antiga característica se destaca e sobressai. As casas novas, não são casas, mas ranchos de madeira e palha. Foi rápida a ascensão e mais rápida a decadência da vila.

Pode-se com facilidade perceber na fala, na construção das frases, na maneira como se exprimem, na pronúncia e acentuação, no destacar certas sílabas e palavras, no trocar determinadas letras, traços bem acentuados de um linguajar ilhéu ainda agora em uso. As canções dolentes, algumas lendas para as quais não se encontram, na terra, explicações lógicas e plausíveis, as danças folclóricas, tudo vem de um passado remoto, perdido no tempo. É difícil contudo separar o puro do deturpado, dadas as intercalações, as modificações, as interpenetrações com outras culturas, como as de influência indígena ou negra.

A igreja é pequena, simples, clara, limpa, dependurada numa elevação, olhando o casario vagamente esparramado a seus pés, e desconhecendo-o. O mais é uma vendola, uma lojinha, dois ou três botecos. A pequena

casa onde funciona a escola, para onde convergem alunos de Tijuquinhas ao norte, e Prainha de Baixo, ao sul, o velho moinho que é o encanto dos visitantes da vila e onde melhor se pode admirar a harmonia de linhas das antigas construções coloniais. Colocado no meio da localidade, dividindo-a, é um marco. Mais para cima, em caminho para Tijuquinhas, algumas casas novas, de estilo indefinito, incaracterístico, numa tentativa de progresso. Para baixo, a estagnação, a antiga sede municipal tendendo a desaparecer, mas mantendo a sua linha tradicional, sem se poluir. O moinho pede que nos detenhamos um pouco, merece que nos demoremos nele. Imaginemos o quadro: aqui está a estrada para quem vai a Tijuquinhas; atravessamos o centro de São Miguel. Desolação. Chegamos ao moinho. Ao nosso lado direito fica o moinho; ao lado esquerdo uma elevação, o mato tomando conta, um pequeno riacho. Uma calha segura por duas colunas forma um arco sobre a estrada geral, onde, ao passar, o visitante ouve o murmúrio da água borbulhante, represada, atravessando para mover a engenhoca. O mover lento e suave da roda, o esparramar-se da água viva na água calma e parada, tudo lembra um tempo sumido no passado, histórias de um Brasil que não mais existe. Contam que a princípio, no tempo da escravatura, aquilo servia para os senhores fazerem trabalhar seus escravos, não havia calha e o moinho era movido pelos negros africanos. Depois os senhores construíram o muro, as calhas, as colunas, porém não para utilizá-las (para isto havia o braço escravo, resistente e barato), mas para embelezar a vivenda, para encanto dos sinhôs e das sinhás. Só mais tarde, quando veio a libertação, foi que se pensou no

aproveitamento da pequena queda d'água. À noite, dizem — e aqui lenda e realidade se entrelaçam — porque os negros escravos eram maltratados, ainda hoje, tantos anos passados, a engenhoca imóvel, cheia de poeira e mato, toma uns ares vagamente ameaçadores, com escravos gemendo açoites sibilantes, enquanto a roda ringe. Pouco se sabe do que poderia ter sido em tão "priscas eras", como disse um historiador que a descreveu, nem o que moíam continuadamente os negros escravos. Porém a lenda dos escravos moendo persiste. Mais tarde o moinho se transformou numa burguesíssima e pacata fabrica de café em pó. E hoje vive abandonado, em ruínas. A água, límpida, continua jorrando, vinda de muito longe, do mato, do morro, cascateando por sobre pedras, desemboca depois num filete, até atingir a calha, vasa por inúmeros rombos, corre, movimenta a engenhoca, depois se despenca no abismo, soluça ao cair no lado oposto, formando uma coluna de espuma, rolando por sobre pedras musgosas. Até que, mais abaixo, cai num remanso e adormece.

O mais são as palhoças dos pescadores. Iguais a todas as palhoças de pescadores, onde nada existe nem de cômodo nem de higiênico, mas tudo é precário. Uma janela ou duas, duas portas, quando muito dois ou três compartimentos, tudo de madeira coberto de palha ou zinco, em raros casos de telha, o assoalho de chão de terra batida. Em geral não há cama, mas um enxergão; não há fogão, mas um tripé onde se dependura a panela de feijão; não há mesa, como não existem cadeiras nem outros móveis, mas pedaços de tábua e caixotes adaptados às circunstâncias. Tudo improvisado, num ar de mudança, mas numa improvisação que se eterniza. E o povo vive da pesca (es-

pecialmente), de pequenas plantações de cana e mandioca, de algumas criações (porcos e galinhas), de quintais de verduras que são vendidas ou trocadas, de preferência pelas crianças, que as conduzem sobre as cabeças em grandes cestos ou balaios de vime, para Biguaçu.

Aqui não há, como em Ganchos, donos de lanchas. Cada qual tem a sua canoinha, a sua rede, com ela se aventura ao mar, mais os filhos ou alguns amigos, trabalhando de meia. Nem por isso a situação é diferente. Vão vender o peixe de porta em porta, em Biguaçu, quando e muito levam-no até Florianópolis, ou então o escalam. Tudo ainda mais primário e deficiente que em Ganchos.

Escalam o peixe que depois é acondicionado em caixas e remetido para a cidade ou vendido, de preferência, para dois ou três comerciantes em Biguaçu.

O trabalho de escala é monótono e difícil, as mulheres fazem-no cantarolando as tradicionais canções que lhes legaram seus antepassados. São canções chorosas, dolentes, cheias de "ais", nada tem de alegres ou prometedoras, nem elas as cantam porque vivam bem ou porque lhe apeteça cantar. Cantam porque a canção se tornou uma espécie de hábito, de vício, uma necessidade, uma segunda natureza nelas, uma complementação do ato de abrir o peixe, com as grandes facas afiadas, destripá-lo com arte, num talho certeiro, longo, extrair os miúdos, salgar e pôr a secar. Falam, tais canções, da pátria distante, de amores infelizes, de amigos, do mar, de vidas tristonhas, de tentar a sorte num novo país, da solidão, da ida do amigo e da falta de notícias. Com o tempo que se leva no trabalho da escalação e da salga, as mãos acabam por ficar duras, insensíveis, quando não flácidas, cheias de

rugas, com umas pelancas mais tarde caindo molemente, com talhos feios que só mais tarde vão parecer, secar, cicatrizar, deixando marcas profundas.

A vida não tem quase novidades nem surpresas. Já sabem o que esperar, o que lhes advirá. Contam só com eles mesmos, nada esperam de fora, de ninguém.

A festa do santo padroeiro da vila, São Miguel, é o mais importante acontecimento do ano. Com grande antecedência todos se preparam para ela, fazendo promessas, apelando nas dificuldades a enfrentar. É uma tradição infalível, festa conhecida e esperada com ansiedade, para ela se transportando gente de toda a circunvizinhança, até de Florianópolis. Um movimento inusitado toma conta da vila, nos dias que antecedem a festa é uma animação incomum, as pessoas se preparam, escovam e cerzem a roupa, as mulheres se sacrificam para comprar um vestido novo e aprontar os filhos para os pagamentos das promessas, todos se entusiasmam e interessam. No dia, mesmo na véspera, o trânsito fica movimentado, carros trafegam sem parar, demandando Biguaçu, Estreito, São José, Palhoça, Santo Amaro, até de mais longe, de onde trazem gente que vão descarregando em São Miguel. São levas e levas de pessoas animadas que vêm dar um dia de vida ao lugarejo. Outros carros vão e vêm diretos, de Florianópolis ou Tijucas; lotações vêm às vezes até mesmo de mais longe, de Itajaí, Blumenau, Lages, etc.

Além dessa festa há na vila as tradicionais brincadeiras de fim e princípios do ano, há o "boi de mamão", o "divino espírito santo", o "reisado", etc., mas não atraem ninguém de fora, se restringem aos habitantes locais.

No mais a vila é uma rotina só, entra semana sai semana, tudo igual.

V

Desembarcados, moço-moreno-de-fora e da-cicatriz pretextaram o que fazer, desvencilhar-se das malas, tratar do espetáculo para logo mais à noite ou amanhã; voltariam em seguida a procurar os novos e bons amigos, gostariam de passar a festa todos juntos. E sumiram.

Os demais se perderam entre a multidão, "seu" Demerval lançou-se a custo para cima, foi sentar-se à sombra de uma árvore, para descansar.

Não fazia uma hora, pouco mais de meia, da chegada da primeira lancha e a outra abicava. Saltaram todos às corridas. Lola quase despencou n'água, esbarrou em velho pai de "seu" Jango que vinha de olhos esbugalhados, sem poder pronunciar palavra, querendo, sem conseguir reclamar contra o filho que viera à festa e deixara a casa sozinha.

Tocaram-se à procura de alguém de Ganchos, quem sabe se ainda encontrariam os dois artistas. Que esperança! Bem imaginavam ser tudo baldado. Certamente a essa hora andariam longe, rindo-se deles. Quem sabe para onde teriam se encaminhado. E agora Lola se lembrava de que ninguém havia procurado se informar a respeito deles e eles mais do que prudentemente nada informaram. Se perguntados é quase certo que mentiriam. Também Lola não sabia o que estava fazendo "seu" Demerval que não cuidava de nada. Era tarde para providenciar. De meia em meia hora partiam ônibus para o sul, para

o norte. Como descobrir? E em meio aquele movimento quem iria observar dois homens de mala? Se bem que o da-cicatriz não fosse um tipo comum, Quem sabe. Um golpe de sorte. Vamos ver.

— Vamos ver. Parado é que não se consegue nada — exclamou.

A primeira pessoa que encontraram foi Ti Zé.

— Ti Zé! — chamou Lola.

— Olá, vocês por aqui, que aconteceu? Não aguentaram e resolveram cair na festa.

— Antes fosse. Muita coisa aconteceu. Viu aqueles dois artistas bandidos?

A voz de Lola vinha gritada, num acesso insopitável de raiva.

Ti Zé já se esquecera dos moços:

— Vi não. Desembarcaram e logo deixaram a gente pra ir tratar da festa que diz vão dar aqui. Ficaram de voltar logo pra se reunir com a gente. Devem de andar por aí, até me esqueci deles, nem se marcou um local pra mode se encontrar. Por que, que foi?

— Vai esperando a festa, vai. O que eles fizeram com toda a certeza foi fugir bem depressa deixando a gente com cara de pato. Mas vamos andando...

— Fugir? Por quê? Me explica o que há.

— Avançaram em algumas casas, antes de sair.

— Avan... hein, como?

— Avançando.

— Não diga.

O espanto de Ti Zé foi indescritível e era mais do que sincero — era temeroso. Logo imaginara sua casa in-

vadida, roubada; o pouco dinheiro pra pagar a duplicata, carregado, as dificuldades aumentando.

— Hein! — repetiu mais refeito, uma ideia começando a se delinear, como uma defesa, em seu cérebro, e é que a casa dele fica afastada, lá no alto. Sentiu um grande alívio, começou a se interessar pela história, querendo saber se tinham certeza, provas — ou desconfiavam.

— Não é "hein" nem meio "hein".

— Que brincadeira, Lola.

— Vai atrás que é brincadeira, vai. Onde estão os outros, onde está "seu" Demerval?

— Por aí... por... — e a voz do dono da venda perdeu-se num tremor. Os receios voltavam.— Quem sabe se... tudo é possível — pensava ele.

— Então vamos. Estamos perdendo tempo. Ah, eis ali "seu" Demerval, calmamente recostado, vamos primeiro falar com ele, afinal não deixa de ser a nossa autoridade, sempre é bom consultá-la, não é, "seu" Demerval?

"Seu" Demerval fitou-os surpreso, estranhou o tom do Lola.

— Que há? — perguntou, procurando se erguer.

— "Que há, que há", é só o que perguntam. "Que há?". Nada não.

— Melhor, se não há nada.

— Nada, só que os seus amigos artistas andaram limpando a casa da gente.

— Limpando... meus amigos artistas...

— Sim, sim...

— Que meus amigos, tão meus como de todos, que limpando, explique-se, homem!

— Acontece só que eles deram uma visita a algumas das casas, não sabemos quantas ao certo, não se esperou pra ver tudo, já se descobriu que carregaram a gaita do Dultávio, as moedas do Melquíades, o dinheiro de "seu" Jango, quem sabe mais o que. Pegamos logo a lancha pra ver se se podia fazer alguma coisa.

— Mas não puderam vir mais ligeiro, fazer um sinal?

— Vir mais ligeiro, fazer um sinal! Sim, mas ninguém quis, pra tornar a brincadeira mais gostosa. Mais ligeiro como, se vocês tinham a lancha mais veloz; que sinal, me diga?

— Agora calma, não precisa tratar a gente com este tom, não precisa agredir ninguém, não resolve, não vamos brigar, não adianta.

— Não, não vamos, mas a autoridade tem obrigação de velar pelos interesses do lugar, de tomar informações e não aceitar assim sem mais nem menos qualquer um. E...

— Eu já sabia que você vinha com esta. Mas eu podia adivinhar, sou mágico, por acaso? Me diga uma coisa, Lola, vocês não têm obrigação de colaborar, tu não...

— Mas se você mesmo convidou o moreno pra ajudar ontem.

— Ah, também mais esta. E daí? E...

— Vamos senhores, vamos — interrompia Melquíades — vamos, não se adianta nada e só estamos perdendo tempo.

— É, é, é... — diversas vozes se fizeram ouvir.

"Seu" Demerval enxugou o suor de rosto e falou:

— Bem. Então vamos. Estamos mesmo perdendo tempo, tem razão, depois se discute e quem tiver queixas a fazer que as faça. Mas que é isto, todos juntos como

uns idiotas; vamos, se espalhem, e procurem por todos os cantos, vasculhem São Miguel, perguntem a quem forem encontrado de conhecido, mesmo desconhecido, é bom descrever o da-cicatriz que chama mais a atenção, uns percorram as barracas, outros as casas, mas um vá dar primeiro uma olhadela pelos ônibus e se informar dos que saíram nesta última hora, perguntar se ninguém viu, talvez as pessoas por ali, ou alguns motoristas. Que horas temos agora?

"Seu" Demerval se põe a procurar o relógio, o famoso relógio de ontem. Não o encontra. Procura pelos bolsos, no chão, por perto, em redor. Nada. Tem certeza, se lembra de que o trouxe. Será que ficou na lancha, pode bem ter caído.

Os outros observam, curiosos, interessados na busca. Alguém se prontifica a ir investigar na lancha, ali perto. Vai, volta, abanando as mãos. Só se caiu no mar, o que é muito pouco provável.

— Será que... deixa cair "seu" Demerval.

Os homens trocam olhares coniventes, de entendimento, mas nada dizem. Com isso a tensão relaxa gradativamente.

— Será que... na lancha... — as palavras saem a custo — eles me... mas que coragem... que audácia...

— Parece, né... — vem a voz suave do Lola, muito amável e ameno, todo sorrisos.

"Seu" Demerval não responde, finge não ter escutado e berra:

— Soldado Laurindo, SOLDADO LAURINDO! Não veio, esta peste, parece que eu vi ele por aí com vocês, agora, quando vinham pra cá, onde se terá metido?

— Veio sim.

— Onde se foi o desgraçado? SOLDADO LAURINDO!

— Pronto!

— Onde estavas? Nunca estás quando se precisa de ti, és mesmo um imprestável, que fazes, hein, me diga de uma vez o que o senhor faz pra merecer o ordenado que percebe?

— Eu... "seu" Demerval, o senhor compreende, né, tinha ido ali atrás, obrigado pelas circunstâncias, o senhor sabe como é.

— Cale-se, não retruque, ainda tem coragem.

— Pronto, às ordens!

— Tome tensão, não vá se...

— "Seu" Demerval!

— Veja o que digo, cale-se, preste atenção.

— Me desculpe, "Seu" Demerval, mas tenho que responder, não me ofenda sem precisão e injustamente, não ofenda um soldado cumpridor de seus deveres e acatador das ordens superiores; sei diferenciar brincadeira de seriedade. O caso é serio, é serio, pronto. Não nego que gosto de uma farrinha, é humano. Mas quando estou em missão, estou em missão oficial, pronto, acabou-se tudo, nada me faz arredar pé das minhas obrigações, meu posto é sagrado.

E firmou-se nos dois pés, esticou o corpo, para dar maior enfase à frase.

— Rápido! Vamos por aqui, me acompanhe. Tenho que lhe falar. Vamos telegrafar pra Florianópolis, contando o caso, precisamos de um carro pra ir até Biguaçu passar o telegrama. Eu dito e você leva. Mas logo. E o restante dos senhores, que estão fazendo aí, que estão esperando,

pensam que posso fazer tudo sozinho, que posso estar ao mesmo tempo em todos os lugares; vamos, ao trabalho.

E por entre a multidão que se divertia, que procurava por um dia esquecer-se dos problemas, viam-se grupos de homens e mulheres espiando, cochichando, perquirindo. Indiferentes àquela preocupação as pessoas continuavam a se divertir, após responder rapidamente. Só um que outro, de Ganchos, depois de informado, esquecia a festa, os gritos e risos, para, uma ruga de inquietação vincando-lhe o rosto, ir atrás dos demais, preocupado com os seus parcos haveres.

Das barracas partiam os estrídulos gritos de pessoas que anunciavam a maravilha e infalibilidade de seus produtos. Descabelado, em mangas de camisa, suando muito, arfante, um homenzinho magro rebentava os pulmões, aos berros de: "— Cola-tudo-ideia-mexicano, um preparado científico feito à base de ótimos ingredientes, serve para reparar qualquer objeto, seja de madeira, de vidro, porcelana ou barro e ouso mesmo dizer até de ferro. Vejam como é simples e prático, observem, não percam a oportunidade única que lhes é oferecida, uma propaganda da fábrica desejosa de colaborar para o brilhantismo das festividades e divulgar seus produtos, três vidros pelo preço de um, somente hoje, como contribuição ímpar dos fabricantes, quem quer aproveitar, vou fazer uma experiência diante dos senhores, todos vão ver como é simples, brincadeira de criança, até uma criança de ano pode lidar com o milagroso cola-tudo-ideia-mexicano... Aquele senhor ali, quantos, isto mesmo, comprar é logo em quantidade, não perder a chance, façam o mesmo, não há chefe de família que não tenha necessidade de...

Vou lhes contar, aqui, um segredo e em primeira mão: os médicos andam estudando um meio de aproveitar o nosso produto para colar pessoas, as experiências andam adiantadas, qualquer pessoa poderá de agora em diante quebrar uma mão, uma perna, a cabeça, ou então quebrar os inimigos sem o mínimo de perigo, quebrou, está ai mesmo o cola para pôr as pessoas outras vez como novas... É tiro e queda..."

Pouco distante era um outro, com jogo de dados "—quem vai mais, a ver, a ver, quem vai mais, feito, feiiitiiinho"; enquanto na mesa ao lado "...olha o jaburu, olha o bacará, quem não arrisca não petisca, quanto mais joga mais dá...".

E debruçadas às mesas, olhos ávidos, mãos trêmulas, pessoas acompanhavam o jogo, mais arriscavam e mais davam... para o banqueiro.

Um bru-ah-ah medonho ia por tudo.

Risos, gritos, correrias, empurrões.

Godofredo logo encontrou Lurdes, conversando num grupo de rapazes e moças. Ficou a observá-la. Não quis pensar mais tempo, prolongar o martírio. Chamou-a. A moça veio, ficou espantada primeiro, sem saber como explicar a presença do namorado, deixara-o na praia, depois feliz. Godofredo contou-lhe tudo, se riram do expediente dos artistas. Saíram a andar. Perderam-se na multidão, divertiram-se. Depois se separaram um pouco e, escondidos, cada qual por seu lado, que os pais de Lurdes não vissem, se afastaram da festa e foram passear, longe do bulício, rumo ao moinho antigo.

Meio-dia quase. O sol queimando. Um vento leve sopra.

— Já tão quente — comenta alguém.

— Sim, se continuar assim vamos ter um verão de matar — adiciona um velhote de barba pontuda.

— E já viram que tempo mais maluco. Daqui a pouco pode virar tudo e dar um frio de rachar, tamanho do calor ou maior. Não temos mais tempo firme, está tudo mudado, até o tempo, o mundo anda mesmo pelo avesso — fala por sua vez um terceiro, moreno desempenado.

— E isto é mau não só pra gente, pra saúde, mas também pras plantações — era um caboclo forte, alourado, certamente de descendência alemã, o que se podia observar tanto pelo tipo físico como pelo modo de falar, pelo sotaque carregado, pronunciadamente germânico.

— E pra criações antão! — retorna o que iniciara a conversa. Tenho umas criações que não vão nada bem, é o diabo.

— O comércio também sofre! — outro se mete na conversa, moreno baixo, tendendo para gordo, cabelos pretos retintos, olhos pretos, mãos cabeludas. Como sofre o comércio.

— Tudo sofre, tudo — é um pescador que vem dar sua contribuição para o balanço da situação geral. Vai de mal a pior — adiciona. É um inferno pros pobres.

É este um tipo magricela, de meia-idade, cabelos rareando e testa ampla.

Calam-se todos, se observam por um minuto, depois continuam, a conversa se generaliza.

E daí, deste início, homens há minutos desconhecidos, partem para a discussão de uma série de pequenos problemas que os afligem. Aparentemente particulares,

pertencentes a cada um deles, no fundo entrelaçados, correlatos, com uma raiz e causa comum. Fruto de uma sociedade.

Dali, às vezes, surgiam amizades, desenvolviam-se negócios.

Grupos idênticos se formavam ao longo das barracas, estendiam-se até a praia, nas proximidades da igreja, se prolongavam casas a dentro.

Assim a festa servia de meio de contato, de aproximação entre os homens.

Grupos heterogêneos, ligados por interesses semelhantes.

Noutro bloco, afastando-se um pouco, falavam "seu" Jango e o pai.

— Mas pai, como ia a gente...

— Não cuidar, confiar, confiar, de fora, de fora, não já te disse, já disse, sempre tenho prevenido, sempre, era pra tu ter visto, cego, cego, no meu tempo, no meu tempo não havia disto não, te alembras do italiano, te alembres, te contei como corremos com ele, a gente não deixou ele... agora que vai ser de nós... fora... outra vez fora... na miséria... pedir esmolas... te preveni, não te preveni... mas não escutas teu velho pai, e, estou velho... tá louco, vocês dizem, vai atrás que tá louco.

— Calma pai, não adianta agora, se acalme, vamos dar um jeito... não foi pra gente se matar... paciência.

— Matar, isto mesmo, matar, queres me matar, paciência, pensa que sou imprestável, vais ver, vão ver todos, vais ver quem vai resolver, matar, assassinos.

— Pai, como foi que o senhor veio, quem te deixou, vamos...

— Vamos não, me deixa, me deixa, sei, sei, ganhaste? Não ganhaste, não foi com o suor do teu rosto, tinhas aqui o escravo pra trabalhar pra ti, e a pobre da tua mãe, onde está ela, me diz, hein, já tava aí tudo pronto pra tu continuar a trabalhar, não tiveste que começar de baixo por isso não tem pena do pobre pai, queria era ver só ver se tu, queria, como eu veio, tu quer ser, queria né...

— O senhor, vamos....

— Vamos não, me solta bandido, não vamos... ai... ai... ai... ai, me solta...

O velho esperneou, perdeu-se, se calou, imóvel, olhos fixos longe. Não controlava mais as ideias, sentia-se vazio, tonto, o calor sufocava-o, o suor lhe escorrendo pelo corpo deixava-lhe uma grande irritação, os nervos tensos, via homens correndo, a persegui-lo e ele sem poder se mover, montões de dinheiro rolando, se amontoando, ele desaparecendo entre o dinheiro, ora atirando às mancheias para gozar com as lutas da multidão enlouquecida, ora, gananciosamente, escondendo seu tesouro que todos cobiçavam, mas vendo-o sumir, sumir de diante de seus olhos, carregado por mãos invisíveis. Sem uma palavra ficou entre os braços do filho, inerte, parecendo muito calmo, convencido. De repente se livrou num safanão, deu um grito, saiu correndo, correndo, indiferente ao pasmo dos circunstantes. Foi se afastando, empurrando a multidão, tropeçando aqui se erguendo mais além, desnorteado, sumindo aqui surgindo ali entre pragas e gritos. Não ligava, marchava em frente.

Tivera uma ideia salvadora.

Ia ver Ti Adão. O velho africano que tudo sabia, saberia o que fazer para o acalmar, para lhe dar a paz de

espírito, para livrá-lo daquele tormento: mandinga, benzedura, amuleto, qualquer coisa, um passe mesmo, um daqueles "trabalhos" que só ele sabia fazer...

VI

Ti Adão, deitado, ronca.

É um velho muito velho, mais que cem anos, mais que cento e dez anos, talvez cento e quinze ou vinte, conforme ele afirma, embora não demonstre. Passou por tudo nestes brasis. Cabelo todo branco encarapinhado, bigode aparado, uma dentadura de fazer inveja a muito rapaz novo. E ainda robusto, trabalha, bebe, come, dança, ama, como um jovem, é doido por mulheres. Fala mansa, pausadamente. Pouco sorri, mas é um sorriso pleno, de todo ele, por inteiro, que o sacode até as menores fibras. Não nega a idade, até se orgulha. Diz: "— Negu quandu pinta tem treis veis trinta!". E ele já está mais do que pintado. O rosto cheio de rugas; quando sorri se transforma numa ruga única, que toma toda a face, destacando os lábios grossos e vermelho arroxeados e os dentes muito retos, muito brancos, muito iguais e perfeitos. Sem ser alto, é bem proporcionado. Os pés bem fincados no solo, pisando firme; o corpo musculoso, um tantito de nada encurvado; as mãos, rugosas, enormes, mãos de trabalhador braçal, cheias de calos, calos que ferem, que tem a dureza da pedra. Um aperto da mão de Ti Adão é um martírio. Anda sempre descalço, veste calça de zuarte e camisa de riscadinho, mas com quadrados bem largos.

Mal amanhece Ti Adão se ergue, vai se lavar no tanque atrás da casa, reza, mastigadamente, suas inter-

mináveis orações, enquanto vai preparando o café. Atualmente, o que é bem raro, depois da morte imprevista da última mulher, vive só. Não que não o queiram. Pelo contrário. Tão logo souberam da morte de siá Jordelina, de diversas partes se atiraram moças e velhas desejosas de se juntar ao velho. Mas Ti Adão não é nenhum trouxa de aceitar assim sem mais nem menos. Ama acima de tudo a sua liberdadezinha. E tem primeiro que ver, que estudar. Mulher é bom, mas quando dá pra ruim, pra atucanar a vida de um homem, não há quem resista. Ainda assim de vez em quando o velho dá uma saída ou alguma cabrocha o vem visitar, pois, no dizer saboroso dele, "como pode uma criatura de Deus viver assim sem estas cristãs!".

Ti Adão tem dia para tudo. Adora a sua calma como adora a sua festa. E um pouco por birra de velho, outro pouco porque nesse dia da festa muitos o procuram, não sai de casa. E então se deixa estar, estirado, à espera das consultas.

Bem antes da data da festa de São Miguel, quando malemal se pensa em ir, já se vai marcando: "— você não mesqueça de ir no Ti Adão!". Ou: "— cumpadre, se vancê fô na festa, esse ano não vô pudê, me faça um favô de chegá no Ti Adão pra mode consultá ele, pegá uma consultinha pro Zequinha que num tem jeito não; dei tudo quanto é remédio de butica mas porém não arresolve; só quem pode salvá ele é Ti Adão mais a graça de Deus Nosso Sinhô...". Um porque tem o filho doente, outros porque um negócio não deu certo, este porque a namorada o deixou e ele cada vez a ama com mais força, aquele porque quer desfazer mandinga de um desafeto "armada" por "seu" Cardozo, que está dando azar... E assim por diante.

A todos, com a mesma simplicidade e inocência, o velho africano atende.

Suas maiores forças são porém no que tange à descoberta de tesouros e no preparo de filtros amorosos. Correm mundo as lendas referentes a seus sucessos nesses dois campos. E é falar-se nisso lá vem história. Cada qual tem um caso a contar. Quase nunca acontecidos com a pessoa que conta, mas com um "amigo do meu amigo de peito". Caso líquido e certo, o mesmo que se tivesse "acontecido comigo". Tais e tais pessoas enricaram porque Ti Adão lhes indicou onde estavam enterrados panelões de ouro. Tais e tais, infelizes no amor, amando sem serem amados, recorreram ao velho e foi tiro e queda. Logo se viram correspondidos. Basta se levar uma roupa íntima da pessoa, de preferência usada, sem que tenha sido lavada.

Nem se diga, por isto, que também não cure feridas, benza, dê remédios contra infecção, dor de barriga, mau olhado, etc... Dá ainda passes. Sabe, como ninguém, tratar de verrugas. Basta, mesmo de longe, lhe mandar as indicações, e, bicho ou pessoa que tenha verrugas, com uma única reza daquelas fortes que só Ti Adão sabe, se vê logo livre. O Manel da Jordelina conta que viu, uma vez, as verrugas caindo como se fosse chuva de pedra. Foi o caso do boi barroso de "seu" Lourenço alemão. Depois, por informações de mais pessoas que haviam presenciado o caso, se veio a saber que as verrugas haviam caído no justo momento enquanto Ti Adão rezava. Por aí se vê a força das benzeduras. E então dos amuletos? Feitos com...

Mas a verdade é que na descoberta de tesouros ele e insuperável. Nem a nova maravilha, "seu" Cardozo, de

quem contam verdadeiros, espantosos milagres, presenciados por pessoas de crédito, o barra. Não se pode por no páreo a Jacinto Silva, de Pagará, porque o caminho deste é outro. Quanto a filtros mágicos, o velho africano não os reparte com ninguém. Aqui sim, as opiniões divergem, afirmando uns não chegar Ti Adão aos pés de "seu" Cardozo. Questão de pontos de vista e em ponto de vista cada qual pode ficar com o seu. Gosto é gosto e não se discute. Ti Adão, só a muito custo, e numa concessão toda especial, acede em preparar um de seus filtros, utilizando-se deles para satisfazer algum amigo do peito. Então insinuam que o que ele não tem é capacidade, por isso faz corpo mole. Preto velho sabe das insinuações, sorri, não diz nada, não retruca nem se altera. Sabe o que sabe, não se preocupando com a opinião alheia. Quanto a dar a fórmula, isso nunca! Está moralmente impedido. São segredos, que vieram da Luanda, que pertenciam, por tradição e antiguidade, à família dele, passando de geração a geração. E como não tem mais filhos, a todos tendo ajudado a enterrar, enquanto ele ia ficando (ninguém aqui tem a resistência — por que será? às vezes se interroga Ti Adão — dos velhos vindos da África), e como ele não tem outros parentes em linha direta a quem transmitir o segredo, não pode, por juramento feito aos seus, passar as fórmulas a ninguém. Morrerão com ele. Melancolicamente fica a remoer tais pensamentos. Assim, ou serve, excepcionalmente, a quem o procura, ou usa os filtros em benefício próprio. Quando deseja uma mulatinha que se finge difícil... é só preparar o... como se ri desses novos "colegas" que vêm empregando o beija-flor caçado com osso da cabeça de gato preto, depois torrado junto com coração do mesmo gato preto (mas que seja preto

mesmo, sem uma única mancha de outra cor), é dado para a moça cheirar numa flor onde o beija-flor houvesse pousado! Bobagem! O dele é tão mais simples e mais exato, de efeitos mais imediatos e práticos...

Bebe muito, relata longas histórias da época do cativeiro, passa noites a fio num bate-papo. No fim da noite todos entregaram os pontos e ele continua. Conta de seu pai mais ele vindos da África do navio, da travessia, mas confunde as coisas, dado que fazem tantos anos, só se lembra de uma nuvem branca — que seria? — pairando sobre o navio, eles amontoados, o capataz que os maltratava, a promiscuidade, muitos deles morreram, não resistindo à fome e aos maus tratos, depois o desembarque, depois a venda, escolhidos em lotes, examinados como animais, pelos dentes e músculos, depois outra vez navio e a vinda, dele, só, separado do pai, de seu povo, para Santa Catarina. Relembra alguns rituais e danças bárbaras, costumes e modismos da tribo, a que presenciara na terra dos seus... Fala dos senhores que teve, uns bons outros maus, do último, antes da libertação, um senhor Costinha, morador lá pras bandas de São Joaquim, que naquela época ainda pertencia a Lages. Depois fora empregado de um que esteve metido nas lutas do Contestado, com o Santo Monge Joãozinho e o Adeodato. De um modo vago, meio fantasista, dá detalhes das chacinas, mas frisa que maiores eram as dos soldados do que as dos fanáticos. A verdade é que por onde uns e outros passavam só ficavam a devastação e miséria. Pensa também que isto de fanatismo é um bocado de besteira. A coisa estava relacionada com as terras que foram retiradas dos homens. Fala, isso foi caso mais recente, de hoje para ele,

da moça que foi posta na rifa, lá pras bandas de Tijucas e da briga que deu. A moça não queria ir com o vencedor e embora o que ela queria pagasse, o vencedor teimava que tinha ganho e não vendia. Explica porque se tornou pai de santo, como quando soube da morte do pai, e só aí (antes não poderia, seria sacrilégio), aprendeu as danças de terreiro, aprendeu a dar mezinhas, passes, a benzer, a curar. Diz "aprendeu" muito embora já soubesse antes. Mas, para ele, enquanto o pai vivia, empregar alguma coisa do sabido era impossível. Sentia-se literalmente tolhido, amarrado. Todos os seus deuses africados o amaldiçoariam. Todos os seus ancestrais o perseguiriam, erguer-se-iam de suas covas para anatematizá-lo. Seria execrado, banido. Um pária. Então, conforme manda o ritual, "esqueceu", nunca soube o que sabia. E só com a morte do pai — a notícia lhe veio em sonhos e com ela a autorização, a liberdade de substituir o pai, continuando a família, passando a ser "o pai" — "aprendeu" o que sabia, retirou do subconsciente tudo o que armazenara. Já nessa época seu cabedal de experiência própria não era pequeno. Unido ao que recebera tornava-o o mais sábio da redondeza. Em pouco sua fama crescia, divulgava-se. E durante o correr dos anos só fizera aumentar.

Sua força com as mulheres é enorme, como enorme é o poder que exercem sobre ele. Todas recorrem a ele. Nega-se a atendê-las, faz corpo mole, mas acaba cedendo. É de uma concupiscência descomunal, de um exagerado, doentio e mórbido sensualismo. Uma de suas únicas falhas, diz ele. Mas não pode resistir, se conter. No mais, Ti Adão mesmo se vangloria, é trabalhador, é honesto, é capaz de dar a derradeira camisa para auxiliar um semelhante.

Tem, sempre, para si mesmo, mulheres jovens que o buscam, conta-se que várias vezes recebeu oferecimentos de moças que querem morar com ele abandonando companheiros jovens da idade delas. Por que será? Alguns acreditam que, dado o poder do velho, essas jovens esperam receber, depois de dormirem com ele, algum dom, alguma parte da força oculta que lhe é atribuída. Ti Adão se indigna com tais insinuações taxando-as não só de tendenciosas e malévolas, mas também provindas de invejosos. A maioria não acredita em semelhantes versões dos maledicentes. É mesmo o fascínio de Ti Adão, aquele poder maléfico — maléfico não, misterioso — agindo de forma misteriosa, o que atraía as jovens.

Não é para desprezar o que consegue contra mau olhado. Ou então ao fazer "trabalho", um "servicinho", "trabalhar" contra pessoas. Não recorre àqueles velhos métodos de pôr porcarias na frente das casas das pessoas, tão desacreditado; fazer um bonequinho com a cabeça semelhante ao da pessoa que se quer prejudicar, depois, cortando a cabeça enquanto se pronunciam as palavras cabalísticas... não, ele usa aquele método infalível de... mas é impossível transcrever os segredos, os rituais, nem ao menos insinuar, a não ser para pessoas da família em linha direta.

Confessemos porém, a bem da verdade, que Ti Adão não gosta de semelhantes serviços, abomina-os, e só os faz em última instância, como último recurso e quando vê que a pessoa está com plena razão, não apelou em vão para os poderes dele, foi prejudicada. Prefere, sempre que pode, fazer o bem. E é o que recomenda: que todos façam sempre o bem e não se arrependerão.

Cura mordida de cobras, febres, maleitas, erisipelas, dores de cabeça crônicas, pontadas...

Das várias histórias, a mais divulgada sobre Ti Adão (para mostrar tanto a sua força com a indestrutível fé nele depositada) é a do tesouro que dizem existir nos terrenos de "seu" Severiano Filho.

Era uma faixa de terra imensa, infindável, que ia quase de São Miguel até Biguaçu, descendo até o mar, principiando na estrada geral, numa distância de milhas e milhas, um terreno ubérrimo e virgem, com uma chácara enorme. Depois das experiências iniciais e de, durante vários dias, Wavio, o filho caçula de "seu" Severiano Filho, um rapaz de seus vinte anos, nervoso, visionário, ter sonhado com o tesouro e com um vulto magro, alto, de batina preta lhe indicando o lugar, pedindo somente que depois de descoberto o tesouro um décimo do total fosse separado para velas e rezas por alma dos que penavam no purgatório e para distribuição entre os pobres de são Miguel, aí Ti Adão foi chamado para orientar, e começaram os trabalhos de escavação. Mas Ti Adão exigiu demonstrações *in loco*. E depois de muitas confabulações concluiu por contrariar o espírito do padre. O tesouro, era inegável, existia. Mas a indicação não estava certa. Principiaram por cavar onde um outro espírito, após alongadas discussões e recomendações, indicara ao velho africano. Pois, insistia ele com o apoio do espírito, a indicação dada ao moço Wavio não era correta. Fora um espírito burlador, destes que se comprazem em zombar dos homens, que se adiantara. Não era, em absoluto, culpa de Wavio. Não, Wavio tinha todos os indícios de um vidente, de um ser privilegiado. Precisava ser aproveita-

do. Mas só com tempo e paciência, com experiência nós conseguiremos livrar dos maus espíritos que vivem querendo assaltar e perder os homens. E vamos ao trabalho.

Noites e noites — só é permitido trabalhar à noite, à luz de velas e quando lua e estrela polar se conjugam em determinadas posições — noites e noites, com velas, descalços, sem chapéus, os homens se esgotam na faina de procurar os panelões. E se revesam. Seus vultos, iluminados parcamente pela luz bruxuleante, projetam sombras descomunais por sobre a paisagem silente, no chão batido e cavado, nas árvores caladas. Só se ouve o farfalhar da folhagem, um pio de pássaro acordado, um animal a correr. E as pás e enxadas sobem e descem. Inútil. Todos esfalfados. Depois de dias de buscas estafantes concluíram ser vão o esforço. Algo falhara. O quê? Não sabem! Mas a fé no velho africano não esmoreceu. Pelo contrário. Um tesouro que se entrega à primeira arremetida não é digno de crédito. Aquilo que mais nos custa conseguir, mais satisfação nos traz em seu bojo. O principal nos tesouros enterrados é a dificuldade, a dificuldade em tudo, na localização, na extração. Assim como uma espécie de jogo. De esconde-esconde. Avanços, recuos, espreitando-se ambos os contendores, medindo as forças mútuas, cada qual procurando ludibriar o adversário. Sutilmente vão se tateando, estudando, tentando dar o bote. Porém o outro está vigilante e o tocaiado não se deixa enganar. É preciso observar, saber esperar, compreender. Ter paciência. Acima de tudo ter paciência. O tempo não conta, não existe. Tudo o mais é esquecido. E um fascínio inexplicável, doentio, domina os que se metem em semelhantes aventuras. Sim, é preciso ter paciência, se dizem com

pachorra. E no momento asado... Às vezes os espíritos se confundem, são mesmo iludidos por uma potência superior. Ou então, outras vezes, jocosamente, procuram nos tapear, rir de nós. É necessário aí aparentar despreocupação e aguardar o momento propício. Nunca se enervar — eis o lema. Nunca mostrar precipitação, afobação. Em síntese e repetindo: NUNCA SE ENERVAR.

Usaram as indicações dadas a Wavio, já que voltara a sonhar. Cavam e cavam. Para o norte, para o sul, para todos os quadrantes. As enxadas sobem e descem, penetram a terra fofa, avançam, esbarram em pedras, recuam, voltam a avançar, ultrapassam todos os obstáculos. A noite também avança, a madrugada principia a surgir, a "rósea madrugada dos dedos de ouro", no dizer do poeta, cavalgando os restos da noite moribunda. Todos esfalfados, se retiram para descansar. Outra vez nada. Bem que Ti Adão tinha prevenido. Exaustos, derreados, os homens abandonam o serviço, marcham para suas casas, qual batalhão batido. Mas é mera impressão, logo se refazem. Neles a fé permanece inabalável. À noite voltarão, com redobradas forças.

E assim continuam.

Param por uns dias.

De repente Ti Adão surge indicando novo recanto. Cavam e cavam. Ainda nada.

E assim, o terreno todo, por meses, é escavoucado a uma profundidade de metros. E o tesouro não surge. Mas existe. Ninguém contesta, ninguém duvida. Talvez já o tenham tirado vezes sem conta, vezes sem conta dado com ele, tido nas mãos as pedras rebrilhando, faiscantes, ofuscando, à luz pálida das velas. Mas, então, ou eles

não o veem, ou ele se esvai, qual água, por entre seus dedos, foge para outras partes do terreno, se infiltrando e escondendo. No dia seguinte não sabem afirmar se o tiveram entre os dedos ou se foi delírio. E a fé daqueles homens não diminui. São impermeáveis a toda zombaria. E prosseguem. Sempre. Noites e noites. Abandonam tudo o mais. Convictos. O tesouro há de aparecer. É preciso. Existe. A certeza é uma pedra preciosa de incalculável valor que não lhes escorrega de entre os dedos; antes, cada vez mais se valoriza. Wavio sonha, Ti Adão afirma, os espíritos atestam, os indícios ali estão. Então por quê? Talvez alguém dos que estão trabalhando não acredite, não tenha fé integral. Não basta acreditar em aparência, acreditar superficialmente. Não! É preciso acreditar do mais fundo, do mais puro, do mais íntimo da alma. Acreditar com todo o corpo, com todo o ser, da unha menor à menor raiz de cabelo. E as pessoas são mudadas, remudadas. Por que, afinal, quem sabe o que vai no coração dos homens, no coração de um homem? Quem sabe? Talvez nem ele mesmo saiba, nem o próprio homem saiba o que lhe vai no coração, na mente. Quantos pensamentos, sentimentos, emoções desencontradas, se entrechocam dentro dele sem que os possa analisar? E pensando crer, imaginando sinceramente crer, ainda, bem dentro dele, no mais profundo do subconsciente, algo persiste, continua negando. Raivosamente negando. Negando e negando. Então é inútil, trabalho perdido. Mas como saber, como descobrir, como penetrar na pessoa e saber mais dela do que a própria pessoa? Impossível! Só um recurso permanece à mão. E as pessoas, periodicamente, voltam a ser mudadas, remudadas, sempre, até que um dia, ninguém

sabe quando, todos acreditem piamente, desobstruídos de todos os óbices, venha a ser descoberto o tesouro enterrado e que um espírito maligno — ou melhor, um espírito que quer experimentar os homens e ver até onde vai a perseverança deles — guarda zelosamente. Guarda zelosamente para os últimos fiéis. Os que souberam crer, persistir.

Zelosamente, ferozmente.

Que culpa tem Ti Adão da descrença dos homens?

Por isto vamos deixar de confiar nele?

Não!

E continuam a acorrer, de todas as partes, em busca de seus benefícios.

Quando erra as desculpas se amontoam:

"Só Deus não erra, ninguém no mundo é infalível".

"Também, não é possível, querem que o homem faça tudo só, é preciso auxiliar, ajudar, participar...".

"Não vê o caso daquele velho que veio de São Paulo, desenganado por tudo quanto era sábio-médico, que não tinha mais que dois meses de vida... e até hoje está vivo, está aí vendendo saúde... Queria até mandar levar Ti Adão pra junto dele, mas vê que velho africano sai daqui!".

"Taí, tá vendo!".

"Não vamos tão longe: faz pouco tempo que, depois de apontar pra lua e contar as estrelas, o Joaquim da siá Bernarda ficou coberto de verrugas nas mãos e na cara. Até dava dó ver ele. Fez tudo quanto era remédio, gastou uma dinheirama de meter medo com médico e nada. Não acreditava, me contaram que se ria enquanto Ti Adão, a pedido da mãe, benzia o rapaz. Não passou semana e começaram a cair que nem desgraça em casa de pobre. Nem

sinal pra remédio ficou...".

"E o caso de...".

"E o caso da...".

"E aquela vez...".

"E quando...".

Histórias semelhantes são desenroladas, relembradas. Com fartura de detalhes e testemunhos. Com luxo de gestos e apoiados.

"Tem uma vez:

> Aquele homem que, depois de anos de pesquisas infrutíferas, vem, de modo inesperado, quando já desistira e nem pensava mais no assunto, bem conforme lhe predissera Ti Adão, a descobrir perto de casa e num lugar que jurava ter aberto várias vezes, o pote de ouro".

Porém o caso mais curioso é o daquele que, embora tivesse negado, achou os patacões na parede da casa — veio a se saber de tudo mais tarde — e não quis repartir, conforme lhe tinha sido recomendado. Pois bem: foi um tal de cair infelicidade por cima do pobre homem, não adiantaram depois nem rezas, nem fazer e pagar promessas, nem se penitenciar, nem nada. O mal estava feito. E o feito, o devido, precisa ser pago.

O que é isto, o que significa isto, se não a confirmação plena das palavras de Ti Adão?

Há tempos, lembra um outro para confirmar, sem mais nem menos, quando plantava mandioca, num lugar onde muitos outros, por dezenas de anos, já haviam plantado sem notar nada de estranho, o Pedro Manduca descobriu moedas antigas. Soltas, brilhando quase à flor da terra. Quem nos diz que os muitos outros que lá

tinham trabalhado, não tivessem virado e revirado as moedas sem dar por elas, sem nada ver! Invisíveis, confundidas ao sol, a terra. É que não eram para eles. O que tem que ser nosso, nosso será. Mais cedo ou mais tarde. É um parente que nos quer ajudar, mas está procurando meio adequado, é um amigo que conhecemos outrora, é alguém que quer que lhe prestemos um favor, que não confia em mais ninguém a não ser nós, é porque fomos escolhidos... Ai então se não cumprimos o prometido! Ai se não fazemos o que nos pedem, se não mandamos rezar as missas, se não pagamos as promessas de velas, se não distribuímos entre os pobres, se não cumprimos o que os outros prometeram por nós!

Os serões com "causos" de Ti Adão, "causos" semelhantes e intermináveis, se prolongam. E sempre descobrem maneira de encaixá-lo nos acontecimentos. São casos de assombração e ele conseguiu derrubar o poder maléfico. São casos de "serviços" que ele conseguiu debelar antepondo a uma força, outra força maior. Cada qual tem uma história mais fantástica.

E a fama do velho aumenta.

É temido, é respeitado.

É o patriarca da zona.

E de muito longe pessoas buscam-no, confiantes na sua sabedoria.

Ti Adão não cobra nada. Não faz por dinheiro, mas porque foi mandado. Aceita porém o que lhe dão. Mas trabalha, não espera que lhe ofereçam. Possui seu orgulho. Tem para as necessidades. Tem sua rocinha de cana, tem seus pés de milho, tem seu quintal de verdura, planta às vezes mandioca, vendendo ainda na terra para "seu"

Leal ou então prepara a farinha de meia lá no engenho, tem lá para os fundos da chacrinha uns pés de café e algumas laranjeiras. As bananeiras crescem naturalmente. Cria galinhas e porcos. Viaja para longe, atendendo chamados até de municípios distantes — umas vezes mesmo foi para fora do estado, Canoas e Curitiba — convidado quer seja para descobrir tesouros ou curar feridas, preparar filtros ou exorcizar espíritos, fazer uma "limpeza" ou benzer pessoas.

Durante a festa a afluência à casa de Ti Adão é bem maior. Muitos se aproveitam da festa para visitá-lo, fazem da viagem mero pretexto. E sobem até ele certos de algo conseguir. Saem consolados, ao contrário do que acontece quando vão apelar para os santos impassíveis e indiferentes em seus nichos. Têm mais fé nele, acham-no mais perto, mais próximo a eles, compartilhando seus sofrimentos e suas necessidades. Trazem recados de pessoas que não puderem vir. Pedidos. E levam conselhos, poções.

Mora Ti Adão numa velha casa de madeira, pequena mas limpa por dentro, caiada de branco mas que está ficando preta, colocada lá no topo do morro, quase à altura da igreja de São Miguel. À meia distância entre São Miguel e Biguaçu. Para atingi-la é preciso subir por um caminhozinho íngreme, de cabra, segurando-se aos ramos das árvores ou apoiando-se nas pedras do caminho. Na primavera flores tapizam o chão. Mas com a mínima chuva, a não ser para Ti Adão que sobe como se estivesse caminhando em estrada asfaltada, se torna praticamente intransitável. Então, cá de baixo, é preciso gritar a plenos pulmões:

— Ti Adão!

Só o eco responde: — "dão... dão...".

— TI ADÃO!

Depois de algum tempo ele aparece, põe a carapinha para baixo e logo, em passadas elásticas, vai descendo... Se possível, depois de muitos encorajamentos, sobe-se com ele; se não, atende ali em baixo.

Em geral, vamos encontrá-lo à hora do anoitecer, sentado, meditando. Pita seu cachimbo de fumo forte que ele mesmo corta a canivete e prepara, bebe um trago, cuspinha, estende os olhos para longe.

— Bença Ti Adão!

— Deus Nos'Sinho ta bençoe mo fio!

— Ti Adão...

— Hum!

Ergue os olhos para nós, dá um curto sorriso, encorajador. Escuta atenciosa, pacientemente. Discute, explica. Não manda; pede. Sabe que será obedecido. Não é um charlatão. Acredita no que diz. Conhece ervas medicinais, as ervas tão abundantes na flora brasileira, que ele estudou e ele mesmo colhe, cozinha, prepara, engarrafa. Usa-as, mistura-as. Mas, psicólogo inato, usa especialmente a confiança, a fé cega que aquelas criaturas humildes depositam nele. Mais do que os remédios, essa confiança faz efeito. As pessoas acreditam, e acreditando se curam. Não desilude, não destrói a confiança e esperança nele depositadas.

Ti Adão sorri, um sorriso de dentro, um sorriso de profunda compreensão para as fraquezas humanas. Muito viveu e muito viu. Nada o espanta, nada lhe causa admiração. No homem, sabe ele, tudo é possível. Desde as maiores canalhices aos mais absurdos sacrifícios. Em

qualquer homem, em todo homem. Coexistindo, bem e mal. Em todos nós, em qualquer um de nós, dependendo das circunstâncias, do meio, da ocasião, da formação de cada um. Por isso nunca culpar, nunca julgar, sempre perdoar e procurar compreender. Podemos amanhã, de acordo com o momento e a situação, estar cometendo ato pior do que condenamos hoje com veemência.

É por isso que só a chegada da pessoa, pela expressão que traz, pelo gesto das mãos, antes mesmo que fale, Ti Adão já tudo entendeu, tudo percebeu e analisou. Então, numa vaidade pueril mas muito humana, maravilha a pessoa indicando-lhe os males mesmo antes que ela os manifeste. Bem sabe ele: pura questão de "olho clínico", de prática, de quem muito observou, muito viveu e muito viu.

Além disso ajuda a reforçar a confiança e aumentar a fama de Ti Adão.

Foi por isso que tão bem compreendeu quando viu velho pai de "seu" Jango subir arfando o caminhozinho. De longe ainda, percebeu o estado do velho, sabia o que tinha a fazer.

O velho gesticula, explica, discute com Ti Adão, depois vai se acalmando, conversa normalmente, ri, comenta fatos passados, fala de histórias comuns aos dois. E desce calmo, reconfortado.

Gargalha no caminho de volta. Ao reentrar em São Miguel, esgotado porém feliz, perde-se em meio à multidão em festa. Traz o coração aliviado. Até esquecer a voz, o tom persuasivo, as palavras do velho africano, estará calmo, será um homem comum, normal, que não chamará atenção em parte alguma. Um homem idoso, gasto.

Que sente fome. Procura o filho, está sem dinheiro, precisa comer.

VII

Já se disse ser possível atingir São Miguel, vindo de Ganchos, de duas maneiras. Por terra e por mar. Mas de uma forma ou doutra, o importante é vir à festa. Quem pode, quem tem a mais vaga possibilidade, vem. Em geral por mar. Não apenas por ser mais cômodo, como também por sair mais em conta. E é muito mais rápida a viagem.

De Armação, de Tijuquinhas, subdistritos ao norte de São Miguel, entre São Miguel e Canto de Ganchos, se vem de carrocinha, a cavalo, mesmo a pé. Pela manhã ou à tarde, para pegar o restinho da festa, a procissão, os bailes, o movimento mais intenso das barracas.

À tarde o movimento atinge o auge, chega a seu ponto culminante no descambar do dia, quando a noite vem se anunciando. A parte central da vila, nas proximidades da igreja, onde é o ponto mais forte da concentração da festa, fica intransitável, leva-se meia hora ou mais para cobrir um pedacinho de nada, por exemplo entre a igreja e o começo da praia e assim mesmo aos trancos.

Os dois artistas, todos afinal se convenceram, haviam sumido definitivamente. Pouca esperança se tinha nas providências tomadas por "seu" Demerval, nada ia resolver o telegrama passado. Inútil, como aliás desde o primeiro momento se percebeu, foram as buscas. Criatura alguma soube dar a menor informação. Desembarcados, evaporaram-se, sumiram-se, tragados pelo ar. Interrogadas, nem pessoas conhecidas, nem os motoristas, ninguém soube dar a pista deles, ninguém os vira depois

que haviam deixado a lancha. Dir-se-ia não terem existido. Não fosse a falta do relógio, "seu" Demerval duvidaria dos homens da segunda lancha, duvidaria que alguma vez os dois artistas tivessem estado em Ganchos, interferindo na vida da vila. Mas a falta do relógio era uma realidade por demais concreta.

Então, como estavam ali, os da segunda lancha resolveram se demorar, aproveitando o resto da festa. Separaram-se cada qual para seu canto, à procura de seu ambiente, esquecer o dia mal iniciado.

Só Dultávio não se conformava, teimando em dar busca, chorando a gaita novinha; Melquíades pensava nas moedas, uma fortuna, passara fome para não as trocar.

"Seu" Demerval, com aquela gordura asfixiando-o, bufava. Sentado à sombra da árvore, perto da praia, torcendo para que o vento aumentasse de intensidade, se perguntava o que viera fazer na festa, nada disto teria acontecido se tivesse ficado na sua casa, tratando dos passarinhos. Contentava-se em tomar refresco gelado atrás de refresco gelado, enquanto erguia a mão num gesto de desolação e passava-a pela careca coberta de gotas de suor. Não saíra nem para almoçar, tendo soldado Laurindo trazido a boia na qual mal tocara.

Soldado Laurindo é que estava feliz. Tinha a vida que Deus lhe dera. Atendida a autoridade, fora-se. Encontrara a professora e se apressara em informá-la do sucedido.

Ela a princípio não queria crer. Ainda ontem tantas promessas o moço lhe fizera, tantos planos ela começara a afagar. Só se ia, declarou ele, porque tinha compromissos importantes inadiáveis a saldar. E não gostava de

faltar com a palavra. Mas voltaria o mais cedo possível. Escreveria sempre, ficasse certa. Quanto àquela quantia, não se preocupasse, remete-la-ia logo, da primeira cidade. Ela dissera que não, só que faltava aquilo entre eles, não pensasse nisto, quando voltasse acertariam tudo. Afinal não iria ser tudo deles, pois não é? E agora? Ela sempre tão retraída, tão desconfiada, tão precavida, tão... e agora? Repetia. Como iria ficar, que fazer com aquela gente horrível tendo um motivo tão bom para recriminá-la? Olhando para ela com piedade ou escárnio, zombando! Não, não voltaria... mas que resolução tomar, que fazer se não voltasse, Santo Deus, bem feito pra não andar alimentando esperanças absurdas, soubesse de agora em diante, com a lição, manter-se no seu lugar... mas, quem sabe se... quem sabe se... E punha toda a esperança num milagre qualquer, remoto, impossível. Que milagre nem procura saber. Melhor mesmo era não pensar, deixar o tempo correr. Não pensar como? Se tudo lhe saía errado, se tudo lhe corria ao contrário! De qualquer maneira não voltaria para Ganchos, disso estava certa. Arranjaria, de começo, uma desculpa, alegaria esgotamento nervoso, tiraria uma licença. Depois, mesmo que, mesmo que tivesse... Depois quem sabe? Durante a licença iria procurando conseguir uma transferência. Se não, um outro emprego.

A festa aborrecia-a. Uma dor de cabeça, cansaço, o corpo mole, os olhos ardendo, com lágrimas prontas a escorrer. Odiou a multidão, aquela massa amorfa de seres correndo em busca de diversão, de um gozo fugidio e incerto, repleto no fundo de dores e amarguras. Cada parcela de alegria pagamo-la com carradas de tristeza.

Diversão! Otimismo! Esperança! Bah! Tomou o primeiro ônibus, jogou-se no assento, derreada de corpo e alma, sem imaginar que os seus talvez estivessem na festa, tocou-se para a despovoada Biguaçu.

VIII

À tarde, quatro horas, com banda de música vindo da "cidade", sai a procissão. Na frente o santo no seu andor, carregado pelos grandes da terra, especialmente convidados para o ato, depois o padre cantando suas ladainhas, repetidas pelo povo, se interrompendo para por a multidão em forma ou pedir que o acompanhassem melhor nas cantorias (não se entendia nada), em seguida as autoridades restantes de Biguaçu, demais pessoas graúdas; para trás todo o povo humilde e contrito, mas que apelava de preferência para os seus amuletos, para os "trabalhos" de terreiro, da mesma forma como preferia os macumbeiros aos médicos, os remédios caseiros aos de farmácia.

Rezando, cantando, carregando velas, pagando as mais estranhas promessas, lá vão eles, deram volta à vila — e como o vento caíra com força incomum, não fizeram a peregrinação das lanchas. Coleando, subindo, descendo, se estendendo, vozes alteadas ou sussurrantes, suados, satisfeitos, promessas cumpridas, esperanças renovadas, retornavam à igreja, o santo ao seu nicho, o padre fazia batizados, berravam na porta os leiloeiros da igreja, os bailes começavam.

Um samba rasgado estalou. Principiara, na opinião quase geral, a parte melhor da festa, pela qual todos espe-

ravam ansiosos. As pessoas se espremiam nos minúsculos salões, enfeitados com bandeirolas de papel recortado, colorido. Pés arrastando, lá se iam homens e mulheres, agarrados, grudados, coleando pelo salão, fazendo ginásticas incríveis, tratando de desvencilhar-se dos outros, de não esbarrarem para não serem massacrados. E uma cantoria se erguia, misturando-se aos risos, às falas, aos gritos, a música atordoadora. No bar, colado ao salão, a bebida jorrava. O suor também, por toda a parte, confundindo-se o de homens e mulheres que nunca antes se tinham visto nem se veriam mais. Agora ali estavam juntos, unidos, aproveitando aqueles minutos, esquecidos de tudo: tristezas, dores, miséria, fome, doenças, ignorância. O momento presente era deles — e não lhes viessem dizer nada. Queriam aproveitá-lo, aquele instante raro de suas vidas. Deixassem a mais, a parte amarga, para amanhã. Hoje chega. Muitas preocupações teriam para o futuro.

Cabeças coladas, corpos gingando, braços descendo e subindo, num bamboleio, num ritmo difuso, lá se iam. E um cheiro de suor, de sarro, de maresia, de perfume barato, de bebida, de macho e fêmea, de sexo, pairava em tudo, por tudo, unindo-se a vaga poeira dourada que flutuava, como uma auréola, por sobre as cabeças dos bailarinos.

A sanfona rompia alto, num queixume, deixando longe os demais instrumentos. O cavaquinho calara-se, envergonhado, procurando retemperar-se, ganhar novas forças para voltar à luta. O violão tentava uma desforra, chorava langorosamente, enquanto um pistom seguido de pandeiro, aguardava a sua hora de entrar em cena. Logo, todos juntos, unidos, irmanados, num assalto re-

pentino, avançaram para cima da sanfona que, sufocada, entregou os pontos, morrendo lentamente num gemido, num dorido lamento. Mas cá e lá, remexendo nas teclas, uns dedos ágeis e nervosos, estudando suas forças, via-se que se preparava pra ir à forra.

O desafio prosseguia, enquanto lá fora, nas barraquinhas, vozes roufenhas procuravam atrair a multidão para os jogos, anunciando belíssimas prendas por quase nada. E perto da igreja, já sem voz, o leiloeiro continuava apregoando: "— quem dá mais, vamos ver, quem dá mais por este lindo espécime, é pra ajudar na construção da nova igreja, está chegando a hora, quem arrisca, vamos, una, duna, tena, catuna, ca.... aquele senhor ali, sim, muito bem, muito bem, ninguém mais, una, aproveitem a oportunidade, além de levarem um belo animal para criação é uma obra de fé e caridade, ajudar a igreja de Deus, una...".

Nos salões, acalmado o desafio, tendo entrado num acordo, instrumentos e tocadores, agora unidos, irmãos, mandavam para o ar rajadas de música alucinante, enquanto pés cada vez mais velozmente rodopiavam ao compasso da música entontecedora e sensual. Senhores sisudos se afastavam com um gesto de enfado; senhoras idosas cochichavam, maliciando.

Principiava a anoitecer. Lampiões surgiram. Agora, num rodopio, as sombras dos dançarinos avolumavam-se de maneira assustadora, a chama batida pelo vento projetava nas paredes os vultos que giravam num ritual louco.

Tudo prosseguia em paz, a festa era um sucesso.

Numa barraca de jogo dois rapazes se atracaram, rolavam pelo chão. Formou-se uma roda em torno deles e

ali ficaram se soqueando. Mas no momento em que um deles ia puxar a "peixeira", foram apartados. O princípio de pega, com o natural e consequente corre-corre, logo sufocado, não foi suficiente para por termo à animação que reinava. A paz voltou, os dois provocadores, bêbedos, foram retirados. O jogo, donde haviam saído limpos, depenados, voltou a funcionar com igual normalidade, a limpar novos incautos.

Impossível, naquela maré humana, ao lusco-fusco, distinguir quem quer que fosse. Sabia-se que a gente de Ganchos permanecia nos festejos porque, na praia, ora balançando-se ao sabor das ondas, ora na areia, de acordo com os caprichos da maré, entre muitas outras, semidespercebidas, estavam as duas lanchas.

No bruahah dos bailes, vez por outra, notava-se passar, grudados, atravessando entre conhecidos ou não, Lurdes e Godofredo. Foram ainda entrevistos nas barraquinhas, tentando a sorte. Depois sumiram.

Nas barracas de jogo, de comidas, de bebidas, de prendas, surgiam e desapareciam, "seu" Jango e a mulher, ele de rosto fechado pela preocupação, ela tentando animá-lo, reconfortá-lo; Ti Zé, arriscando a sorte, soldado Laurindo, bebendo; Melquíades, se encharcando de cachaça; Dultávio, perto do baile, lamentando a sua gaita, imaginando-se a tocar, o bonito que faria. E outros e outros.

Sempre no mesmo lugar, estático, firme, sempre chupando o seu refresco, procurando descobrir o que viera fazer na festa, só mesmo para perder o relógio, bem feito, bem merecido, estava a autoridade.

Escureceu de todo. Nas casas ou barraquinhas viam-se luzes furando o negrume da noite, extravasando, ten-

tando perseguir o som das orquestras. E ouviam-se vozes, gritos, cantigas, música, barulhos de pés arrastados.

A noite engolira as pessoas, mas ampliara o som.

Todos cansados, esfalfados, porém desejosos de aproveitar até a última gota da festa.

IX

Voltaram pela madrugada. Saíram mais tarde do que esperavam, tiveram que ficar procurando Lurdes e Godofredo, ninguém os tinha visto, nem deles dava notícias. Chegaram vindos de lados diferentes, um não sabendo do outro.

"Seu" Jango indignado, onde se viu, uma moça sozinha até uma hora dessas, culpava a mulher que não tomava conta dos filhos, enquanto essa, mais fina, desconfiava, permanecendo calada para não exasperar o marido. Sim, bem que ela não estava acreditando naquela história tão certinha. Unindo fatos anteriores, pequenas suspeitas, anteviu incômodos. Nada disse, mas continuou a racionar. Em casa, se prometeu, poria a moça em confissão, conversaria seriamente com o marido. Já se viu, voltava a matutar, uma desgraça nunca vem só, bem o diz o ditado. E olhava, fixava a vista, forçava, tentando divisar e estudar as feições da filha, devassar-lhe os mais íntimos pensamentos. Não via bem o rosto de Lurdes, que brilhava estranhamente. Os grandes olhos, brilhantes, com olheiras fundas; os cabelos despenteados; o corpo derreado; tudo demonstrava cansaço, fadiga. Mas claro, se indignou com o rumo dos próprios pensamentos, claro, estou imaginando bobagem, pois ela não ficou a dançar

até agora, não se levantou tão cedo! Desconfianças sem motivo. Sem motivo repetia. "SEM MOTIVO" — insistiu em voz alta. Só porque dois jovens chegam atrasados e não juntos, imaginara que os estavam querendo ludibriar. E se tivessem chegado juntos? Hein! Sempre vivia a imaginar truques que os demais fariam para... Sorriu. Era assim desde pequena. Fechada, desconfiada. Desconfiava da mãe, do pai, dos irmãos, das amiguinhas; mais tarde desconfiou do namorado, do noivo, do marido, revistava-lhe os bolsos, cheirava-lhe o corpo e a roupa, num ciúme doentio, mórbido; chegara a vez dos filhos. Sorriu de novo, mais calma. Em todo caso, para o futuro, tomaria mais precauções. Melhor prevenir que...

Saíram e por um bom pedaço a música os acompanhou, decrescendo, se perdendo aos poucos no mar, ficando para trás, sendo cortada bruscamente pelo vento contrário, que qual barreira intransponível se lhe antepunha. São Miguel se afasta, se afasta, raras luzes piscam, mostram o rumo da terra abandonada pelos viajantes, até tudo se perder, desaparecer ao longe.

Com vento contrário, velas pandas batendo, tendo que bordejar, avançando custosamente à força de remos, os homens cansados do dia estafante, a viagem de volta se torna interminável, as lanchas singrando devagar a noite calma e escura, deixando por instantes um clarão na água negra.

Estirado ao comprido no fundo da lancha menor, emborrachado, soldado Laurindo ronca porcamente, a plenos pulmões. Antes de iniciarem a viagem, trazido a braços para a praia, vomitara, logo adormecendo. Foi atirado na lancha. Agora uma baba viscosa lhe escorre pelos

cantos da boca, mistura-se à água suja e salgada. Sentado ao lado, calmo, conformado com a sorte, aspirando a plenos pulmões o ar bom e puro da noite, este cheiro marítimo tão convidativo, cabeceando um tanto, "seu" Demerval começa a achar graça em tudo, a ver, para ele pelo menos, o lado cômico da situação, a admirar a preparação do golpe, as correrias, o susto ao chegarem com atraso, a esperteza dos dois meliantes, esperteza e coragem. Roubar-lhe o relógio bem no nariz, em plena lancha, à vista de todos, depois de terem explicado como devia ser feito! Sim, pois aquela história da agilidade manual, mais rápida do que a vista, não tinha outra finalidade senão preveni-los. E eles, bestamente, se deixaram embair. Bem feito, quem manda. Eram larápios de alto coturno, gente para grandes centros, para agir em meios civilizados, onde o ambiente estava para eles. Deviam mesmo andar mal para tentar Ganchos. Ou fugidos. Recorda-se da chegada dos dois, com um daqueles barcos de transportar madeira que, vindos de Tijucas, por uma necessidade qualquer acontece atracarem ali em Ganchos, quando o ponto de destino é Florianópolis. Coincidiu que o barco precisou atracar e eles resolveram ou tiveram que ficar. Ninguém notara isto. Qual o certo? Nunca se saberia.

Recorda-se da classe dos dois, daquela história do "homem que desaparece e dos perus que falam". Ri. Ali estavam eles, perfeitos perus na roda, falando, tontos. "— Me carregaram o relógio aqui na lancha, diante de todos, muito bonito pra cara da gente!". Constata o fato com naturalidade. "Seu" Demerval sempre gostou de gente esperta, ama os audaciosos — e um ato de coragem, para ele, mesmo sujo, é um ato de coragem. Venha

de onde vier. Depois, estavam jogando, arriscando. Imaginemos se perdessem a lancha, se chovesse, se voltassem antes de atingir São Miguel, por um motivo qualquer podiam voltar, não podiam, seriam descobertos com a muamba, se na vila houvesse barcos a motor, se aquela lancha em que tinham vindo não fosse a mais veloz, se em são São Miguel não encontrassem condução antes dos outros chegarem, se... tantos outros "ses", mil possibilidades de derrota contra um de vitória. E venceram, caramba! Mas não, também é sacanagem, não vamos dar tudo pra eles, assim eles não teriam feito, seria muito contra. Nem de igual pra igual, com possibilidades equilibradas, teriam feito. Se safariam só com a renda do festival e iriam tentar um golpe em centro maior, onde as possibilidades são maiores e menores os riscos. Deviam ter indagado, observado, pesado os prós e contras. Só depois dado o bote. Quanto a isto de centros maiores, vai ver eles eram pinto perto dos larápios de centros maiores. E o relógio? Ah, sim, o único verdadeiro golpe de audácia, positivo, incontestável, foi o abafarem em plena lancha o relógio. Isto merece respeito, é um trabalho de classe, que os credencia ao respeito de "seu" Demerval, admirador da coragem quando comprovada. No mais, trabalhinho reles. "Muito bem, muito bem, muito bem..." — exclama a autoridade. E sorri para a noite, para as velas balouçantes e preguiçosas, para o vento tão bom, para as ondas, para os companheiros que mal vê. Há muito não se sentia assim tão em paz com tudo, tão feliz e desoprimido. Chega a pensar na mulher, que estará fazendo, coitada, boa companheira, não fosse aquela desgraça. Mas não quer, em absoluto, pensar em coisas tristes. Chega, chega. Em casa

vai dar-lhe uma surpresa, imagina a cara de espanto ao vê-lo entrar rindo, beijá-la, apertar-lhe com força a mão apática e ressequida. Ela, tão desacostumada de carinho, não saberá o que fazer, como reagir a semelhante gesto. Passará mesmo um braço nos ombros magros da mulher e a afagará. Diabos, lhe dirá, que encontre coragem para lhe confessar tudo, já é tempo, é preciso começar a pensar no resto de vida, esquecer o passado. O que passou, passou, já lá vão tantos anos. O que não tem remédio, remediado está. Ele esqueceu e perdoa. Pode ser até que ela se cure. Como era alegre, agradável, bonita. Ninguém diria, vendo-a. Uma gargalhada sonora, ressoa pela lancha, assusta os passageiros cochilantes. "Seu" Demerval ri e ri, num riso insopitável, impossível de conter, se curva todo, metade das graxas para fora, a lancha se desequilibra, um grito de horror, todos se firmam no outro bordo, a custo conseguem readquirir o equilíbrio.

Passado o susto, silêncio. Cada qual enfronhado em seus pensamentos. Distante a festa, longe do bulício, voltam a pensar em outros problemas, outras preocupações. Alguns há que já principiam a ver a festa como acontecida muito tempo antes, enquanto permanece vívido, atual, o caso dos dois artistas, que volta a assumir predomínio nas preocupações deles.

Só se escutam, de longe em longe, vozes ordenando, recomendando, pedindo informações, instruções. E a vela batendo, os remos a chapinhar.

Principia a se avistar o leve clarão da madrugada quando atingem "Trinta Réis". Dentro de pouco estão em Ganchos.

X

Em Ganchos o dia decorrera numa grande tensão nervosa. Boatos contraditórios circulavam, voavam. A notícia se espalhara por todos os recantos assumindo proporções catastróficas. Pessoas desciam de suas casas para a ruela central, outras mandavam colher informações. Com esse exagero tão inato à humanidade, em especial nos lugares pequenos, em pouco, na voz do povo, o drama assumia tamanho descomunal, nunca visto. Ninguém conseguia diferenciar a verdade da fantasia. Os próprios atingidos eram os primeiros a aumentar a confusão, apresentando roubos desproporcionais às suas posses, que em outras circunstâncias não seriam aceitos nem como brincadeira, mas que agora adquiriam foros de verdade. Ninguém duvidava, todos aceitavam tacitamente a versão contada. O pânico tomou conta da vila. Cada qual, ao passar adiante a história, adicionava um ponto, atendo-se ao velho ditado que diz: "— quem conta um conto aumenta um ponto". De ponto em ponto a lenda tomou vulto. Aí, logo outras lendas começaram a circular. Apareceram mortes, violações, roubos que a vila não comportava, fantasias a respeito dos dois artistas. Falava-se mesmo em secretas dos donos dos barcos, os dois acontecimentos eram ligados, que a missão principal dos dois não era o roubo, pouco tinha para se roubar, e o roubo não passara de um pretexto para encobrir a verdadeira finalidade da visita, que a missão principal, disso ficassem certos, era conhecer a topografia da localidade para a invasão que estava sendo preparada, queriam expulsá-los da vila. O roubo retomava a sua verdadeira insigni-

ficância, tornara-se até bem menor do que fora, mas os boatos aumentavam. Dizia-se que bombas haviam sido colocadas em pontos estratégicos, bombas para explodir a hora que os homens desejassem, eles iriam impor suas ordens, suas leis à vila, caso não fossem obedecidos tudo iria pelos ares. Como descobrir onde estavam as bombas? Teriam vida miserável de escravos, lembrariam com saudade os tempos de agora. Que poderiam eles fazer, como lutar? Foi impossível, para os que se mantiveram fora dessa loucura coletiva e inexplicada, controlar os demais, trazê-los à razão. E o boato alastrava-se. Leopoldo, Lucas, outros, acabaram desistindo, esperando que a alucinação passasse. Havia ainda outra corrente, forte, e que servia para dar um certo equilíbrio às partes. Era a dos que contavam de um grande tesouro enterrado por antigos flibusteiros aportados à vila devido a um temporal, com as fragatas em estado lastimável. Não se sabe ao certo se espanhóis ou ingleses. Tiveram que enterrar o tesouro, consertar precariamente as naves, partir, com planos de voltar mais tarde. Mas durante o regresso a sede de ouro se apoderou dos homens, amotinaram-se, cada grupo querendo o segredo do tesouro só para si. Lutaram, as fragatas afundaram, poucos se salvaram, ficaram boiando em frágeis tábuas antes de serem socorridos. O mapa, dizia-se, estava com um deles, não se sabia qual. A desconfiança, o despeito, a inveja e o ódio começaram a lavrar, a corroê-los. Não se sabe que fim tiveram. Sumiram. Não mais se falou no mapa nem no tesouro. Por séculos não se teve notícia de nada, não se sabe se morreram todos e o segredo com eles, ou se o passaram adiante. O mapa estava perdido, dizia-se mesmo que não extraviado, mas

destruído. Agora porém corria uma nova versão. A carta, com a indicação exata, a localização, o roteiro, fora reconstruída e depois de inúmeras peripécias viera parar as mãos de um grande homem de fora, que mandara dois de seus secretários de maior confiança para averiguar, estudar o ambiente, sondar o terreno, toda a zona. Tentariam comprar o terreno, ou conseguir com o governo uma autorização especial para escavações. Veriam depois qual o plano a seguir.

Se não era assim, perguntavam os partidários desta teoria, por que, para que ficaram os dois moços aqui tantos dias, uma semana, andando por tudo, se informando, investigando, tomando anotações, pedindo tantos esclarecimentos? Só pra dar o tal de espetáculo, muito mixado por sinal! Podiam chegar num dia, dar o espetáculo no seguinte, no outro partir, não sem antes ter visitado Ganchos de Fora e Canto de Ganchos. Observem que não saíram dali. E cada bagão enfiado em tudo! O roubo? O roubo fora para tapear, poeira nos olhos, queriam ludibriar os trouxas. Que roubaram afinal, que tinha ali para roubar? Uma ninharia! Uma ninharia mesmo para a vila. A gaita do Dultávio, algumas moedas do Melquíades, "seu" Jango, que se sabia mais ao certo? Nada! O resto eram boatos sem fundamento algum, logo desmentidos. Na lufa-lufa, na afobação, as coisas não eram encontradas, desapareciam. Voltada a calma, ei-las no mesmo lugar aonde haviam sido deixadas. E a parte roubada começava a minguar, a diminuir, a diminuir, era um pingo d'água no oceano, diante do outro roubo latente, em perspectiva, em franca e audaciosa preparação. Sim, porque se o tesouro estava na terra, era deles, deles que moravam ali na

terra, que eram donos da terra. Em que parte, no terreno de quem estaria? Segredo! Todos se olhavam a medo, se vigiavam. Antigas histórias sobre tesouros enterrados ressurgiam, rejuvenesciam; as escavações mandadas realizar há anos por velho Severiano, logo após as que Severiano Filho realizara em seu terreno de São Miguel, ambas aliás sem resultado prático, vinham à tona. Todos se lembravam de Ti Adão passando dias e dias ali, a consultar espíritos, a cavar, depois indo embora sem nada ter encontrado, derrotado em aparência, mas confiante, garantindo que "havia espíritos que afirmavam a existência do tesouro na zona", os descrentes ainda veriam. É que não tinha chegado a época do tesouro se mostrar. Zombou-se, na ocasião, de velho Severiano, alguns chegaram a zombar de Ti Adão. Veriam agora. Mais uma vez confirmavam-se as palavras do velho africano. Foi recordado ainda o que relatavam os antigos, as tradições orais sobres esquecidos viajantes que demandavam a vila em busca de informações... Que informações? — comentavam agora. Tudo não passara, sempre, de um truque para encobrir os verdadeiros propósitos: a busca ao tesouro enterrado, arcas cheias de ouro e pedrarias, de valor incalculável, que os corsários vinham, após suas pilhagens, esconder "aqui".

— Mas não é daquela fragata que... interrompia um mais novato.

— Sim, sim, sim — vinham vozes irritadas em resposta— isto também, é uma ninharia, alguns caixotes de ouro, nada perto das arcas de pedras preciosas.

Outro lembrava como certos trechos de terreno brilhavam à noite, não se sabia o que era, falava-se em espíritos penando, falava-se em almas do outro mundo,

falava-se em força do tesouro, força tamanha que atravessava a terra onde o mesmo estava enterrado e, nas noites escuras, se deixava entrever. Buscas tinham sido realizadas. Em vão.

A esse respeito o cego cantador de emboladas não tinha recolhido e adaptado diversas modinhas que andara cantando na vila, anos atrás?

Um se lembrava de algumas estrofes:

> "Quanto tempo já faz isto,
> Ninguém pode afirmar,
> O mundo não era mundo
> Eu já ouvia contar
> Do tesouro encantado
> Que nós vamos a procurar.
> Meia-noite, meia-noite
> Minha gente anda cá,
> Por aqui anda um tesouro
> Vamos todos trabalhá
> Quem não trabalha não ganha
> Depois não venha queixá...".

A febre do ouro subia às cabeças.

Velho marinheiro, na venda, aos gritos, batendo no ombro dos companheiros, olhos, cúpidos, incendiados pela cobiça, rodeado por uma assistência ávida, pronta a acreditar em tudo, dizia:

— Che, parceiros, nem les conto. Faz um tempão tamanho que mesqueci. Eu sei das histórias que eram desfiadas nas longas noites de bordo, pra se passar o tempo.

Mas eram verdadeiras, ora se eram, juro! Cuidem bem no que (cuspinhava para um lado, pedia mais bebida), atentem bem no que les digo, que pra mode adespois não se espalhar por aí que não avisei, quem avisa amigo é. Se alembrem daqueles tempos antigos quando eu contava e todos mangavam de mim. Tão vendo só! Vai aí o causo direitinho, estou trazendo ele da barriga onde estava guardadinho e ensacado, pra cachola aqui em cima. Quando eu trabalhava na rota "Vitória-Laguna", nós tinha um foguista muito sabido e viajado — ocha home pra mode de praguejar, outro anssim nunca que vi igual — que me contava sempre sobre tesouros de Canchos — como ele dizia. Sempre me perguntava: "— Ermão — chamava todo mundo de ermão — ermão, antão vancê é de Canchos, eta diabo de merda, como é qu'eu não fui saber antes!". Eu respondia que sim, que era de Ganchos. Ele se parava pra limpar o carvão e suor do rosto, sem esquecer de praguejar, botava mais pazadas de carvão na fornalha e continuava: "— Rais que parta esta vida filha de uma putíssima, eu tinha um sobrinho cujo pai morou lá na tua terra uns meses. Era um homem sabido como ele só, o meu cunhado Jacinto. Tu conheceu ele? Não, bem. Morreu, merdas, antes que eu tivesse conversado às direitas com ele, se não outro burro de carga estaria aqui que não este teu ermão. Vida danada de braba, hein! Minha ermã num sabia de nada, eta mulherzinha arrenegada; só sabia fazer filho mais o marido, pensa que filho é emprego, deixaram um batalhão de filhos, e chorou qui nem sei o que depois da morte dele. Como se não existisse outros homens por ai pra dormi com ela

e fazê outros filhos. Mundo de Deus está cheio de homem. Bem. Vamos pra diante. Meu cunhado lia muito, andava sempre esfagulhando as fuças em papel escrito, com as ventas escavoucando nos livros, que gosto mais bestas, uns livros grande e velhos, com muito de mapa e tudo marcado. Quem me contou foi meu sobrinho mais velho, e falou mais num livro com capa vermelha que o pai lá dele tinha fechado a chave num armarinho. Dizia meu cunhado quando minha ermã via ele grudado nos livro em vez de grudado no cabo da enxada e reclamava pra mode ele arranjar um trabalhinho e ajudar a manter a casa: "— Dexa, muié, dexa está, dexa que daqui vai sair a nossa fortuna. Espera um bocadinho mais". Se perdeu, diacho, se perdeu sem explicar nada, apanhou, um dia com um febrão danado, não tinha coberta que chegasse, depois virava a esquentar, a suar, nem nu adiantava ficar, o calor era de dentro. No outro dia bom. Que diabo de coisa era aquela? Não sei não. Ninguém notava a diferença, mas ele se ia acabando, só se notou a diferença quando ele deixou de respirar. E lá se foi pro beleléu. Bem. Pra encurtar a conversa (velho marinheiro fazia uma pausa, tirava tragadas sobre tragadas do seu cachimbo fedorento, olhava para os homens rodeando-o, olhos fixos nele, gozava a expectativa geral, bebericava bem devagarinho, e depois de um novo silêncio, voltava); como vejo que vocês estão querendo é saber logo — vocês entende que eu não falava, deixava ele falar — deixo o meu homem continuar, mas porém resumindo, que é pra chegar mais depressa no fim, que é o que interessa: "— lia, lia nos livros o dia todo e todo dia, só de dia, e se lhes digo que depois, ô raio de home!,

de noite, ele ia, ô home amaldiçoado! com uma enxadona deste tamanho nos ombro e luz de lampião, cavar pra umas banda que não se sabe onde é. Cava que cava e nada. Pau, pau, pau, mas pra quê? Nada! Não dava certo. Mas porém não desanimava. Tinha os livro, tinha os mapa nos livro, tinha, diz que, as inscrição lá nas pedras, tinha a esperança no corpo, tinha a fé na alma, tinha. Diz meu sobrinho que o pai morreu de tanto cavar, daí veio uma fraqueza muito grande, depois um desânimo, depois as febre. Meu sobrinho, num dia que o pai esqueceu a chave, tinha olhado bem ligeiro os livro e o mapa, me deu uma ideia deles. Tenho tudo na cabeça. Não sei é por que meu cunhado queimou tudo antes de morre. Não sei!". Então o foguista calava, virava pra mim e dizia depois de um bom silêncio e de voltar a limpar o negro do carvão e o suor do rosto, tudo colado fazendo uma pasta, deixando ele que nem com uma máscara de carnaval. Me lembro: atrás dele o fogo brilhava, a caldeira, o carvão, aquele calor de barbaridade. Dizia: "— Ermão, qualquer dia nós larga essa joça e vai pra Canchos — eu achava tão engraçado o "Can...", ensinei o direito, um mundão de vezes mas não adiantava, pra ele era "Can..." — arrancar da terra aquela ourama toda. Depois a gente vem, compra os navio todo que tem carvoeiro, que não é vida de cristão, pior que de escravo, e toca fogo neles todos pra acabar com esta desgraceira de vida qui num é nem pra cachorro, quanto mais pra gente...". E terminava: — tenho uma reza que me ensinaram e que não falha, chama os esprito e eles vêm direitinho indicar o lugar pra gente. Deixe comigo. Que lhe parece? Mais a ideia do mapa, não se pode falhar. Le levo co-

migo pro mode que semo amigo, e amigo pra mim é qui nem ermão. Nóis num precisa do tar de livro, só o que meu sobrinho me ensinou dele, chega. E a reza é muito forte, faz tudo sozinha, a gente vai só ter é que tirar o mundão de dinheirama. "Eu, calado estava e calado ficava. Boca, para que te quero; em boca calada não entra mosca. Mas agora vejo que também não entra comida. Bem que eu podia ter me juntado com o homem. Não ganhava nem perdia, no pior. Fui fazendo corpo mole, mais hoje mais amanhã. E ele insistindo, não queria outro, me parece que eu tinha um esprito comigo que facilitava a coisa e ele tinha descoberto em mim a coisa. Não garanto não, nisto ele nunca que tocou. Tinha lá os segredos dele. E depois, perguntam vocês. Depois a galinha pôs. O homem brigou com o comissário de bordo, mudou de navio. Na premera viagem o navio dele foi pro fundo e nunca mais tive notícias. Nunca mais vi ele, uns diz que morreu, que Deus o tenha na sua santa graça, amém — se é que morreu de verdade. Outros diz que vive, nunca consegui tirar a limpo, se vive que os esprito mande ele aqui pra Canchos, como ele dizia que engraçado, "Canchos"...

Velho marinheiro respira fundo, estende a mão, desolado, faz um gesto com o ombro, toma do copo e vira outro trago. Careteia, cuspinha, um cuspe grosso, uma gosma, volta a acender o cachimbo, se cala, emudece, não responde a perguntas.

Foi geral o tumulto na vendola. Todos opinam, discutem.

— É imaginação do velho!

— Que imaginação que nada.

— Vai ver acreditas?

— Por que não, me diz, por que não?

— Só que faltava!

— Vai ver não te lembras da pessoa, nunca que viste as letras lá nas pedras!

O velhinho calado, observa com seus olhinhos piscos, miúdos, vivazes. Pita pacificamente o seu cachimbo de fumo mata rato, bebe, cuspinha no chão sujíssimo, ri, assim, hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi; um riso interminável, indefinido. Que passa despercebido. Velho marinheiro soltou a lebre — os outros que a cacem.

XI

Nas casas de família, nas vielas, nas praias, entre todas as pessoas, do maior ao menor, a conversa é uma só: os dois artistas espertalhões e o que teriam vindo fazer. Conjeturas e mais conjeturas. Ninguém queria mais aceitar a teoria do roubo. Uma insignificância. Fora uma simulação. Escolhessem outra desculpa.

— Que simulação que nada — alguém insiste — avançaram no que puderam.

— Vai atrás desta, vai.

Procuravam, quase todos, um outro motivo qualquer. E acabavam por se fixar ou no tesouro ou nos barcos. Dois grupos. Era o que mais os satisfazia. Os dois eram espiões dos donos dos barcos, ou espiões dos interessados no tesouro. Assim sentiam-se menos culpados. Era ridículo terem-se deixado roubar. Depois, era um derivativo, esqueciam, assim, os problemas que os atormentavam.

Então, com este espírito de fantasia e aventura inato ao povo, em parte assim numa espécie curiosa e nova de autodefesa, de desculpa, pois ninguém gosta de ser ludibriado e passar por "trouxa", arquitetavam uma história complicada, que mais os satisfizesse, mais lhes agradando ao amor próprio e à imaginação.

Deste modo decorreu o dia.

XII

Deste modo decorreu o dia?

— Não, não só deste modo.

O filho de Manuel nascera morto. Pequenininho, um rato. Foi enterrado num caixãozinho de sabão, coberto de papel, acompanhado até o cemitério por meia dúzia de amigos da família. A mãe muito mal, com febre, delirando, fraca, sem ter com que se alimentar. Os amigos se reuniram, fizeram de suas pobrezas riqueza, para servir o companheiro. Ficaram na casa deste, não para se lamentarem desanimadamente, mas para reclamarem contra a situação e procurarem uma saída. E daquela reunião triste, nasceu, contraditoriamente, para todos, um rasto de esperança, um caminho. Leopoldo explicou, se exaltou. Não foi preciso muito. Todos compreenderam.

Lutariam por uma vida melhor, mais digna, para que os filhos dos manuéis não nascessem mortos devido à inanição da mãe, a subnutrição da mãe, a falta de cuidados e higiene! Lutariam para que os filhos dos manuéis, se por infelicidade mortos, não fossem enterrados em caixão de sabão forrado com papel, nem para que, reunidos os amigos de Manuel, apertassem mais a cinta, até o

impossível, fizessem mais um furo, no desejo de auxiliar o amigo a conservar viva a mulher.

Não, não só de um modo decorrera o dia.

7
Segunda-feira

I

Leopoldo levantou-se cedo, logo foi para a cozinha, onde o forte aroma do café atraía. Mais cedo do que ele, contudo, a mulher se havia erguido, para adiantar o arranjo da casa. Além do café feito, pusera a comida no fogo, lavara, no tanque lá fora, peças de roupa. Os filhos dormiam. Devagar, baixinho para não acordá-los, ambos se moviam e falavam. A mulher tinha acabado de entrar, enxugava as mãos. Debruçada, soprava o fogo.

— Que lenha mais pior... — disse, virando-se para o seu homem, com os olhos cheios de lágrimas.

— Estava verde, não foi possível arranjar outra. E tive que andar.

— É tanta gente à procura...

E voltou a soprar com força, enquanto a fumaça enchia tudo.

Encostado à janela, tomando o seu café aos goles curtos, Leopoldo não respondeu. Folheava uma brochura recém-recebida, lia uma linha aqui outra ali, sem conseguir se concentrar. Afinal conseguira acertar uma, há muito vinha tentando entrar em contato com os amigos de fora. Em vão. Agora, a chegada daquele folheto provava que sua carta levara destino certo. Os acontecimentos recentes, o caso com os dos barcos, depois os dois artistas, a morte do filho de Manuel, a conversa da noite,

tudo lhe vinha à mente, dando-lhe mais vontade de lutar, animando-o, expulsando o resto de indecisão que o dominava. Recear o quê? — perguntava-se. Sabia que bem logo poderia contar com a maioria dos homens. Isto era importante. Atingiam o limite.

— Sim — raciocinou para si mesmo — sim, primeiro aqui perto mesmo, me lembro que muita vez fui apanhar lenha pra minha mãe; mas agora se tem que andar um pedação e muita vez não se arranja nada. É tudo assim, pior.

— Ontem de tarde o Luiz Carlos, coitado — interrompeu-o a mulher, voltou todo sujo, com aquela ferida no pé em carne viva e sangrando. Sem conseguir nada.

— Mas eu já não te disse pra não me deixar este menino sair assim! E sem curativo, sem um pano protegendo, sem nada. Será preciso estar sempre repetindo? Amanhã ou depois infecciona, está arruinado e vai ser um trabalhão.

— Quem que ia buscar as lenha? Sabes, não tenho coragem de deixar a Maria da Graça ir sozinha... eu estou neste estado, não aguento, não posso... que fazer? Tu não estavas, não vieste na hora. Tem aí um pedaço de pão, tu quer?

— Não, não tenho fome. Por que não avisas cedo, eu vou apanhar. Bem, passou, passou, mas daqui pra diante vamos tomar mais cuidado. Agora vou dar uma volta, ver se falo com o pessoal. Com certeza "seu" Jango esta noite vai querer arriscar uns lances, o tempo está bom, os homens dos barcos se foram há um par de dias, é ocasião da gente aproveitar, enquanto o pessoal está animado. Vamos ver o que conseguimos. Se tudo sair bem, tanto melhor. Se "seu" Jango e os outros donos das lanchas con-

cordarem logo. Se não, vamos pra diante que eles cedem, a gente sabendo agir direitinho.

— Pois é, quem sabe, pensando bem, por exemplo, te lembra que "seu" Jango já foi quase igual a nós, não, não te podes lembrar, me parece que foi quando estavas fora, mamãe contava, o pai dele era mais pobre que nós, enricou, mas voltou a botar tudo fora. Ele deve se lembrar, deve estar vendo a nossa situação, ficar com pena da...

— Não, não, nada disto, não é isto não. Não acredito. Depois não é problema de ter pena. Eis aí o erro. É um direito, coisa diferente, vê se entendes.

— Sim, eu...

— Outra coisa. Não sei porque, neste regime em que estamos, de luta e ganância, quando melhoram de situação quase sempre as pessoas se esquecem do que foram, se agarram mais ainda ao que têm com medo de retornarem ao que já conhecem. Tem vez até que estes que sobem assim são até piores. Ou se esquecem de quando nada tinham, ou por temerem a volta, ou procurando se vingar nos outros da pobreza e dos vexames anteriores. Vê o caso do Lola, típico. Penso que temos mesmo é que dar duro, aguentar a mão, não contar com mais ninguém senão com a gente mesmo, com os pobres. Se os que sobem são assim, os que estão em cima, nem se fala. Nunca acreditam na miséria existente ao seu redor, acham que é absurdo, exagero, que os pobres são uns eternos insatisfeitos e ingratos, uns gananciosos sempre querendo melhor salário, acham que aflitiva é a situação deles, com tantos compromissos e responsabilidades, enquanto os pobres como nós devem se dar por satisfeitos, podem, terminado o trabalho do dia, dormir em paz, enquanto os

ricos têm que ficar pensando não só em si mesmos, mas nos milhares de empregados que alimentam. Isto disse uma vez um granfino em Santos. Que os pobres deviam agradecer e se dar por felizes que os ricos pensassem neles e por eles. Vês, aqui é parecido. Não! O resultado é mesmo a gente mostrar a eles que nós os pobres podemos ser unidos e que unidos somos uma força. Se a gente parar, em toda parte, tudo para. Tudo.

— Não sei, não entendo nada, me explicas, mas custo a entender.

— Tens razão, eu é que não sei explicar, a coisa explicada não é tão fácil como se pensa; sentida, sim.

— Aí é outra coisa, mas não basta. Esse pessoal de fora com quem estiveste devia mandar alguma coisa, nos esclarecer.

— Eles querem, mas não é fácil, ainda não podem.

— Então como vai ser, como vais fazer?

— Vou usar o pouco que aprendi. O resto a gente vai aprendendo por si mesmo, até que as coisas se modifiquem. Vamos falar, hoje, mais um pouco, com toda a turma. Já tem alguns que pegaram o que eu queria dizer, estão tratando de explicar aos outros. Não esqueci o problema da rede e das lanchas, talvez um barco a motor pra todos nós trabalhar unidos. A gente vai fazer assim como uma vila coletiva, uma experiência nova, em pequena escala, ouvi dizer que algumas vezes dá certo. Não é pra hoje nem amanhã, mas pra breve, pra antes da modificação geral. Sei que vai dar muito mais trabalho e incômodo, vamos, no começo, talvez passar até mais fome, encontrar novas dificuldades, alguns vão gritar, outros recuar e não compreender, nem sei como iremos nos

manter. Mas se a turma resistir por uns tempos, será uma solução provisória. Sim, uma solução provisória, bem sei. Não é assim que se resolve o problema. Não é a gente, aqui sozinho, que vai poder resolver tudo. A gente não está desligado do mundo, tem que ser resolvido em toda a parte, todos ajudando... Diabo, não sei bem como é, não consigo explicar certas coisas, tenho elas na cabeça, mas não saem, quando chega a hora de botar pra fora, cadê palavras? Me ajuda...

— Ajudar como?

— Fazendo perguntas, te interessando?

— Mas...

— Faz de conta que não sou eu. Ou que não é pra ti que estou falando.

— Vou tentar.

— Talvez não tenhas entendido o que eu disse, então como vou fazer com que os outros entendam. Percebes?

— Acho que sim.

— Imagina que depois nós vamos ter redes, barcos, casas, escolas, remédios, não temos que trabalhar para os outros, dar a maior parte, o melhor de nós para os outros. Não haverá mais outros, só nós. Não vamos ter que temer os de fora, vai ser tudo igual que nem irmão. Vai se ter roupa decente, vida decente, tudo decente. Tudo nosso. Trabalharemos pra nós mesmos... Assim me disseram e assim vejo as coisas. Que achas?

— Bonito sonho!

— Que sonho nem meio sonho, não me venhas com sonhos.

Leopoldo para, envergonhado do desabafo intempestivo, mas sentindo que necessitava fazê-lo, há muito

estava precisando contar aquelas coisas à mulher, ela poderia mais tarde auxiliá-los, reunindo as outras mulheres, convocando-as, conversando com elas para que dessem mão forte aos maridos. Isto era importante. Sentia contudo que não se fora bem, parecia-lhe falso o que dissera, não em si, mas no sentido, na maneira como o dissera. O que ele acabava de fazer era uma espécie de ensaio, treinando para o encontro com os companheiros. E por que não se dizer, procura se dar confiança.

— Tu pensa que vai dar certo? — como num outro eu, a mulher o interroga.

— Penso. Tenho certeza. Vai dar, tem que dar, mais hoje mais amanhã — diz num tom incisivo, rápido, procurando se convencer, afastar os temores que o assaltam. Sabe a responsabilidade que carrega sobre os ombros. Se não der certo — não o caso geral, que neste ele acredita cegamente — mas o casinho deles, se não der certo, quantas famílias irão ficar em situação pior? Conta é com dois fatores: a surpresa dos donos das lanchas e a ganância, o desejo de aproveitarem o fim da temporada.

— Pensas mesmo? — volta a voz.

— Penso. Não sei — titubeia — não sei. Mas não custa tentar, é uma solução provisória, difícil, já disse, mas para o momento a única saída que vejo. Necessária. Se alguém tiver coisa melhor, que a sugira, vamos estudá-la.

— Acho que, já que pediste a minha opinião, não sei nem entendo nada, só estou dizendo porque queres, acho que a nossa gente não está preparada, se os patrões derem duro, reagirem, alguns vão ceder, outros arranjam desculpa pra recuar e o resto paga pelo que fez e pelo que não fez.

— Depende.

— Depende?

— Sim, depende da maneira como se conduzir a conversa, como se levar os homens. Vamos apelar para o sentido de camaradagem deles. Quanto aos patrões, também depende. Se notarem que estamos fraquejando, aí estamos perdidos. Mas se nos mantivermos firmes, acabarão por ceder, nem que seja de início, procurando nos iludir e mais tarde reaver as concessões feitas. Em todo caso não vejo outro jeito. Nem o pessoal vê. Ainda ontem discutimos isto lá na casa do Manuel. Eu já disse pra eles e vou repetir: se alguém tem outra saída, que apresente, todo mundo está pronto pra estudar ela. Mas se não, depois de aceitar esta minha, tem que aguentar firme. E vou indo, já perdi muito tempo e não é pra ti que preciso explicar. Tenho mais que fazer. Não te esqueças do pé do menino.

— Leopoldo!

— O quê?

— Te cuida, toma cuidado, vê...

— Que cuidado, não vai haver nada, não há perigo.

— Leopoldo...

— Hum.

— As crianças... eu... bem... hoje... enfim, a verdade é que estamos sem mais nada em casa... fiz o restinho do café... e o que tinha de boia está na panela... será que Ti Zé não fia... sei que não gostas de pedir e estamos devendo pra ele... mas... vê... e toma cuidado.

— Sim, não gosto, eles dão como se fosse esmola, e nós pagamos, não fosse pelas crianças... em todo caso Ti Ze até que não é dos piores. Não te preocupes, vou dar um jeito, não sei como, mas vou dar, todos vamos dar um jeito, hoje.

— Não esquece de perguntar ao Manuel como vai a mulher.

— Sim.

Saiu andando, foi pisando devagar na areia úmida. Pensava em como explicar-se. A conversa com a mulher não passara de introdução. Via não ter saído muito bem, titubeara. Imagine-se agora com as perguntas e dúvidas chovendo de todos os lados. Ainda não estava refeito, ainda não tinha plena confiança, vivia tateando no escuro. Como falar aos companheiros, convencê-los a aproveitar a ocasião propícia, a agir logo? Tinha receio, receio de si mesmo, de não saber encontrar as palavras exatas, receio de alguns companheiros sempre a recuarem, procurando roer a corda.

"— Se..." — começou.

Mas não havia "se". Estava só diante do problema. Era preciso arriscar, não pensar em fracasso, tocar pra diante. Impossível permanecer assim.

Não estava só, refletiu. Eis o seu ponto fraco. Julgar-se só, não confiar nos outros, menosprezar a participação dos demais. Devia, tinha, precisava acreditar.

Não estava só, mas rodeado de companheiros que viviam o problema e o sentiam tão bem, ou melhor do que ele. Era procurar convencer os indecisos, esclarecer os ignorantes, ganhar os fracos.

II

Soldado Laurindo acordou tarde, sem se recordar de nada, um gosto amargo na boca, vontade de vomitar. Há muito não tomava pileque tamanho. Logo dois, um em cima do outro, mal saíra de um caíra no segundo. Nem ao

menos compreendia como viera parar em casa. Acordara vestido, largado no leito, sujo.

"— Que farrão!" — foi a primeira ideia que construiu, feliz, já com saudades.

"— Que farrão!" — repetiu em voz alta, bocejando, se estirando.

"— Que farrão, sim senhor!" — e procurava rememorar. Quase bendizia os dois artistas, aqueles sacanas de uma figa. Há muito não se divertia tanto. De outro modo nunca teria ido à festa, ficaria ali chateado, com um domingo insípido, "seu" Demerval pedira-lhe que ficasse "olhando pela vila". E assim, enquanto os outros se preocupavam, ele caía na farra, esbaldava-se ao violão, mostrando àqueles pixotes o que era tocar. A cara de "seu" Demerval, ah, a cara de "seu" Demerval! Roubado nas próprias fuças, na lancha. Que tipos mais bambas, sim senhor! Isto, a vida é curta, precisamos aproveitá-la. Não sou daqui e não me chamo Manuel, quem quiser que se dane, não eu, pensou. Por que me preocupar? Por que haveria de... — ia concluir, mas não concluiu, interrompeu o pensamento, arrumou-se às pressas, saiu.

Foi falar com "seu" Demerval.

III

Lurdes acordou à hora de sempre, o corpo moído. Ficou rolando na cama. A mãe veio pedir-lhe que levantasse, tinha um serviço para ela. Prometeu, depois se negou, alegando um mal estar qualquer. Na verdade sentia-se cansada, estranhamente mole, enervada. O corpo dorido. A cabeça querendo estourar. Um fogo correndo por toda

ela, subindo, descendo. Uma comichão, um formigamento da ponta dos pés à raiz do cabelo. Tentou reconstruir o dia anterior. Inútil. Vinha tudo de cambulhão, rodopiando, como uma roda gigante, entontecedora. A saída de casa, os pensamentos confusos, a tristeza, a viagem de lancha, a chegada a São Miguel, o movimento, Godofredo surgindo, as bebidas, as danças... daí por diante um vácuo, não compreendia a chegada até a lancha, rosto em fogo, exausta, com vontade de chorar, de se deitar no colo da mãe e dormir como quando era pequena. E tendo que fingir, que falar e rir-se, explicar. Tudo difuso, longínquo. Chegara em casa, deitara, pegara logo no sono. Sonhos, delírios, realidade, tudo confuso, embaralhado. Como diferenciá-los? O que lhe acontecera e o que fora sonho? O pai, Godofredo a correr, correr, dançando, bebendo, feliz, a cabeça a rodar, rindo, "ocha, também, nem que fosse me perder!", o vento derrubando-a, depois ela caída, o céu negro com raras estrelas lá em cima, um fiapo de luar, paz, uma carícia suave e boa que a penetra a fundo e a acalma, em seguida, brusco, aquele vulto enorme que encobria o céu, e uma dor lancinante. Acordara do sonho coberta de suor, tremendo, com uma sede horrível, contendo-se a custo para não gritar. Sem coragem para levantar-se e ir a cozinha beber água. Derreada, exausta. Ficou rolando, a sede a aumentar, tudo pegando fogo dentro dela, frases escutadas na infância retornando, um padre alto e magro a ameaçá-la: "— conte, não esconda nada, que foi que andou fazendo, veja, é como se estivesse confessando pra Deus Nosso Senhor, veja, Deus vê tudo, está em toda a parte, está agorinha mesmo dentro de você e sabe se você está me mentindo, é o mesmo que mentir pra ele,

nunca fez brincadeiras proibidas com rapazes, não acredito, na sua idade, por que não confessa de uma vez...", ela desnorteada, chorando, não compreendia as insinuações do padre, saiu dali muito admirada, foi se consultar com amigas mais velhas e espertas, estas se riram dela e lhe deram explicações que ela voltou, de início, a não entender. Foi assim que teve o primeiro contato com os problemas de sexo. E desde então, dele, lhe ficou um medo pânico. A sede aumenta. Não se lembra por quanto tempo durou a tortura. Não se lembra de ter voltado a adormecer. Ou não acordou? Não sabe! Sabe que quando acordou o sol ia alto, alguns raios se filtravam pelas frinchas da janela e vinham beijar os pés da cama. Uma nuvem de poeira muito fina, dourada, semitransparente, boiava à meia altura, entre o teto e o chão. Acordada, mole, banhada em suor, um suor pegajoso, esgotada, não pudera atender ao pedido da mãe. E por mais que se esforçasse, que desejasse, não podia recordar com nitidez o dia anterior, que apesar de tão próximo e cheio de emoções lhe aparecia extremamente longínquo e vazio. Quis, de novo, levantar. As forças faltaram-lhe. Deixou-se cair, estirou-se outra vez na cama, um braço estirado, o outro segurando a cabeça, fechou os olhos, relaxou os músculos, corpo entregue. Que paz! Não pensar, não sofrer. Permaneceu assim. Sentiu, por causa do calor que o acompanhava, que o raio de sol subia, devagarinho, atingia-lhe os pés, depois as pernas, as coxas, subia mais, penetrando-a. E um desejo, leve de início, insinuou-se, se apossou dela, foi se avolumando, um desejo que a fez enrubescer, mas que a dominou por completo, possuindo-a até as menores partículas de seu ser.

Arfava. Suas mãos se crispavam. Um nome lhe veio à boca e ela a custo articulou-o:

— Godofredo!

IV

"Seu" Demerval continuava de um bom humor irresistível, invencível. Acordara assim e não queria se explicar a razão. A mulher estranhou vê-lo cantarolando, preta velha se benzeu.

— Hoje levantei com pé direito... explicou ele. Lavou-se, tratou dos passarinhos, mimou os gatos da mulher, folheou alguns papéis, mas não estava com disposição para ficar sentado, o espírito leve, saiu, dar uma volta. Que ar bom, que dia belo, que vida boa! As carnes bambas pendiam, enquanto cumprimentava num gesto afável, virando-se para uma banda e outra. Chegou a parar, acariciar um menino que brincava na areia, observando as idas e vindas das formigas ordeiras, monótonas e desagradáveis.

"Seu" Demerval não se lembra dos últimos acontecimentos, não queria recordá-los. Para quê? Besteira! Que venham quando quiserem vir. Agora aproveitemos o momento presente Não via, a falar verdade, motivos para tal espécie de bom humor, de euforia plena. Pelo contrário. Mas nem por isto ficava menos feliz. Pra que saber donde nos provém as coisas boas, cismava. Se as formos estudar acabam se esvaindo — e adeus!

A preta viu-o sair, espantada. Logo se conteve, aceitando o fato como natural. Conhecia "seu" Demerval. Entrou, ajudou a dona da casa a cuidar da cozinha, pre-

parando os variados quitutes para a gula do patrão, terminou de varrer e arrumar. Depois se retirou para o seu quartinho nos fundos da casa.

Na casa, passando de um compartimento para outro, a mulher de "seu" Demerval, sem poder se conter por mais tempo, chora. É um choro silencioso, de dentro, que a sacode toda, as lágrimas rolam, lhe escorrem pelas faces pálidas, definhadas. Os soluços engasgam-na, lhe erguem e baixam o peito seco, mirrado. Numa de suas andadas para no quarto de dormir, diante da mesinha de cabeceira, fixa um retrato, toma-o nas mãos, acaricia-o, o choro redobra.

Soldado Laurindo e "seu" Demerval se encontram perto do trapiche.

— Muito bom dia, "seu" Demerval.

— Sim.

— Que é que temos?

— Que temos o que?

—Pra fazer, vim receber ordens, ontem o senhor disse...

— Que ordens que nada, homem, ontem foi outro dia, hoje é hoje, que ordens nem meia ordens! Você quer ordens com um dia destes? Vá tomar outro porre, continue, e não se esqueça de mim.

— Mas "seu" Demerval, sou um soldado cum...

— Já sei, já sei, lá vem você outra vez com aquela velha lenga-lenga. Safe-se da minha frente, é que são elas, e não me apareça antes que o mande chamar. Entendido?

— Às ordens, sim senhor, o senhor é quem manda.

— Então estou mandando.

V

Lola é que não pudera dormir. Assim de uma hora para outra dois acontecimentos importantes. Que iria mais acontecer? Lola era supersticioso, acreditava piamente que depois de dois acontecimentos, em especial se maus, os dois ou um deles, o terceiro era inevitável. Viria. E logo. Qual seria o terceiro, qual?

Chegado em casa observara que os dois artistas ali não haviam estado. Contudo, mesmo que lhe tivessem feito uma visita, pouco levariam, ele em ninguém confiava e sabia onde guardar o mais importante. Ficara a imaginar o coitado do Jango. Tanto que prevenira, uma imprudência, deixar dinheiro assim. Jango era mesmo pesado. Sempre que estava para se livrar, se tornar independente, bumba! Vai ver que até estivera, homem de boa fé e crédulo assim estava para nascer outro, precisava estar sempre sendo vigiado, orientado, mas que diabo, afinal não era mais uma criança, vai ver que até estivera, em conversa com os dois artistas, lhes contando seus segredos. Não era de duvidar. Com certeza não lhe levaram a mulher e a filha porque não quiseram, não tinham lugar na mala.

O que aborrece Lola, o que lhe tirara o sono, fora aquilo de ser ludibriado. Isso, sim, ele abominava, odiava. Ter-se deixado tapear, ter por um minuto que fosse relaxado aquela desconfiança que o acompanha como uma segunda natureza, aquela armadura que já faz parte dele, ter por um instante sequer... vai ver estava ficando velho, perdendo a fibra! Neste caso estava em tempo

de cumprir o que se prometera. Chegar a ser um Jango qualquer, que se deixa enganar bobamente, nunca! Só existia um remédio.

VI

Assim fora. "Seu" Jango punha as mãos na cabeça. A casa devastada. O dinheiro sumido. Outros objetos carregados. E eles que tinham ajudado a transportar as malas para a lancha, segurando-as das mãos dos dois artistas! Agora os dois filhos da mãe estariam a rir dele. Bem feito. De toda a vila — acrescentou — a rir de toda a vila. Tão bem tratados que tinham sido. Ainda sábado na festa... e "seu"Jango se lembra do Lola, do "seu" Demerval e do relógio, da professora. Não pode deixar de rir. Aquilo do relógio foi de propósito, nem tinha que ver, os dois sacanas eram mesmo espirituosos, devia-se reconhecer. Conversando na lancha muito calmamente com a autoridade, explicando como a coisa era feita, de repente... zas!, era uma vez um relógio. Será que algum dia encontrariam solução para o caso? De como tinham avançado na... mas a história com "seu" Demerval fora mesmo a mais engraçada de todas. Durante o espetáculo brincando, avaliando o relógio, fingindo que o quebravam, depois... ah-ah-ah-ah-ah — era de morrer de rir! E aquela do Lola ajudando a segurar a mala, onde deviam ir as coisas deles, dele Jango, não era também muito boa... ih-ih-ih-ih — não era? E "seu" Jango ria, ria, ria — as lágrimas corriam-lhe pelas faces, corriam e ele ria. Lágrimas de ira ou provocadas pelo excesso de riso, sabe-se lá!

Quantos anos mais amarrado ao Lola?

VII

Quem não ria nem tinha lágrimas era pai de "seu" Jango. Estava sério, calado. Confiava em Ti Adão. Não precisava dizer mais nada, pra que falar, discutir? O que tinha a dizer, o que precisava escutar, dissera e escutara.

Saíra de casa de manhãzinha, andou pela praia, muito atento observando o mar calmo, as gaivotas na sua faina de fisgarem o peixe. Depois foi de casa em casa, relatando a visita feita ao velho africano. Demorou-se mais tempo na casa das duas irmãs gêmeas, velhas solteironas secas e altas, ambas de voz estridente e língua ferina, uma das quais, não se sabia qual, ele namorara quando moço, antes de se casar com uma prima.

— Siá Bernarda, siá Bernarda!

Acorreram as duas à janela, ambas iguais na altura, no falar, no se moverem, no sorrir e no piscar continuado. Vestiam igual, uns vestidos escuros, enfeitados de rendinha, de gola alta cobrindo-lhes o pescoço seco e enrugado. Traziam o cabelo em coque. O nariz de ambas projetava-se para diante, farejando tudo.

Moravam numa velha casa, herança da família, que fora a mais luxuosa da vila, admirada e louvada em toda a redondeza, agora em franca decadência, num total abandono. Quartos amplos, um despropósito, salas grandes, lustres, móveis, tudo empoeirado, sujo, vazio, num abandono de anos, cheirando a mofo e desleixo, paredes caindo, a caiação branca tendo adquirido uma tonalidade indefinível.

— Siá Bernarda!

Conheciam todos os boatos e inventavam outros tantos.

— Siá Bernarda!

Muito santarronas, viviam rodeadas de imagens, pareciam imagens.

— Siá Bernarda!

Como vai o senhor; há quanto tempo; a que devemos a honra? Ninguém mais nos visita, se lembra da gente — falavam a um só tempo, naquele som áspero e velho, quase sem abrir a boca. As palavras vinham sibilantes, elétricas, arranhando.

— Siá Bernarda! Fui lá, fui lá!

— Foi mesmo?

— Fui, sim, siá Bernarda!

A ambas ele chamava "siá" Bernarda", o nome da antiga namorada aumentado do "siá", incapaz de diferenciá-las, tão mais iguais estavam elas agora e tão fraco da cabeça andava ele. Ambas aceitavam com igual naturalidade o tratamento, ambas respondiam, talvez nem elas mesmas souberam se diferenciar, nem qual das duas havia sido a namorada do velho. Aliás assim eram conhecidas na vila. "Siá Bernarda". Pessoa alguma conseguiria distingui-las, tão idênticas eram, procurando a força tornar-se mais semelhantes ainda. Talvez também o perene contato, o trato mútuo, a presença constante das duas na mesma casa, desde que nasceram, sempre juntas, pensando e agindo juntas, estudando juntas, passeando juntas, tenha influído. Sim, porque embora hoje na vila não se acredite, as duas irmãs tinham sido jovens, tinham acalentado sonhos. Com o tempo passando, uma adquirindo a personalidade da outra, as duas personalidades já de si tão semelhante se fundindo para formar uma terceira personalidade diversa, da amálgama das duas anteriores,

uma personalidade em dois corpos. Mas se poderia em sã consciência chamar aquilo de "dois corpos"? Onde os dois? Se um era o espelho do outro!

— Sabe da novidade, siá Bernarda?

— Saber sabemos, sempre tem uma alma caridosa que nos vem contar, mas pobres de nós, nunca saímos de casa, não nos metemos em conversa que não nos dizem respeito nem tratamos da vida alheia, só cuidamos da nossa. Conte.

— Estive com Ti Adão...

E se perde numa reprodução da conversa que mantivera. Mas as duas irmãs já abandonaram Ti Adão há muito tempo, para elas agora o último deus é Jacinto Silva, de Pagará, um santo homem. Contam:

— Ontem esteve aqui Dona Malvina, conhece, que veio pra contar pra gente um outro caso de Jacinto Silva, de Pagará, onde que Ti Adão ou "seu" Cardozo chegam perto dele! Foi o caso que perto da casa de Dona Malvina está morando um homem de Santo Amaro, veio passar uns tempos com os primos, os Sezefredos, que foi quem contaram pra ela. O irmão da mulher deste homem estava se tratando com umas irmãs de caridade, santas mulheres, que diziam ter ele malária. E vá que vá remédio pra malária. Cada vez pior. Então a mãe do moço pediu ao cunhado, irmão de quem contou a história, pra ele ir no Jacinto Silva, mas ele custou a ir porque diz que não acreditava nestas coisas que eram besteiras, só acabou indo porque não tinha mais remédio pro cunhado, tinham provado tudo, e cada vez mais pior e mais fraco. Foi, chegou lá, falou, Jacinto Silva deu um remedinho pra ele, dizendo "leva pra seu cunhado, ele deve beber isto

num dia, em três vezes, fechado num quarto escuro, sem ter que ver nem um pingo de sol, se não não presta, ele não tem malária nada, ele tem é uma pulmonia, depois que tomar a terceira dose ele vai escarrar uma posta de sangue, ninguém se preocupe não que é o mal que está saindo de dentro dele. Daí pra diante vai ficar melhor, quando estiver convalescendo manda ele me visitar, mas ele que é um homem bom, você nunca mais que me apareça aqui, vou curar só porque seu cunhado não tem culpa e não gosto de fazer o mal, se não deixava ele morrer que nem cachorro, devia deixar só pra castigar, não duvide do que não conhece, me diga só porque foi aquilo de dizer que eu não sei nada, sou um burro... se não me conhece como sabia que eu era um burro, hein!". O homem saiu de rabo entre as pernas, murcho e batido, bem feito pra ele. Passaram anos desde aquela época e o cunhado aí esta, forte e trabalhador, o irmão de queixo caído, fica querendo saber como é que Jacinto Silva, de Pagará, foi saber de uma conversa feita em família, em Santo Amaro. Dona Malvina contou que o homem chorava quando acabou de relatar. "Jacinto Silva mora em Pagará, tem um terrenão grande, vive de plantações, não precisa, não tem necessidades, faz o bem porque é bom e porque esta dentro dele fazer o bem... não é como outros, só pensam em dinheiro...".

— Ah, é... — vai dizendo o velho pai.

— Falar em dinheiro, em pagamentos, a gente se lembrou de outro caso melhor ainda. Diz que um dia foi um homem levar um frango de presente pra Jacinto Silva, de Pagará, como pagamento por uma cura na mãe lá dele. Chegou, entrou, Jacinto Silva, estava só, sentado

na sua cadeira, diante da mesa, escrevendo, pensando. O homem nem disse ao que vinha e Jacinto Silva gritou: "afasta-te de mim, homem endemoninhado, pra bem longe, tu e teu galo do maldito!". O homem arregalou os bagões, retrucou: "— mas Jacinto Silva amigo, vim trazer um presentinho...". Jacinto Silva nem deixou ele terminar: "— um presentinho mas não pra mim, não pra mim; leva pra quem deste". E o homem: "dei pra quem, é pro nosso amigo e benfeitor...". Jacinto então: "— me diga, vamos, me diga, quando você foi pegar o frango que ele fugiu, você não gritou "diabo que te leve?". Então como vens agora me dar o que já havias dado antes ao maldito? Vai-te com ele, anda...". O homem se recordou, saiu de cabeça baixa...

E as duas irmãs, em contraponto intraduzível, impossível de reproduzir, vão relatando outros milagres. De repente:

— Mas não é isto, que sabemos nós, aqui trancadas, que tem por aí de novo, conte pra nós, conte, não sabemos de nada, de nada, não fique aí calado...

— Siá Bernarda, nem lhe conto...

— Conte, sim, conte, conte...

— Ah, aconteceu tanta coisa, Jango não se emenda, não atende o pai, os mais velhos, foi o caso que aqueles moço de fora...

— Ah, por falar neles, sabia da última, bem andamos nós que não fomos no tal de espetáculo tapeação, coitadas de nós, não saímos, mas às vezes se acerta, esses homens de hoje não têm respeito, não sabemos de nada se é verdade, contam mas a gente não quer saber o que contam, cada um deve viver pra si e Deus só é que deve

saber de todos, a boca do mundo é grande, bem fazemos nós, não acha, aqui enterradas só nos preocupando com nossa vidinha, tanta maldade e ingratidão no mundo de hoje, antes não era assim, a gente deve se isolar, ficar longe dele, quem haverá de imaginar, só vamos saber as coisas depois de velhas de dias, não é que contam que a professora fugiu com o rapaz, aquele moreno...

— Siá Bernarda... falam tanta coisa...

— É isto, este mundo é uma perdição, falam de um, falam de outro, falam, falam, nunca se sabe se a razão e a verdade andam aqui ou ali, mas... cala-te boca...

— Siá Bernarda...

— Ah, o passado, a gente se lembrando do antes...

Calam-se por um momento, perdidas neste passado que embelezam. Depois voltam a puxar pelo velho conhecido, mas interrompendo-o e pondo-se a falar e falar.

VIII

A dona da pensão refletia em como eram espertos os dois fulanos. Contava e recontava a história aos vizinhos. Para que ela não desconfiasse e desse o alarme, no caso de também não lhe pagarem a pensão, haviam pago muito bem, elogiando o tratamento, os pratos servidos, a higiene, "e que em muita cidade grande não se comia tão bem", especialmente peixes. Deram gorjetas pras empregadas. Despediram-se com um sorriso e um aperto de mão muito amável. Ela havia se levantado para providenciar-lhes café, notou que estavam vestidos e com as malas fechadas, como se não tivessem dormido, chegadinhos recentes, o que no momento não lhe despertou a atenção.

Agradecendo mais uma vez a acolhida, que taxaram de "verdadeiramente maternal", se foram.

Que não era incômodo algum, até um prazer — declarara ela, embora no íntimo não se sentisse nada satisfeita com aquele "verdadeiramente maternal", afinal não era tão idosa assim.

O alto e magro, da-cicatriz, sempre muito calado, taciturno, reprovando a verbosidade do outro, agora confirmava com um gesto de cabeça o que dizia o moreno:

"— A senhora é uma dona de hotel de mão cheia. Pode se orgulhar de sua cozinha, em especial do prato de peixe ensopado. Ah, a pescada ensopada, que é que a senhora bota pra ficar como fica! Pensava que ia rebentar de tanto comer".

A dona de pensão, modesta, não retrucava.

— Dá mesmo pra mode se rebentar, o prato é saboroso, aquele odor divino que exala e a que o sabor corresponde plenamente... — deixava cair o moreno, continuando, depois de um silêncio geral.

O alto voltava a confirmar.

A hospedeira babava-se, em pleno gozo.

"— Vou divulgar por toda parte o... não é, parceiro, que achas, não te acanhes, eu já não te disse..." — insistia o moreno, acotovelando o outro para comunicar-lhe parte de seu entusiasmo.

O magro e alto, como quem não queria sair de seu ascetismo, mas é obrigado, engrolava qualquer coisa que devia significar aprovação plena às palavras do amigo, engolia em seco, enquanto repetia o convite para saírem, "estava na hora".

— Mas é cedo, não é? — perguntava ela.

— Cedo não, cedo nada!

Quem acreditaria, ficava dizendo a dona da pensão, a esfregar as mãos no avental, quem pensaria, dois jovens tão simpáticos, tão distintos! Bem que logo de começo não fora com a cara deles. E sempre gostava de se guiar pela primeira impressão, é a mais verdadeira, foi assim que acertara com o falecido. Mas tão delicados, tão amáveis, tão finos, a quem não conquistaram, ela sozinha, sem o falecido pra orientá-la, se deixara levar. Dizer-se que saídos dali pelas cinco horas ainda devem ter ido dar um bom golpe antes de tomar a lancha!

E numa transição brusca:

— Coitada da professora, tenho muita pena dela, uma moça séria, calada, que não dava bola pra ninguém daqui. Meu falecido bem que dizia, muito cuidado com as mocinhas caladas e ingênuas, são as mais perigosas, as que dão mais trabalho. Quem haverá de dizer. Mas esses ares de grandeza, não querer se conformar com o destino traçado lá do alto pra gente, dão nisto. Por que não terá vindo ainda? Ganha e os pobres dos alunos não aprendem, não têm aula. Envergonhada, certamente. Dá pena. Com medo de se mostrar, alguns daqui achando mesmo que ela, tão orgulhosa, com o moreno, se deixar enganar assim... não quero falar, não acredito nestas insinuações, Deus me livre soltar aleivosias pra cima de quem quer que seja, nem o meu maior inimigo, se eu tivesse inimigos, depois minha casa é séria, eu mesma, Deus me livre, se visse alguma coisa de menos honesta botava eles pra rua logo, não ia permitir, nunca, agora fora não sei, não tenho nada com isto, cada qual que cuide da sua vida, não ponho a mão no fogo por ninguém, ninguém. E para

ser franca penso que às vezes, por pouco, se não fosse o respeito devido à minha casa e saberem que eu não admitiria de maneira alguma, sei impor respeito... agora fora do que é meu não tenho nada que ver, cada um é dono de si, senhor do seu nariz, manda em si mesmo e faz o que bem entende. Se se estrepar, paciência, arque com as consequências. Não quero falar, nada tenho contra ela, sempre me tratou bem... mas as más línguas por todo o canto começam a murmurar, sabem como é, os cochichos... uma mulher precisa, tem a mais santa obrigação de se precaver, mesmo que seja calúnia, uma pessoa com mancha é uma pessoa manchada... a honradez não anda por aí a esmo para ser adquirida de uma hora para outra, isto dizia meu falecido, desaparecida ela... adeus!

IX

Ti Zé relatava aos amigos o susto que tomara. Correra logo para casa, coração batendo. Não sabia a hora que ia chegar, parecia-lhe que a lancha não caminhava, fora uma viagem eterna, interminável. Puro nervosismo, bem sabia. Mas não podia se controlar. Acordara a mulher, indagando. Um sorriso feliz, de alívio, coroara a notícia, cobrira-lhe o rosto de rugas, ao terminarem as informações pedidas. Não podiam ser outras, mas ele precisava da confirmação escutada a viva voz. Apesar de desconfiar que eles não perderiam tempo indo atrás de uma aventura duvidosa, não se arriscariam a ir até tão longe, só descansou, só se acalmou quando a mulher repetiu de novo: "não, nada aconteceu, dormi até tarde, fui saber por último". Ainda assim quis se certificar com os próprios olhos.

Foi preciso olhar para o dinheiro, tocá-lo, conferir uma a uma as notas sebentas, sentir a maciez das mais manuseadas, a aspereza das novas. E ria.

X

"Seu" Tomás foi outro dos felizes.

A mulher explicou:

— Só depois é que deu ela pelas coisas, ligou fatos e concluiu, vendo que escapara por pouco. Bem notara os dois rodeando a casa, mas não imaginara que fosse para isto. Para que então?

Não explicou, nem explicação alguma lhe foi pedida.

Continuou:

— Por que ainda estavam ali? Eles deviam estar também se aprontando pra viajar, já os julgava na lancha. O marido saíra cedo. Ela estava levantada, tinha o que fazer bem cedo. Perguntou o que queriam. Os dois, que não se sabiam observados, gaguejaram, com certeza não esperavam encontrar ninguém, deviam pensar que ela acompanhara o marido, logo readquiriram o sangue frio, indagaram as horas, deram uma desculpa tola. Que se tinham perdido ou que passeavam, não se lembrava ela ao certo.

"— Tão tarde já!" — exclamara o moreno. "Estávamos passeando, nos despedindo da vila, o tempo passou despercebido, nos perdemos. Bem, até mais ver; vamos ligeiro pra pegar a lancha. Acho que ainda devem estar esperando por nós, está em cima da hora, dá tempo da gente chegar, eles não vão sair antes e nos esperam uns minutos, se a gente se atrasar. Por onde fica mais perto?".

XI

Justino, Justo, era da grande maioria. Nada tinha para ser roubado, nem na barbearia, muito menos em casa. Mas bem que prevenira. Não gostara da fisionomia dos fulanos. Muito açucarados, muito melosos, se derretendo em delicadezas. Falsos, a falsidade transparecia em cada gesto. Mas agora não o atendiam, não adiantava ele falar. Prevenira, não prevenira? Pra quê!

Justo, na manhã de domingo, levantara-se cedo, fora para a frente da casa ver o nascer do sol e fumar. De repente viu passar os dois correndo.

E na corrida disseram:

"— Estamos atrasados, té mais ver, ficamos conversando com Dona Júlia e quase nos esquecemos... lembranças pra Godofredo, a gente não se despediu dele; por que ele não vai na festa?".

E numa chispada, capengando, arcados ao peso das duas malas e sacolas, sem esperarem resposta, continuaram descendo, lá se foram.

Agora, na barbearia, conversando com os outros, todos trocando impressões, Justo coça a barbicha, fuma, conta com grande luxo de detalhes e exclamações, o ocorrido, frisando a cada frase a ojeriza, a sua antipatia natural, a primeira vista, para com os dois estranhos. Acharam que era ranzinzice dele. Estavam vendo. Aí estava no que dera. Água de barrela.

E todos os presentes tem um:

"— Eu também, eu também, eu também!".

enquanto abanam a cabeça.

XII

Godofredo ia passando a espuma na cara de Severino e sonhando. A espuma corria e escorria, subia aos olhos, descia a boca, entupia o nariz. Ele indiferente, sem perceber. Foi preciso um grito de Justo, a uma nova reclamação do freguês. Godofredo assustou-se, sorriu. Breve seria livre. Esfregou mais o pincel na cara do homem, botou água, afiou a navalha. Severino contava:

— Me vieram dizer, eu estava pra ir na igreja. Pensei que fosse troça. Só quando vi "seu" Demerval esbravejando por causa do relógio, era mesmo engraçado, comecei a acreditar. Mas às vezes, ainda não estou muito certo, não vou acreditando, penso mesmo é que velho marinheiro tem razão. Roubar nada... o roubo foi só uma tapeação.

Calou-se, interrompeu o pensamento, enquanto a navalha ia descendo de cima a baixo, até raspar o gogó. Falou:

— Eta navalhinha boa, só falta falar, dentinho ela tem.

Ninguém riu, a tirada era secular. Só Justo não gostou, pensou a respeito de Severino uma palavra que não teve coragem de pronunciar. Godofredo, outra vez esquecido do mundo, nem escutou, rememora. A navalha ia e vinha. Impressionado com o que contava, indiferente ao perigo, o homem prossegue:

— ...que roubo que nada, grande roubo, o certo é o tesouro, estive ontem trabalhando o tempo todo, de noite, com o meu compadre Severiano. Não devia contar, mas estou entre amigos, e a coisa vai bem encaminhada... Se lembrem que há tempos Ti Adão esteve uns dias na

casa de Severiano, depois foi sem nada achar, mas jurou que deixava dinheiro debaixo da terra do velhote.

A navalha caminha, atinge o bigode, para. Felizmente, pensa Justo, a barba está no fim. Tenho que dar um jeito neste rapaz. Cada dia pior. Não sei o que ele tem hoje. Hoje nada, sempre, sempre, hoje mais. Deve ser consequência de ontem, aproveitou pra ir a festa e está que não se aguenta. Nos outros dias, pelo menos quando está trabalhando, goste ou não goste, está trabalhando. E se cuida um pouco. Hoje...

Godofredo pensa que mais hora menos hora a coisa vai estourar. E que seja logo. Melhor, afinal. A decisão foi tomada. Terá que trabalhar com os outros, numa lancha, esperar, conseguir uma vaga e fazer-se ao mar. Não poderá viver da renda da barbearia, aquilo não o interessa, mal dá para um, eles serão dois, bem logo mais do que isto. E a verdade é que não gosta do serviço, abomina-o, sente-se inferior aos outros, inveja-os, contando ali suas aventuras, seus trabalhos na pesca. Trabalho dignificante ali é o do mar. Só. É com orgulho que se dirá pescador. Seu bisavô, seu avô, seu pai, os parentes todos, sempre foram pescadores, e quando não eram pescadores tinham qualquer atividade que os ligava ao mar. Dele viviam e morriam. Mesmo o Justo, falando agora tanto. Não diz que não apareça ali, se o tio permitir. Sempre é uma ajuda, infelizmente sabe que não poderá se manter só com o que conseguir da pesca. Sua parte será pequena. Não vai querer, nem que o pai dela aceitasse e o convidasse, trabalhar diferente dos outros, ter privilégios, ser gente da "família" do patrão. Isto nunca. Gosta mesmo da moça, gosta dela... não é por outro motivo que continua na vila,

quando o sonho dele, todos sabem, é se ir. Teria de há muito tocado o pé no mundo.

Não tem problema nenhum de consciência pelo que aconteceu, o remorso não o tortura, não vê motivos para remorso. Absurdo! Foi natural, lógico. Tem que procurar convencer Lurdes de que nada fizeram de errado, foi questão de... de que mesmo? Vai ser difícil, ele viu ontem. Não vai até o ponto de se defender, de defender de uma maneira geral a atitude deles. Não. Mas é preciso compreender a situação, o momento, a... ocasião faz o ladrão.... e a ocasião vinha se delineando há muito.

Severino saiu, os homens todos vão para a porta, Godofredo acaba de arrumar os cacarecos, muda o rumo das ideias, precisa ter uma conversa com Leopoldo, poucas vezes se falaram, mas ele andou escutando umas coisas e sente que o outro muito poderá lhe ensinar. Sim, precisa de alguém com experiência e sem ideias absurdas, que lhe diga o que fazer, que o oriente.

XIII

Dultávio da gaita sumida, que entrava na barbearia, perguntou se não achavam que o fato devia se relacionar com o acontecido sábado. Seria alguma coisa anteriormente tramada e que o corte das redes atrapalhou. Que planos teriam? Não estava gostando da brincadeira, não era só o roubo da gaita. E caiu em elogios à sua gaita, conhecia muitas, tivera algumas, mas boa assim outra não existia. Pegava-a e ela se lhe oferecia, ajudava-o a tocar, ajudava, sim só quem tocava e que podia compreender estas coisas. Cada instrumento possui a sua alma, procu-

ra o seu dono, que a sabe tanger. E "seu" Demerval que ainda dera para uma deles anotar os interrogatórios... que agora não tomava providência alguma... que se ficara naquela besteira do telegrama. Não, repetia, não falava só por causa da gaita nem porque fora uma das pessoas prejudicadas, talvez a mais prejudicada. Uma gaita nova, comprada com que sacrifício só ele sabia. Só ele não, quem ali não sabia? Passara fome, não dava nada em casa, terminara o namoro com a filha do seu Gregório só porque ela não quisera esperar... quem não sabia...

— Como se entre nós aqui não tivesse ninguém pra fazer esta porcaria de anotar! — interrompeu Justo, que tinha uma pendência antiga com "seu" Demerval.

— Grandes merdas! — xingou Severino, acabando de alisar o cabelo.

— Taí a filha de "seu" Jango, menina prendada é aquilo — lembrou Justo, olhando de esguelha para Godofredo, notando-lhe a brusca vermelhidão.

— A professora, a professora — insinuou Godofredo, procurando desviar a conversa.

— Ah, a professora, coitada, será verdade o que dizem? — lembrou alguém.

— Sei não! — interrompeu Severino — falam tanta coisa, a língua do povo é maior que o mundo, só sabem falar da vida alheia. Sei não.

— Mas muitas vezes a fala tem razão. Não há fumaça sem fogo — Dultávio disse, sem segunda intenção, pensando antes na gaita do que no que pronunciara.

— E o Leopoldo? — Manuel que acabara de chegar falou. O Leopoldo sabe mais que muito doutor. E é gente nossa.

— Sim, mas Leopoldo eles não ia querer — Godofredo nem sabia porque pronunciara tais palavras. Vieram-lhe, saíram, antes que refletisse.

— Não ia, não ia porque, ora por quê?

— Sabes melhor do que eu.

— Sim, tem gente que não gosta dele, que diz que ele é isto e aquilo. Bobagem. O que ele é é amigo da gente, é igual a gente, sabe dos trabalhos da gente.

— Depois esta história de todo mundo depor. Pra quê? — Dultávio disse.

— Até eu, vejam só... Justo brincou.

— Até eu... — Godofredo imitou o tio.

— Até o surdo... o meu compadre. — riu Severino.

E todos riram.

XIV

Melquíades valorizava as moedas, tinha recebido cartas de fora, não pode explicar como foram saber que ele tinha moedas, gente querendo dar uma dinheirama por elas. Tinha uma que não existia no Brasil, foram cunhadas umas dúzias só e espalhadas por todo o mundo. Tinha outra que trazia uma letra trocada. Tinha outra ainda com imagem torta, tudo isso que torna mais raras as moedas, pra um qualquer não é nada, mas pros colecionadores! Isto pra não falar nas que valiam por si mesmas, porque eram de ouro, patacões de ouro. E à medida que vai repetindo a história vai aumentando o número e o valor das moedas.

Melquíades principia por contar como começou a organizar a coleção, passava fome mas nunca se desfez

de uma. Os amigos já sabiam da história, ele já a repetira, neste dia, vezes sem conta.

Dultávio diz:

— Perto da minha gaita não era nada.

Melquíades se indigna:

— Só uma das moedas valia meia dúzia de gaitas. Só uma.

— Mas valia, hein, mas valia! Chupa aqui no dedo mindinho, chupa.

— Que sabes de moedas?

— Que sabes de gaitas?

Conciliador, Justo se intrometia:

— Se nenhum sabe do outro, por que discutem, vai resolver, vai trazer de volta o que perderam?

Todos riam, a discussão se enfezava, todos tomavam parte.

XV

Outras pessoas, em qualquer lugar que se encontrassem, iam discutir os últimos acontecimentos, lamentar-se, quase sempre ligando-os, relacionando-os. Ora os barcos, ora os tesouros — e os dois artistas passavam a ser agentes de uns e outros. Comentários contraditórios, absurdos, fantasistas, sem nexo, se entrechocavam.

Somente Salgado nada dizia, não participava da agitação comum. Pedro Salgado, o psicólogo, emudecera. Preocupações maiores, mais graves, o absorviam.

Observava os homens inquietos, tramando qualquer coisa, preparando-se para entrar em ação.

O que seria? Para quando seria?

XVI

Breve coro das lavadeiras

(Na fonte comum — um riacho que escorria entre pedras, descendo do morro, indo perder-se mar a dentro — o assunto principal entre as lavadeiras, como nas demais zonas da vila, era o mesmo, quase um só: o roubo, suas consequências, as redes rebentadas, os homens dos barcos, o tesouro, a falta de peixe, a fome e miséria. Estes fatos exerciam uma influência poderosa, dominavam as imaginações. Mas o roubo ia adquirindo ascendência sobre o demais; depois decaía; depois voltava a dominar. Esqueciam a luta com os homens dos barcos, as consequências funestas que lhes poderiam advir com o corte das redes, luta que poderia se prolongar muito, enquanto o roubo era uma coisa liquidada, acabada. De vez em quando uma ou outra lembrava, conforme tinha escutado dizer em casa, que as duas coisas tinham relação. Havia as que discordavam. Que relações que nada!

E havia, como por exemplo a mulher de Leopoldo, as que queriam conduzir a conversa para outro terreno. Ver o que as mulheres poderiam fazer para ajudar os maridos, auxiliá-los não só como estavam fazendo, se matando por nada, mas incentivá-los, auxiliando-os a sair da situação em que se encontravam, do impasse em que viviam. Os resultados não eram animadores. Nem a ocasião propícia. Excitadas, não se concentravam, borboleteando e voltando a pousar na mesma flor, isto é, no roubo. Na fonte as lavadeiras passavam em revista a vila.

Formavam um grupo heterogêneo quanto à idade, porém idêntico na pobreza. Batiam roupa, velhas, moças, meninas, senhoras esperando bebês, outras quase bebês. O plac-plac soava seco, a água espadanava, muito alva, erguia-se em flocos que voavam e depois desabavam longe, na própria água ou na grama, logo se desfazendo. Agachadas, não paravam de falar, num linguajar característico, inconfundível, numa meio linguagem cheia de cacoetes, de neologismos, de modismos, intraduzível, incompreensível na maior parte. Gravá-la seria difícil tarefa; adaptá-la, deturpá-la; traduzindo-a, um crime. Perderia o sabor e interesse. O som se perdia, impossível retê-lo — e os ouvidos desacostumados estranhavam o que ouviam, não reconheciam o idioma falado, rebeldes à aceitação do linguajar exótico, aquele sotaque áspero, como se fora uma língua estrangeira, longínqua, ou quando muito reminiscência de um idioma conhecido, há muito perdido, não mais escutado — e que de repente ressurge do passado com todo o seu cortejo de recordações. Não só as palavras eram novas e tinham novos significados. Eram reencontradas, antigas conhecidas, com novos significados. E a maneira de as pronunciar, de acentuar e destacar certas sílabas, certos vocábulos, de lhes dar uma força toda particular... tudo aquilo confundia, desarmava. A mania de engolir pedaços de palavras, cortando outras, substituindo-as, resumindo-as, num lento e devorador trabalho de sapa, lento e constante. Ou ainda a união de duas ou mais palavras em uma, outras vezes a dissociação de uma em duas... Tudo isto era novo, tudo isto era fascinante, invulgar, mereceria uma atenção à parte, mais acurada. Como nova era a mistura de linguajar, com a penetração e inter-

pretação de vocábulos de outros idiomas. Um português a bem dizer macarrônico).

1ª lavadeira — Pus né, Ti'Ntonia, ond'se viu, vin pra qui robá as gente, os pobre qui nem nóis, qui cosa mas sin graça, andá i andá pra amode di robá gent qui num tem nada pra se robado, num ten nin ondi caí mortu. Inté quistu num tem jeito num sinhora. Nunca qui intendi. Elis iam, divia, era piscurá lugaes mais grandi, pra amodi di robá mundo... cum'é qui acabaro pru riba de nóis?

2ª lavadeira — Ora ora Sá Zefa, a sinhora té qui tá mi indisiludindo. Credo in cruiz, muié! Entonces tu num sabi qui nas cidadi grandi hai mundo mas gatuno pra burro, i dus bon! É perciso di piscurá os lugá novu, piscurá inté tupá otras terra... Vancê num vai mi querê cunvencê queles num levaro nada, vai? Ate qu'eu mi dava pur munto satisfeita sem percisão desti dianho di fonte cos dinhero levado pur elis daqui.

3ª lavadeira — Mas antão acha qui num pode sê por mode os tesoro cumo disse véio marinheiro qui é curridôdi mundo, viajero cumo eli só?

2ª lavadeira — pudê pode!

3ª lavadeira — pudendo...

2ª lavadeira — sim, purque a dega aqui num vai nessa onda.

4ª lavadeira — ô pru mode dus barco di pêxe, qui satanaz us tenha!?

Todas as lavadeiras: Amém!

5ª lavadeira — I qui viero qui pra vê as cosa?

2ª lavadeira — pudê pode.

5ª lavadeira — Antão?

2ª lavadeira — A mamãezinha aqui tem olhu vivo pra mode vê. Num vai em cantiga escovada.

1ª lavadeira — Tesconjuro, vai vê qui elis tinha parti cum o tinhoso, si não cumo é qui foro discubri onde stava as cosa nas casa?

Todas as lavadeiras — Tesconjuro, isso memo, vê qui era memo u tinhoso in pessoa, as veis eli si finge di gente pra enganá uns otro.

(Largam a roupa, se ajoelham em círculo, um pouco mais para cima donde estavam ajoelhadas esfregando roupa, cruzam as mãos no peito, e imperceptivelmente começam a rezar suas orações, para afastar o tinhoso da vila. Vão movendo os lábios num murmúrio, olhos erguidos, descruzam as mãos, batem no peito).

6ª lavadeira (a mais velha de todas, encardida, centenária, encurvada) — Fiquê magicando um mundéu di tempu logu qui sube. Si elis nun tinha patu cun u chifrudo, cum'é qui ia entra nas casa di genti di famia sin ninuguen vê, carregá tudinho, fazê as lancha isperá, tomá ela cum as nossa genti — i issimbora!

2ª lavadeira — ...i carregá u reilojo di so Dimirvar nas cara deli, du borso.

Todas as lavadeiras (voltam ao riacho, esfregam as roupas nas pedras, com sofreguidão, depois as põem aos montes perto delas, carregam e vão estendendo na graminha que fica por ali, enquanto dizem) — percisamo di mandá benzê as casa, defumá as iagua, esconjurá os mali; tá tudo qui é disgraceira caindo pra riba di nóis, só in cima da gente, é a mardição do mardito, arguen ofendeu Deus Nos'Sinhô...

3ª lavadeira — Tirá os peso, fazê as reza, nun dexá os esprito do mali se aproxega da genti...

Todas as lavadeiras — Amém.

Um silêncio.

De repente:

7ª lavadeira (a mais moça de todas, uma menininha) — Ocha pessoa de corage...

Novo silêncio, mais prolongado.

As outras a fixam com reprovação e desagrado. Mais ainda porque, no fundo, é o que pensam. Porém nem tudo que se pensa deve ser dito. Contudo a lavadeirinha merece desculpa, é tão novinha ainda, não conhece os segredos do mundo, disse o que sentia e da maneira como lhe veio à mente.

O silêncio persiste, pesado, desagradável. O trabalho parou, todas se fixam, aguardam, esperam uma saída para a situação embaraçosa.

De repente se põem a falar a um tempo só, enquanto esfregam com redobrada força a roupa, não se atendem nem se escutam, nenhuma preocupada com o que dizem as demais, fazendo o máximo para não entender.

E se torna de todo impossível compreender o que quer que seja.

XVII

"Ocha pessoa de corage!".

Acima de tudo, tudo o mais esquecido, nesta exclamação vinha implícita uma manifestação de entusiasmo e admiração. Que todos, de uma forma ou doutra, compartilhavam.

Uns pensando simplesmente: "Ocha pessoa de corage", sem aprofundar. Outros levando mais além a análise,

raciocinando: "— se esta coragem é possível para o que eles fizeram, e que julgamos errado, porque não o será então para o que pretendemos fazer?".

"Ocha pessoa de corage!".

É curioso observar como, de uma forma geral, a coragem, a audácia, mesmo nas ações consideradas reprováveis, nocivas à coletividade ou ao indivíduo, entusiasma, provoca um respeito mesclado de temor, uma admiração que se aproxima do pasmo. A pessoa que praticou a ação condenada adquire uma notoriedade de herói popular, é alguém que, certo ou errado, teve audácia suficiente para fugir ao convencional, ao estabelecido, romper com os tabus existentes.

Em especial entre a classe mais pobre é fácil de se notar tal fato. Deserdados, abandonados, sacrificados, acuados mesmo, admiram os que, de qualquer forma, quem quer que sejam, reagem e se rebelam. Fugir à mediocridade, realizando um ato fora do comum, que saia da bitola do dia a dia, certo ou errado não importa analisar agora, sempre provoca uma reação e termina por merecer se não aplausos, pelo menos admiração e quase respeito. Com uma capacidade de adaptação por assim dizer camaleônica, logo procuram se pôr no lugar de quem praticou a façanha, quebrando a rotina e arrostando dificuldades e perigos.

"Ocha pessoa de corage!".

O mesmo entusiasmo pelo feito, que o manifestado pela lavadeira, misturando-se com pragas, votos de vingança, esconjuros e maldições, dominava todos, levava em seu bojo a vila.

"Ocha pessoa de corage!".

Só os mais ricos, os lesados, com um sentido de propriedade muito mais agudo, trataram de riscar logo a

frase importuna, de expulsá-la do cérebro, substituindo-a por outra:

"Ocha pessoa mais ladrão...".

XVIII

Mas tudo acaba, envelhece. É uma lei inelutável da natureza. E quanto mais usado, mais rápido é o desgaste. Mais cedo do que se imagina, num ápice, some. Em maior ou menor espaço de tempo, não importa, de qualquer forma antes que o percebamos. Em especial quando problemas prementes e constantes, como o da fome, da miséria, dos quais os outros não passam de corolários, dominam. As pessoas procuram em vão se atordoar, para esquecer os problemas angustiantes. Contudo, estes, mesmo parecendo haver sumido, estão à tona, uma leve camada os cobre, pronta a ser rompida, aguardando oportunidade para ressurgir. Também, neste caso particular, como os acontecimentos haviam sidos muitos e se precipitado em tão curto prazo, a vila estava em estado de choque, imunizada por assim dizer. O lapso de tempo fora sem dúvida insuficiente para preparar convenientemente as pessoas. Mais tarde, quem sabe alguns dias depois, a emoção em grande grau desaparecida, caídos no ramerrão dos dias comuns, sempre iguais e monótonos, voltar-se-ia, fatalmente, quando por meses nada aparecesse de novo, a vasculhar no passado, nestes dias de efervescência. E novas exegeses surgiriam. Agora, não. Agora, como um fato recalcado, sufocado, empurrado para o subconsciente, tudo desaparecia.

A vila, como se se houvessem passado anos, séculos, como se novas gerações ali habitassem e só soubessem do acontecimento por referências muito vagas, diluídas, retidas de memória, pela tradição oral que sobra dos sucessos mais significativos na vida de uma comunidade, apenas pensava no caso, quando, por um motivo qualquer, histórias de tempos idos eram relembradas, exumadas.

Nos serões de família voltar-se-ia a falar dos casos.

Já à tarde, mesmo antes do anoitecer, a vila foi caindo no ramerrão de sempre, no todo dia. E os mesmos angustiantes problemas voltaram a dominar.

Crianças choram de fome, mulheres se lamentam da vida, velhos rememoram o passado.

Os homens param-se a olhar para o céu, discutem as condições atmosféricas. As lanchas são preparadas para as pescas, examinadas as redes. Há esperança de melhora, sempre abafadas, nunca mortas. O tempo mostrava-se firme e firme prometia continuar. Há três dias que os grandes barcos se foram, devem estar longe. Três dias é um longo tempo, peixe para bons lances devem ter surgido nesse meio tempo. Até que os homens dos barcos voltassem era outra história. Não adianta pensar no que virá, vejamos o que é. Quem sabe se esta madrugada os pescadores não seriam compensados de tudo que vinham sofrendo há longos meses? Um lance bom, como há muito não se via... um lance daqueles que seria recordado para sempre. E que viria, por algum tempo, melhorar a situação de todos, minorar a fome, remediar até que a solução definitiva surgisse.

Tanto na casa dos patrões, como na dos "camaradas", ambiente de expectativa. Época do peixe, mar calmo, cli-

ma convidativo, entusiasmo e esperança. Tudo propiciando boa madrugada, perspectivas as mais prometedoras.

As mulheres voltam a discutir, a maliciar, mais animadas.

A mulher de Leopoldo já conseguiu falar com algumas das vizinhas.

Pela praia crianças brincam.

Os velhos ouvem velho marinheiro e rememoram.

Aguardando a hora, nos botecos, os homens fazem planos.

XIX

Fazia uma tarde calma. Principiava a escurecer. Um vento ameno varria as vielas, depois subia, infiltrando-se de leve pelas casas. Crianças, encharcadas com salpicos de água do mar, brincavam, cantando o "sesta rua, sesta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladriá, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante, para o meu, para o meu amô passá". Outras, mais longe, gritavam: "Boca de forno?", e vinha de mais longe, quase inaudível: "— forno", de novo "— faça o que seu rei mandá?", e a resposta: "faço!".

Mulheres retornavam da fonte com grandes trouxas de roupa à cabeça, no ombro, sob o braço; outras trabalhavam em serviço de renda, de bilro, bordavam, faziam crochês em complicados desenhos, num trabalhar paciente e estafante, aguardando a hora de se porem na cozinha preparando a janta.

Os homens, em grupos cada vez maiores, espalhados pelos botecos, não se cansam de beber, fumar, conversar,

esperando a noite, quando irão tirar uma soneca e depois rumo ao mar, repositório de seus sonhos e esperanças.

Num dos botecos, velho marinheiro, excitado, aproveita a ocasião para bisar uma de suas inesgotáveis histórias. Bebe, fuma, cuspinha. Atraca-se com pai de "seu" Jango, que fora nos seus áureos tempos um dos mandões da vila, senhor despótico, no dizer de velho marinheiro, não podendo se conformar com o que chamava "a cordura do filho". Via o Jango primeiro submisso às ordens do Lola, quem não percebia, depois cedendo aos camaradas da lancha — e isso o magoava. Saía da sua caduquice, via tudo modificado ao seu redor. Verdade que raras vezes estava lúcido, vivia num delírio manso. Então sentava-se a olhar o mar, com um olhar dorido e longínquo, murmurando palavras incompreensíveis. Ficava horas assim, a observar as diferentes cambiâncias que a água adquiria ao correr do dia, verde, azulada, verde-azulada, um leve cinza, ouro, ouro-verde-azulado, negra ao anoitecer, com reflexos dourados quando a lua a cobria, branca leitosa quando um barco a cortava, quem sabe lá quantas outras tonalidades! Impossível, em tais momentos, acompanhar-lhe o pensamento. Parecia por vezes grandemente interessado naquele murmúrio que doce e lento lhe roçava os ouvidos. Outras vezes indiferente. Nas noites de tempestade deixava que se distraíssem, saía. Perdia-se, a vagar, sem destino. O vento zunindo em doidos rodopios, o mar lambendo as pedras, parecendo querer entrar terra a dentro, readquirir uma possessão que lhe pertencera em eras remotas. O velho homem, cabeleira rala e branca, rosto encovado, mãos cruzadas no peito magro, permanecia horas imóvel postado frente ao mar, recebendo

a brutal carícia marítima, aspirando a plenos pulmões aquele cheiro bom, adocicado, enjoativo, de maresia, que tantas recordações lhe trazia. De repente levantava-se, saía correndo, correndo, como a fugir de algo intangível, só por ele percebido.

Várias eram as versões a respeito dos motivos do seu estado, muitos não aceitando a teoria da doença provocada pelo calor. A versão mais generalizada era a dos que diziam ter ele ficado assim, não tanto devido à velhice, mas a morte de um amigo muito querido, desaparecido numa noite de temporal, amigo este que ele empurrava, a custa de provocações e zombarias, obrigando-o a se aventurar, o que significava morte certa.

O começo da fortuna de velho pai de "seu" Jango provinha de uma viagem feita muitos anos antes com este amigo. Estiveram fora, nas pescarias de Rio Grande, quando voltaram se estabeleceram. Velho pai logo foi para diante, o amigo em pouco não tinha mais nada, voltou a trabalhar de camarada com o antigo amigo, mas a amizade entre os dois não desapareceu.

Agora, ainda, vinha esperá-lo. A mulher do amigo morrera, os filhos sumiram. Só ele, fiel, continuava firme no seu posto, esperando a volta do companheiro.

A lancha saíra apesar de todas as recomendações, de todos os conselhos em contrário. Apesar mesmo dele haver desistido, se considerando derrotado, pedindo ao amigo que não fosse. Seria como se tivesse ido. O amigo rira, para ele aquilo não valia, amanhã ou depois viriam lhe dizer que "era como se ele tivesse ido". A tempestade se aproximava, uma dessas tempestades fulminantes e perigosíssimas de outono. Mas o amigo era de uma audácia

que raiava a loucura, fora desafiado, sentir-se-ia diminuído se desistisse. Grande, alto, louro, falando aos berros, rindo e bebendo, uma criança, um verdadeiro homem do mar como eles compreendiam dever ser um homem do mar. Bronzeado, musculoso, parecia uma estátua marítima, um deus. Velho pai, pequeno, mirrado, admirava-o e o invejava. Nada temia, o mar lhe era amigo íntimo e conhecido, elemento natural. Depois, dizia sempre, é o mar o túmulo natural dos marinheiros e pescadores. Sentir-se-ia ofendido, diminuído, desonrado, se morresse pacatamente numa cama, rodeado da família, cheirando mal, com vidros de remédio por todos os cantos, cochichos, lágrimas, maceração, depois a morte, o enterro, ser comido pelos vermes. Não, nunca! Antes os peixes, comera-os, agora que o comessem a ele. Partiu, com outro pescador, ninguém mais quis se aventurar. Não haviam voltado. Por toda a noite, sem coragem para enfrentar a violência incomum do temporal, homens e mulheres ficaram na praia, observando, rezando. Rígidos, parados, formavam estranhos blocos, postados em diversos pontos, batidos pelo vendaval, os lampiões balouçando doidamente e deixando escoar-se uma luz medíocre que pouco impedia a escuridão de reinar em tudo, mas prolongava a sombra de homens e mulheres mar a dentro. Saíram bem cedo no dia seguinte, mal amainada a tempestade. Na noite anterior as mulheres tinham rezado, feito promessas, formado círculos de cinza na areia, para acalmar os elementos enfurecidos. Os homens se limitavam a observar. Agora iam-se mar a dentro, à procura dos dois. Verdade que pai de "seu" Jango quis se aventurar na noite, tentar a qualquer preço um salvamento. Foi preciso segurá-lo à força,

caiu depois numa grande prostração. Teria sido rematada loucura, outras mortes se teriam a lamentar. Dois dias depois foi que o tempo voltou por inteiro à normalidade. E lá para o recanto sul da baía, bem na ponta avançada para o mar, próxima de Ganchos de Fora, num remanso, onde às vezes homens iam pescar de anzol, foi dar a lancha, despedaçada. Os remos, velas, demais apetrechos, apareceram mais tarde. Logo em seguida deu à praia o corpo do companheiro, comido em parte pelos peixes. O corpo do amigo de velho pai de "seu" Jango, até hoje esperam que volte. "A melhor sepultura para um marinheiro e pescador é o mar" — repetia sempre ele. E o mar o reteve. Satisfez-lhe a vontade. Que luta titânica não teriam travado aqueles dois gigantes, o gigante humano sentindo-se ceder aos poucos, derrotado pelo colega, levado para a morte que escolhera!

Na tarde do mesmo dia em que deu à praia, o corpo do companheiro foi levado à sepultura. Subiram-no, carregaram-no lentamente, se revesando, acompanhado por toda a população. Lá em cima, quase no cemitério, onde o coveiro aguardava de pá na mão, ia o caixão carregado por amigos e parentes, todos cansados da subida, mas desejosos de prestar uma última homenagem àquele camarada, enquanto cá em baixo, no começo da vila, a longa fila coleava, ondeante. Subiam penosamente o caminhozinho íngreme e à pique. Iam conformados, não se lamentavam. Confirmava-se o que se sabia desde o nascer. Era destino deles.

O mar é assim, ao mesmo tempo maior amigo e maior inimigo da gente da vila. As mulheres não sabem por quanto tempo terão marido, filhos, irmãos, pais; nem

eles sabem se, saídos hoje para uma pesca, voltarão. Todos temem — e a angústia é desesperadora. Por isso, devido àquela constante preocupação, as mulheres, mui especialmente, envelhecem logo, mais que os homens que só enfrentam o perigo, ao passo que elas enfrentam a angústia da espera. Logo fundas rugas cavam-lhes os rostos. Enfurnadas nas casas, na praia à espera, pensando, sem agir, torturando-se, uma noite tem a imensidão da eternidade. Os homens, além de não terem tempo para pensar, muitas vezes não têm tempo para envelhecer. O mar os traga. Ou se acostumam ao perigo e uma como máscara perene e imutável se lhes gruda às faces.

As mulheres se agarram aos filhos, desejosas de que eles busquem outra espécie de vida, não o mar. Desde cedo lhes falam nos perigos iminentes, na pouca recompensa para aquela vida tão arriscada e ingrata. Que fazer mais, isto ninguém pode dizer. Depois, trazem aquela vida entranhada no sangue, herança de gerações, mesmo antes de se localizarem ali os seus já viviam do mar. A única solução que lhes sugerem em troca é a saída para fora, para outras localidades, o que as mães muitas vezes não querem, pois sabem que lá, cairão, fatalmente, no mar. Ficam nesta dúvida, criando um impasse. Mesmo saindo, é isto o que a experiência lhes diz, depois de tentarem inutilmente outras profissões, voltam, como fascinados, ao contato com as coisas do mar, à pesca. Aqui, o mar é principio e fim. Acabará sem dúvida por atrai-los, por chamá-los. Com um contágio quase físico, do qual, ser algum que o tenha experimentado, poderá se livrar. Ademais o contato diário, desde pequenos, desde antes de nascerem, com aquela vida rude, acostuma-os a não

temerem o perigo, a enfrentá-lo de frente, com calma, a encarar a morte como uma coisa natural e inevitável, às vezes mesmo como uma libertação. Aí, sim, há uma espécie de covardia. Mas uma covardia inconsciente, que não percebem nem analisam. Desde miúdos vão se acostumando ao mar, entrando nos seus segredos, saem com os pais que lhes ensinam a arte tão antiga de conhecer o tempo pela atmosfera. Vão pescar com as pequenas redes que eles mesmos fazem com as sobras das antigas. Aprendem logo a colher a rede na mão, trancá-la nos dentes, balançando-a com a outra mão e atirando-a para que se abra por completo, fechando-se sobre os peixes que ficam presos na chumbada.

Ajudam a puxar as redes de arrasto, ensaiam pescar de espinhel, remam, namoram as lanchas invejando os mais velhos que conseguem uma vaga e já as podem cavalgar.

A discussão entre velho marinheiro e pai de "seu" Jango, a respeito dos problemas da vila, se prolonga. Atrai a atenção de todos. Velho marinheiro procura irritar o outro, não para, gesticula. Gargalhadas estalam. Pai de "seu" Jango senta-se, arfando, peito fundo e cavado, olheiras. A vendola cheia, horas se passam, a tarde cai e eles naquele assunto que os fascina e prende, saltando de um tema para outro, vasculhando no passado da vila, nos fatos mais recentes, na perspectiva da pesca.

Anoitece. Os grupos se dispersam, não só os da vendola, mas outros, todos.

XX

Manuel, andando para casa, recorda as discussões e volta a se enervar. Aquele vai e vem, aquele aceitar e recusar, terminaram por deixá-lo num estado de irritação como nunca sentira. Por pouco não transtorna tudo.

Tanta ignorância, tanta incompreensão... começa. Mas logo volta atrás, pensa que não é propriamente culpa deles. Um pouco de cabeça dura, isto sim. Culpa maior do meio, da formação, da sociedade. É um medo antigo, atávico. Dezenas, centenas de anos amarrados, tolhidos, vivendo assim, gerações vendo aquilo que para elas é tradição, um hábito impossível de quebrar.

Remar, puxar a rede de arrasto, não pensar, assistir à divisão nada equânime do peixe, fazer as compras essenciais, pagar as dívidas mais prementes, os vales vencidos, vender o peixe que lhe toca na partilha, para o dono da lancha e rede, que também muitas vezes calhava ser sócio da venda. Depois pôr a lancha em terra, limpar, carregar para o rancho, estender e revisar as redes. De noitinha preparar tudo para a madrugada seguinte. Amanhã puxar a rede para fora, por n'água, remar, puxar a rede de arrasto, cuidar dos espinhéis, vir para a praia, assistir a divisão nada equânime do peixe, fazer as compras (mais prementes, pois para tudo nunca dá), pagar algumas das dívidas, vender o peixe para o dono da lancha e rede — ou pombeiro — que também calhava ser muitas vezes interessado na venda, e já antes de entregar o dinheiro separar a parte do negociante. Depois pôr a lancha em terra, carregar para o rancho (não esquecer a rede, revisar, limpar,

estender, recolher...). Amanhã? Amanhã! Amanhã se der tempo bom, o mesmo. Amanhã se for época de pesca, o mesmo. Se não der tempo bom ou não for, ficar pelas vendolas bebericando, contando e escutando histórias, fumando, discutindo, esperando a melhora do tempo... e das condições de vida. Ontem, hoje, amanhã... iguais a outros ontens, hojes e amanhãs. Um círculo vicioso completo, perfeito, extremamente rápido e desnorteador, que não deixa a pessoa raciocinar. Pronto. E já estamos dentro dele, caímos na rotina, entramos na engrenagem que nos tritura. Pronto! Lá ficará o minguado dinheiro, voltará, como atraído por um poder magnético, irá para o mesmo lugar donde havia saído, enquanto os camaradas pescadores ficam na mesma miséria. Pronto! Na mesma, não. Em cada vez pior miséria. E sempre amarrados por dividas, sempre amarrados por convicções criadas pelos outros, convicções cuja única finalidade é servir aos interesses dos outros. Sempre devendo pequenos favores que lhes tolhem os movimentos. Pronto, lá ficará o dinheiro, a vida, o alento, a esperança. Assim passavam-se os anos, assim iam e vinham gerações. Pronto!

Agora surgia Leopoldo, agitava a água parada, queria varrer a estagnação. Encontrava resistência, encontrava desconfiança, encontrava temor.

Manuel se irrita ao rememorar a discussão da tarde.

Gritavam, falavam mais alto, nada resolviam, recuavam. Com medo do que poderia vir, da reação. Não queriam pensar no amanhã e em função dele lutar. Então agora, especialmente agora, quando viam pela frente perspectiva de pesca iam lá pensar em propor ao patrão que lhes desse melhoria? Acabavam perdendo tudo.

— Mas não se tinha resolvido? — perguntava Manuel.

— Ah, tinha-se conversado. Mas quem que ia imaginar pra já; depois, todo mundo estava tão aporrinhado com aquela história dos homens de fora...

Diziam:

Eles, ora eles, se podiam eles mesmos por si sós fazer alguma coisa! Sim senhor, já se viu, que convencimento. Não tinham estudo, não tinham instrução, não tinham prática, não eram sabidos. Já se viu, até aquele sujeitinho de Manuel a querer se meter de besta, a chefiar com o tal de Leopoldo e mais meia dúzia! Iam botar eles na enrascada, eles que não sabiam nada a não ser abrir o rancho (às vezes superior à casa em que moravam), puxar a lancha, arrumar as redes, pegar no remo, remar, remar, remar... voltar, ver o peixe que tinha... Depois, não é verdade que o realizar, o construir, incomoda, dá dor de cabeça, esgota, pois não é mesmo? Isso muitas vezes lhes tinha sido dito. "Ah, vocês é que são felizes, saídos daqui não têm mais em que pensar, não a gente, que vai quebrar cabeças pra ver como se arranja com o mundão de despesas!". Existem tantas coisas complicadas quando se possui alguma coisa, quando se tem que lidar com leis e gente do governo... Que entendem de tais assuntos? Assim a gente passa trabalhos, não vê quase o rico dinheirinho, mas quem se preocupa mais ainda é o "seu" Jango, que tem o que perder. Vejam só, agora, com esta confusão, "seu" Jango se tem a nossa santa pazinha! Quanto perdeu ele agora, com este negócio dos barcos? Hein! Deixassem pra ele, deixassem pra ele o importante e os lucros maiores. Eles queriam era poder se manter, só.

Lei, governo, justiça, lhes apareciam como objetos abstratos, temíveis, longínquos, seres inatingíveis, mas sempre prontos a avançar contra os pobres, colocando-se a favor dos ricos e poderosos, dos patrões.

— Pobre não tem vez! — diziam.

Mas continuavam, filosoficamente, numa filosofia do conformismo:

— Pobre só tem pra perder é a vida.

Morreu, morreu. Deixa este mundo sem tristeza, deixa este vale de lágrimas sem lamentação. Se tem outro mundo, muito bem, dizem que pobre deve ter é esperança no outro mundo. Se não tem outro mundo, morreu, acabou-se tudo, debaixo da terra não se passa fome nem se tem sofrimentos.

Enquanto que os ricos ficam a pensar nas suas comodidadezinhas, nos seus haveres, no que vão deixar. Ah, que pena, abandonar tudo o que é certo, por um incerto, e um incerto que diziam ser contra eles, ricos.

O que é que a gente leva deste mundo? Nada! Todos vamos para o mesmo lugar debaixo da terra, ocupamos os mesmos sete palmos, nem mais nem menos.

Ideias falsas, se esqueciam de toda uma vida a aproveitar, a viver, de uma tarefa a realizar. E de que, até na morte, os homens não são iguais.

Não adiantava Leopoldo querer explicar; não resolviam os gritos de Manuel; não importava a prática de Severino; não interessava a experiência de Sô Juvêncio da Ti Galdina; não atendiam as explicações que buscava o mulato Laudelino; numa calma de velho Juventino; nem tão pouco a raiva incontida de Lucas, sacudindo-os um a um, tentando meter-lhes na cachola, à força, o que deviam fazer, por que agiam assim.

Havia contudo, depois daquele trabalho estafante, uma leve mudança para melhor. Isto era animador. De maneira imperceptível, gradativa, o grupo voltava a aumentar, os pessimistas viam sua roda ir diminuindo.

A tarde ora parecia voar, ora se distender de modo indefinido.

Manuel suava, desejaria ver tudo terminado, sair dali, desabafar, ir tomar um bruto porre e que tudo fosse à merda. Lembrava-se da mulher em casa, doente, não refeita, fraca e magra; lembrava-se dos filhos sujos e abandonados a si mesmos; lembrava-se do filho que levara a enterrar. E ele ali tentando convencer aquela cambada... seria preciso, com a maioria deles já não acontecera o mesmo que estava lhe acontecendo? Vontade de largar tudo... mas tinha que continuar, precisava prosseguir, todos eram necessários, sós nada poderiam realizar.

E lá vinha outra voz ferir-lhe os ouvidos:

— Mais nóis num qué mandá... — repetia a mesma tecla um homem velho, muito magro e pálido. E ria.

Leopoldo não perdera a calma, lembrava-se, nestas oportunidades, sempre, de sua atuação. Sua determinação era definitiva, sabia o que queria, ia conseguir o que queria. Começou:

— Eu sei. Vou explicar co...

— E quem falou em mandar? Eu falo em a gente melhorar a vida, levar uma vida decente, não ser explorado nem explorar, ter remédios, tratamentos, não ter medo de adoecer só pela doença, mas também pelas maiores complicações que isto traz pra vida da gente, não... — explodiu Manuel, perdendo o controle, impossibilitado de se conter por mais tempo, interrompendo o amigo.

Leopoldo olhou-o reprovativamente, mas não teve tempo para continuar o que principiara, nem para desfazer o mal que as palavras do amigo iam causar.

— Num tou intendendo bem isto não, juro! — soltou outro caboclo, este muito comprido e magro, amulatado, bigode fino e ralas barbichas alouradas, metido num jaquetão de procedência duvidosa, herança de defunto maior, jaquetão que o fazia boiar qual espantalho, aumentando-lhe a estatura e magreza. Movia as mãos como quem procura no ar as palavras, catando-as uma a uma por entre as muitas outras que vagavam por ali à espera de utilização; puxava-as num gesto brusco, estendendo a beiçola, prendia-as numa enfiada e tal qual cavalheiro andante, com elas atacava os para ele moinhos de vento.

— ...cês qué o quê, me digam? — um outro, este pequenininho, roliço, porcino, de meia-idade, repetia, como um disco quebrado, impossibilitado de sair do lugar: ...cês qué o quê, me digam? — a tudo, com ou sem motivo, voltava ele, com a mesma voz, intonação igual, cantando muito nas palavras, cortando-as no começo e fim: ...cês qué o quê, me digam?

Manuel fez um gesto que parecia dizer: "tem jeito?"; Lucas afastou-se para longe, não queria escutar mais nada, andava com os nervos em petição de miséria.

Com outro gesto Leopoldo retrucou: — E eu que já imaginava tudo liquidado, assentado! Mas é não perder a paciência; vamos pra diante.

O alto e magro insistia na carga:

— A gente tem o mar, pesca nele, num se preocupa com imposto, com rede rebentada, com lancha precisando de vela, de remo novo, de conserto. Não se preocupa

com os barcos de fora. Não se preocupa com nada. E então? Vai pescar. Se tem peixe fica com a parte da gente, se não tem, muito bem, não fica, só perde o trabalho da gente, enquanto com rede, lancha, imposto e tudo o mais, perde também os estrago da rede, da lancha, os imposto do governo que não quer saber se deu peixe ou deixou de dar, tão aí mesmo correndo por conta do Bonifácio, e assim um mundão de coisas mais. Num vamo metê as mão na cambuca não, mia gente.

O baixo e gordo confirmava:

— Dexá us certu pelo duvidoso... cês qué o quê, me digam? Tá besta não!

Um murmúrio meio aprovativo acolheu tais palavras. Mas logo foram abafadas pelo outro grupo.

— Escutem aqui — ergueu-se Leopoldo, gritando para ser ouvido por todos, acima da balbúrdia, à medida que Manuel, Lucas, Juvêncio e outros mais pediam silêncio — escutem aqui de uma vez por todas, vou falar pela derradeira vez, não se quer que ninguém vá fazer nada contra a vontade, mas pedimos que pensem um pouco e depois respondam. Arresolvam e decidam. Mas se lembrem do que conversamos no outro dia lá na casa do Manuel, da promessa. Se lembrem da situação de todos nós. Se lembrem ainda da oportunidade que temos. Não digo que outra não apareça depois. Aparece. Mas pode demorar. E temos que nos aguentar. Agora, se quiserem arrebentar, que arrebentem. Não digam que não preveni. Cada um é dono de sua vida, mas se alembre dos filhos, e dos outros, cada um tem responsabilidades para além da sua casa, não está só se prejudicando, está prejudicando os demais. No outro dia deram ou não deram a palavra. Vocês são gente de palavra ou o quê?

— Mas nós não tinha entendido... — repetia o homem velho, magro e pálido.

— Não tinham entendido uma ova, se não quiserem vão tudo pro diabo que os carregue, já chega pra mim, são tudo uns cagões, isto é que são elas, me deixem terminar de vez, foram pra casa pensar e ficaram com medo, não...

— Não precisa ofender a gente não...

— Tamos conversando, a gente conversando é que se entende, agora vir com brutezas não tem graça...

— Calma, Lucas, deixa eu terminar. Não precisamos brigar. Vamos nos entender. O que eu dizia é que não, não deviam ter dado a palavra, se comprometido, o mais certo era pedir um prazo pra pensar, ou então apresentar as dúvidas, ver o que a gente podia fazer. Não temos muito tempo, estamos em cima do laço. Não vou agora discutir esse ponto, saber se tinham prometido ou não, se tinham entendido ou não, podemos deixar pra mais tarde pra ver se tinham razão ou eu tinha. Não faz mal. O que eu estou vendo é que vocês têm medo da responsabilidade. Aí é que toca o ponto. Mas não pensem que não sei que vai ser difícil, vai, ninguém quer tapear ninguém. Pode ser mesmo que eles, hoje, é com isto que a gente vai contar, obrigados, cedam tudo que a gente quer, para depois procurar voltar atrás, retomar a posição perdida, vão de novo recuar e querer dividir a gente, fomentar intrigas. Tudo isto, e muito mais, vai acontecer. Estou prevenindo. Vai ser difícil, vai. Tudo que a gente vai fazer pra gente mesmo, no começo parece mais difícil. Mas é da gente. E a gente se pegando, não larga mais. Deixa eles espernear. Não tenho nada, a maioria da gente não tem nada, pessoalmente, contra "seu" Jango, nem contra nenhum

dos outros; temos é a nosso favor, a favor dos nossos, dos pobres todos que precisam melhorar de vida, deixar de ser explorados pelos de cima. Por que uns têm tanto e outros nada têm? Foi sempre assim? Não foi! Agora se os de cima é "seu" Jango e não quer compreender, paciência. Se não for por bem, muito melhor ir por bem, dia virá em que vai por mal. Taí a verdade que a gente tem que encarar de frente. Ou vocês acham que é certo trabalharmos feito burros de carga, feito escravos, pra "seu" Jango enricar? Me parece que tempo de escravatura acabou, precisamos acabar com a vida de escravos, devemos ir pra diante, nunca pra trás, não tem filho da mãe nenhum, só porque tem dinheiro que não queira montar na gente. Em mim ninguém monta não senhores; agora se tem por aí gente que gosta de ser montada..

— Não ofenda a gente, estamos conversando, não é preciso ofender! — exclamou o alto e magro.

— É, é... cês num ofende a gente... — ecoou o baixo e gordo.

— Não estou ofendendo, estou explicando. Quando os barcos de fora vieram atrapalhar a vida de "seu" Jango, ele logo se virou, apelou pra nós. A gente ajudou ele. Agora com muito mais razão a gente deve se ajudar. Se ajudamos "seu" Jango, que é uma ajudinha muito pequeninha pra nós mesmos, por que não vamos ajudar uns aos outros, ajudar as nossas famílias, que é uma ajuda muito melhor pra cada um de nós?

— Mas ele dá as rede, as lancha — falou o mulato.

— E nós damos a vida — respondeu Manuel, com calma.

— Mais que a vida — acrescentou Severino.

A frase foi como uma descarga elétrica, galvanizou os homens, chamou-os a realidade, deixou-os, por um momento, antevendo a vida que levavam. Ficaram mudos, apalermados. Tão verdadeira era a frase, tão exata, tão simples. No entanto nunca se tinham detido um instante a refletir nela.

— Afinal mecês qué o quê, me digam? — volveu o roliço, com uns olhos muitos inocentes, virando-os e revirando-os nas órbitas empapuçadas. Cês qué o quê?

— Nós, nós, NÓS! — explodiu Lucas, impossibilitado de se conter por mais tempo, de dizer mais outra coisa qualquer.

Um silêncio se fez, foi o próprio Lucas que veio quebrá-lo:

— Por que vocês? Aqui não tem vocês, lembrem-se, é tudo nós.

— Sim, o Lucas tem razão — disse Leopoldo — acho muito estranho a gente se falar vocês pra lá, vocês pra cá. Devemos mudar, devemos começar a pensar como se a gente fosse uma grande família, e é isto que a gente é, esquecer esta coisa de vocês.

— A rede, as lanchas, os imposto... tudo custa dinheiro — arriscou a medo o alto e magro, virando-se para os companheiros, como a pedir apoio. Mas a anuência às suas palavras, o apoio que encontrou, foi muito menor.

— Não estou dizendo que eles não ganhe mais pela rede e lancha. O que não podemos querer é que ganhem tudo, o que tem que acabar é esta exploração. Vamos pensar em nós, na mulher, nos filhos, na família, como está a gente passando. No futuro.

— Como?

— Vamos pedir que os donos das lanchas façam outras condições, diminuindo a parte da rede e da lancha. Que se alembrem de nós, somos gente. Afinal não estamos pedindo o impossível, mas o justo, o humano.

— Até que é...

— Vocês não querem melhorar?

— Querer queremos.

— Vocês não querem mudar de vida, melhor, viver de forma decente?

— Quem que não quer!

— De braços cruzados, sem fazer nada, esperar que a melhora venha por si só ou caia do céu e vá ao encontro de vocês nos botecos?

— !?!?

— Não, isto nunca, percam a esperança. A gente só consegue as coisas com o próprio esforço, depois de muita luta e persistência. Precisamos ser decididos.

— Até que está certo.

— Ter o que comer, onde morar, não em chiqueiros, o que comer matando a fome, não tapeando o estômago. Poder estudar, saber coisas, sair da ignorância. Dar educação pros filhos, diversão pros filhos. É exigir demais?

— Inté que não é mau, inté que não é!

— Então vamos tratar do caso a sério. Vamos sair daqui acertados. Vamos completar o que iniciamos há tanto tempo, o que adiantamos e resolvemos levar avante na casa do Manuel. Foi para isto que a gente se reuniu aqui. Mas atenção, nada de depois de sair daqui, na hora do estica, querer dizer que não pensou, que não concorda. E agora, pegar ou largar: sim ou não.

Leopoldo fez uma rápida parada, todos aguardavam o que viria, pensou um pouco, precisava ser objetivo, prático, breve e exato. Mostrar a realidade de cada um, mostrar as possibilidades, mostrar o que deveria ser feito. Grande responsabilidade. Estaria capacitado para ela? Não quis se deter neste ponto. Capacitado ou não, tinha que tocar para diante. Homens confiavam nele, levara-os até aquele ponto, não podia mais recuar sem perigo de ficar desmoralizado. Não só desmoralizado, mas tornar difícil por muito tempo qualquer nova tentativa de ação. E pensou que era uma maneira de ser útil, de se redimir aos próprios olhos, de se limpar da ação vergonhosa, aquilo não o largava, grudado nele. Quem sabe se agora, começando bem de baixo, ali no seu ambiente, entre a sua gente, a gente da qual ele conhecia a psicologia, os avanços e recuos, quem sabe!

Explicou:

— Precisamos mostrar, primeiro que tudo, pros donos das lanchas, que a gente não vai implorar um favor, mas procurar um direito. Que eles precisam mais de nós do que nós deles. Este é o ponto principal que precisa ficar bem claro. Daí...

Parou, fitou os companheiros. Continuou:

— Daí, vejam só. A gente tendo barco pode muito bem passar sem os donos dos barco, trabalhar tudo junto e repartir em proporções iguais. Fazer uma pescaria mais metódica, sem concorrências. Eles não tendo gente, que podem fazer? A rede, os barcos, por si não pescam. Enquanto a gente pode mesmo sem rede e sem barco, pescar. Vocês vão ver como a gente unido é mais fácil conseguir lanchas, redes, tudo o mais, do que eles gente pra

trabalhar. Que gente se nós estamos unidos e eles têm que aceitar as nossas condições? Entenderam? Mas tem que ser todos, se não uns pagam o pato. Aí é que está um dos pontos importantes, nisto devemos nos pegar pra mode vencer...

Os companheiros calados, pensando. À medida que Leopoldo prosseguia, mais se compenetravam da verdade do que estava sendo dito, mais ficavam percebendo a importância da verdade do que estava sendo dito, mais ficavam percebendo a importância que representavam na coletividade. Eram a parcela maior, a grande maioria. Por que então se encontravam subordinados a uma minoria que tudo deles exigia nada lhes dando em troca? Tinham, até aquele momento, se subestimado, subestimando a parcela de força que representavam, movidos talvez por um desconhecido complexo de inferioridade, que certamente influência exteriores lhes tinham inculcado, num desejo de mantê-los na ignorância para melhor poder explorá-los.

Formavam um curioso grupo, heterogêneo. Altos, baixos, magros, gordos, velhotes, moços, com diversos ideais e diferentes tendências, um único ponto de contato os unindo, tornando-os parceiros na aventura. Mas este bastava para mantê-los de acordo. Acocorados na areia ou em pé, cochichando ou gritando, soltando pequenas e desagradáveis risadas em falsete ou gargalhadas estrondosas, mas todos igualmente atentos, interessados.

Que pensariam, que rememorariam, que decidiriam?

Daquele instante dependia o futuro. Eles o tinham nas mãos, e não sabiam.

A noite caía, uma noite amena, tépida, com vento suave que ondulava o mar. No céu rápidas nuvens fugidias corriam, enquanto as estrelas, inúmeras, se destacando o cruzeiro do sul, começavam a povoar o firmamento, depois despencavam n'água, mirando-se remirando-se, indo banhar-se no mar, descendo ao fundo para uma visita aos peixes e algas.

Quando Leopoldo acabou se fez um prolongado silêncio. Ninguém queria rompê-lo. Depois:

— Então, minha gente, em que se fica? — perguntou Manuel. Que decidem?

Diversas vozes se ergueram por sua vez para contrapontear o "em que se fica", "decidem", mas já num outro tom, como quem está disposto a "arriscar". Perdem pouco, ou nada perdem.

— Então, estamos de acordo? — perguntou Severino mas numa pergunta afirmativa, que forçava um "sim".

— Se estamos vamos pra ver esta noite. Nada melhor. Aproveitar logo. Deixem que Leopoldo acabe de explicar o plano, em poucas palavras, depois se alguém tiver dúvida, qualquer coisa a sugerir, vai se estudar, vamos ver o que é preciso que todos façam, com o apoio de quem se poderá contar e o que fazer para anular o trabalho dos restantes. Agora uma coisa: isto não é nenhuma brincadeira. Aceito é aguentar a mão. Aguentando, vencemos. Se não, nada feito. Se alguém quiser dar o fora, ainda é tempo, não se obriga ninguém, o compromisso é depois de aceitar, daí pra diante sim, a coisa muda de figura, é pé firme e mão no leme.

— Não, já se combinou, estamos de acordo, não é?

— Sim, sim... — murmuraram.

E um sussurro elevou-se no lusco-fusco, todos prestando atenção à voz que ia explicando.

Pouco depois se despediram, dispersavam.

Cigarros pontilhavam a noite. Comentários. Risos. Últimas perguntas, últimas explicações. Animação, esperança.

Quase ao mesmo tempo, do boteco, alguns homens que assistiam à discussão entre velho marinheiro e pai de "seu" Jango, também se retiravam. Haviam bebido, haviam rido, haviam discutido, tentando esquecer o que era mais forte que eles. Em vão. Iam-se cabisbaixos, sem uma perspectiva, sem uma esperança, atolados num desespero fundo.

XXI

"Seu" Jango esperava muito desta noite. Desforrar-se dos derradeiros insucessos. Tudo lhe parecia propício, favorável. Apenas um "não sei o que", conforme se expressou ao Lola, na atitude dos homens, o desinquietava. Contudo tinha confiança. Saberia como tratá-los. Não era a primeira vez que tinha de se haver com eles. Bastava ter um jeitinho, saber lidar.

Tinha que aproveitar com urgência. Não se sabia, logo os barcos poderiam voltar, e tudo retornar ao mesmo.

— Pois é, Lola, penso que hoje vamos ter peixe à farta. Olha lá pra aquelas bandas, olha o céu, repare o mar ...lá longe, creio que um grande cardume deve de andar por perto, lá longe pra fora da barra, estive estudando, observava-se aquele movimento que não engana.

— Não é sem tempo. Depois de tantas contrariedades, bem que é ocasião das coisas mudarem. Peso assim dá pra desconfiar, precisamos mandar benzer tudo. Depois o tal de Leopoldo.

— Que há com ele?

— Sabes que esteve metido até em greves?

— Sei.

— Pois é isto que temo. Greve.

— Ora, greve aqui, me deixa rir, ah-ah-ah. Besteira, meu caro, estou te desconhecendo. Nem sabem o que é isto, se Leopoldo for falar pra eles acabam evitando ele. Me diz: o que pode fazer um homem só?

— Um homem só o que! Como estás iludido, não é uma homem só, é uma ideia que cresce mais que erva daninha, basta espalhá-la, logo invade tudo. Esta história de direitos dos empregados... um homem só o que, já tem muita cabeça virada que vão na cartilha dele. E não me parece difícil a greve. Imagina tu na situação deles: já que estou com fome mesmo, passar mais uns dias de fome pra ver se melhoro... Depois, se acabarem percebendo que a gente precisa mesmo deles, estamos fritos, temos que ceder um pouco pra não perder tudo. A gente temos que ir contemporizando.

— Deixa disto. Sabemos como lidar com eles, não era tu que sempre dizias assim. Estão famintos, precisam de qualquer coisa, não é agora que vão pensar em greves, devem estar pensando mais é no que lhes vai tocar depois da partilha. Já marquei hora com os camaradas. Eu mesmo quero ir junto. Vamos lá longe, lançamos os espinhéis, quero ver se além dos espinhéis, com outras duas lanchas, a gente dá um bom lance com a nova rede

de arrastão. Vamos lá pros lados da "Ilhota", até mais fora. Ah, o que nos estamos precisando são uns barcos desses com motor, com geladeira, com lugar pra gente dormir, com tudo, que a gente possa sair e ficar uns dias no mar. Só que para isto vamos precisar também de uma boa traineira. Ficar esperando, acompanhando o peixe, cercando como calma, até que se acerte um lance daqueles. No fim se economiza tempo e dinheiro. Depois aí podemos nós mesmos levar o peixe para fora, não somos obrigados a nos desfazer logo dele, vendendo por qualquer preço pra aquele pessoal explorador da capital, que sabe quando a gente tem a corda no pescoço. Nem precisamos, por outro lado, escalar. Não ficamos mais amarrados a ninguém, os outros é que vão ficar amarrados na gente, dependendo da gente. Vamos cortar de cima. Que achas?

— Muito bom.

— Chega-se lá de cabeça erguida. Ou aceitam as nossas condições ou tocamos pra diante. Por que ris?

— Por nada. É. Vamos ver o que se pode fazer. Este ano se pensava nisto tudo, mas vê só como vai saindo ao contrário. Quem sabe se ano que vem não está pior pro nosso lado. Não sei, mas tenho a impressão que vamos ter muito trabalho pela frente, daqui pra diante só se vai ter trabalho. Nunca estive assim desanimado, desiludido, vendo as coisas no fim. Trabalho de fora nem se discute, pois aqueles homens não vão se deixar ficar assim, me refiro também a trabalhos e incômodos aqui mesmo. E bem logo. Tem mais, não vejo saída, temos mesmos é que acabar cedendo, torneando a coisa.

— Ôta homem agourento, pessimista! Tesconjuro. Pensas mesmo assim?

— Claro!

— Pois eu nem sei porque ando muito animado, nem era pra isto depois do que falas, com o que me tem acontecido em casa, ainda agora a Lurdes, não se sabe o que ela tem depois que voltou da festa ontem, só faz é andar triste, vive pelos cantos, a mãe já viu ela chorando. Nem assim me chateio.

— Feliz és tu. Vamos ver. Bem. Deus permita que me engane. Mas depois do... nada, nada.

— O quê?

— Nada. O que for será. Agora vamos dormir, precisas acordar cedo. Boa noite.

— Boa noite. Mas não concordo, escuta aqui, não concordo com o teu "que for será". Não, não gosto, não posso esperar que as coisas aconteçam, tenho que me mexer antes. Escuta, se formos esperar, quando a gente der de si, for ver, já acabou e nós é que sobramos. Por outro lado não sei fazer nada só, é feio dizer assim, mas que posso dizer mais? Estou acostumado a sempre escutar o que tu diz, agora fico desnorteado. Vê se te acalmas e procura uma solução. A gente não se pode dobrar sem mais nem menos.

— Vamos ver.

XXII

Godofredo passa o dia nervoso, rodeando a casa de Lurdes, sem conseguir vê-la. Que teria acontecido? Será que os pais, que ela...? Godofredo vai "tomar uma resolução heroica": mesmo contra a vontade do tio, contra a promessa que o tio fizera à irma, mãe dele Godofredo, de não

deixá-lo ir para a vida do mar, temendo que lhe aconteça o que tem acontecido, como numa sina, a toda a família: perecer no mar, mesmo assim Godofredo está disposto a arriscar-se. Não acredita em sina. Cada qual constrói o seu destino. Godofredo sabe que Pedro Salgado está precisando de um camarada e vai se oferecer. Não tem chance, são muitos os mais necessitados do que ele, os com maior experiência. Mesmo assim tentará. Precisa ganhar dinheiro, precisa se transformar num verdadeiro homem, pois tem que resolver a parada com Lurdes, precisa dizer a Lurdes que vai falar com "seu" Jango, primeiro pedir-lhe a moça em casamento, dizendo que se gostam. No caso de uma negativa, como último recurso, contar tudo.

Mas quer antes falar com ela, saber o que ela pensa. Ver se ela concorda, se informar de como ela passou de ontem...

Agora, é quase noite, ali está há tempo, meio escondido, assobiando, atirando pedrinhas à janela do quarto da moça. Sem qualquer resultado. Como ela não atende, acaba desistindo, mais preocupado.

Ao dobrar a esquina esbarra com Leopoldo. Há muito que desejava conversar com ele. Leopoldo vem só. Godofredo cumprimenta-o. Trocam algumas palavras banais, o moço não sabe por onde começar.

Está a ponto de despedir, quando, de um jato, atabalhoadamente, deixa escapar tudo, mas tudo. Leopoldo se espanta da confissão intempestiva, depois aos poucos vai se acalmando e a aceita com naturalidade. Também Godofredo se acalma, passa a raciocinar, a falar mais devagar, responde a algumas perguntas que o outro lhe faz, perguntas que a ninguém mais responderia, nem aos melhores

amigos, e como se fossem amigos de sempre, mais do que amigos, mais do que irmãos. Com pouco se compreendem.

Godofredo fala no seu desejo de se apresentar a Pedro Salgado, pedir a vaga deixada por Dultávio da gaita. Pedro Salgado ia precisar para esta noite, Godofredo não sabia qual a razão, ninguém ainda tomara o lugar.

— Não, você não vai fazer isto! — diz Leopoldo.

— Não por quê?

— Porque não!

E Leopoldo começa a explicar. Godofredo reluta, acha absurdo perder tão boa oportunidade, mas acaba aceitando as razões do outro, resolvendo esperar.

É tarde quando se separam. Cada qual sabe, tem a certeza de haver feito um amigo para as horas boas e más.

Leopoldo vai mais animado, aquilo é uma vitória, acredita que seu esforço não tem sido inútil, não morrem as palavras que ele diz, mas vão para diante, se espraiam, interessam a outras pessoas, pessoas que o vêm procurar quando têm dificuldades. Não por ele mas pelo que representam as ideias que ele exprime. Lamenta não saber mais, não poder mais. Porém irá ler, estudar; todos irão ler, estudar.

Godofredo se recrimina por não haver, conforme era seu desejo, ter procurado antes a Leopoldo. Leopoldo lhe esclareceu tantos pontos, pontos que Godofredo sentia instintivamente sem poder se explicar.

XXIII

Antes de adormecerem as pessoas conversam um minutinho ao pé da cama. Tanto na casa de "seu" Jango,

quanto na casa do mais pobre morador da vila. Em todas, agora, a conversa, com pequenas variantes, é idêntica. Primeiro passam em revista os últimos sucessos da vila, de modo rápido, depois manifestam suas esperanças na pesca da madrugada por vir. Nisto se detém mais.

A conversa se ergue, se anima; depois decai, fica monossilábica, se transforma em monólogo. As luzes bruxuleantes se apagam, faz-se silêncio. E logo a vila adormece.

8
Terça-feira

I

Aos poucos, grupos de homens vão chegando à praia. Surgem de diversos pontos da vila, das casas pobres ou remediadas vêm eles, e aparecem bruscamente, como se houvessem desembocado do nada, silenciosos e rápidos. Começam a conversar, bocejam, fumam, reclamam contra o arzinho frio da madrugada, esperando "seu" Jango e os demais companheiros retardatários. Não é certo retardatários, porque eles é que chegaram antes da hora. Nervosos, excitados, à medida que chegam vão sentando na areia, olhando o céu não muito limpo de nuvens, cheio de estrelas, com a lua nova crescendo e descambante, mas sem iluminar o suficiente. O mar permanece calmo, a água mantém uma coloração negra, levemente a branquejar, matizada de estrelas. A praia está ainda vazia, virgem, intocada, as lanchas permanecem longe, em seus refúgios.

"Seu" Jango chega, abre os ranchos onde estão guardadas as lanchas e redes. Os homens vão se aproximando, formam um bloco compacto. "Seu" Jango olha-os. Uma nuvem passageira encobriu a lua. Malemal ele divisa as feições curtidas pelo sol e vento. Não pressente o que vai acontecer, confia na força que tem sobre os homens, na sua ascendência, na obediência quase inata que lhe demonstram. Na verdade ainda está com sono. Só muito

tarde conseguiu dormir. Revirando na cama, as palavras agourentas do Lola perseguindo-o, tirando-lhe a confiança que aparentava. Pensava nos homens, na madrugada próxima. As frases do amigo tinham causado efeito. Não era em vão que o chamavam de sombra do Lola. Procurava livrar-se, mas tinha que reconhecer a força do outro. Devia, o Lola, ter algum anjo ou demônio protegendo-o. Sempre que "seu" Jango estava a ponto de se livrar — quem sabe se assim, livre financeiramente, também poderia se livrar... se livrar do quê? — se pergunta — alguma coisa acontecia, vindo transtornar-lhe os planos. Ainda agora o roubo. Quase que diria ter Lola indicado o lugar onde se encontrava o dinheiro aos dois artistas. "Seu" Jango pensava em como seria bom quando ele fosse dono de alguns grandes barcos, independente, senhor de si. Via-se proprietário, fazendo viagens a Santos e Rio, bem recebido pelos exportadores de lá, acatado, andando pelas ruas asfaltadas das grandes cidades, sem temor, com essa força que o dinheiro dá as pessoas que só pelo dinheiro se podem julgar superiores. Imagina-se visitando lugares, divertindo-se, conhecendo mulheres...

Virava-se e revirava-se na cama. Insone. A cabeça cheia, o corpo dorido. Erguia-se, ia a cozinha beber água, saía para urinar, voltava, estirava-se de bruços, ao lado da mulher, aspirando-lhe o cheiro de fêmea conhecida e gasta, de tetas pequenas e caídas, moles, flácidas, coxas magras, fria, sem entusiasmo para o amor, que se lhe entregava por obrigação, porque era o seu homem e dela podia fazer o que desejasse, deitando-se na cama para dormir e se refazer do esforço diário, pedindo-lhe que a deixasse. Mulher que não o tentava, ficando ele na

mesma insatisfação e angústia. A mulher, bruscamente acordada, virava-se para ele, bocejava; movia os braços mostrando as axilas arruivadas, esfregava os olhos prenhes de sono, perguntava numa voz onde restos de sono ainda boiavam: "— está já na hora?", e ele respondia: "—não, eu é que não consigo dormir". Voltava a pergunta: "— por quê?", de novo a resposta: "— não sei, sem sono". Outra vez: "— sentes alguma coisa, queres que te faça um chá?", "— não, não é nada, dorme...". E calava-se, não respondia a novas perguntas, fingia dormir, num desejo de reencontrar o sono, de dormir e não sonhar. Sabia lá ele o que queria, o que o incomodava e desassossegava? A mulher virava de novo para um lado e outro, dormia, para de novo acordar a uma outra levantava do marido. Ele, tão logo ela adormecia, sentia um mal-estar, a solidão pesava, uma angústia inexplicável, como se garras avançassem, do escuro do quarto, saídas das paredes, para estrangulá-lo. Ela tinha um sono leve, acordava logo e reclamava: "— deixa disso, homem de Deus, dorme!". Mas ele não podia, era fácil dizer "dorme", queria mesmo dormir, dormir é que eram elas. Virou-se para a mulher, puxou-a para si, ela relutou, resistiu um pouco, queria era voltar a dormir, mas depois, diante da insistência do marido, como quem cumpre uma obrigação penosa, sem gosto, sem vontade, cedeu. O homem, acabado ato, virou-se para um lado, depois de bruços, rosto enterrado no travesseiro, depois para cima, ficou olhando o teto, a cabeça vazia, tudo rodando. A mulher despertara, o sono fugia-lhe, mas permanecia estirada e imóvel, de olhos cerrados, sem coragem para reclamar. Ele só dormiu quando

já era hora exata de se levantar. Aí a mulher chamou-o: "— Jango, Jango, levanta Jango, é tarde, tem paciência agora, mas os homens devem de estar esperando e tu me disse que não querias perder a vez...". Levantou-se, esfregou o rosto com água fria para espantar o sono, vestiu-se, tomou um café bem quente, forte. E saiu.

— Vamos arriar as lanchas, puxar as redes pra fora... — diz "seu" Jango, de mau humor.

Ninguém obedece. Pensa que está dormindo, sonhando. Fato insólito. Olha muito espantado para os homens. Parados, mãos cruzadas, numa atitude de expectativa. Aguardavam. Teme que lhe queiram fazer mal, logo se convence de que está sendo infantil, não há motivo para temor. Está enganado. A lua que varreu as nuvens mostra-os perfeitamente imóveis.

— Que há? — diz com toda a calma que pode.

— "Seu" Jango, nós precisamos conversar antes! — parte uma voz que ele procura reconhecer. Deve ser Leopoldo. Ou Manuel? Andava, nos últimos tempos, muito assanhado, até a voz já se parece com a de Leopoldo.

— Que querem, quem falou?

— Fui eu, Juventino, mas estou falando em nome de todos, como o mais velho e que há mais tempo trabalha com o patrão.

— Que que há, velho Juventino?

— "Seu" Jango, nós resolvemos que não se pode mais viver assim. A gente nem ganhamos pra comer o pão e...

— ...e o que querem que eu faça? — uma raiva insopitável o domina, sente no íntimo vontade de lhes dizer: "— resolveram, pensaram, desde quando vocês resolvem, se resolvem que não podem mais viver então a solução é

fácil, que morram, posso fazer alguma coisa, não posso!", mas o bom senso venceu, e se conteve.

— Pensam que sou mágico... que eu fabrico peixe? Que culpa tenho, pensam que tou ganhando rios de dinheiro com as redes paradas, as lanchas se estragando, os impostos, tudo assim! E vocês, que querem que eu faça, me digam? Que preocupações têm vocês, sabem das minhas? Fui eu quem chamou os barcos pra aqui?

— Não e só isto dos barcos; é de antes, os barcos só agravou. A fome, a miséria da gente, vem de longe... não acha que é uma grande preocupação... ver os filhos passando fome, morrendo... com tudo subindo, dia a dia se torna pior.

— Que posso eu fazer se o peixe não dá? Vamos raciocinar, com calma a gente se entende, afinal se conhece toda a vida, não deve se precipitar. Sempre vivemos aqui juntos, a gente se conhece desde que nasceu, se ajuda nas dificuldades, procura-se servir a todos, tenho uma porção de compadres entre vocês, sempre que podia nunca deixei nenhum atrapalhado.

— A gente agradece, também pode dizer que sempre trabalhou pro senhor e nada tem, cada vez tem menos.

— Pra mim não, pra vocês mesmo é que trabalharam. Bem, não vamos discutir agora este ponto, não é ocasião. Não é a primeira vez que se passa dificuldades, todos passam, ficou-se uma temporada grande sem nada e logo agora quando aparece uma chance da gente pescar, por estes dias, os últimos dias que podem dar alguma coisa, depois só na temporada seguinte, uma traição destas, me digam se é justo, me largaram de mão, não esperava isto de vocês.

— Ninguém quer largar ninguém de mão, queremos entrar num acordo.

— Que acordo nem...

— Mas nem deixa a gente explicar!

— Afinal o que desejam, que querem que eu faça? Falem.

— "Seu" Jango... veja... gente pensou... pois é isto em poucas palavras. Não estamos aqui pra conversar, mas pra trabalhar. Vamos logo ao que a gente quer. Nós queremos uma participação mais grande e mais justa no peixe apanhado, uma repartição de outra maneira. Está certo que o senhor tire uma parte também para a lancha e rede...

— Muito agradecido pela concessão...

— Não precisa fazer pouco da gente, deixa terminar. Nem se discute que o patrão tenha uma parte para a lancha e para a rede, mas que esta parte seja igualzinha, do tamanho da de todos nós juntos, isto é que não é certo. E nós...

— E que acham vocês, como devo fazer, me indiquem, que mandam, já que estão dando ordens, mandando, achando certo e errado, cheios de soluções?

— Ninguém está mandando.

— Não?

— Não. Ninguém aqui quer dar ordens. Nos aceitemo a lancha e a rede como se fosse pessoa. Tudo pessoa igual, sem diferença. E cada pessoa igual ganha uma parte igual. O senhor ganha duas partes, uma também pra os impostos e outras despesas miúdas. Assim o senhor fica com quatro partes: lancha, rede, despesas e sua: nós, cada um fica com uma.

— Só!?

— Só. Queremos uma parte para cada um de nós, uma parte igual. Divisão igual pra todos não é exigir muito. Pensamos que assim está bem. Não podemos mais aceitar a divisão em três partes, como vinha sendo feita até agora, desde quando ninguém se lembra: uma para o senhor, uma para rede-lancha-impostos, uma para ser dividida entre nós. Não é justo, não é humano, assim não podemos viver. Tudo tem subido tanto, mesmo se antes não chegava, agora nem é bem falar. O senhor mesmo está vendo.

"Seu" Jango viu a firmeza, a decisão dos homens, logo imaginou que era coisa estudada, preparada, bem previra Lola. Pensou rápido:

— Vamos deixar isto pra depois, com calma, prometo estudar a situação de vocês, levar em conta a proposta. Agora tratemos do mais importante que é este lance. Se não perdemos a vez.

O plano dele era dar o lance, mais tarde reunir os outros donos de lancha, ver o que poderiam fazer. Depois, imaginava, tendo alguma coisa para comer, vendo a possibilidade de novos lances bons, seria fácil dividi-los, procurar os titubeantes, tentar desunir os homens, quer seja comprando-os, quer ameaçando-os, falando-lhes no perigo que podia representar a atitude tomada. Uma rebeldia. Sabiam lá o que isto significava!?

Mas a frase fora prevista, a resposta preparada, não deixaram que continuasse:

— Não, depois não.

— Então querem me arruinar, não têm consideração, uns ingratos, pensam que se pode resolver assim, sabem muito bem que se a gente perder estes poucos dias...

depois não se queixem... acabo deixando tudo de lado e vamos ver quem vai sofrer mais, quem de nós tem pra se manter e quem não tem.

— É isto que não queremos mais que aconteça: ameaçar a gente. Não queremos ameaçar ninguém nem queremos ser ameaçados. Queremos viver em segurança, precisamos começar logo, já é tarde...

— Uns ingratos e ignorantes, não sabem o que estão dizendo...

— Não somos ingratos, nem queremos arruinar ninguém: queremos ver se livramos os de nós que ainda têm salvação, não estão de todo arruinados. E se a gente é ignorante e não sabe o que está dizendo, a culpa não é nossa... de agora em diante vamos começar a mudar.

Um murmúrio de aprovação acompanhou estas palavras. Juventino se saía bem, sabia como responder, o que dizer, sem se exaltar, tinha prática, era homem vivido, mantinha a conversa num nível bom, tudo marchava bem e ia além da expectativa. Leopoldo, Manuel, Lucas, Severino, outros mais, se acalmaram, relaxaram os nervos, viram que tudo estava andando melhor do que esperavam.

"Seu" Jango pensou primeiro em mandar que todos sumissem dali, não ia mais pescar. Não soubera agir, piorara tudo. Logo se acalmou, compreendeu que era algo tramado com bastante antecedência, agora via o que representavam as constantes reuniões e conversas dos homens, na ocasião não ligara importância. Não iriam se assustar nem ceder. Estava tudo dando muito certinho para o lado deles. Bem feito, para não ser trouxa! Bem que o Lola prevenira. O tal do outro engriguilho... aí estava. Cer-

tamente o mesmo estaria se dando com os outros donos de lanchas. Era geral. Fora — ou melhor, foram — apanhados desprevenidos. Desprevenidos porque quiseram. O Lola... Não adiantava chorar. O Lola tinha só vagas desconfianças, um palpite, nada certo, nem sabia desconfiança de que. Podiam ir atrás de desconfianças? Não podiam! Ainda mais de um eterno desconfiado. Não adiantava, não adiantava ficar se lastimando. Tramado... bem-preparado... pegados... cercados... Não sabia como reagir, não sabia como iriam os demais reagir. Mãos amarradas, sem Lola lhe soprando as coisas, indicando-lhe o que fazer, orientando-o. Por si, via agora, era um imprestável. Mau, mau. Ia indo de mal a pior. Se ainda pudesse ganhar tempo... Mas como? Toda a vaga simpatia que nutrira por aqueles homens, se sumia, desaparecia tragada pela raiva. Não tinha afinidade nenhuma com eles. Nenhuma. O laço que lhe haviam armado... Era coisa que se fizesse? Ele muito em paz, sem desconfianças, descansado, zombando ainda ontem do Lola. Precisava não ceder, mostrar-se firme, ganhar tempo. Ganhar tempo como? E o lance? E os lances dos outros dias? Isto poderia se estender, durar. Por quantos dias se aguentariam ninguém sabia, ninguém podia prever. Eram de uma resistência a toda da prova, acostumados aquela vida. Estavam dispostos, bem via, há tanto tempo passando miséria, mais um dia menos um não faria grande diferença. Desde que antevissem possibilidade de melhora. Bem que os homens o conheciam, sabiam-no ganancioso, um unha de fome, contando com aqueles derradeiros dias de pesca, haviam previsto tudo muito bem, preparando-se de antemão. Como teria começado tudo? Mas não lhes daria esta satisfação, ah, não

daria, descansassem; perderia dinheiro, veriam que perderia, o dinheiro de que tanto necessitava, mas também iam ver quem, no final, perdia mais. Não viessem depois apelar para ele. Para teimoso, teimoso e meio. Pronto. Ainda se pudesse iludi-los, ludibriá-los enquanto fazia alguém — quem? — ir conversar com os outros, prevenir o Lola, ver o que estavam decidindo! Lá longe pressentia igual movimento, grupos postados na praia, movendo-se, discutindo da mesma maneira. Bem que Lola avisara. Era o que dava por procurar agir por si mesmo. Precisava do Lola, precisava. Vai ver o sacana deixara-o assim de propósito. Vai ver até sabia... Os homens se haviam dividido com inteligência, armado tudo; em cada canto alguns dos chefes. Os mais perigosos, Leopoldo, Manuel, Lucas, com ele. Até o ingrato do Juventino, feito porta-voz dos restantes... Lembrava-se do Juventino vindo à casa dele pedir-lhe uma ajuda para o enterro da mulher. Dera-lhe dinheiro para o caixote, animara-o, procurara consolá-lo. E agora? "Seu" Jango reflete: não fora por nada que não pudera dormir. Ali estava. Alguma coisa, apesar da confiança que procurara demonstrar, lhe dizia, lhe insinuava que os negócios não iam bem, que desse atenção às palavras do Lola. Fizera ouvidos moucos. Se o Lola tivesse tido algo de concreto além de simples suspeitas, se ele tivesse se prevenido, se não fossem todos aqueles transtornos, se... para o diabo com tanto "se"! Era tarde. Infelizmente. Olhava para "aqueles ingratos", que não sabiam compreender os sacrifícios feitos por eles, os benefícios prestados por ele à vila e à população. Quem lhes dava trabalho, quem os sustentava, quem lhes adiantava dinheiro, quem ajudava a cuidar da vila, quem dava a educação e custeava a esco-

la, quem melhorava as lanchas e redes, quem intercedia por eles junto a "seu" Demerval? "Seu" Demerval! Uma nulidade. Não dava uma dentro, não sabia nada, não fazia nada, nada via. Uma autoridade assim, para quê? E aquele Laurindo, pior do que "seu" Demerval! Um beberrão, um farrista. Não vira nada do que os empregados estavam tramando. Queriam viver como uns príncipes, flanando esta é que era a verdade. Com certeza tudo provocado pelas ideias novas trazidas por aquele tal de Leopoldo. Bem que Lola... mas "seu" Jango pela primeira vez insistira, estava cansado da tutelagem do Lola, conhecera além disto o pai do rapaz, explicou também que já que o rapaz ia ficar ali era melhor tê-lo com eles, trabalhando na lancha, do que contra eles, enchendo a cabeça dos homens de coisas. Tinha habilidades, poderia ir se mantendo. Foi assim que entrou para as lanchas. Já se viu, uma desgraça nunca vem só. Ele ali, sem ninguém, que podia fazer, que atitude tomar? Se aceitasse a proposta dos homens, cada vez quereriam mais, tornar-se-iam uns eternos inconformados, insatisfeitos; sabia como eram, uns insaciáveis, nada lhes bastava, botando tudo fora. E depois, meu Deus, se a gente dava confiança, entregando a ponta do dedo mindinho, logo queriam tomar o braço todo. Mas se não aceitasse isso acabaria se prolongando sabe-se lá por quanto tempo, os dias restantes passariam sem nada pescarem, talvez nesse meio tempo os barcos de fora voltassem. Se pudesse ao menos consultar Lola! A ideia ia e vinha, vinha e ia, intercalava-se ao demais, era uma constante. "Seu" Jango lastimava-se. Que faria Lola em situação semelhante? Não podia perder tempo, urgia uma solução já, se não, hoje, seria um dia perdido. Se não fosse e os outros fossem? Se

fosse e os outros não fossem? Acostumado a nunca pensar por si só, a ser conduzido, permanecia na dúvida. O tempo escorria lentamente. Mas agora voava, sumia-se. Repetia: "— Se vou e os outros não vão, como vai ser?". Mas havia o outro lado do problema, a segunda alternativa: "— Se não vou e os demais vão, perdemos a noite, como vai ser?".

"Seu" Jango, enquanto discutia com os homens, sem chegar a uma solução, ganhava e perdia tempo matutando, enleando-se em divagações. Passava o lampião por sobre os camaradas ali colocados, à espera de uma decisão. Para que não desconfiassem que ele estava querendo ganhar tempo, quem sabe alguém apareceria por perto ou os outros se decidiriam, tirando-lhe um peso da consciência, "seu" Jango ia interrogando a este e aquele, tentando dissuadi-los, chamá-los à razão, afetando uma firmeza que nem de longe possuía.

Que deixassem para depois — voltava a insistir. Tudo se resolveria pelo melhor, veriam, deixassem por conta dele: que vissem a loucura que iam praticar. Perder a noite, se complicar, não viam que daí por diante, no caso de levarem avante este plano maluco sugerido por inimigo, um inimigo infiltrado entre nós para nos separar, ele "seu" Jango e todos os demais que sempre os haviam tratado com a maior consideração, iriam, sim, — estava avisando pra depois não dizerem que ele não avisou, quem avisa amigo é! — iriam atarraxá-los, nada de folga, iriam ver com quantos paus se faz uma canoa.

Todos firmes, indiferentes à ameaça implícita, insistindo na aceitação da proposta apresentada, falando pouco e, quase sempre, só Juventino.

A luz do lampião incidia sobre os rostos cansados, gastos, vincados de rugas. Mas firmes e decididos. A dúvida sumira, dando lugar a uma certeza plena. Firmavam pé, não se afastariam. Eram assim: ou tudo ou nada. Entre eles não havia meio termo. Custavam a se decidir, relutavam, com avanços e recuos, descobrindo sempre novos obstáculos. Uma vez decididos, era tão difícil fazê-los recuar quanto antes fora fazê-los aceitar. "Seu" Jango bem os conhecia. Agora, via, aceitaram e estavam para o que desse e viesse. Sim, "seu" Jango era dali, e não sendo nenhum trouxa, sabia muito bem disso. Se continuava tentando era mais por descargo de consciência. E por birra. Não fosse ele também dali, também um deles, apesar das diferenças exteriores. Teimoso, difícil. Apenas, por diversos fatores alheios, por injunções da sorte, por circunstâncias que não podia explicar, estava colocado do lado oposto. E tinha de agir de acordo com as leis do lado dele. Era preciso que cada qual fizesse o seu jogo o melhor possível.

"Seu" Jango lutava pelo dele.

Os homens também lutavam, persistiam. Firmes.

Raras palavras eram agora trocadas.

— Vocês não querem vir?

— Estamos arresolvidos "seu" Jango.

— Vocês não enxergam a situação que estão criando?

— Enxergamos tudo muito bem. Melhor a situação onde estamos.

— Vocês são uns ingratos e cabeçudos, metem os pés pelas mãos, como verdadeiros cavalos que escouceiam quem os alimenta...

— "Seu" Jango, não arresolve ofender...

— “Seu” Jango, mas nós é que fornecemos o alimento pra mão, ela recebe o bom e, depois, como esmola, atira pra nós as sobras. Temos ainda que beijar esta mão? Nós não precisamos dela, ela sim de nós... Se a gente souber se unir...

— Mas...

— Mas estamos decididos “seu” Jango, venha o que vier. É pegar ou largar.

E é bom que seja logo, daqui a bem pouquinho não dá mais tempo da gente sair, perde-se a noite. Pense bem, não vá depois se arrepender.

Silêncio profundo. Ouvia-se o sussurro do mar batendo na areia. Para fora, para diante, a água insondável se estendia, aprofundava-se; atrás dela, para dentro, a terra vazia, escura. Na vila, casebres, vielas, uma rua, plantações raquíticas, fome, pobreza, ignorância. E alguns homens decidindo-se a ajudar a construir o futuro com as próprias mãos, modificando a face das coisas.

“Seu” Jango procurava ver claro no emaranhado que ia dentro dele. Se aceitasse... Se não aceitasse... A balança pendia para um lado, para outro.

E se os outros já aceitaram? Não via mais os grupos, comidos pela noite que voltara a se fechar, como quem se prepara para a despedida, antes do lançamento da manhã.

Diante dessa indecisão, vendo-o titubear, ceder, aos poucos, os homens adquiriram novo ânimo, novo alento e ímpeto. Mais se uniram. Vinha próxima a vitória, viam, era saber colhê-la. E guardá-la.

Um sorriso feliz, prenunciando dias melhores, novas jornadas de lutas e vitória, lhes rasgava as bocas de dentes estragados.

"Seu" Jango teve um último gesto de ódio. Decidira não se fazer ao mar. Deixar tudo como estava, perder o dia, perder outros dias se preciso fosse, resolver junto com os outros companheiros, ver por quanto tempo aguentariam os homens, se resolveriam perder mesmo todo o resto da temporada. Ia dar a derradeira palavra quando viu um movimento estranho lá fora, para os lados onde devia se encontrar "seu" Tomás. Era o que estava esperando para ter um motivo de mudar de opinião e se resolver. A cobiça falava mais alto. Não perderia a noite, cederia em parte, quem disse que não podia recuar depois. Lá longe, "seu" Jango mais pressentiu do que viu, anteviu homens se mexendo, os gestos que se preparavam para realizar, movendo-se rumo às lanchas. As lanchas iam sendo retiradas, podia-se quase sentir o esforço que os homens faziam ao arrastá-las até a água, furando a areia, enquanto outros, notava-se, cuidavam das redes

Aliviado, feliz, "seu" Jango resolveu também arriscar. Sabia, lá no fundo, embora não o quisesse reconhecer, que estava cometendo um erro irreparável, nunca mais os homens recuariam da posição tomada. Porém procurava se iludir, dizendo que mais tarde recuariam, desfariam o trato. Percebia, contudo, de modo vago, que com aquele gesto, uma época passara. A deles. Mas vira, tinha certeza de que os outros companheiros haviam cometido o mesmo erro. Serviria isto de consolo? Certamente que não. Mas se não era uma compensação, pelo menos o aliviava, descarregava-lhe um peso da consciência. Não cria, absolutamente, que os homens, firmes como estavam, industriados, sabendo de antemão o que deviam fazer, tivessem cedido. Nem cederiam depois. Há ocasiões, lhe dissera certa vez Lola,

referindo-se quem sabe as suas próprias experiências, em que a capacidade de resistência de um ser humano é qualquer coisa de espantosa, vai além de todo o imaginável, de tudo que se possa conceber. Via-se diante de uma destas ocasiões. Então, perdido por perdido, não queria perder este lance que se lhe afigurava bom, que ele sabia compensador. Mais hoje mais amanhã teria que se dar fatalmente o que estava se dando. Por que não agora? Por que não agora quando seu faro de pescador acostumado a lidar com o mar, nascido e criado no mar, lhe dizia sem perigo de falha que não podia perder a noite. Ademais, se necessitasse de confirmação, via os homens, todos tão experientes quanto ele, ansiosos, se olhando muito, torcendo para que ele cedesse logo; também eles esperavam bastante desta noite. Pensavam o mesmo que ele. Quem era ele, afinal, para fazer parar a roda do mundo? E aliviado, quase feliz,

mandou tirar as lanchas.

Logo embarcaram, os remos cortaram a água, fendendo-a, erguendo-se e baixando-se naquele ritmo igual, cadenciado, deixando com rapidez, para trás, a terra.

Remavam com redobrado esforço, para recuperar o tempo perdido.

II

Vão até longe, lançam as redes grandes de arrastão, duas lanchas colocadas equidistantes, começam a avançar, a avançar rumo à terra. Mais longe, outros, nas demais lanchas, lançam espinhéis. Vagarosa, constantemente, vêm avançando, vêm se chegando. É um trabalho estafante. A grande rede pesa, se movimenta, vive e vibra,

avança e recua, como tangida por um espírito maléfico, é preciso acompanhá-la, tentear. Os homens sorriem, felizes. Fazem força. Sentem o peixe. Suam, retesam os músculos. Uns remam, outros seguram nas pontas das varas que mantém as grandes redes fincadas n'água, com a chumbada puxando a rede para baixo. Bem fundo. A cortiça boia, brinca à flor da água. À medida que vão avançando, baixam mais e mais as varas da rede, até que, mais próximos da terra, atingem o fundo. Continuam arrastando. Vêm suados, resfolegantes. Já se antevê, próxima, onde vultos curiosos se movimentam, a terra, as casas. A madrugada avança com a rede, descobre a vila, se ergue por tudo. Surge. Dá nitidez aos objetos e seres. Peixes saltam, rebrilham, forcejam por escapar. Da praia pessoas aguardam o resultado. Ao chegarem as redes mais perto, dando pé, muitos dos espectadores, impacientes, se atiram n'água, acompanhar a lancha, dar parabéns; outros querem ajudar, pegam nas varas e forcejam; mulheres riem e choram, rezam. E um Oh! OOOOOOOH!, Opa! OH! — se avoluma, cresce, aumenta, cobrindo tudo. Em todas as fisionomias um sorriso alegre, enquanto novos cumprimentos se trocam. Já os peixes são entrevistos, a rede vem pejada. Também, lá fora, os dos espinhéis têm grandes esperanças, se preparam para mourejar.

Na praia repleta, crianças, velhos, moços, homens e mulheres, agitam as mãos, comentam. Felizes.

A rede avança... avança... Os homens descem da lancha para mais facilmente se movimentarem. A água lhes sobe até acima dos joelhos, vai baixando à medida que se aproximam da praia. "Seu" Jango dá ordens.

"OOH! OOH!".

A manhã, plena, límpida, nasce.

Agora atingem a praia, os peixes de douradas escamas riscam a areia, fulguram à luz do dia que acaba de surgir em toda a sua plenitude. Há peixes de todos os tamanhos e feitios, grandes, pequenos, longos, grossos, achatados, arredondados, uma grande quantidade que faz força, todos juntos, para escapar. Têm olhinhos miúdos e variadas escamas, as guelras muito vermelhas inflam. E numa grande distância de praia eles saltam, buscando a água, no vão desejo de não cederem. De continuar vivendo. Resistem pouco, logo vão se conformando, amontoando, formam uma muralha que alteia aquela parte da praia.

Há pouco amanheceu de todo e já o sol começa a queimar.

A praia está cheia.

A notícia do lance correra logo. E longe.

Também a notícia da vitória dos homens.

Com ela, estupefação, pasmo, comentários.

Fora, algumas lanchas ainda. Mas gradativamente iam chegando. De todas o peixe transbordava.

A notícia continua correndo, varou a vila com extraordinária velocidade.

Todos se erguem de suas camas; ou então deixam o que estavam fazendo: rumo à praia; para ver com os próprios olhos, tocar com as mãos. Viram e reviram o peixe ainda agonizante, comentam, discutem.

Querem ver o milagre. O milagre que é dos homens. Da união dos homens.

As crianças abandonam os brinquedos. Os velhos deixam os comentários — terão coisas novas em que se ocupar. As mulheres riem, tagarelam.

E logo principiam os negócios. Vendas, trocas, pagamentos.

Vida, movimento, alegria, fé, confiança.

Resultado do milagre — milagre que é dos homens unidos.

III

A venda do peixe é feita ali mesmo, na hora. A contagem principia logo. Faz-se a divisão. Os patrões, quase sempre, ficam com todo o peixe de suas lanchas. Depois de descontados os vales, de diminuída a parte da venda, o que sobra em dinheiro é entregue aos camaradas. Mas em geral não enxergam dinheiro. Ficam sempre devendo.

Algum peixe miúdo é distribuído entre os camaradas, estes por sua vez o repartem com parentes e amigos. Logo, mulheres e crianças, com cestos, apanham-no e o levam para casa. Escalam uma parte que é guardada para o futuro, o resto é consumido.

Os patrões, quando não vão logo para Florianópolis colocar o peixe, preparam a escala. Salgam-no, e o põem a secar em grandes varais. Quando bem seco, é guardado, esperando melhores preços, e aí endereçado aos mercados consumidores, convenientemente amarrado em arroubas.

Hoje os patrões não vão se preocupar com escalar peixe. Sabem que devido à falta, poderão alcançar bom preço.

Esperam que as últimas lanchas atraquem, que os homens saltem e se ponham a trabalhar, auxiliados pelos que haviam chegado antes. Vão observar o que deu para estes derradeiros, logo procuram negociar o peixe, os homens acabam cedendo, caso contrário, sem meio de retirar o peixe dali, que farão com ele? Com isto contam os patrões para oferecer o preço que bem entendem.

Logo mandam preparar as lanchas, contratam alguns homens e se tocam para a capital. Mesmo os que têm por praxe não vender peixe fresco, mesmo estes, quebram hoje a rotina.

Partem as lanchas, se perdem, levadas por bom vento.

O movimento na praia começa a diminuir, mas onde quer que se vá, a alegria, contagiante, persiste. Todos se sentem satisfeitos. A novidade é transmitida, discutida, louvada e atacada. Mas é, eis o mais importante, o fato que ninguém pode ignorar. E que todos, de uma ou de outra maneira, notam, terá influência muito grande nas relações entre os homens e no futuro da vila.

IV

Dia a fora a animação é indescritível.

As pessoas vão para suas casas. Saem. Voltam. Tornam a sair. A comentar. A discutir. Rindo.

O dia decorre calmo. Calmo e feliz, uma animação incomum.

Só pela tarde é que se começa a notar um movimento desusado dos donos das lanchas. Mas isto não preocupa os camaradas. Ninguém lhes tirará o que conseguiram.

Principiaram a perceber o que querem, o que podem desde que unidos. Pensam é em como prosseguir, começam a acreditar em si mesmos. De leve, bem de manso, vão se acostumando. Sabem que não será de hoje para amanhã. Mas será. E mais cedo que se espera.

Também sabem que dali por diante as dificuldades poderão aumentar. Não faz mal. Estão, pela primeira vez, trabalhando em alguma coisa deles, para eles.

Partirão para novas tarefas, para novas conquistas. Precisam acreditar mais em si mesmos, na força que representam. Não vai ser fácil retirar de dentro deles tudo o que lhes inculcaram propositadamente. Não vai. Mas que é possível, é.

V

Vai anoitecendo. Todos se recolhem. Com planos e sonhos renovados. Com esperança.

As sombras da noite vão se acumulando sobre a vila e Ganchos logo se perde, minúscula e isolada, entre mar e céu.

Minúscula sim; isolada não: não mais isolada.

A noite cerra-se sobre a vila; porém sobre uma outra vila, uma vila onde os homens descobriram o que podem realizar desde que unidos, uma vila onde os homens descobriram que pode existir uma outra vida que não aquela deles só de miséria, uma vila de luta e decisão, mais uma vila de esperança.

E... pronto, aí temos. Findou a história.

— Em que ficamos? — perguntarás.

— Não ficamos, continuamos — é a resposta que te posso dar.

Não, leitor meu, se o tive, não sorrias. É a verdade. Continuamos.

Nós não a esqueceremos, a esta vila de Ganchos, que nos deu horas boas e más, não a desprezamos nem a perdemos. Apenas, por enquanto, vamos deixá-la, vamos deixar que os acontecimentos fermentem e amadureçam, deem frutos, vamos deixar que as situações se delineiem e resolvam.

Mais tarde, talvez, quem sabe, voltaremos a ela, rever os que agora largamos enleados na teia da vida. Conversar outra vez com os velhos conhecidos, fazer novos conhecimentos. E encontrar solucionados os problemas que os afligem.

E se por acaso não voltarmos, se as circunstâncias ou as voltas do mundo não o permitirem, nem por isto a vida deixará de continuar ou a vila de viver.

Mas contamos volver; precisamos volver. Mesmo porque, a história, em verdade, não finda. Pode findar, quando muito, uma fase. Porém o mais continua rolando. Nós é que, momentaneamente, a abandonamos. Ela continua.

Ate lá, portanto, a ti, leitor amável e benévolo, e a eles, gentes que procuramos captar da vida e recriar, o nosso adeus.

E que sejam felizes, que saibam, com suas próprias mãos, construir esta vida nova e melhor pela qual todos ansiamos.

Salim Miguel – Obra Completa

1 – *Velhice e outros contos* [Edições Sul, 1951][1]
2 – *Alguma gente* [Edições Sul, 1953]
3 – *Rede* [Edições Sul, 1955]
4 – *O primeiro gosto* [Movimento / Editora da UDESC, 1973]
5 – *A morte do tenente e outras mortes* [Antares, 1979]
6 – *A voz submersa* [Global, 1984][2]
7 – *O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros,* v. I e II [Editora da UFSC, 1986 e 1990][3]
8 – *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* [Tchê, 1987][4]
9 – *As areias do tempo* [Global, 1988]
10 – *Primeiro de abril: narrativas da cadeia* [José Olympio, 1994][5]
11 – *As várias faces: novela em três atos* [Movimento / Fundação Catarinense de Cultura, 1994]
12 – *As desquitadas de Florianópolis* [Rio Fundo, 1995]
13 – *Onze de Biguaçu mais um* [Insular, 1997]
14 – *As confissões prematuras* [Letras Contemporâneas, 1998]
15 – *Variações sobre o livro* [Editora da UFSCAR, 1998]
16 – *Nur na escuridão* [Topbooks, 1999][6]
17 – *Apontamentos do meu escrever* [Museu / Arquivo da Poesia Manuscrita, 2000]

[1] Reeditado em 1981 (Fundação Catarinense de Cultura) e em 2004 (Editora Unisul).
[2] Reeditado em 2009 (Record).
[3] Originalmente publicado em dois volumes. Na nova edição da Editora da UFSC estão reunidos em um só livro.
[4] Reeditado em 2005 (Record).
[5] Reeditado em 2015 (Editora Unisul). Lançado em 2007, na França, com o título *Brésil avril 1964: la dictature s'installe* (L'Harmattan).
[6] Reeditado em 2008 (Record). Traduzido para o árabe e lançado no Líbano, em 2013 (Dar Saër el-Mashrek).

18 – *Eu e as corruíras* [Insular, 2001]
19 – *Aproximações: leituras e anotações* [Movimento / Letras Contemporâneas, 2002]
20 – *Memória de editor* (com Eglê Malheiros) [Escritório do Livro / Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002]
21 – *Estrangeiros: releituras* [Letras Contemporâneas 2003]
22 – *Mare nostrum: romance desmontável* [Record, 2004]
23 – *Gente da terra: perfis e anotações* [Lunardelli, 2004]
24 – *Cartas d'África e alguma poesia* [Topbooks, 2005]
25 – *O sabor da fome* [Record, 2007]
26 – *Minhas memórias de escritores* [Editora Unisul, 2008]
27 – *Jornada com Rupert* [Record, 2008]
28 – *Reinvenção da infância* [Novo Século, 2011]
29 – *Nós* [Editora da UFSC, 2015]

Capa da primeira edição de *Rede*. Edições Sul, 1955.

Este livro foi editorado com a fonte Minion Variable Concept no ateliê Estúdio Semprelo, nas comemorações do centenário de nascimento de Salim Miguel.

O centenário de nascimento de Salim Miguel ensejou eventos comemorativos em torno da vida e da obra do autor que culminam com a disponibilização pelos herdeiros de todos os seus títulos em formato digital e gratuito. Com a parceria da família do escritor, que cuida do seu enorme legado, a Editora da UFSC lança a obra completa de Salim Miguel.